



— THAY SANTIAGO —

O PRÍNCIPE

SEGUNDA TEMPORADA

AMOR, HONRA E DEVER



O PRÍNCIPE

Segunda temporada

CAPÍTULO 1 – Recapitulando a trama

Após ser usada em uma aposta pelo próprio pai em um jogo contra o rei Willians, Charlotte se vê prometida ao próximo herdeiro da Inglaterra, mas um acidente acontece matando o seu noivo.

Carl Phillip Willians III, o irmão mais novo de Andrews — o herdeiro que havia morrido — torna-se o príncipe herdeiro do dia para a noite, e se vê envolto em problemas e sentimentos confusos ao conhecer Charlotte, sua mais recente noiva. Após o casamento, se veem em problemas, pois Charlotte apaixona-se por Carl, enquanto ele se mantém impassível e frio ao seu lado. À medida que o tempo passa, ele acaba se afeiçoando a ela, mas sem nunca demonstrar seus sentimentos, até não suportar mais os ciúmes que sentia e a levar para a cama, a fim de mostrar que ela era sua. O momento tão esperado por Charlotte e tão desejado por Carl acaba trazendo consequências: um filho.

Nesse emaranhado de confusões sentimentais, Klaus, um misterioso conhecido de Carl, acaba reaparecendo. Outrora ele havia feito a antiga namorada de Carl, Victoria, o trair com ele. Klaus é um homem misterioso, que demonstra ter algum ressentimento da família real. Aproxima-se de Charlotte e logo se vê encantado pela sua ingenuidade. Ao saber que Charlotte está esperando um filho, arquiteta um plano para ela perder o bebê e separar-se de Carl. Ele acaba conseguindo o que tanto deseja: Charlotte perde o filho após cair em uma armadilha feita por ele com a ajuda, indireta, de Fanny, a qual sentia uma verdadeira obsessão por Carl. Passando-se por seu amigo, ele faz com que Charlotte saia do país com ele, deixando Carl sozinho e perturbado com o ocorrido.

Nesta segunda temporada, mistérios serão esclarecidos e paixões serão demonstradas. O que Klaus pretende ao usar Charlotte? Será que ele se apaixonou por ela ou ela é apenas um peão em seu jogo de xadrez?

CAPÍTULO 2

Klaus olhou para a linda mulher que Charlotte havia se tornado e sorriu. Mesmo admitir, ele

sabia que de alguma forma ela o havia conquistado. Havia quase dois anos que eles estavam vivendo em Lucerne, longe de Carl, mas o que Charlotte desconhecia eram os motivos que levaram Klaus a ajudá-la e levá-la para longe.

Ele continuava o mesmo de antes, aparentemente, a única que havia mudado era Charlotte. Seus cabelos ondulados agora se encontravam lisos, seu corpo havia se desenvolvido um pouco e seus olhos demonstravam uma nova força, que ela havia conseguido após perder o filho. Charlotte não havia terminado o colegial e agora trabalhava em uma famosa loja de roupas, sem que ela soubesse que o dono era Klaus. Ele sempre estava à sua volta, observando-a e, de certa forma, a instigando a viver.

Em uma tarde nebulosa em Lucerne, na Suíça, Klaus saiu do carro e ficou parado, esperando Charlotte sair da loja e ir ao seu encontro. Sempre que possível ele ia buscá-la no trabalho, talvez por medo dela fugir ou por temer que ela viesse a descobrir todos os seus sujos segredos. Ao vê-la acenar, Klaus sorriu. *Ela sempre consegue tirar um sorriso de mim*, pensou, mas logo depois lembrou-se do motivo de sua vingança. *Não posso me deixar amolecer*.

— Não esperava que viesse hoje novamente — Charlotte disse ao parar diante dele.

— Achei que seria conveniente irmos juntos — ele disse, olhando-a de cima a baixo. Com o tempo, ela havia deixado de se vestir como uma adolescente e começara a vestir-se como uma mulher. Ela trajava uma calça que delineava o seu corpo, juntamente com uma blusa justa e um casaco pesado, bege, aberto na frente. — Entre. — Ele abriu a porta do carro e esperou que ela entrasse. Rapidamente deu a volta e logo estavam pelas ruas de Londres. — Conseguiu vender muita coisa hoje?

— O de sempre. — Ela suspirou. — É estranho, parece que tem algo naquela loja que apenas eu não sei. É frustrante.

— Imagino — ele sussurrou, sorrindo internamente.

Ela morava em um apartamento no centro de Londres, enquanto ele residia em uma bela casa no entorno da cidade. O apartamento dela era de Klaus, mas Charlotte havia insistido em pagar aluguel para ele. Em poucos minutos, o carro estacionou em frente ao prédio. Ela sorriu antes de se despedir e entrar. — Seria interessante se Carl soubesse disso tudo — murmurou ao ir embora.

Charlotte entrou em casa cansada. Ela não queria ser ingrata para Klaus, mas não gostava da perseguição dele para com ela. Desde que ela havia aceitado ir embora com ele, percebeu que o jeito dele modificou-se.

— Parece que fiz uma péssima escolha. Uma de muitas — murmurou ao lembrar-se de

Carl. — Será que ele pensa em casar-se com Fanny? — indagou-se, tristemente.

Paris

Um homem encontrava-se olhando, sem expressão, para uma folha de papel. Ele havia recebido o pedido de divórcio havia três meses, mas nunca tinha pensando em assiná-lo ou rasgá-lo. Ele não conseguia acreditar que fazia dois anos que Charlotte o havia abandonado sem sequer dizer-lhe o motivo. E, mesmo que tentasse entrar em contato com ela, Klaus o impedia de inúmeras formas. Aquele jogo de gato e rato o cansava rapidamente, quando em seu íntimo desejava apenas ver sua esposa novamente.

Ele já estava fechando os olhos enquanto recostava-se em sua poltrona quando escutou o barulho da porta de seu escritório. Ele não precisou abrir os olhos para saber quem era.

— O que quer, Fanny? — indagou mal-humorado ao vê-la mais uma vez em sua casa. Por mais que a colocasse para fora, ela sempre voltava, e infelizmente ele se via de mãos atadas por não poder impedir sua entrada permanentemente devido à relação que os pais dela tinham com a sua família.

— Vim saber como estava — ela falou aproximando-se dele. — Há tempos não conversamos.

— Eu ainda tento entender o que você faz nesta casa. Já lhe coloquei para fora inúmeras vezes. — Abriu os olhos e a olhou friamente. — Não tens orgulho?

— Tenho apenas amor por você. — Ela sorriu.

— Você é doente.

— De amor.

— Jesus... — ele murmurou ao levantar-se. Ao passar por ela sentiu-a segurar seu braço levemente. — O que foi?

— Soube que ela enviou os papeis do divórcio. Já assinou?

— Este assunto não lhe diz respeito.

— Mas ela está morando com outro homem. Ela quer seguir a vida dela. Por que você não faz o mesmo?

— Seguir a minha vida? Suponho que teria que me casar contigo. Estou errado?

— Não. — Ela sorriu. — Você sabe que eu te amo. Esperarei você me amar.

— Fanny, isso nunca vai acontecer — ele disse friamente, soltando-se dela. — Por favor, saia da minha casa — falou antes de sair do escritório, deixando uma mulher com raiva para trás.

— Eu a tirei do meu caminho, então conseguir o seu amor será fácil. Preciso apenas de paciência — falou consigo mesma.

CAPÍTULO 3

— Como é? — Carl gritou, alarmado, ao ler a revista à sua frente. Nela estavam Klaus e Charlotte abraçados, enquanto uma nota afirmava que eles estavam juntos e que o casamento seria em breve. — Então, é por isso que ela quer o divórcio? — bradou ao jogar a revista no chão. Ele estava em seu quarto quando viu a revista em cima da cama. Ao ler o título, soube quem era a dona da tal revista: Fanny. Apenas ela lia sobre fofocas e colunas sociais. — Muito bem, quer o divórcio? Pois isso nunca terá de mim! — disse decidido ao ir ao banheiro, mas antes pegou o celular e discou para um número. — Prepare o jato para mim. Irei à Suíça ainda hoje. — Ao desligar o celular olhou para sua imagem refletida no espelho e sorriu, maquiavélico. — Fanny, você acabou de cometer um grande erro ao me mostrar isso.

Charlotte sentiu um frio percorrer o seu corpo. Ela estava sentada no sofá com as portas e janelas fechadas, apenas o ar-condicionado e a televisão ligados.

— Estranho — murmurou ao prestar atenção no programa que passava. Ela evitava programas que falassem sobre pessoas famosas, com medo de ver Carl e Fanny juntos. Ela desligou a televisão enquanto pegava o livro para estudar. Havia alguns meses tinha descoberto gosto e aptidão para decoração. Ela havia entrado em um curso sem que Klaus soubesse. Alguns meses antes ela estranhou o comportamento obsessivo que ele tinha com relação a ela. Charlotte balançou a cabeça para espantar os pensamentos confusos voltando para sua leitura, mas inevitavelmente a imagem de Carl surgia em sua mente. — Será que nunca serei capaz de esquecer? — perguntou-se ao olhar para a janela.

Após alguns minutos tentando ler sem atenção, ela desistiu. Foi para o quarto e se deitou na cama. Fechou os olhos e relaxou ao colocar os fones de ouvido, sendo embalada por uma música relaxante. Havia dois anos aquela era a única forma de conseguir dormir sem pesadelos. Seus sonhos eram povoados de lembranças das quais Carl fazia parte. Ela acordou horas depois, preocupada. — Por que estou tendo esses sonhos? — perguntou-se ao levantar da cama.

O jatinho do príncipe herdeiro da Inglaterra pousou, discretamente, em um hangar particular da pista do aeroporto de Lucerne. Seguranças encontravam-se a postos ao verem um homem caminhar de forma segura e imponente para fora do jato. Carl ajustou os óculos escuros, enquanto o vento passava entre seus cabelos pretos e seu paletó branco. Ele mostrava-se seguro ao caminhar em meio à sua escolta, mas em seu íntimo estava apreensivo. Ele não sabia o que o aguardava. Desde o momento em que percebera a influência de Klaus sobre Charlotte, soube que teria problemas, mas nunca havia imaginado que chegaria àquele nível. *Esse louco é capaz de tudo. Só me arrependo de não ter agido antes. Também não teria como, já que não havia provas para mostrar a ela da insanidade dele. Charlotte também precisava se afastar para se tornar mais madura, e eu espero que ela não seja mais a jovem ingênua de antes,* pensou ao caminhar em direção ao carro que o esperava. Ao ver a Ferrari esportiva preta estacionada próxima à pista de decolagem, sorriu. *Essa é uma das vantagens de ser um príncipe herdeiro. Falta pouco tempo para eu ser anunciado oficialmente como o príncipe herdeiro, entretanto já circulam notícias sobre isso, mesmo que o palácio tente acabar com elas,* pensou ao pegar a chave, entrar no carro e ir embora rapidamente. Ele já sabia o que fazer, precisava apenas de tempo e de uma investigação para ter certeza de quando agir.

Assim que a Ferrari parou em frente ao The Grand Hotel, entregou a chave ao manobrista e saiu do carro em direção ao bar. Assim que entrou, avistou um homem bebendo tranquilamente. Ele se aproximou, sentando-se ao seu lado.

— Faz tempo que não nos falamos — Carl disse sério, sem encará-lo.

— Faz muito tempo não o vejo fora de Paris — disse o homem com cabelos pretos contrastando com fios brancos.

— Não é como se eu tivesse muito tempo ou vontade de perambular — respondeu sem sorrir.

— Carl.. O que eu posso fazer por você? — o homem perguntou, mais tranquilo, encarando-o.

— Preciso de um relatório sobre a vida de uma pessoa — falou, pegando o guardanapo à sua frente. Escreveu algo com sua e passou-o, discretamente para o homem ao seu lado. — Para amanhã.

— Entendo — ele murmurou ao ler o nome. — Não sabia que a realeza tinha segredos.

— Temos tantos segredos que um dia isso irá nos matar. — Levantou-se. — Adeus, John

— falou, colocando a mão sobre o ombro do homem, saindo em seguida.

Carl andou pelo saguão do hotel percebendo os olhares de algumas, belas mulheres, mas não conseguia pensar em nada que não fosse ter o que era seu de volta. Pegou o elevador frustrado, levou as mãos ao bolso da calça e, assim que as pesadas portas se abriram, ele saiu em direção ao seu quarto. Uma suíte no último andar.

Klaus sentou-se cansado em frente à mulher de olhos castanhos e sorriso gentil. Betty era sua irmã, a única a quem ele podia contar seus mais tenebrosos segredos. Eles não haviam crescidos juntos, mas havia alguns anos não conseguiam desgrudar um do outro.

— Então, finalmente conseguiu? — Betty perguntou, sem expressão e nenhuma emoção ao tomar o seu café tranquilamente. Eles estavam sentados em um dos inúmeros cafés de Lucerne.

— Estou muito próximo agora — disse ao suspirar.

— E ainda acha que vale a pena?

— Nunca conseguirei ter paz enquanto não acabar com eles.

— A única pessoa a quem está atingindo é Carl.

— Agora... O prato principal sempre vem depois da entrada.

— E quem seria a sobremesa? — ela perguntou, . — Charlotte?

— Talvez. — Ele sorriu. — Você deveria cuidar da sua vida, minha cara irmã.

— E você deveria parar de pensar em vingança — ela disse sorrindo, transmitindo tranquilidade. — Sabe que te amo e que nunca contaria nada a ninguém, mas acho que está passando dos limites.

— Limites? O rei não sabe o significado dessa palavra — falou, amargo. — Ele é capaz de passar por cima e destruir qualquer pessoa, apenas para ter o que quer.

— Eu sei disso, mas você não acha que deveria seguir em frente?

— Vou seguir... Assim que acabar com ele.

— Acho que Charlotte pode não esperar — falou misteriosa ao olhar para o lado.

— Como?

— Sei que está sentindo algo por ela — ela disse encarando-o —, mas seus planos podem

ir por água abaixo.

— O que quer dizer com isso?

— Não viu as notícias? Carl está na Suíça, em Lucerne.

— Isso apenas torna tudo mais fácil — Klaus disse misterioso com um leve sorriso na face. — Na verdade, ele até demorou para vir atrás dela. Esperava que viesse assim que decolamos anos atrás.

— Já havia planejado isso? — ela perguntou, perplexa. Betty conhecia Klaus muito bem, mas sempre se impressionava com suas atitudes.

— Desde o princípio. Aquele idiota gosta dela e durante esse tempo todo não ficou com ninguém. Era questão de dias ou meses para vir atrás dela, apenas durou mais do que eu pretendia.

— Você a usou durante esse tempo todo?

— Sim — admitiu, frio.

— Não sente nada por ela? — perguntou cuidadosa ao observá-lo atentamente. — Sabe que não pode mentir para mim, pois lhe conheço.

— Por que não mudamos de assunto? — falou incomodado. — Como está o trabalho?

— Ótimo, Charlotte trabalha muito bem. É uma pena ela não saber que sou sua irmã e que você é o dono da loja.

— Assim é melhor.

— Ela é orgulhosa, persistente e esforçada. Eu gosto dela — disse, sincera.

— Por que estamos falando tanto nela?

— Gosto de conversar, apenas isso — falou sorrindo.

— Sabe que lhe suporto apenas porque é minha irmã, não é? — disse com um sorriso leve na face. Ele sentia-se leve ao lado de Betty. Ela era a única com quem ele podia contar e mostrar abertamente quem era, sem medo.

Carl leu o relatório, descrente sobre as informações ali contidas. Olhou para John e, com o semblante confuso, indagou.

— Tem certeza disso tudo?

— Absoluta — John disse firme, sorrindo. — Parece que ela está sendo enganada por Klaus. Ela mora na casa dele, mas aparentemente não mantém um envolvimento pessoal, afetivo.

— Mas... Isso não explica — ele murmurou. *Isso não explica por que ela fugiu com ele*, pensou confuso.

— Não sei os detalhes, mas ele parece ter uma ligação com a sua família. Talvez, se o investigar....

— Basta! — Carl gritou com a expressão fria, encarando-o. — Entendo que nos conhecemos há anos, mas há certas coisas que você não deve saber. E essa é uma delas.

— Entendo. Perdoe-me — murmurou sem jeito.

— Pode ir, depois nos falamos.

John assentiu, saindo da suíte de Carl, enquanto ele permaneceu olhando para as fotos de Charlotte e lendo os relatórios.

— Parece que você mudou bastante — ele disse ao olhar para uma foto em que ela sorria para Klaus.

CAPÍTULO 4

Carl suspirou, entediado, ao olhar para a frente da loja onde Charlotte trabalha. Ele estava decidido a descobrir o que havia acontecido havia dois anos e a reconquistá-la se fosse preciso. Ele já estava de tocaia há algumas horas quando a viu saindo.

— Ela continua linda — falou sozinho ao vê-la pegar um táxi. Ele ligou o carro e logo encontrava-se seguindo-a pelas ruas de Lucerna. — Estou sendo patético — percebeu ao parar o carro um metro de distância do táxi. — Não seria mais fácil ir falar com ela? — perguntou-se ao ver Charlotte entrar em um centro cultural. Ele franziu a sobrancelha antes de pegar um boné e óculos escuros. Saiu do carro, caminhou olhando em volta e, ao entrar, deu-se conta de estar em um centro cultural de arte. Aproximou-se da recepcionista e, com o sorriso mais charmoso que conseguiu, cumprimentou-a: — Olá, como vai?

— Bem. — A mulher sorriu, derretida.

— Poderia me fornecer uma, pequena, informação? — Ao vê-la assentir, prosseguiu: — a

mulher que acabou de entrar... Charlotte Tissou faz aulas aqui?

— Charlotte? — ela repetiu, sorrindo. — Sim. Ela faz um curso de decoração. Ela é uma ótima pessoa, sempre conversa comigo, mas por que a pergunta?

— Apenas sou um... amigo de longa data e queria fazer uma surpresa. — Sorriu retirando os óculos por alguns instantes, piscando em seguida. — Muito obrigado — disse, saindo. *Você realmente mudou, mas o quão profunda foi essa mudança?*, se perguntou ao voltar para o carro.

— Como assim? Ela está tendo aulas? — Klaus perguntou ao chefe de sua segurança. Ele encontrava-se em sua casa no entorno da cidade de Lucerne dentro do seu escritório, o qual era decorado da forma mais fria e impessoal possível. — Quero saber por que ninguém me informou disso antes — falou sério, encarando-o. — Vocês são pagos para vigiá-la e o que fazem?

— Me perdoe — o homem disse, sem jeito e temeroso. Ele sabia do que Klaus era capaz de fazer quando não era obedecido. — Prometo tomar providências para que ela seja vigiada corretamente.

— Eu espero... Senão, você não vai querer saber o que poderá acontecer — o ameaçou friamente, virando-se de costas e olhando para o jardim. — Pode sair agora.

O segurança assentiu e já estava saindo quando seu celular tocou. Ao atender, ele se surpreendeu.

— Senhor — chamou Klaus cuidadosamente ao terminar a ligação. — Um homem está seguindo a senhorita Charlotte.

— Um homem? — ele perguntou, interessado. — E quem seria ele?

— Parece que é o príncipe Carl.

— Ele continua o mesmo idiota e patético de sempre — Klaus murmurou. — Pode sair agora e certifique-se de que ela seja bem vigiada — falou, sério.

O segurança saiu assentindo e, ao fechar a porta, respirou aliviado. Todos tinham medo de Klaus desde que haviam descoberto que ele não hesitara em assassinar alguém e que não tinha sentimentos.

— Ele está tornando tudo mais fácil. Uma pena, Charlotte não está facilitando, mas podemos mudar isso. — Klaus sorriu consigo mesmo ao pronunciar tais palavras.

Charlotte respirou fundo ao abrir a porta de casa, mas logo estacou em frente à porta, surpresa, pela quantidade de flores em seu apartamento.

— O que é isso? — falou alarmada ao ver vários ramalhetes de flores do campo.

— Espero que tenha gostado — Klaus falou vindo da cozinha. — Imaginei que fosse gostar.

—Klaus... O que é tudo isso? — ela perguntou apontando para as flores. — O que está querendo com tudo isso?

— Surpreender você — falou, aproximando-se dela. — Consegui?

— Consegui me deixar com raiva — ela disse, séria. — Me senti invadida. A minha privacidade invadida. Entendo que esta é a sua casa, mas eu estou pagando um aluguel, então peço para que não entre dessa forma aqui.

— Hum, quem escutar você falando dessa forma nunca pensará que já foi indefesa e insegura — falou sem humor ao lembrar-se de sua chegada a Lucerne.

Ao descer do avião, Charlotte tremia, não de frio ou ansiedade, apenas de medo pelo desconhecido. Ela olhou para o homem ao seu lado sem conseguir sentir segurança em seu olhar. Ela não estava arrependida de ir embora, apenas estava arrependida de ter ido com ele. Ela andou pelo saguão do aeroporto ao mesmo tempo em que desejava voltar para o lado de Carl, mas logo repreendeu-se pelos seus pensamentos.

— Tenho que ser forte — sussurrou como um mantra até sair do aeroporto e entrar em um carro que esperava por Klaus. — Para onde vamos? — ela indagou ao entrar no carro.

— Iremos para a minha casa — Klaus disse, sorrindo. — Depois, veremos o que fazer.

Ela sentiu-se acuada por algum motivo, mas manteve-se forte por todo o caminho. Ao chegar à casa de Klaus descobriu que ele era rico, mas não sabia em que ele trabalhava. Após ser levada para um dos quartos na imensa casa, ela deixou as lágrimas caírem por seu rosto.

— Essa é a última vez que vou chorar por ele. Vou esquecê-lo e me tornar uma mulher forte e decidida — prometeu a si mesma.

— Isso é passado — ela disse fria, encarando-o. — Se fizer isso novamente terei que me mudar.

— Como quiser — ele falou dando de ombros, mas, ao lembrar-se de Carl, respirou fundo.
— Vamos fazer assim: você me desculpa hoje à noite, quando eu a levar para jantar. Que tal?

— Não, obrigada. — Ela recusou sem demonstrar emoções.

— Por que não?

— Estou cansada.

— Vamos — ele insistiu, encarando-a. — Estarei aqui para buscá-la às sete da noite. Não se atrase. — Ao dizer isso, foi em direção à porta e saiu sem olhar para trás.

— Tenho que procurar outro lugar — ela murmurou ao olhar em volta. — Esse comportamento não é normal. — Após respirar fundo, colocou sua bolsa sobre o sofá enquanto retirava as flores da sala. Ela deixou todas em um canto do apartamento. “Amanhã jogo no lixo”, falou ao ir em direção ao banheiro. Ela começou a se despir à medida que caminhava para o banheiro e uma sensação ruim passou pelo seu corpo.

— Parece que estou sendo observada — murmurou ao olhar em volta. Meneou a cabeça para espantar tais pensamentos, mas, ao entrar no chuveiro, continuou com a mesma sensação.

— Tudo ficou bem? — Klaus perguntou ao chefe de sua segurança pelo telefone. Ele encontrava-se no carro do lado de fora do apartamento de Charlotte.

— As câmeras estão perfeitas — o chefe de segurança respondeu do outro lado da linha.

— Ótimo, qualquer alteração basta me informar. — Ao dizer isso desligou o telefone, sorrindo. — Querendo ou não, você vai me ajudar em meus planos para Charlotte — ele disse ao ligar o carro e ir embora.

Charlotte sorriu para um dos clientes que entrou na loja, enquanto mentalmente contava os minutos para sair. Ela já estava cansada de sorrir e atender a todos de forma gentil. A verdade é que estava com receio de Klaus, o seu plano era ir embora antes que ele aparecesse.

— Charlotte? — Betty disse, gentil. — Pode ir, parece que está com pressa hoje.

— Apenas tenho algumas coisas pra fazer.

— Entendo. Está liberada. Vá tranquila.

Charlotte agradeceu, enquanto seguia para o pequeno vestiário. Trocou-se rapidamente e assim que saiu da loja respirou aliviada quando não viu Klaus. *Estou começando a ficar paranoica*, pensou ao caminhar pelas ruas de Lucerne.

O dia mantinha-se estável, com poucas nuvens e um vento acolhedor, o que acarretou a vontade de andar um pouco sem destino. Ela não percebeu, mas desde que havia saído da loja encontrava-se sendo seguida.

Charlotte parou em um café e sorriu ao entrar. Saiu minutos depois segurando um café com especiarias. Sentou-se em uma das mesas livres e apreciou a paisagem. Estava tão distraída que durante alguns segundos seu olhar encontrou-se com um par de olhos azuis.

— Não pode ser — ela sussurrou ao reconhecê-los. — Ele não pode estar aqui. — Ela se levantou abruptamente, mas no momento em que ia se certificar do que tinha visto um grupo de pessoas passou à sua frente. Assim que sumiram de seu campo de vista ela não o encontrou mais. — Será que estou ficando louca? — indagou-se, confusa.

Carl sorriu discreto ao caminhar na direção oposta à que Charlotte estava. Ele estava decidido a encontrar-se frente a frente com ela, mas sabia que aquele não era o local ideal.

O único lugar perfeito é o meu território, onde ele não poderá controlá-la, pensou ao olhar para trás e vê-la confusa olhando para os lados.

CAPÍTULO 5

Charlotte fechou a porta do apartamento com força. Ela tinha certeza de que estava sendo seguida e mais certeza ainda de que havia visto Carl. Ela sentou-se no sofá enquanto tentava controlar a respiração.

— Apenas fique calma — sussurrou enquanto fechava os olhos. — Tudo ficará bem. — Após alguns segundos tentando controlar-se, escutou algumas batidas na porta. Ela estranhou, mas se levantou e, ao abrir a porta, deparou-se com um homem que nunca havia visto antes.

— O que deseja?

— Senhorita Tissou?

— Sim.

— Há uma encomenda para a senhorita lá embaixo. Ela é um pouco grande e não conseguiremos trazê-la. Poderia nos acompanhar?

— Se o senhor não consegue trazer por que eu deveria ir até lá? — indagou, surpreendendo-o.

— Para... poder ver o que fará com ela. Por favor — pediu com jeito.

— Está bem — ela disse dando de ombros. Pegou as chaves, fechou a porta e seguiu o homem escadas abaixo. Ela sentia que algo estava estranho, mas resolveu ir. Algo lhe dizia que iria se surpreender. Ao chegar à porta do prédio, ela olhou para os lados e, com um semblante confuso, o encarou. — Não estou vendo nada.

— Está vindo — ele disse, misterioso, ao olhar para o final da rua. Em poucos minutos um carro veio em alta velocidade, parando diante do prédio. Ela olhou curiosa para o carro esportivo, mas, antes que pudesse fazer alguma coisa, o homem que havia ido até a casa dela a segurou pelo braço. — Fique calma — disse ao abrir a porta do carro e colocá-la para dentro.

— Ei! — Charlotte gritou no momento em que a porta foi fechada, mas sem que ela percebesse o carro seguiu à toda velocidade para longe do apartamento dela. — O que pensa... — ela gritou histérica, mas, ao olhar para o motorista, as palavras sumiram. — Carl? — murmurou incrédula ao vê-lo olhar com atenção para o retrovisor. — O que... Você quando... Como soube que... — ela disse, sem conseguir terminar uma frase. Seu coração batia descompassado, enquanto muitas ideias vinham em sua mente. — Eu já assinei o divórcio, por que veio até aqui? — indagou por fim, séria, encarando-o.

— Fique quieta — ele disse arrogante ao olhar para o retrovisor, enquanto mudava de pista freneticamente.

— O que está acontecendo, afinal? — ela gritou sem paciência. — Por que não para esse maldito carro em uma das faixas e dirige como alguém normal?

— Eu até gostaria, mas o seu novo amor mandou alguns seguranças lhe vigiarem, e bem... É isso que estão fazendo agora juntamente com a perseguição.

— Está falando de Klaus?

— De quem mais seria? — ele perguntou ao olhar para ela durante alguns segundos e voltando a atenção para a estrada. Ele pegou o celular, discou para um número e sorriu. — Está na hora. Podem vir. — Desligou enquanto acelerava o carro. Em poucos segundos dois carros interceptaram os homens que Klaus havia mandado, deixando Carl com um sorriso na face. — Fácil demais — disse ao dirigir para fora de Lucerne.

— Para onde está me levando? — ela indagou, temerosa.

— Para um vilarejo. Temos muita coisa para conversar — ele falou, sério.

— Isso que está fazendo é sequestro, sabia disso? — ela disse ao olhar o caminho que ele

estava fazendo.

— E o que fez há dois anos foi abandono de lar. — Ele a olhou durante alguns segundos.
— Estamos quites.

— Não podemos conversar no meu apartamento? Por que ir tão longe?

— Realmente, você não sabe com quem está lidando — ele falou, sério. — Quando chegarmos ao vilarejo eu lhe explico tudo.

— E se eu não quiser escutar?

— Esse não foi o reencontro que eu imaginava — murmurou ao perceber a personalidade teimosa dela. Ele manteve-se em silêncio ao dirigir até o local que havia planejado.

Aos poucos Charlotte calou-se, enquanto olhava para a paisagem. Ela ainda não conseguia entender o que estava acontecendo, mas resolveu dar uma chance a ele. *A última*, ela pensou decidida.

Depois de 40 minutos, ele estacionou o carro em frente a uma cabana rústica, que estava rodeada de seguranças. Ele saiu do carro acompanhado por Charlotte, que estava surpresa e ao mesmo tempo incrédula com o que estava vendo. Ela seguiu Carl até dentro da cabana e surpreendeu-se ao ver um ambiente aconchegante e moderno em seu interior.

— Agora, por que me trouxe até aqui e por que tantos seguranças?

— Muito bem, quer beber algo?

— Não.

— Por onde começo? — ele falou ao se sentar no sofá. — Imagino que esteja se sentindo vigiada ultimamente. Estou certo?

— Está, mas como...

— O seu apartamento está repleto de câmeras.

— Como ousou? Não sabia que era...

— Não fui eu — ele disse simplesmente, interrompendo-a e se defendendo. — Foi o seu novo amor — ironizou.

— Klaus? Por que ele faria algo assim? — indagou, mas aos poucos percebeu que ele poderia ter razão. — Mesmo se estiver certo, por que está fazendo tudo isso? Deixei de ser sua esposa há três meses. Não temos mais nada a ver um com o outro.

— Sério? Até onde eu sei, o divórcio só é válido quando os dois assinam, e eu não fiz isso — disse calmo, estudando-a.

— Como?

— Achou que eu iria lhe deixar livre tão facilmente? Ainda temos muitas coisas a discutir.

— Carl... Não sei o que houve contigo, mas...

— Não, Charlotte. Continuo o mesmo, apenas mais... decidido — falou, encarando-a. — Já você, mudou bastante. Em todos os sentidos. — Ele a olhou de cima abaixo e sorriu, aprovando.

— Isso é ridículo — ela murmurou, tentando esconder o quanto ele ainda conseguia mexer com ela. — Se não tiver mais nada a falar, vou embora.

Carl se levantou e caminhou até ela. A cada passo que ele dava em sua direção, ela recuava. Charlotte olhou para atrás, nervosa ao perceber que se encontrava encurralada. Em suas costas a parede, e à sua frente, Carl. Ela ergueu a cabeça e encarou-o.

— O que você quer, afinal? Não vai conseguir me intimidar como antes.

— Fico feliz em escutar isso, porque minha intenção está bem longe de ser intimidadora — ele disse, prendendo-a ao colocar cada mão em um lado da parede. Aproximou o rosto do dela e sussurrou: — por que me largou anos atrás se não tinha nada com ele?

— Hã?

— Qual foi o motivo que lhe fez me largar?

— Está brincando comigo? — ela indagou, indiferente. — Não me venha dizer que perdeu a memória.

— Irônica? Não conhecia esse seu lado — ele disse, ainda próximo ao seu rosto.

— Não tenho tempo para perder com você. — Ao dizer isso colocou as mãos sobre o peito dele a fim de empurrá-lo, mas suas mãos mantiveram-se paradas sobre o corpo dele.

— É... Eu melhorei um pouco durante esses dois anos — disse sorrindo ao perceber a atenção dela. — Meu corpo... — Olhou para a mão dela sorrindo. — Já vi que percebeu a diferença.

— Idiota! — ela falou ao empurrá-lo. — Eu não percebi nada porque não lembro de nada e, pelo que percebi, perdi o meu tempo ao ser sequestrada por você. Adeus — disse ao caminhar até a porta, parando ao escutá-lo. — O que disse? — indagou voltando a atenção para ele.

— Ele está apenas lhe usando.

— Me usando? — repetiu.

— Sim, para me atingir.

— E se for verdade por que se importa tanto se foi você mesmo que quis a separação?

— Eu quis a separação? — Sorriu com vontade. — Charlotte... Há algo sobre os príncipes que você deve aprender. Nós não costumamos nos separar do que é nosso. — Aproximou-se dela, segurou em seu braço e a puxou para perto de si. — E até onde eu me lembro, você é minha. Em todos os sentidos — acrescentou com malícia.

— Sua? Você tem um conceito bem deturpado sobre posse, príncipe. — Tentou se afastar dele, suspirando. — Não se esqueça de que o único que quis o divórcio entre nós dois, desde o início, foi você. Estou apenas dando o que tanto ansiou.

— As pessoas mudam.

Charlotte fitou o homem à sua frente sem acreditar no que ele estava falando.

— Quem é você, afinal? Nunca agiu dessa forma antes — ela disse, ofegante, ao encarar os penetrantes olhos azuis dele.

— Sou... O príncipe — disse, frio. — O seu marido.

CAPÍTULO 6

Klaus estava nervoso, andando de um lado para o outro em sua sala. Ele ainda não conseguia acreditar que seus planos estavam se desfazendo como um castelo de areia. A presença de Carl sempre havia sido prevista em seus planos, contudo não esperava que ele fosse agir de forma impulsiva, atrapalhando-o.

— Como ele conseguiu despistar um dos meus melhores seguranças? Me responda — exigiu do chefe de segurança. — Como um príncipe mimado conseguiu isso? Me explique.

— Eu... Não sei. Sinto muito.

— Não sinta. Pelo menos, não ainda — acrescentou frio ao encará-lo. — Trate de achar os dois o mais rápido possível. Não posso deixar que se acertem tão rápido.

— Não se preocupe, eu vou encontrá-los — o homem falou ao sair da sala, deixando Klaus sozinho, pensativo.

— Eu não cheguei tão longe para perder — Klaus falou ao olhar para o jardim. — Ainda preciso de Charlotte para controlá-lo.

Charlotte sentou-se no sofá, acuada. Ela não conseguia entender quem era o homem à sua frente. O Carl de quem ela se lembrava não agia de forma tão impulsiva e irracional.

— Irei lhe escutar, mas quero que me mande embora depois — ela se pronunciou após alguns segundos em silêncio.

— Irá me escutar mesmo que não queira e só sairá daqui quando eu quiser — falou, frio.

— Isso é um sequestro, sabia disso?

— Sequestro? — repetiu ao sorrir. — Então, o que Klaus está fazendo é o quê?

— O que quer dizer com isso? Eu fui com ele por livre e espontânea vontade. Não houve sequestro.

— Não me diga que não percebeu. Você é mais ingênua do que eu pensava, ou talvez idiota — murmurou pensativo com um sorriso divertido.

— Vai continuar me insultando?

— Não, apenas estava constatando algo, mas vamos ao que interessa. Eu e Klaus temos um... passado. Posso dizer assim.

— E qual a relação comigo?

— Ele é um tanto... vingativo. E irá lhe usar para me atingir.

— Seu ego está muito inflado. Ele não vai me usar, pois não tenho utilidade. Desde o momento em que você me deu o divórcio, não temos nada um com o outro.

— Por que fala tanto nisso? A única que me enviou algo foi você, eu continuei sendo fiel e casado com você.

— Não estou falando de agora. Estou dizendo de... Ah, isso é ridículo — ela disse sem paciência. — Duvido muito que tenha esquecido.

— Não há como lembrar de algo que eu não fiz — disse, sério.

— Então, quem foi? Fanny? — disse sem humor, encarando-o.

— Não duvido que tenha sido ela. Fanny tem alguns problemas, mas já cuidei disso — disse, ao se recordar das ordens que havia dado aos seguranças e do aviso que fizera ao seu pai. Se Fanny aparecesse novamente em sua frente, ele desistiria do trono.

— Claro, assim como Papai Noel existe. Deixe de bobagens e me deixe sair logo daqui.

— Já disse que não. É tão difícil entender?

— Sim, é.

— Dois anos lhe tornaram mais teimosa.

— E lhe deixou caduco e sem juízo.

— Serei claro desta vez: em seu apartamento há câmeras, homens estão lhe vigiando. E, acima de tudo: Klaus não é quem pensa. Ele está lhe usando e como você continua sendo minha esposa legalmente, a partir de hoje iremos voltar a morar juntos.

— Está louco?

— Não.

— Isso tudo foi muito engraçado, mas é melhor eu ir.

— Nenhum segurança a deixará passar — ele falou tranquilamente, encarando-a. — Ficaremos nesta cabana até voltarmos à Inglaterra, para o palácio.

— Não ficarei ao seu lado.

— Ficará sim, e sabe por quê? — Aproximou-se sentando ao seu lado. — Porque ainda me ama. Eu sei apenas ao olhar em seus olhos. Você não me esqueceu.

— Quão pretensioso ficou nesses dois anos? — Ela riu. — Eu não só lhe esqueci... como estou apaixonada por outra pessoa — mentiu, tentando esconder qualquer comportamento ou emoção. Ela não poderia demonstrar que ainda não se esquecera do homem que a fizera sofrer.

— Apaixonada por outra pessoa? — ele repetiu, rindo abertamente. — Essa pessoa seria... Deixe-me adivinhar... Klaus?

— Por que não? Passamos dois anos juntos e seria inevitável que não nos relacionássemos de forma afetiva.

— Sério? Engraçado, porque se você tivesse algum relacionamento com ele duvido muito que estivesse pagando aluguel da casa dele. — Sorriu.

— Como sabe disso? — ela indagou, surpresa. — Esteve me vigiando esse tempo todo?

— Não. Fiz isso quando cheguei à Suíça. Se você queria se esconder, deveria ter sido mais discreta. — Ao falar isso levantou-se do sofá e caminhou até o bar, próximo a janela. — Quer beber algo?

— Por que não me deixa ir de uma vez? Vamos esquecer tudo isso.

— Esquecer... — ele repetiu ao se servir uma dose de uísque puro. — Eu deveria esquecer que você é minha esposa? Que fugiu de mim sem motivo, para ficar com Klaus? — Segurou o sorriso que teimava em escapar ao falar aleatoriamente, pois desde o início soubera que Klaus apenas mentira para ela.

— Essa conversa não vai levar a lugar algum — ela falou levantando-se. Caminhou até a porta, abriu-a e saiu. Carl não se moveu, tomou o uísque calmamente e segundos depois Charlotte voltou, segura por dois homens. Me larguem! — ela gritou nervosa ao se debater. Os homens a soltaram, fizeram uma reverência diante de Carl e saíram em seguida. — Você ficou louco? — ela gritou, indo em direção à Carl. — Como pode prender alguém contra a sua vontade? Eu tenho uma vida agora. Quero voltar para ela.

— Uma vida medíocre, diga-se de passagem. — Ele falou calmo, olhando-a.

— Medíocre ou não, é a minha vida, assim como a sua é vazia.

— Concordo — sorriu, enigmático. — A minha vida realmente é vazia. Ela possuía conteúdo quando uma pessoa estava ao meu lado, mas ela me largou. — Piscou para ela. — Engraçado, não é?

— Não, não é engraçado. Nada disso é engraçado.

— Sério? Eu estou adorando ver você perder o controle.

— Seu louco... — ela murmurou. — Ao seu lado, Klaus é um santo.

— Você não diria a mesma coisa se soubesse das coisas que eu sei. — Colocou o copo sobre o balcão. — Vou tomar um banho. Quer me acompanhar?

— Nem se fosse a minha única maneira de permanecer viva.

— Como queira. — Ele deu de ombros, dirigindo-se para uma porta, mas voltou-se e a olhou. — Há dois quartos. Escolha um para dormir. — Ele sorriu ao abrir a porta e entrou cantarolando uma canção.

— O que ele está pretendendo, afinal? — ela se perguntou ao vê-lo entrar no banheiro. — Por que ele tinha que aparecer quando meu coração já estava esquecendo? — Levou a mão ao coração e percebeu o quão rápido ele estava batendo. *Não posso voltar a gostar dele, mas... Algum dia eu o esqueci?*, pensou sozinha no meio da sala.

CAPÍTULO 7

Carl olhou para Charlotte, que permanecia sentada no sofá, cochilando. Ele sorriu diante da cena, mas manteve-se lendo um livro enquanto a observava discretamente. Ele não pretendia sequestrá-la, mas, ao perceber que ela estava sendo vigiada, não viu outra forma de poder protegê-la. Seu plano inicial era retornar aos poucos para a vida de Charlotte, mostrando-a o quanto ele a amava e se importava com ela. Porém, não conseguiu se controlar ao descobrir o

quão louco Klaus estava. De uma coisa ele tinha certeza: Klaus era capaz de tudo e a vida de Charlotte não era nada para ele. Carl sorriu ligeiramente ao se recordar do passado, quando Charlotte ainda lutava pelo seu amor.

Se ela soubesse que a amei durante tanto tempo, me pergunto qual seria a reação.

Desde que havia saído do banho Charlotte não se moveu do sofá, assim como permaneceu em silêncio. Sem que percebesse, no entanto, o cansaço a ganhava. Seus olhos começaram a fechar lentamente e, sem conseguir controlar-se, dormiu sentada no sofá.

— Certos hábitos nunca mudam. — Carl sussurrou ao olhar para Charlotte adormecida. Ele fechou o livro, levantou-se da poltrona e caminhou até ela. — Será que dois anos fizeram tanta diferença para nós? — ele se perguntou ao se abaixar e carregá-la no colo. Os braços dela envolveram seu pescoço de forma involuntária ao ser erguida por ele. Carl a apertou contra si, enquanto caminhava para o quarto e suspirou ao passar pela porta. Ambos os quartos da casa eram simples, possuindo apenas uma cama, um closet e uma cômoda. Ele não queria nada luxuoso, queria algo simples, apenas para separá-la de Klaus. Com cuidado, ele a depositou sobre a cama, sorriu diante do sono pesado dela e a cobriu. — Dormindo continua uma criança, talvez mais inocente que antes — murmurou ao observá-la dormir. Ficou olhando-a durante alguns minutos, mas logo sua atenção foi despertada por um barulho. Ao olhar, viu sua segurança.

— Aconteceu algo? — Carl perguntou ao sair do quarto. — Klaus já sabe onde estamos?

— Ainda não, senhor. — O homem alto com aparência assustadora disse. — Mas é bom mudarmos de local.

— Entendo. — Sorriu sem vontade. — Fica parecendo que os bandidos somos nós. Isso é cansativo.

— É melhor sermos cuidadosos. Não sabemos o que ele poderá estar tramando.

— Klaus pode ser um louco vingativo, mas ainda não chegou a tanto. A única coisa que ele deseja é me ver sofrer. Ele não irá atacar de frente. Pode ficar tranquilo. Continuaremos aqui até irmos para a Inglaterra.

— Como quiser, senhor — o homem falou ao sair.

Carl deixou-se cair no sofá e suspirou profundamente.

— O que estou fazendo? Não seria melhor deixá-la seguir sua vida? — ele se perguntou, mas em seguida meneou a cabeça para espantar tais pensamentos. — Não — disse firme. — Ela é minha e assim continuará sendo. Desta vez, mostrarei a ela o quanto a amo. *Mesmo que esteja dois anos atrasado.*

O chefe da segurança de Klaus entrou temeroso no escritório dele. Assim que a porta fechou atrás de si, viu Klaus olhando-o friamente.

— O que conseguiu? — Klaus perguntou.

— Desculpe-me senhor, mas eles não estão aqui — murmurou. — Parece que estão em algum vilarejo.

— Encontre-os. Quero Charlotte aqui. Ela não pode ficar ao lado dele. Não ainda.

— Estamos fazendo o melhor.

— Não façam o melhor. Façam o que estou mandando. Quero a localização deles ainda esta semana. Aquele bastardo deve estar pretendendo levá-la para a Inglaterra. Como se eles estivessem seguros de minha vingança... — Sorriu maquiavélico ao se recordar de todas as pessoas que estavam envolvidas em seu plano. A maior parte dos seguranças da realeza recebiam dinheiro dele.

— Senhor... Não seria melhor atacá-los de uma vez? Indo tão lentamente não é mais cansativo?

— Se atacá-los de vez, que graça teria? — indagou sorrindo. — A melhor sensação que o caçador possui é o medo que sua presa demonstra. Esse, meu caro, é o único sentimento pelo qual sou alimentado durante anos: medo. E é medo que quero passar para aquela família antes de dar o golpe final. Agora, saia e os encontre — disse gélido.

O homem assentiu ao sair do escritório, deixando Klaus sozinho olhando para um retrato em cima de sua mesa onde ele aparecia abraçado a uma mulher.

— Não se preocupe, mãe. Irei vingá-la. E depois disso... poderei ser feliz ao lado de Betty.

Ele continuou olhando para o retrato sem perceber que Betty havia entrado em seu escritório e o olhava de forma carinhosa.

— Mesmo sendo tão cruel, às vezes você tem um bom coração — Betty falou sorrindo, atraindo a atenção dele.

— Betty, não imaginei que fosse chegar cedo — ele disse, desconcertado.

— Soube que Charlotte foi sequestrada pelo marido. Isso foi bem peculiar.

— Eu também acho. Nunca imaginei que ele fosse agir dessa forma.

— Talvez ele tenha agido assim por sua causa.

— Como assim?

— Ele está usando os mesmos meios que você utilizou, mas de uma forma mais agressiva — ela percebeu, sorrindo. — Apenas seja mais... sutil... e tenho certeza de que Charlotte será sua, e a sua vingança terá sucesso.

— Ser mais sutil?

— Sim.

— Isso pode dar certo — ele murmurou após pensar um pouco. Olhou para a irmã de forma curiosa e um sorriso formou-se em seus lábios. — Você poderia me ajudar.

— Ajudar? — ela repetiu ao encarar seu irmão. Ela não pretendia se envolver com a vingança que Klaus tramara durante anos.

— Em minha vingança.

— Do que está falando? Sabe que não gosto disso.

— Eu sei, mas lembre-se do que aconteceu à nossa mãe. Quer mesmo que aquele rei fique impune? Deseja que todos saiam ilesos daquele crime?

— Carl não tem nada com isso.

— Tem certeza? Aqueles que ficam omissos também são culpados.

— Está parecendo mais um personagem vingador de romance — ela disse ao suspirar. — Tenho certeza de que Carl não tem nada com isso, mas se quer atingir ao rei... talvez possa lhe ajudar. Mas não me peça nada demais e nada complicado. Não sou fria como você.

— Não se preocupe. — Ele sorriu, aproximando-se dela. — A única coisa que terá que fazer é... usar o seu encanto feminino. Com Fanny descartada, não teremos nenhuma outra mulher para... deixar o príncipe mais frágil. Se bem que Fanny foi mais um problema do que qualquer outra coisa. Tão bela, mas tão inútil. Já você, minha irmã... — Olhou-a de cima a baixo. — É bela, esperta, dócil. E, o melhor: é minha irmã.

— Quem é Fanny?

— Uma conhecida do príncipe. Ela acreditava que Carl iria ficar com ela assim que tirasse Charlotte da vida dele, mas mesmo tentando durante anos, só recebia desprezo. Recebi informações de que ela está proibida de se aproximar da família real. Parece que Carl perdeu a paciência e usou o poder do rei para conseguir afastá-la.

Elizabeth escutou tudo com calma. Contudo, ao pensar na possibilidade de ser descoberta, sentiu-se mal.

— Sabe que ele pode descobrir, não é? O meu envolvimento e o parentesco com você.

— Não tem como. Seu sobrenome é diferente e ninguém lhe conhece como minha irmã. Além do mais, somos diferentes fisicamente. Entretanto, você se parece com o duque, mas duvido que ele irá se recordar. Tudo vai dar certo. Vamos ter que sair para fazer compras. Quero você no estilo sexy.

— Isso pode nos custar caro — ela murmurou pensativa ao tentar assimilar tudo o que Klaus havia falado. Ela sabia que o príncipe poderia descobrir, contudo desconhecia as consequências para o que pretendia fazer.

— Eu estarei sempre de olho. — Sorriu. — Não iria deixar minha irmã desprotegida, não é mesmo?

— O que espera que eu faça exatamente?

— Simples. Quero que o deixe intrigado com você. Se faça de difícil e não dê conversa a ele. Príncipes costumam ter o que querem e quando não têm ficam... bem... vulneráveis. Quero que Charlotte duvide dele mais uma vez. Quero desconfiança, intrigas. E o melhor... Quero que ela venha a mim novamente.

— E se ela não fizer isso? — perguntou, curiosa.

— Bem... Eu irei até ela e a farei minha — disse frio, deixando Betty preocupada. *O que você se tornou, meu irmão?*, pensou triste ao ver o olhar diabólico dele.

CAPÍTULO 8

Charlotte abriu os olhos ao sentir um cheiro agradável. Assim que seus olhos se acostumaram com a claridade, assustou-se ao ver Carl olhando-a com um sorriso, enquanto segurava um pedaço de pão próximo ao seu rosto.

— Isso dá certo mesmo — ele murmurou, surpreso.

— O que está fazendo? — ela perguntou assustada enquanto olhava à sua volta. — E onde estou? Não me sequestrou novamente, não é?

— Bem, se quiser, podemos ter um tipo de sequestro amoroso e sensual — disse, malicioso —, mas como acredito que não quer, ainda, trouxe o seu café da manhã no quarto. — Ele sorriu ao colocar a bandeja repleta de comida em cima da cama. — Espero que esteja com fome. Sequestrar esposas sempre me abre o apetite — sorriu, bem-humorado.

— Desde quando se tornou assim?

— Como?

— Bem-humorado. Comigo, era sempre frio e grosso — disse olhando-o, mas logo desviou o olhar. — Fanny deve estar lhe fazendo bem — murmurou com pesar.

— Falou algo?

— Não. Eu não estou com fome — disse ao olhar para o café da manhã levado por ele. — Pode levar.

— Só sairá do quarto quando tiver deixado o prato limpo — falou ao olhar para o prato com pão, ovo, cogumelos e tomate fritos, juntamente com um copo grande de chocolate quente com *marshmallow* dentro. — Bom apetite — disse saindo e deixando-a surpresa.

— O que aconteceu com ele, afinal? — murmurou ao começar a comer.

Carl saiu do quarto onde Charlotte estava com a consciência pesada. Ele sentia-se mal por não haver contado toda a verdade a ela, mas sentia que o momento ainda não era propício.

— Algum problema? — Um homem robusto com sorriso gentil e idade avançada disse sorrindo ao ver Carl em frente à porta do quarto de Charlotte. — Ela está precisando de algo?

— Não, estava apenas pensando — falou tranquilo. — Não deixe que ela saia do quarto até comer tudo, certo?

— Não se preocupe. — Sorriu ao ver a preocupação do príncipe herdeiro.

— Ótimo. E alguma notícia de Klaus?

— Ainda não, mas logo ele saberá que estamos aqui.

— Isso será o melhor — falou ao ir para a sala. — O quanto antes estivermos de frente para ele, mais cedo resolveremos isso.

— Não acho que ele seja tão perigoso — o homem falou, sincero, ao seguir Car. — Até agora ele apenas fez ameaças silenciosas e algumas intrigas inofensivas.

— Concorde, mas o que vem depois em uma guerra? — Ao ver sua expressão confusa, prosseguiu: — Após ameaças vazias, vem o ataque. Não quero esperar estar em campo de batalha para me defender.

O homem apenas assentiu diante do argumento do príncipe, mas em seu íntimo imaginava que ambos estavam gastando energias com bobagens.

Klaus piscou inúmeras vezes, sem acreditar que a mulher que estava à sua frente era Betty, sua irmã. Ela encontrava-se com os cabelos soltos com cachos nas pontas, a maquiagem evidenciava seu rosto e o vestido a deixava sensual e ao mesmo tempo simples.

— Está perfeita — ele disse ao aproximar-se dela no salão. Ele a havia levado para fazer compras e em seguida ao salão, onde o seu cabelo, outrora opaco tornara-se castanho bem claro, quase chegando ao cobre em tonalidade.

— Acho isso tudo uma loucura — ela murmurou ao ver sua imagem.

— Pode até ser, minha irmã, mas essa loucura libertará nossos corações.

— Sabe que não penso como você — ela disse, séria. — Nem sei por que estou lhe ajudando.

— Porque sou seu irmão, isso não basta?

Betty suspirou ao saber que ele tinha razão, mas limitou-se a ignorá-lo. Ela sentia-se como um dos peões em um jogo de xadrez e não se sentia bem com isso.

— Vamos — Klaus falou, tirando-a de seus devaneios. — Temos algumas coisas a fazer antes de colocá-la em frente a ele.

— Como fará isso se não sabe onde ele está?

— Betty, príncipes não costumam ser discretos. Aposto que há um batalhão de seguranças do lado de fora da casa dele. Será fácil encontrá-lo em algum vilarejo. Falando nisso, temos que ver onde irá encontrá-lo.

— Como assim?

— Acho que deixarei os dois se acertarem e depois lhe enviarei. Será como um *déjà vu* para eles. — Sorriu.

— Não acha que está sendo muito cruel? Deveria focar no rei e não no príncipe.

— O que seria de uma nação sem o sucessor do rei? Nada. Posso deixar o rei por último, afinal a sobremesa não é sempre a mais saborosa?

— Klaus, quando se tornou tão... vingativo? Quando lhe escuto só me vem à cabeça que está se tornando insano.

— Desde que me jogaram na sarjeta. A partir daquele dia, prometi a mim mesmo acabar com todos eles. Um por um.

— Não irá se arrepender? — ela o questionou. — Afinal, a mulher que ama está nisso.

— Eu não amo ninguém, você sabe bem disso.

— Continue dizendo isso a si mesmo até que acredite e se torne realidade — disse ao virar as costas para ele.

Klaus permaneceu parado, olhando sua irmã se afastar lentamente. *Não perderei nada. Mesmo com essa vingança, Charlotte, será minha*, pensou decidido, mas seus pensamentos foram interrompidos pelo toque do seu celular. — Sim, o que houve? O encontraram? Certo. Fiquem de olho neles e procurem saber quando pretendem ir à Inglaterra. — Desligou com um sorriso nos lábios. — Como disse, os príncipes não conseguem ser discretos.

Charlotte saiu da cama e olhou pela janela, surpreendendo-se com a bela paisagem. Ficou tão absorvida pelo clima bucólico que demorou a perceber a presença de alguém em seu quarto. Ao virar-se, tomou um susto.

— Quem é você? — indagou ao homem robusto à sua frente.

— Perdoe-me, estou aqui por ordens do príncipe, vim buscar a bandeja — disse, aproximando-se da mesa. — Fico feliz que tenha se alimentado. A vista é muito bonita, não é mesmo? — falou sorrindo.

— É sim...

— E pensar que estamos apenas a quarenta minutos de Zurique — suspirou. — É ótimo ver que estão juntos novamente.

— Nós não estamos juntos. E Fanny? Ela veio também?

— Fanny? — Ele parou para pensar um pouco, sorrindo em seguida. — Oh, não. Ela ficou em Paris, acredito, mas pode ter sido chamada para retornar para casa — Disse após pensar. Todos sabiam o quanto Carl odiava recebê-la em casa. E mesmo sob ordens constantes para não deixá-la entrar, Fanny sempre conseguia, com o apoio de sua família. Fez uma leve careta ao se recordar da posição da família de Fanny na Inglaterra, que possuía uma fortuna devido a importações e exportações.

Apesar de possuir poder, são tolos.

— Entendo. Mas por que ela o deixaria vir sozinho? — disse alto o bastante para o homem escutar.

— O que acha que o príncipe tem com a senhorita Fanny? — ele indagou, surpreso.

— Eles têm um envolvimento, não é?

— Não — sorriu bem-humorado. — Ela é apenas... como uma irmã para ele. Nada mais.

— Durante esses dois anos?

— Durante toda a vida, senhora — observou, o seu rosto surpreso. — Não sei o que pensou, mas o príncipe nunca encostou na senhorita Fanny ou sequer pensou nela como mulher, posso lhe afirmar isso.

— Como pode ter tanta certeza? — ela indagou, amargurada.

— Certas coisas todos sabem apenas em olhar e a senhorita Fanny sempre foi rejeitada pelo príncipe, todos víamos isso. — Ao dizer isso, saiu levando a bandeja consigo e um sorriso nos lábios.

Charlotte voltou a atenção para a paisagem e começou a se perguntar se não havia se enganado durante os dois anos em que estivera longe dele.

— Vou tirar a limpo essa história hoje — prometeu a si mesma ao ir em direção à porta. Assim que a abriu esbarrou em Carl, que a olhava surpreso.

— Estava indo me procurar?

— Não... — ela respondeu por reflexo. — Quer dizer, sim. — Afastou-se dele encarando-o. — Preciso falar com você. Sericamente.

— Se for sobre sair desta casa...

— Não é nada disso — o interrompeu. — É sobre dois anos atrás. Sobre Fanny e tudo o mais.

— O que Fanny tem com isso? — ele indagou, surpreso e confuso.

— Vamos apenas conversar — ela disse, firme.

— Como quiser. — Ele já estava entrando no quarto quando ela segurou seu braço.

— Na sala, se não se importa — falou, escondendo o rosto ruborizado.

Carl deu de ombros enquanto a seguia com um leve sorriso. Ele não havia imaginado que ela poderia ceder tão facilmente. Ficou em pé ao vê-la sentar-se no sofá.

— Não vai sentar? — ela perguntou.

— Claro — ele disse sentando-se na poltrona em frente a ela. — Sobre o que quer falar?

— Há dois anos, o que houve?

— Estou esperando que me diga. Você foi a única que sumiu e não deu notícias durante anos. Eu tive que descobrir onde estava por conta própria, e mesmo após minhas tentativas para

falar com você, todas infrutíferas. Entendo que Klaus a tenha impedido de falar comigo, e não estou chateado com isso. Acredito que ficarmos separados foi importante para você — disse sério, estudando-a.

— E o divórcio? — perguntou, ainda confusa sobre tudo. Klaus jamais lhe dissera que Carl tentara entrar em contato. *Será realmente verdade?*

— O que me enviou?

— Não os papéis do divórcio, que deixou no hospital. Eu os encontrei no dia em que teria alta — falou o observando.

— Não sei do que está falando.

— Então, tem certeza de que não assinou nenhum documento?

— Absoluta — ele declarou, frio. — Podem ter falsificado a minha assinatura. — Deu de ombros ao pensar na possibilidade. — Eu nunca assinei nenhum papel para separação. — Ele a olhou e aos poucos tudo se encaixou. — Aquela carta... Você veio embora porque achou que eu não lhe queria ao meu lado?

— Não totalmente, mas ajudou bastante — falou, triste. — Isso é passado de qualquer forma — murmurou. *O que fiz? Poderíamos estar juntos até hoje*, pensou, mas logo lembrou-se sobre a separação deles quando ela completasse 18 anos. — No final de tudo, apenas adiantei o inevitável.

— Inevitável? Desde quando a nossa separação seria inevitável?

— Parece que os anos apagaram das suas memórias muitas coisas ditas, mas eu me lembro de tudo — disse com o semblante triste. — Tudo que foi dito por você, tudo o que fizemos ou até as lágrimas que derramei.

— Charlotte... — murmurou ao olhar para ela.

— Vamos apenas esquecer. Por que não me deixa ser feliz? — indagou, tentando esconder o medo que crescia em seu coração. Charlotte temia se apaixonar novamente por Carl e ser rejeitada como fora tantas vezes. Ela não queria sofrer novamente.

— Será feliz longe de mim?

— Eu fui durante esses dois anos — falou tristemente. — Deixe-me continuar assim.

— Mas eu não fui — falou firme. — Durante esses dois anos pensei muito em você e...

— Basta — Charlotte falou levantando-se. — Estou cheia de falar no passado. Admito que posso ter fugido por nada devido a uma intriga, mas não me arrependo. Ao seu lado apenas sentia tristeza, todos os dias. Preocupava-me por nada. Não era tão feliz quanto imaginava. Eu

era uma criança tola, apaixonada por alguém que me desprezava. Não era saudável.

— E o que tem aqui para lhe deixar tão bem?

— A minha liberdade. — Ela o encarou. — Pode falar o que quiser de Klaus, mas ele... Ele me deixa andar livremente. Não preciso me preocupar com intrigas, ex-namoradas e até mesmo pensar em abandono. Pode até ser que eu esteja sendo vigiada por ele ou sendo usada, mas no final eu o estou usando para continuar a viver. *Longe de você*, pensou.

— Está dizendo que quer voltar para ele?

— Estou dizendo que não entendo o motivo disso tudo — falou ao olhar em volta fugindo da pergunta, pois se afirmasse que pretendia retornar para Klaus seria o equivalente a desistir de Carl para sempre. — Não entendo porque me sequestrou e está me mantendo aqui. Se quer me mostrar que gosta de mim ou sabe-se lá o que, esta não é a melhor forma de fazer isso.

— Sabe que tenho tudo o que quero, não é? — ele falou ao se levantar e parar diante dela.

— Pode ter objetos, mas não pessoas e sentimentos.

— Você mudou — murmurou ao passar o braço ao redor de sua cintura.

— Você também.

— Eu era mais impetuoso antes de me tornar o príncipe herdeiro. Ao lhe perder, percebi que preciso ser eu mesmo para ter o que eu quero.

Tive que perdê-la para poder perceber que não posso mudar quem eu sou, pensou ao fechar os olhos e aproximar, lentamente, seus lábios dos dela.

Charlotte não queria retribuir o beijo, pois sabia que assim que começasse poderia colocar tudo a perder. Todos os anos em que tentara esquecê-lo nada significariam se ela cedesse novamente aos seus desejos. Contudo, ao sentir os lábios quentes de Carl, não resistiu. Fechou os olhos, enquanto passava o braço ao redor de seu pescoço. Suas línguas dançavam em sincronia no beijo esperado por dois anos. Carl puxou Charlotte para perto de si, e sentiu o corpo dela sobre o seu. O que ele mais desejava aquele momento era poder senti-la de todas as formas e poder saber que ela ainda era sua, mas não fez nada. Apenas continuou beijando-a até perder o fôlego e afastar os lábios.

— Continua com o sabor de morango — ele murmurou próximo ao seu ouvido.

E você... Continua deixando o meu coração acelerado apenas em olhar para mim. O que farei agora?, pensou nervosa ao fechar os olhos e sentir os lábios dele sobre os seus novamente. *Até quando me deixarei levar pela ilusão de que poderemos ser felizes?*

CAPÍTULO 9

As mãos de Carl percorriam o corpo de Charlotte como uma carícia torturante. Seus beijos tornavam-se cada vez mais profundos à medida que seus corpos se aproximavam um do outro. Ele a apertou contra si enquanto sentia o desespero de tê-la crescer a cada instante. Seus pés começaram a se mover em direção ao quarto levando Charlotte consigo sem que percebesse. Eles não mais prestavam atenção ao que acontecia ao redor. A única coisa que faziam era se entregar ao desejo que sentiam um pelo outro, o qual encontrava-se adormecido durante dois anos. Seus lábios ainda continham o mesmo sabor e aroma de antigamente, fazendo-os mergulhar em memórias.

Charlotte deixou-se prender pelos beijos e pelo desejo que sentia por Carl, e estava tão inebriada que não percebeu estar no quarto dele, próxima à sua cama. Seus corpos apenas não correspondiam mais aos seus atos ou pensamentos, apenas ao fogo que os consumia.

Carl abriu um pouco os olhos e sorriu intimamente ao ver onde estavam. Ele empurrou Charlotte delicadamente, fazendo-a cair sobre sua cama, deitada e surpresa. Como um leão faminto, ele se pôs a ficar por cima dela com um sorriso nos lábios à medida que se aproximava de seu rosto. Ele estava ansioso para tê-la novamente. Ansioso para mostrar o quanto a amava.

— Pelo jeito, os anos lhe fizeram muito bem — ele murmurou antes de beijá-la novamente, arrancado um suspiro alto o suficiente para ser escutado por ele. Continuaram se beijando enquanto as mãos dela percorriam as costas de Carl com sofreguidão. — Vamos tirar isso — ele murmurou rouco ao se afastar. Puxou a blusa dela, retirando-a, e logo a jogou em um canto do quarto. Olhou durante alguns segundos, extasiado pela visão que estava tendo, e em seguida começou a morder seu pescoço à medida que suas mãos percorriam o corpo dela. Quando ele estava prestes a desabotoar a calça dela, Charlotte segurou sua mão. — O que foi? — ele indagou, olhando-a nos olhos.

— N... Não podemos — ela disse sem fôlego.

— E por que não?

— Apenas não podemos — murmurou ao tentar afastá-lo de seu corpo. Entretanto, Carl segurou seus pulsos e a prendeu na cama. — Me solte... — falou ao tentar libertar-se dele.

— Não, até que diga o motivo de não podermos continuar.

— Sabe o quão ridículo está sendo?

— Sabe o quão patética está se tornando? Sabemos que quer tanto quanto eu. Quero entender o motivo de negar-se.

— Não posso ir para a cama com você porque...

— Fazer amor — ele a corrigiu.

— Como? — indagou, confusa.

— Não pode fazer amor comigo por quê?

— Desde quando você se preocupa tanto com pequenos detalhes?

— Desde que me largou — falou sério.

— Eu te larguei? — Sorriu sem vontade. — Então, o que você fez? Em dois anos nem sequer procurou saber se eu estava viva ou morta. Qual de nós dois foi o mais errado nessa história? — ela murmurou ao desviar o olhar. Respirou fundo e o encarou. — Não posso fazer isso com você. Quero dizer... não posso fazer isso com alguém que não amo — disse, encarando-o.

— Está dizendo que não ama apenas porque eu não vim te ver — constatou surpreso ao encará-la. — Está dizendo que não me ama mais?

— Apenas... se passaram dois anos. Sei que estou confusa e posso estar errada, mas não sinto a mesma coisa ao lhe beijar. — Virou o rosto ao sentir o olhar frio que ele lhe lançava. — Me deixe... ir.

— Então, não sente a mesma coisa — murmurou, soltando-a. — Não se preocupe, isso logo irá mudar. — Ao falar isso saiu de cima dela e caminhou até a porta. — Não queria fazer isso agora, mas vamos para a Inglaterra hoje ainda.

— Ei! — Charlotte gritou ao vê-lo sair do quarto. — Volte aqui! — gritou estupefata, mas Carl não olhou para trás uma única vez. Apenas saiu do quarto e fechou a porta atrás de si, deixando Charlotte confusa para trás. — Por que fui falar algo sem ao menos ter certeza? — ela se recriminou, arrependida de ter dito que não o amava. Charlotte sabia que não o havia esquecido, mas logo levou as mãos aos lábios e suspirou. — Será mesmo que não sinto mais nada por ele ou apenas... Menti para não me machucar?

Carl fechou a porta com mais força do que pretendia e, ao ver o olhar confuso de seu chefe de segurança, suspirou.

— Prepare o jato. Estamos indo para a Inglaterra hoje ainda.

O homem apenas assentiu diante do olhar frio que Carl emanava.

Três horas depois, tudo já estava pronto e Carl mantinha-se impassível em frente à lareira,

enquanto esperava por Charlotte. Ele já estava perdendo a paciência quando caminhou em direção ao quarto. Bateu inúmeras vezes na porta, mas, ao segurar a maçaneta, percebeu que ela estava trancada.

— Charlotte, abra isso — disse alto.

— Não vou para a Inglaterra contigo. Isso é sequestro! — ela gritou do outro lado, enquanto pensava em uma forma de fugir dele. O simples pensamento de passar novamente por toda a angústia, a assustava. — Me deixe ir. Não sei por que está teimando tanto.

— Charlotte precisamos conversar. Abra está porta e prometo esclarecer suas dúvidas.

— Não — falou, decidida.

— Como quiser — murmurou ao se afastar um pouco da porta. Pegou um molho de chaves do bolso e logo abriu a porta. — Vamos embora.

— Carl, não posso largar tudo para trás. Tudo o que consegui apenas pelo seu capricho — disse calma ao tentar convencê-lo.

— Seu problema é Klaus, por acaso? — A simples menção do nome de Klaus fazia com que o seu estomago embrulhasse. Ele não desejava perdê-la para alguém como Klaus.

— Por que pensou nisso?

— Está gostando dele, por acaso? — Observou-a atentamente. — É por isso que não queria fazer amor comigo? É por isso que se recusa a sair de Lucerne?

— E se for? O que fará? — ela o enfrentou.

— Nada — suspirou enquanto a encarava. — Vamos fazer um acordo — disse após pensar.

— Acordo?

— Sim, você virá comigo para a Inglaterra e será minha esposa durante um ano. Se até lá quiser voltar para Lucerne ou simplesmente se divorciar, eu aceitarei.

— Não pode estar falando sério — ela murmurou.

— Estou.

— Não sei o que pretende com isso, mas acha mesmo que conseguirá algo agindo dessa forma?

— Acho — falou sério. — Aceita ou não?

— E seu eu não aceitar, o que acontecerá?

— Irá comigo contra a sua vontade e continuará fazendo o que eu quiser. Estou lhe dando

uma escolha.

— Escolha? Não vejo assim. Está apenas querendo que eu faça o que deseja — suspirou, vencida. — Isso tudo é insano. — Encarou-o, séria. — Tem certeza de que após um ano ficarei livre de tudo, se eu desejar?

— Você tem a minha palavra.

— Eu aceito — falou por fim, sem olhar para ele. Carl não transmitia nenhuma emoção, ele poderia ter vencido uma batalha, mas sabia que para vencer a guerra precisaria de muito mais.

Klaus desligou o celular e olhou para Betty sem expressão, a qual encontrava-se sentada no sofá da casa dele lendo um livro.

— Aconteceu algo? — ela indagou, tranquila.

— Sim. Teremos que mudar um pouco nossos planos.

— Nossos? Não me lembro de ter planejado nada contigo, apenas vou lhe auxiliar temporariamente — ela o corrigiu, tranquila, sem desviar os olhos do livro à sua frente.

— Pode até estar certa, mas de qualquer forma os planos foram mudados — ele falou, sério. — Teremos que ir para o covil da cobra.

— Do que está falando? — ela indagou, encarando-o.

— Vamos para a Inglaterra. Nosso, ou melhor, meu plano terá continuação onde tudo começou — disse, sério. — Estarei mais próximo do que nunca de chegar ao rei. — Pronunciou as últimas palavras com amargura. — E do filho querido dele, Carl.

CAPÍTULO 10

Betty suspirou ao andar pelo enorme saguão da empresa de eletrônicos. Ela ainda não acreditava no que estava fazendo, em seu íntimo praguejava pela sua falta de firmeza. Ela sentia os olhares de admiração por onde passava, mas tentava demonstrar frieza, o que não sabia aparentar direito.

— Olá — disse solícita à recepcionista. — Sou Elizabeth Grant, vim a respeito da vaga de designer para os novos produtos. Na verdade... Vocês me chamaram — ela disse sorrindo. *Ainda*

dá para voltar atrás, ela pensou ao receber as instruções de onde deveria ir. Ao chegar ao vigésimo terceiro andar suspirou. — Vim falar com o responsável. Sou Elizabeth Grant — ela disse já sem vontade para a recepcionista sorridente. Por mais que tentasse, não conseguia compreender as conexões que seu irmão possuía, pois logo que entraram no avião para a Inglaterra, Klaus fez uma única ligação que lhe permitiu concorrer a uma vaga para a empresa de Carl.

— Claro, o senhor Willians está lhe esperando. — A mulher sorriu enquanto a levava para uma sala onde as portas a lembravam da pintura de Rodin: *As portas do inferno*. — Linda, não é? — a recepcionista comentou ao ver o olhar surpreso de Betty. — O senhor Willians fez estas portas por encomenda, na verdade. — Elizabeth apenas assentiu ao vê-la abrir a porta e conduzi-la para dentro. — Ele estará aqui em poucos minutos. Deseja algo? — Ao ver a negação dela, saiu.

Elizabeth suspirou ao se ver sozinha na enorme sala. Observou cada detalhe, surpresa. A decoração não era fria ou impessoal, muito pelo contrário, mostrava um gosto refinado e simples. A sala possuía algumas plantas nas extremidades, três sofás de couro encontravam-se em um canto juntamente com uma estante com alguns livros. A mesa, que ficava de frente para a porta, estava organizada e um laptop podia ser visto ainda aberto sobre ela. Ela estava tão distraída analisando tudo que não percebeu que não estava mais só no recinto.

— Senhorita Grant? — Uma voz grave e um tanto sedutora a chamou atrás de si.

Elizabeth virou-se lentamente e, ao ver o homem sorrindo para ela, não conseguiu evitar um pequeno suspiro e um pensamento de admiração. *Ele é mesmo lindo*, ela pensou ao sorrir sem graça para Carl.

— Fico feliz que tenha aceitado o nosso convite tão rapidamente. Me entregaram o seu currículo ontem à noite, eu não sabia se estaria disponível — Carl disse aproximando-se dela. — E então, trouxe alguns desenhos? — ele perguntou, curioso.

Assim que haviam desembarcado na Inglaterra, Carl deixou Charlotte no palácio e em seguida foi para a sua empresa. Ele havia negligenciado muitos assuntos enquanto estava em Lucerne.

— Sente-se, por favor — disse, indicando um dos sofás. — Soube que passou uma temporada em Nova York estudando.

— Sim. Foi muito proveitoso na verdade. *Agora não posso voltar atrás*, ela pensou ao mostrar alguns esboços para ele, os quais havia levado em sua pasta. — O que achou? — indagou ao vê-lo olhar com cuidado para cada desenho. Betty, ou melhor, Elizabeth, havia se formado em design, mas desde que havia se mudado para Suíça aceitou o convite de Klaus para

conduzir uma de suas lojas. A partir daquele momento ela nunca mais tinha utilizado o seu currículo, pelo menos não até antes da vingança de Klaus. Sua curiosidade era genuína para saber a opinião de Carl, já que o príncipe herdeiro possuía uma fama invejável no mundo tecnológico.

— Eles são ótimos – Carl disse sério, olhando-a. — Por que aceitou a nossa oferta?

— Bem... É sempre interessante trabalhar com novos desafios. E fazer designs de eletrônicos é um desafio, não acha?

— Provavelmente. — Ele sorriu. — Poderia começar imediatamente?

— Claro — ela disse alegre, mas em seu íntimo recriminava-se pelo que estava prestes a fazer.

— Pode passar no RH, a minha secretaria lhe dirá como chegar. Espero que goste de trabalhar conosco — falou ao se levantar, estendendo a mão para ela.

— Tenho certeza de que irei — ela disse ao se levantar e segurar a mão de Carl com delicadeza, enquanto olhava em seus olhos. *Como os dois podem ter os mesmos olhos e ao mesmo tempo almas tão diferentes? Personalidades tão contrastantes que beira a loucura. Os olhos são realmente o espelho da alma e posso afirmar que ele não merece o que Klaus está tramando*, pensou desolada.

Charlotte suspirou ao olhar para as paredes brancas do quarto e recriminou a si mesma por ter concordar com Carl.

Assim que adentraram o palácio, todos os empregados olharam surpresos, enquanto alguns murmúrios começavam a se formar. A história sobre Charlotte ter abandonado o príncipe para ficar com Klaus circulava por todos os lugares. Charlotte caminhava ao lado de Carl com a cabeça erguida, mas em dado momento escutou uma conversa entre duas empregadas, que se encontravam em fila indiana na porta.

— Parece que ela o abandonou para ficar com o bastardo — uma sussurrou para a outra.

“Bastardo? Do que elas estão falando?” Charlotte pensou ao subir as escadas ao lado de Carl, o qual permanecia impassível. Eles pararam em frente a uma porta e o mordomo sorriu.

— Aqui está, alteza — ele falou ao abrir a porta do quarto, o qual era uma suíte que

continha dois quartos conectados por uma área de convivência.

— Não ficaremos nesse — Carl disse, altivo. — Iremos ficar no meu antigo quarto. Prepare tudo, quero tudo pronto para quando eu voltar. — Virou-se para Charlotte e segurou seu rosto delicadamente. — Mais tarde estarei em casa para continuarmos aquela conversa mal-acabada de Lucerne. — Ao falar isso ele pressionou os lábios sobre os dela e sorriu intimamente ao senti-la entreabrir os lábios, mas ele se afastou. — Assim que eu voltar da empresa iremos continuar com isso... Com mais calma— acrescentou malicioso ao depositar um beijo em sua testa. Virou de costas e saiu sem falar mais nada, deixando Charlotte parada, surpresa e ao mesmo tempo ciente de um fato.

— Acho que nunca o esqueci e inevitavelmente ainda me abalo com seus beijos — ela murmurou ao vê-lo se afastar, enquanto levava as mãos aos lábios.

O quarto onde estava era o mesmo onde havia dormido com Carl pela primeira vez anos antes.

— Aqui foi à primeira vez onde dormimos juntos — ela murmurou ao olhar para a cama. Ficou fitando-a durante alguns segundos até escutar alguém bater na porta. — Entre — disse com voz firme. Em poucos segundos uma mulher um pouco mais velha que ela, com cabelos pretos em estilo Chanel e olhos igualmente pretos, entrou sorrindo. — O que deseja?

— Sou Layla, sua assistente a partir de hoje — ela disse sorrindo. — É um prazer conhecer vossa alteza. — Fez uma pequena reverência e em seguida a olhou de cima abaixo. — O príncipe tinha razão.

— Sobre? — indagou confusa. — E para que eu preciso de uma assistente?

— O príncipe não contou? — Sorriu diante de sua própria pergunta. — Claro que não. Deve querer fazer uma surpresa, mas estou aqui para servi-lhe. A partir de hoje irão participar de muitos eventos. Sendo assim, precisará do meu auxílio para organizar tudo.

— Eventos? Organização?

— Sim. Pode-se dizer que o moral do príncipe anda baixo desde que a senhora foi para Suíça estudar — ela disse sorrindo. — Muitos comentam que ele foi abandonado e trocado, mas sabemos que não. Por isso, é de extrema importância que apareçam em público muitas vezes e, claro, demonstrando todo o amor que sentem um pelo outro.

— Então, iremos apenas... atuar e para isso precisarei de alguém para organizar minha agenda, não é? — indagou fria enquanto a encarava.

— Bem... Não colocaria nesses termos, mas sim — murmurou, incomodada. — Me perdoe

se falei algo que não devia, alteza.

— Não se preocupe. A culpa definitivamente não é sua — ela disse, séria. — Então... terei que fazer algo hoje?

— Bem, na verdade vim perguntar se a senhora está livre agora. Precisamos ir comprar algumas coisas para um evento que acontecerá amanhã. Um evento beneficente, que foi escolhido como a primeira aparição de vocês após uma segunda lua de mel.

— Segunda lua de mel? — murmurou, incrédula. — De onde tiraram isso?

— Da visita que o príncipe lhe fez nesta última vez.

— Oh, claro. Lua de mel? — ela riu, irônica. — Com toda a certeza que foi e pode-se dizer que foi de sequestrar e chantagear o coração de qualquer pessoa apenas pela sua intensidade.

Layla apenas sorriu, sem graça. Ela esperava que a princesa fosse mais alegre, mas ao comentar o episódio da lua de mel começou a se perguntar se os boatos sobre ela não amar o príncipe não seriam verdadeiros.

Charlotte olhou para Layla mais uma vez com o intuito de demonstrar o seu cansaço e irritação ao sair de mais uma loja. Elas estavam andando por Londres, por todas as suas boutiques, havia mais de duas horas, fazendo compras uma atrás da outra. Charlotte sabia que qualquer mulher gostaria de estar em seu lugar, mas ela não se sentia confortável.

— Quando poderemos ir embora? — Charlotte perguntou ao sair de mais uma loja com Layla ao seu lado, seguranças logo atrás de si, enquanto o chofer segurava as sacolas.

— Falta apenas mais uma loja — Layla disse, sorrindo. — Tenha um pouco de paciência, alteza. Daqui a pouco iremos voltar e, aparentemente, na mesma hora que o príncipe.

— Isso deveria me dar algum alento? — ela murmurou ao lembrar-se das palavras dele ditas mais cedo.

— Falou algo? — Layla indagou ao olhá-la com curiosidade.

— Nada, não — negou ao olhar para um vestido em uma vitrine. — Ele é lindo — murmurou ao olhar para ele.

— Por que não entramos? — Layla sorriu ao delicadamente empurrar Charlotte para dentro da loja, saindo alguns minutos depois com o vestido e alguns acessórios nas mãos. — Ele

ficou perfeito — comentou ao caminhar em direção ao carro, o qual se encontrava estacionado do outro lado da rua. — Tenho certeza de que o príncipe... — disse distraída, sem notar a aproximação de um homem.

— Charlotte? — Uma voz masculina pronunciou o nome da princesa, interrompendo a frase de Layla.

Charlotte virou-se lentamente ao reconhecer a voz e sorriu diante do homem parado à sua frente.

— Albert? — ela murmurou incrédula ao ver um homem alto, com olhar contente e um sorriso gentil. — É você mesmo?

— Até que enfim nos encontramos — ele murmurou ao ir em sua direção e abraçá-la, sem se importar com o que Layla falava, os seguranças indo em direção ou alguns flashes disparados. — Senti a sua falta — ele sussurrou em seu ouvido. — Nunca mais vou lhe perder de vista — disse ao senti-la apertá-lo contra si.

CAPÍTULO 11

Charlotte não conseguia acreditar que o homem sentado à sua frente no café fosse Albert. Para ela, ele havia mudado muito, não apenas fisicamente, mas emocionalmente.

— Eu voltei há um ano e meio — disse sorrindo, olhando-a docemente. — Mas soube que havia fugido de Carl. Na verdade, até que demorou muito — falou bem-humorado ao ver a expressão de espanto de Layla ao escutar a conversa. Layla ainda não conseguia entender o tipo de envolvimento que a princesa tinha com o desconhecido, mas percebeu que eles eram íntimos, pois conversavam de forma bem espontânea.

— Bobo — Charlotte disse, sorrindo. — Na verdade, eu fui estudar. — Após alguns segundos sustentando o seu olhar, suspirou. — Não consigo mentir para você. A realidade é que... eu fugi — falou triste ao lembrar-se do passado.

— E por que isso?

— Prefiro contar a história em outro momento, mas enquanto isso vamos falar sobre você. O que fez durante esse tempo?

— Estudei — ele disse, suspirando. — Aquele colégio foi um horror. Não havia nenhuma mulher tão bela quanto você para deixar meus dias alegres. — Piscou, travesso. — Mas consegui me divertir um pouco com o tempo. Voltei mais cedo que o previsto, pois tive que resolver

alguns problemas com meu pai e, quando fui lhe procurar, soube que havia sumido. Marina ficou muito triste, ainda converso com ela, acredito que ela ficaria muito feliz em falar com você.

— Eu sei. — Suspirou tristemente. — Infelizmente, não podia falar com ela, pois era mais provável que Carl me encontrasse. Eu pensei que se ficasse afastada de todos seria o melhor, mas acho que fui uma tola. Eu tenho muitas saudades da Marina.

— Vou lhe passar o número dela e o e-mail — Albert falou solícito ao pedir a Layla um papel e caneta, anotando rapidamente o contato de Marina. — Tenho facilidade para decorar coisas. — Sorriu diante do olhar de Layla, desviou o seu olhar para Charlotte, ainda surpreso por vê-la. Ela estava mais bonita do que ele se recordava. Pela primeira vez, Albert ficou feliz por ter escutado seu pai e retornado para Londres a fim de aprender sobre os negócios da família. — Se está aqui na Inglaterra, presumo que Carl tenha lhe encontrado, então se esconder não ajudou. — Suspirou ao se lembrar das lamentações de Marina ao mencionar a saudade que sentia de Charlotte. — Poderia ter enviado nem que fosse um cartão postal.

— Eu sei e me sinto péssima por isso.

— De qualquer forma, tudo ficará bem agora — ele disse ao sorver um pouco do chá quente. — E você? Layla, não é? Conhece a família de Carl, ou melhor, do príncipe, há muito tempo?

— Fui contratada pelo príncipe em pessoa há alguns meses — disse, profissional. — Mas por que a pergunta?

— Curiosidade. — Ele sorriu. — Se foi contratada há alguns meses... Isso significa que o príncipe já pretendia trazer Charlotte para Londres, não é?

— Então ele sempre soube onde eu estava — ela murmurou ao perceber. Olhou pasma para Albert, que mantinha-se tranquilo, encarando-a. — Como pude imaginar que ele...

— Charlotte, a família real nunca faz nada sem ter motivo ou pensar antes — disse, sério. — Então, é bom tomar cuidado.

— Cuidado? Por quê?

— Dizem que alguém quer se vingar do rei e de Carl. Temo que possam querer usá-la para isso. Tome cuidado, certo? — Levou a mão ao bolso retirando um cartão de visita. — Aqui. — Entregou a ela. — Pode me ligar sempre que quiser ou precisar de ajuda.

— Ficaré na Inglaterra? — ela indagou ao pegar o cartão.

— Pode-se dizer que tem algo que devo proteger aqui agora. — Sorriu. — Enquanto precisar, ficarei. Não se preocupe.

Charlotte sorriu aliviada por escutar as palavras ditas por Albert. Mesmo sem saber do que

ou de quem se tratava, ela não conseguia evitar que o sentimento de felicidade brotasse.

— Obrigada... por continuar sendo meu amigo — ela murmurou ao olhar para ele.

Obrigado por não ter mudado, minha querida Charlotte, Albert pensou ao sorrir para ela.

Elizabeth olhou para sua nova sala e não conseguiu evitar um mau presságio ao olhar pela janela. Ela havia concordado com Klaus e agora via-se em um misto de confusão, arrependimento e atração. Por algum motivo, sentia-se atraída por Carl, isso ela não poderia negar. Desde a primeira vez em que seus olhares se encontraram, ela soube que estava perdida. Ela não fazia ideia de como ajudar seu irmão e ao mesmo tempo trair seus princípios tão superestimados.

— Talvez eu devesse sumir — ela murmurou, distraída.

— Senhorita Grant? — Uma voz a chamou logo atrás de si fazendo-a voltar-se e sorrir para a mulher parada na porta. — Sou Genevieve, sua secretária.

— Muito prazer — Elizabeth falou ao aproximar-se e estender a mão. — Espero que possamos trabalhar juntas. E me chame de Elizabeth, por favor.

— Certo, Elizabeth. — Genevieve sorriu ao apertar a mão de sua mais nova chefe. — Ouvi dizer que conheceu o príncipe.

— Está falando do senhor Willians?

— Sim. Todos o chamam de príncipe por aqui — falou com uma expressão estranha no rosto. — Na verdade, todas as mulheres gostariam, ou melhor, sonham com ele. Alguns dizem que ele tem até um fã clube.

— Fã clube? — repetiu, sorrindo. — Ele me pareceu ser um homem honesto e seguro de si, mas não imagino por que alguém como ele teria um fã clube.

— Senhorita Elizabeth, não reparou nele? Ele é lindo — ela disse sorrindo. — A princesa tem muita sorte de tê-lo como marido.

— Com certeza ela também deve achar a mesma coisa — ironizou, ao lembrar-se de Charlotte e do seu esforço em se esconder de Carl. Ela olhou para seu relógio no pulso e sorriu para Genevieve. — Sinto muito, mas tenho que ir agora. Amanhã estarei aqui às sete.

Pegou a bolsa em cima da mesa e saiu, andando séria pelo saguão. Ela estava indo encontrar-se com Klaus. Assim que saiu da empresa, suspirou ao entrar em seu carro. Dirigiu

inquieta até em casa. A mesma casa onde passara grande parte de sua infância com Klaus e seus pais. Suspirou ao se recordar do passado e do quanto seu irmão havia mudado com o passar dos anos, após a morte de sua mãe.

— Como foi? — ele perguntou ao vê-la entrar em casa. Eles estavam morando juntos em uma bela casa nos arredores do centro da cidade.

— Como conseguiu que eles contratassem uma ninguém? — ela perguntou, séria. — Até onde a sua vingança vai? Quer acabar com os negócios dele também?

— Não, Betty. — Sorriu divertido diante de seu olhar. — Durante os anos tive que me preparar e, bem... Conseguir aliados dentro da vida deles era essencial. Tenho aliados em todos os lugares, incluindo o palácio, mas não se preocupe que não irei atingi-lo com sua empresa. Querendo ou não, ele a montou do nada e, por algum motivo, sinto uma empatia por ele.

— Então, por que tenho que trabalhar lá? Não sabe o quão perigoso é? A qualquer momento Charlotte pode me ver.

— Não se preocupe. Apenas diga que tem uma irmã gêmea — ele disse, divertido.

— Isso é ridículo. Ela nunca acreditaria nisso.

— Não a superestime. — Sorriu. — Aquela garota consegue ser incrivelmente ingênua.

— Ela pode desconfiar disso, ainda mais se nos vir juntos.

— Concordo — murmurou após pensar um pouco. — É bom eu me mudar. — Levantou-se do sofá. — Acho que vou para o apartamento no centro da cidade.

— Está bem — ela murmurou. *Pelo menos ficarei um pouco livre de todos esses planos*, ela pensou ao olhar para ele.

— Antes que eu me esqueça, o que achou de Carl? — ele perguntou curioso, fitando-a.

— Normal — ela disse, virando as costas para ele enquanto seguia para o seu quarto, mas logo escutou a voz de Klaus ecoando firmemente.

— Não se atreva a sentir nada por ele — ele falou, firme. — Lembre-se que ele faz parte dos nossos inimigos.

— Nossos? — indagou, sem virar-se para ele. — Ele é apenas seu inimigo, não meu. Sabe muito bem que não sou a favor dessa vingança.

—Pode não ser favorável, mas desde o momento em que aceitou me ajudar deve ter em mente que ele nunca perdoará alguém por estar mentindo para ele. Então, não se atreva a desistir no meio do caminho e contar tudo a ele.

Betty não disse nada, apenas abriu a porta do seu quarto e entrou sem olhar para trás.

— Isso não vai acabar bem — Klaus falou ao ver a irmã entrar no quarto. — Talvez eu não devesse tê-la envolvido nisso.

CAPÍTULO 12

Carl abriu a porta do quarto com um discreto sorriso em seu rosto, mas, quando estava prestes a entrar, sentiu alguém atrás de si. Ao virar-se, deparou com Layla segurando uma pasta.

— Aconteceu algo? — ele indagou, frio.

— Não príncipe, vim apenas trazer algumas coisas para a princesa ver. — Sorriu.

— Deixe-a ver amanhã.

— Sim. A propósito, como me pediu para relatar algo fora do comum — esperou alguns segundos e continuou em tom de confidência —, ela se encontrou hoje, aparentemente por acaso, com um jovem chamado Albert. Ficaram conversando durante algum tempo e ele lhe confidenciou que alguém pode tentar atingi-la para chegar ao senhor, alteza.

— Então ele voltou e também está mais esperto. — Sorriu. — Nada mal. Obrigado Layla, pode se retirar agora. — Ao vê-la fazer uma pequena reverência e sair, suspirou. — Talvez fosse melhor eu contar a verdade, mas do que tenho medo, afinal? *Talvez dela juntar-se a Klaus. Posso suportar o ódio dele, mas não suportaria vê-la me odiando mais do que já odeia*, admitiu a si mesmo ao adentrar o quarto em silêncio.

O quarto encontrava-se banhado apenas pela lua do luar, que invadia as janelas, as quais as cortinas mantinham abertas. Caminhou tranquilamente até sua cama, onde deparou-se com uma visão que o deixou sem palavras. Charlotte dormia de uma forma que se assemelhava a um anjo. Seus cabelos, espalhados pelo travesseiro branco, contrastavam com seus lábios um tanto vermelhos. Seu corpo era demonstrado de forma sensual pelo lençol, que mal cobria o seu corpo, deixando à mostra sua fina camisola de seda azul-clara.

Após alguns momentos sem ação, começou a se despir vagarosamente. Retirou a gravata e em seguida o paletó, jogando-os no chão. já estava sentando na cama quando lembrou-se de algo, o que o fez sorrir e levantar-se. Abriu a porta do banheiro e a fechou em silêncio. Saiu minutos depois com os cabelos molhados, envolto em seu roupão preto. Sentou na cama e olhou para Charlotte, que permanecia adormecida e com a respiração ritmada. Ele acariciou seu rosto com cuidado, fechou os olhos e selou seus lábios nos dela apenas por alguns segundos.

Charlotte sentiu algo cair sobre seus olhos, algo frio e úmido. Ao abrir os olhos sem vontade, viu Carl debruçado sobre ela, beijando-a. Ficou sem reação, com os olhos abertos de

forma exagerada, demonstrando a surpresa que sentia.

— O que... estava fazendo? — ela indagou logo que ele se afastou.

— Está acordada? — murmurou surpreso, mas em seguida sorriu. — Estava apenas dando um beijo de boa noite em minha esposa. Não posso?

— Imaginei que não fosse voltar hoje — ela disse, mudando de assunto.

— Esteve me esperando? — ele perguntou sorrindo. — Que esposa mais gentil eu tenho! — Ao falar isso tocou em seu rosto e comemorou ao vê-la fechar os olhos, por alguns segundos, para senti-lo.

— Não estava lhe esperando, apenas queria deixar algumas coisas claras. — Retirou a mão dele de seu rosto. — Primeiro, por que ficar neste quarto? Gosta tanto assim das lembranças do nosso casamento? — indagou, amargurada.

— Não é que eu goste ou desgoste, apenas são nossas lembranças. Além do mais, foi neste quarto que dormimos juntos pela primeira vez, não foi? Pelo menos de forma consciente.

— Estes dois anos... O que fizeram a você? — ela murmurou ao encará-lo em meio à pouca luz. Charlotte conseguiu ver o sorriso dele e um brilho em seus olhos.

— Fizeram-me perceber muita coisa, incluindo que... Uma esposa deve ficar ao lado de seu marido, mesmo que ele seja um completo idiota e que a tenha perdido por dois anos. Eu estou disposto a tudo para tê-la de volta — falou, aproximando-se dela.

— Um completo idiota? Você é muito mais que isso — disse, séria.

— Como? — ele perguntou, confuso.

— Sabia onde eu estava durante esses dois anos, não sabia? — Ao vê-lo ficar sem graça e em seguida virar o rosto percebeu ser verdade. — Então por que não me procurou, ou ao menos... falou comigo? Por que me fez pensar durante este tempo todo que não se importava comigo? Por que, afinal de contas, resolveu aparecer na minha frente depois de dois anos?

— Charlotte — disse calmo —, há muita coisa que você desconhece. Admito que sabia onde estava, apenas não quis interferir em sua nova vida.

— Nova vida? Chama de vida temer cada pessoa que passe por você com medo de que lhe conheçam? Chama de vida ficar tendo que depender de alguém que mal conhecia na época? Chama de vida não conseguir dormir direito durante um ano ao reviver a morte do meu filho e meu quase estupro? Chama de vida acordar toda noite banhada em lágrimas e assustada sem ter ninguém para me abraçar e dizer que tudo ficaria bem? Chama de vida depender de um homem que assemelha-se a alguém que me abandonou? Chama de vida ansiar por alguém que nem sequer demonstrou preocupação comigo? Chama de vida perceber que a pessoa que tanto amou

não ligava pra você? E, o mais importante: chama de vida ter que sucumbir ao desejo de um príncipe egoísta?

— Charlotte eu...

— Você o quê? Vai se desculpar e dizer que descobriu me amar quando não me teve ao seu lado? — Riu sem vontade, enquanto algumas lágrimas formavam-se em seus olhos. — Carl... Descobri de um jeito muito cruel que nada nessa vida acontece como passe de mágica. Não venha dizer que me ama agora, pois não acreditarei. Passei um ano vivendo ao seu lado e depois dois anos longe de ti e, por incrível que pareça, em nenhuma das épocas demonstrou sentir algo por mim que não fosse desejo. Um puro desejo carnal. Aceitei ficar ao seu lado durante esse tempo para que pudesse viver a minha vida depois. Não sou a mesma Charlotte de antes e muito menos sou a mesma apaixonada, ingênua e boba que derretia-se diante de um sorriso e palavras vazias suas. Peço que não interprete mal quaisquer ações que eu vier a ter, pois serão apenas uma atuação. Serei sua esposa diante dos outros, mas, ao seu lado, quando estivermos a sós, serei uma desconhecida.

— Eu errei — admitiu sério, entristecido com as palavras dela —, mas saiba que estarei ao seu lado a partir de hoje e não deixarei mais nada acontecer com você. Eu lhe prometo isso. O que aconteceu com você? Não lhe reconheço mais — disse pasmo diante de suas duras palavras.

— Eu cresci, príncipe Carl. — Com o dorso da mão limpou algumas lágrimas que caíam. — Cresci ao ponto de me proteger sozinha, eu aprendi a fazer isso. E essas lágrimas são de alívio por finalmente falar tudo a você.

— Charlotte — murmurou ao tentar abraça-la, mas ela o repeliu. — Por que me afasta? Me deixe te consolar e te apoiar a partir de hoje.

— Carl, somos dois desconhecidos quando sozinhos. Espero que entenda isso e, antes que eu me esqueça, não quero servir como elo entre as pessoas que lhe odeiam e você. Se algo estiver acontecendo, quero que me diga para poder me defender. Algo está acontecendo, algo que eu deva saber?

— N... Não — mentiu, sem coragem de admitir a verdade. Ele não queria contar tudo quando ela visivelmente o odiava por tê-la feito sofrer. — *Quem poderia culpa-la por isso? Eu fui o único irresponsável. Pensei apenas em mim mesmo durante esses dois anos, quando poderia ter ido atrás dela, conversado para resolver tudo...*

Charlotte não disse mais nada, apenas virou de costas para ele e deitou-se em silêncio. Lágrimas rolavam livremente pelo seu rosto, enquanto as lembranças povoavam sua mente. Ela não queria lembrar-se de nada, apenas queria poder dormir e acordar no dia seguinte sabendo que tudo aquilo não passava de um sonho. Um terrível sonho.

Carl ficou sem reação. Ele não esperava que ela tivesse sofrido tanto por ele não ter estado ao seu lado.

— Me desculpe — murmurou tristemente ao vê-la de costas para si. Naquele momento ele desejou voltar no tempo e poder fazer tudo diferente. Desejou que sua doce e ingênua Charlotte não houvesse amadurecido pela dor, mas percebeu ser em vão, pois tudo já havia acontecido. Agora, cabia a ele mudar as coisas.

CAPÍTULO 13

Charlotte acordou e, ao virar-se na cama, não encontrou nenhum vestígio de que Carl houvesse dormido com ela se não fosse pela cama desarrumada. Ela suspirou ao colocar o robe e seguir para o banheiro, onde viu seus olhos avermelhados.

— Prometi a mim mesma não chorar mais — sussurrou diante de sua imagem, mas logo a lembrança de Carl apareceu em sua mente. — Por que voltou? Poderia ter me deixado continuar a viver aquela medíocre vida longe de você e de todas essas lembranças — disse, ao sentir algumas lágrimas caírem sobre o seu rosto.

Charlotte não soube por quanto tempo permaneceu parada em frente ao espelho chorando, mas, escutar alguém chamando-a do outro lado da porta fez com que enxugasse as lágrimas, lavasse o rosto e sorrisse, mesmo que fosse uma mentira.

— Layla — falou ao abrir a porta e ver a sua assistente sorrindo. — O que faz aqui?

— O príncipe me pediu para passar a sua agenda.

— E desde quando tenho uma agenda? Imaginei que não houvesse eventos no momento— indagou surpresa, tentando sorrir.

— Bem é como eu havia dito — falou sem graça —, a popularidade do príncipe Carl havia diminuído bastante após a sua ida à Suíça para estudar. Então, precisamos mostrar que estão bem e felizes.

— Iremos mentir e atuar — ela sussurrou, sorrindo sem vontade. — Muito bem — disse fria. — O que tem nessa agenda?

— Nada demais, apenas idas a coquetéis, reuniões beneficentes, jantares com pessoas importantes e o mais importante: uma festa que terá que ser organizada pela senhora.

— Uma festa?

— Sim, onde irão demonstrar a união estável de vocês.

— Tudo bem — disse após suspirar. — Deixe-me apenas tomar um banho, me vestir e logo iremos fazer isso tudo.

— Não se preocupe, as suas roupas estarão chegando logo.

— Minhas roupas? Como assim?

— Como sabe, uma princesa deve se vestir de forma madura, elegante e acima de tudo perfeita. Por isso, todos os dias um grupo seleto de profissionais estarão disponibilizando a roupa que deverá vestir, a maquiagem que usar e todo o resto. Não precisará se preocupar com nada. — Sorriu.

— Certo — murmurou sem vontade ao fechar a porta. — Serei apenas uma boneca nas mãos dele e irão me vestir do jeito que acharão melhor — sussurrou ao retirar a roupa, enquanto ia em direção ao chuveiro. Ela deixou a água morna cair sobre as costas, enquanto fechava os olhos.

Carl sorriu ao ver a nova funcionária misteriosa de sua empresa caminhar pelos corredores segurando duas grandes caixas. Todos olhavam curiosamente, mas ninguém possuía a coragem para chegar até ela e oferecer ajuda devido ao semblante austero que Elizabeth possuía. Ele aproximou-se e parou ao seu lado.

— Precisa de ajuda?

Elizabeth estacou ao escutar a voz sexy e nada parecida com a do seu irmão. Ela não precisava olhar para descobrir que o dono da voz era o mesmo que havia povoado seus sonhos na noite anterior.

— Senhor Willians, não precisa — disse ao tentar segurar as caixas.

— Faço questão — Carl falou ao pegar a caixa de cima e sorrir. — Vai para a sua sala? — Ao vê-la assentir caminhou ao seu lado em silêncio pelos corredores. Ele sabia que muitos comentariam a sua atitude, mas não se importava, pois já possuía Charlotte em sua vida novamente e, para ele, tê-la ao seu lado bastava. — Como está sendo morar aqui? Pelo que li, se mudou há alguns dias.

— Bem... Está sendo interessante — ela disse ao sentir uma mecha cair sobre os olhos, inquietando-a. — Mas e o senhor?

— O que tem?

— Como consegue conciliar a vida de príncipe com a de presidente de uma empresa como esta, que possui tantas filiais?

— Foi difícil no começo, mas tudo na vida é fácil quando se possui organização e, é claro, pessoas de confiança ao seu lado. — Ele se recordou quando foi anunciado como príncipe herdeiro, o modo como a mídia era incessante e descobrira sobre suas empresas. Toda a atenção exagerada o havia deixado com péssimas recordações, e por isso optara por se mudar para Londres, onde teria mais privacidade. Entrou na sala dela, colocou a caixa no chão e sorriu. — Qualquer coisa é só pedir a sua secretaria. — Virou de costas, mas logo voltou-se ao escutar a sua voz. — Disse algo?

— Na verdade, sim — disse timidamente. — Queria saber um bom lugar para jantar aqui. Conhece algum? — Ao ver o olhar intrigado que ele lhe lançou ela sorriu, nervosa. — Não estou lhe chamando para jantar ou algo similar, apenas não conheço nada e queria comemorar hoje à noite.

— Não tem problema — Carl falou calmo. — Costumo ir no Chez Gérard, são muito conhecidos pelos seus bifos de lombo. O ambiente é bom, com boa música, decoração e serviço. Creio que vai gostar.

— Obrigada — disse sorrindo. — Darei uma passada por lá.

Carl assentiu ao sair da sala dela, mas antes de ir embora virou-se e a viu abaixar-se para pegar a caixa que ele havia deixado no chão. A cena era normal, mas o que lhe chamou a atenção foi o jeito trêmulo com que fez e o sorriso em sua face.

— O que há com ela? — sussurrou ao ir embora, mas algo não lhe saía da cabeça sempre que a olhava. — Ela lembra alguém que eu conheço, mas quem? — perguntou-se ao ir para o escritório. — Vou acabar pensando nisso até me lembrar.

— O que estou fazendo? — Elizabeth perguntou-se ao levantar a caixa do chão com as mãos trêmulas. Ela sentia-se observada e talvez por isso estivesse nervosa, mas não conseguia parar de pensar em Carl. — Será que essa loucura é de família? — indagou-se, inquieta com os rumos de seus pensamentos. — Preciso acabar isso o mais rápido possível e entrar de férias.

Klaus sorriu diante de um programa de TV qualquer, enquanto tentava afastar o tédio que sentia. Ele já estava dentro de casa sem sair havia alguns dias e isso o estava matando. Ao trocar de canal, viu uma reportagem que o deixou com o coração mais calmo.

A princesa retornou a Inglaterra ao lado do príncipe herdeiro, Carl Philip Willians III. Há muitos boatos circulando, mas só em vê-los juntos sabemos que é mentira, não é mesmo? E estejam preparados, pois daqui a alguns dias a nova princesa irá organizar seu primeiro baile oficial. Quem serão os ilustres convidados?

— Interessante — Klaus murmurou ao ver a foto de Charlotte com Carl ao seu lado. — Continua linda, Charlotte — ele disse inebriado. — Acho que terei que participar desta festa, senão... Que graça teria? — Levantou-se do sofá e seguiu para o quarto, arrumar-se. Ele estava decidido a se distrair e a sair do apartamento.

Klaus dirigiu pela cidade, onde estacionou carro e começou a caminhar sem destino. Olhar as pessoas caminhando era um passatempo para ele. Estava tão distraído que, ao escutar uma voz familiar, virou-se rapidamente apenas para ter certeza de que não estava imaginando coisas, e deparou-se com o seu peão mais precioso do jogo de xadrez humano que havia formado: Charlotte. Se ela passasse em sua frente, ele jurava que não a reconheceria. Ela estava vestida de forma muito sóbria. O conjunto Chanel branco e preto escondia suas curvas, enquanto o coque em seu cabelo a deixava mais séria. Ele olhou divertido para ela e sussurrou:

— Não sei quem mais a manipula, se sou eu ou eles.

Charlotte não estava se sentindo- bem com a roupa, o penteado e muito menos com a maquiagem. Ela jamais se vestira daquela forma antes. Algo a estava inquietando e ela sabia o que era: ela estava sendo manipulada para agir como eles queriam. Ela e Layla estavam caminhando para um bistrô que havia sido reservado para as mulheres, onde seria realizada uma pequena reunião com apenas quatro mulheres muito seletas a fim de discutir sobre os problemas da fome e forma de ajudá-los.

Querendo resolver problemas sobre a fome pagando milhares de libras por um mísero prato de comida, o qual será desperdiçado, pois irão dizer que estão de dieta. Elas poderiam enviar esse dinheiro para obras de caridade, seria muito mais útil, ela pensou ao caminhar em silêncio pela pista, onde o sinal encontrava-se fechado. Mas ao olhar para o lado viu um par de olhos azuis zombeteiros fitando-a. Charlotte parou no meio do caminho e encarou o homem que lhe sorria.

— Klaus — murmurou perplexa. — O que ele faz aqui?

— Temos que ir, alteza. — Layla falou segurando em seu braço, enquanto a puxava para fora da pista. — O que está fazendo? Temos que ir. — falou aflita ao ver que o sinal havia aberto.

Charlotte não conseguiu mover-se. Ela apenas ficou olhando para ele durante longos segundos até sentir-se puxada. Em questões de instantes, ao virar para Layla, o perdeu de vista e

recriminou-se por isso. Ela começava a imaginar que a chave para entender tudo o que estava acontecendo sobre os boatos seria ele.

CAPÍTULO 14

— A senhora poderia ter sido atropelada — Layla reclinou Charlotte pela sua atitude, enquanto entravam no bistrô.

— Tudo está bem, isso que importa — Charlotte falou tentando disfarçar a voz trêmula. Ela estava agitada não pelo que havia acabado de acontecer, mas por ter visto Klaus na Inglaterra. *Como é possível que ele esteja em todo lugar que eu vou?*, perguntou-se em pensamento ao cumprimentar as três mulheres na mesa. As mulheres olharam com curiosidade para a jovem princesa, a qual permanecia impassível.

— És uma jovem muito bonita — uma senhora de aproximadamente quarenta anos disse, sorrindo. Ela era a esposa de um dos ministros.

Charlotte agradeceu polidamente, enquanto olhava para a vidraça do bistrô à procura de Klaus, mas logo sua atenção voltou-se para as três mulheres à sua frente, as quais discutiam sobre como acabar com a fome no mundo e de modo que beneficiasse o país. A princesa tentou concentrar-se, mas foi em vão. Ela olhava constantemente para o relógio em seu pulso de forma discreta, enquanto rogava aos céus para o tempo passar rapidamente. Após longas horas, Charlotte despediu-se e saiu apressada com Layla atrás de si.

— Ocorreu algo, Alteza? — Layla indagou ao caminhar ao lado de Charlotte.

— Nada, apenas... Tenho que descobrir uma coisa — ela murmurou um tanto confusa. — Carl... Ele está na empresa agora, não é?

— Sim.

— Ótimo — ela disse ao estender a mão a um táxi que passava. — Se ele perguntar por mim... diga que tive que resolver algo — falou ao entrar no carro deixando Layla na calçada com uma expressão de pânico no rosto ao perceber que nenhum dos seguranças se encontrava por perto e que a princesa acabara de sair sem ela.

Charlotte pegou o celular em seu bolso e discou para um número desconhecido. Esperou com a respiração suspensa ser atendida.

— Sou eu.. Sim... Onde está? Preciso falar com você — ela falou. — Certo. Daqui a pouco estarei aí. — Desligou o celular, enquanto dizia ao motorista o endereço. Ela logo se encontraria

com a única pessoa em quem confiava.

— Quando contará a ela? — um jovem indagou ao ver Albert desligar o celular sem expressão no rosto. Eles haviam se conhecido no colégio onde Albert fora colocado e desde então tornaram-se grandes amigos. Vicenzzo possuía ascendência italiana, a qual era perceptível diante de seus olhos verdes e sua pele levemente bronzada.

— Ainda não sei. Na verdade, não tenho provas concretas — Albert falou sério. Ele havia contado tudo que descobrira sobre a família de Carl e sobre Charlotte a Vicenzzo e desde então ele se tornou o seu maior conselheiro.

— Apenas continua aqui para protegê-la, é? Soube que seu pai deseja que visite todos os bancos que possuem.

— Presumo que sim — murmurou ao olhar para o jardim de sua casa. — Mas acho que ela não precisa de proteção, apenas de alguém que abra os seus olhos.

— Ainda a ama? — indagou, segundos depois.

— Não sei se deixei de amá-la durante esses anos ou se apenas me apeguei às lembranças, e a vejo apenas como amiga. Sinceramente não sei, mas tenho certeza de uma coisa: devo protegê-la.

— Um verdadeiro cavalheiro — Vicenzzo falou sorrindo. — É melhor eu sair, afinal não quero atrapalhar quando ela aparecer aqui.

— Como sabe que ela virá? — indagou, surpreso.

— Meu amigo, lhe conheço há alguns anos e nunca o vejo com esse olhar perdido, a menos que esteja falando de seus encontros com ela. Como não estávamos, presumo que ao telefone fosse ela. Estou certo?

— Como sempre — sorriu —, mas não precisa sair. É bom que a conheça.

— É melhor nos conhecermos em outra ocasião — falou levantando-se do sofá. — Depois me ligue, estou curioso do motivo de sua visita. — Piscou para o amigo, enquanto virou as costas. — Juízo os dois, ela é uma mulher casada e você... Bem... não faça nada que eu faria — disse ao abrir a porta e sair.

Albert apenas sorriu diante do comentário de Vicenzzo. Para ele, Vicenzzo era mais do que ele poderia querer em um amigo, ele conseguia ser leal, um porto seguro e um ombro amigo

sempre que precisasse. Ele ficou olhando para o jardim, pensando no que deveria falar a ela se lhe perguntasse algo quando o mordomo entrou na sala avisando-o da chegada de Charlotte. *Não há mais volta*, pensou ao dizer para deixá-la entrar. Em poucos segundos uma mulher séria e com roupa sóbria adentrou a sala, deixando Albert perplexo.

— É você mesma? — indagou, fitando-a curiosamente. — Nunca imaginei que lhe veria vestida de tal forma. — Sorriu.

— Nem eu, mas Albert... Sinto aparecer dessa forma em sua casa, mas algo não sai da minha mente. — Ao vê-lo encarando-a em silêncio, prosseguiu: — O que sabe sobre a família real, algo que apenas poucas pessoas saberiam? — indagou diretamente deixando-o surpreso.

— Não estou entendendo.

— Albert, quem é a pessoa que quer se vingar da família real? Eu o conheço? Quero dizer, está claro que estão escondendo algo de mim, só não consigo saber o que é.

— Não sei. — Sorriu sem graça. — Está suspeitando de alguém, por isso veio me perguntar? Mas não entendo por que eu.

— Estou começando a estranhar uma coisa e a única pessoa em quem eu confio para me dizer algo é você. — Ela o encarou. — Por favor, me diga o que sabe.

— Charlotte — sorriu, aproximando-se dela. — Por que não se senta? — Ao vê-la hesitar, insistiu. — Sente-se. Vamos primeiro nos acalmar, suas mãos estão trêmulas e sua respiração ofegante. Aconteceu algo hoje?

— N... Não... Quer dizer, sim, mas... Isso é loucura — murmurou ao sentar-se no sofá olhando-o. — Não sei mais o que pensar. Acho que estou começando a ver coisas que não são reais.

— O que houve? — perguntou, sentando-se ao seu lado, enquanto segurava sua mão.

— Será que... É possível que eu esteja alucinando ou que... Ele realmente esteja aqui?

— Ele?

— Sim, o homem que me ajudou a fugir anos atrás.

— Achou que o viu, é isso? — Ao vê-la assentir, suspirou. — Bem... Londres é um lindo lugar e como você está constantemente nos jornais é possível que ele esteja aqui sim. Talvez... Ele queira apenas saber se está bem.

— É tudo estranho, quero dizer, parece que há alguém aí fora querendo fazer algo contra mim e ninguém parece se importar.

— Não diria se importar, mas apenas não querem lhe dizer. — Sorriu. — Fique calma. Eu

estou aqui, do seu lado.

— Albert promete me contar a verdade? Não quero continuar sem saber a verdade. — Charlotte viu a expressão de culpa em seu amigo, suspirou. — Promete não ir mais embora?

— Claro que prometo — falou ao puxá-la para si, abraçando-a.

Charlotte surpreendeu-se pelo gesto dele, mas apenas fechou os olhos enquanto inebriava-se com seu aroma, tão similar há anos atrás. Se seus olhos continuassem fechados, Charlotte poderia jurar que ele não havia mudado e muito menos ela. Ela poderia imaginá-los como anos atrás dentro do depósito. Naquele momento, os anos para os dois não haviam passado, apenas encontravam-se perdidos em memórias.

Carl olhou sem expressão para Layla, enquanto apertava sua mão com força a fim de controlar-se para não cometer nenhum desatino. Ele ainda não conseguia acreditar em sua incapacidade de ficar ao lado de alguém.

— Até agora não entendi por que veio atrás de mim — disse frio. — Sabe muito bem que pode perder o seu emprego, pois uma de minhas exigências foi nunca sair do lado dela, estou certo?

— Sim, senhor — ela murmurou sem graça, com a cabeça baixa. Após Charlotte deixá-la no meio da rua, Layla não conseguiu pensar em mais nada que não fosse ir atrás do príncipe e relatar o que havia acontecido. Ela foi até a sua empresa e, desde o momento em que entrara contando o ocorrido, recebeu em troca um olhar gélido e cruel. — Eu... Não sabia o que fazer. Me perdoe.

— Não sabia? Sabe que em ocasiões como essa pode falar com o chefe de segurança. — Suspirou. — Nunca trabalhou com isso e nem prestou atenção em suas instruções? Pelo Amor de Deus, seja eficiente. Não estou aqui para encobrir seus erros — falou, gélido. — Espero que esta seja a última vez que acontecesse algo assim, estamos claros?

— Sim senhor — disse com voz fraca.

— Pode sair. Volte ao palácio e espere pela volta da princesa. — Ao vê-la fazer uma reverência e sair, Carl suspirou pesadamente. — Será que eu não deveria apenas deixá-la livre? Desta forma ela pode ser feliz. Não vou conseguir nada desse jeito. Ela não voltará a me amar se as coisas continuarem assim — conclui, pesaroso.

CAPÍTULO 15

Charlotte saiu da casa de Albert sem respostas, mas muitas perguntas povoavam a sua mente. A cada minuto ela entendia menos do que estava acontecendo ao seu redor. Sua única vontade era poder fugir, mas ela sabia que Carl a encontraria novamente. Ela suspirou ao entrar no carro de Albert e sorriu levemente para ele. Albert havia insistido para levá-la para casa, mas em seu íntimo Charlotte sabia que no momento em que Carl a visse saindo do carro de Albert as coisas não ficariam bem. O caminho foi feito em silêncio e em poucos minutos ele estacionou em frente aos enormes portões do palácio.

— Está entregue — falou, sorrindo.

— Obrigada por me trazer e me desculpe por tudo isso — Charlotte disse.

— Não precisa se desculpar, afinal nos conhecemos há muito tempo e antes disso tudo começar. Pode-se dizer que somos amigos — falou bem-humorado. — Não precisa se preocupar. Sempre que precisar de ajuda, basta me ligar, não importa onde eu esteja ou o que eu esteja fazendo, eu irei até você.

— Nem sei o que dizer — murmurou, hipnotizada pelo olhar que ele lhe lançava.

— Não precisa falar nada. — Sorriu aproximando o rosto do dela. Depositou um pequeno beijo em sua testa e afastou-se. — Vou procurar saber sobre a família de seu marido, e quando encontrar algo lhe aviso. — Ao vê-la assentir sorriu. — Depois nos vemos. — Acenou ao vê-la sair do carro e caminhar em direção ao palácio. — Isso está ficando cada vez pior e mais perigoso — Albert falou ao ligar o carro. — Não vai acabar nada bem — comentou ao ir embora.

Todos no palácio olharam com curiosidade ao ver a princesa entrando de forma tão calma. Assim que ela caminhou em direção aos quartos, murmúrios começaram a serem escutados. Charlotte estranhou, mas deu de ombros. Ao abrir a porta do quarto, a primeira coisa que viu foi um homem de costas para a porta, observando o jardim pela janela do quarto.

— Carl?

— Onde esteve? — indagou friamente, sem virar-se.

— Estava com Layla, não sabia? — disse, trêmula.

— Layla... — Virou-se e a encarou. — Engraçado, pois ela veio a mim e informou que você havia fugido. Aonde foi e por que chegou naquele carro? O homem no volante, eu o conheço? — Ao ver o semblante perplexo dela sorriu friamente. — Presumo que sim.

— Não fiz nada de errado.

— Será? — Aproximou-se dela, enquanto agarrava seu braço. — Aonde foi? — gritou, com fúria exalando pelos poros. — Estou cansado dessa brincadeira. Vamos estipular algumas regras.

— Regras? Eu vim para cá obrigada e ainda quer exigir algo de mim? — indagou, pasma. — Que tipo de homem você se transformou nesses dois anos?

— O tipo que faz de tudo para conseguir o que quer. — Puxou-a para si. — E nesse momento o que eu quero, é você. O seu amor, Charlotte.

— Meu amor — repetiu, sorrindo irônica. — Espero que esteja falando sobre o meu corpo, já que o meu coração não terá facilmente.

— Corpo? Charlotte — disse suavemente —, não sou Klaus ou o tonto do Albert que se contenta com tão pouco. O que quero... é algo que já tive, mas que irei recuperar. — Soltou-a e afastou-se. — Mas enquanto não tenho, vamos discutir algumas coisas. — Encarou-a friamente. — Não quero que fuja novamente. Layla foi contratada para ficar ao seu lado 24 horas por dia e espero que assim seja feito.

— Isso é ridículo.

— Ainda não escutou tudo. Não irá se encontrar mais com Albert, Klaus ou com qualquer outro homem sem a minha permissão, e muito menos sairá livremente por aí. Estamos entendidos?

—Não — ela o enfrentou. — Não vou deixar de falar com pessoas que me ajudaram e perder a minha liberdade por sua possessividade ridícula.

— Se não me obedecer creio que nunca se verá livre de mim.

— Está me ameaçando? Eu posso fugir. Isso tudo não tem sentido — disse aproximando-se dele. — por que insiste em me prender aqui e nisso tudo? Não pode me deixar em paz?

— Charlotte... — olhou-a sério. — Eu já lhe disse uma vez. Os príncipes não costumam deixar suas coisas por aí. Você é minha e se fugir... Eu a encontrarei mais uma vez.

— Então, sou apenas um troféu idiota — murmurou rindo por dentro. — Está fazendo isso tudo apenas para marcar um maldito território? — indagou furiosa, encarando-o.

— Marcar território? Não. Posso ter tendências primitivas, mas não chego a tanto.

— Não chega? Você é o homem mais louco e primitivo que já conheci em minha vida. Apenas me deixe livre de tudo isso. É pedir muito?

— Você será feliz — disse, sério. — Ao meu lado. Passamos muito tempo separados para lhe deixar ir para longe de mim.

— Ao seu lado? Toda vez que ficamos juntos apenas recebo tristeza, infelicidade, amargura e dor em troca.

Carl a olhou cuidadosamente, enquanto aproximava os seus corpos. Segurou em seu braço e olhou em seus olhos.

— Eu prometo nunca mais lhe fazer sofrer. Tem a minha palavra. Aprendi da pior forma que não posso ficar longe de você, mas você... Ainda me ama? — ele indagou, esperançoso.

— Te amar? Não, Carl. Deixei todos os sentimentos por você em Paris, há dois anos.

— Engraçado. Toda vez que lhe escuto negar tenho a certeza de que está mentindo, não apenas para mim como para si mesma.

— Não será você que está apenas se enganando?

— Não se preocupe, irei fazer com que seja sincera consigo mesma. — Ao dizer isso a puxou para mais perto de si, deixando seus corpos grudados. A respiração de Charlotte podia ser sentida por Carl, igualmente como os seus batimentos cardíacos. Ele abaixou um pouco a cabeça, enquanto aproximava os lábios dos dela. Charlotte já sabia o que ele pretendia, mas não conseguiu pensar em nada que não fosse fechar os olhos e corresponder aos seus beijos. Carl passou os braços pela cintura dela, a erguendo um pouco do chão, começou a caminhar em direção à enorme cama, no centro do quarto.

Charlotte não percebeu para onde ele a estava levando até ser colocada sobre a cama.

— O... O que está fazendo? — murmurou, ofegante pelos beijos trocados.

— O que acha? — indagou, com um sorriso malicioso, ao deitar-se sobre ela. — Vamos aproveitar um pouco.

Charlotte engoliu em seco ao vê-lo sorrir de forma tão maliciosa. Ela não conseguia enxergar o homem com quem havia se casado. Ao mesmo tempo que ele continuava o mesmo, havia mudado. Ela fechou os olhos ao sentir as mãos dele percorrem seu corpo, e gemeu de forma inconsciente quando ele mordiscou o lóbulo de sua orelha. *Não posso me entregar tão fácil*, ela pensou ao sentir os lábios dele sobre os dela. *Não importa. Estive pensando nele durante anos*, pensou ao retribuir o beijo com ardor. *Vou sentir o seu amor, sem pensar em nada*. Charlotte entregou-se por completo às carícias, aos beijos e sussurros de Carl. Ela não quis pensar em nada que não fosse nas mãos dele percorrendo seu corpo ou seus beijos voluptuosos, em sua língua que invadia a dela de forma tão abusiva e expansiva. Uma atmosfera de atração e desejo podia ser sentida dentro do quarto.

O casal já se encontrava sem roupas, mas não se importavam com nada. Apenas queriam aplacar seus desejos mais profundos com aquele ato. Enquanto um queria apenas sentir o outro

mais uma vez, o outro apenas queria demonstrar o seu amor através de um ato carnal.

Charlotte não quis pensar em nada, mas ao sentir Carl dentro de si uma lembrança surgiu em sua mente fazendo-a derramar algumas lágrimas em silêncio. Carl não disse nada, apenas parou e olhou-a calmamente. Sorriu levemente, enquanto depositava um beijo em sua testa. Ele já sabia que ela havia pensando em seu filho, assim como ele. Ele a envolveu com seus braços tornando-os um, fisicamente e emocionalmente, em meio a tristes lembranças.

— Como foi o primeiro dia? — Klaus indagou ao ver Betty suspirar ao olhar para a comida à sua frente. Eles estavam jantando na casa onde ela estava, mas ele percebeu que algo estava errado.

— Foi tranquilo.

— E Carl, você o viu?

— Sim, na verdade ele me ajudou com algumas caixas — falou, tentando aparentar indiferença.

— Carl sendo cavalheiro? Isso é algo raro de se escutar. — Sorriu, divertido. — Pelo menos está conseguindo aproximar-se dele. Isso é muito bom.

— Até onde pretende ir? — ela indagou, surpreendendo-o. — Até onde pretende levar essa vingança? Não já envolveu pessoas demais?

— Não me diga que seu coração já foi fisdado? — falou, olhando-a cuidadosamente. — Se estiver começando a sentir algo por ele, é bom me falar. Não quero lhe machucar. Sabe disso e por te amar não quero vê-la triste ou magoada.

— Não acha que é tarde demais pra isso?

— Como?

— Klaus, eu te amo. Sei que não é mau e quero acreditar muito nisso. Então, por que não esquece essa vingança?

— Vingança. Essa palavra tem um som tão... Proibido, amargo, perigoso e prazeroso, já percebeu? — Sorriu. — Mas, outras palavras conseguem extrair o mesmo tipo de som, como atração, desejo. Tudo em seu mais ínfimo contexto é proibido e perigoso, mas nos apegamos a esses sentimentos para viver dia após dia.

— O que quer dizer? — indagou, confusa.

— Talvez o meu sentimento por vingança não seja mais tão forte — murmurou sorrindo ao ver o semblante de sua irmã modificar-se. — Sim, talvez o que esteja imaginando agora é verdade.

— Isso... Isso não é certo.

— E o que é certo nesta vida? Tudo está deturpado nesta sociedade, minha irmã, e apenas isso não vai mudar muita coisa.

— Não pode estar falando sério. Não pode estar apaixonado...

— Apaixonado? — Sorriu. — Não. Estou apenas... Desejando-a por dois anos. Não acho que seja um pecado querer tê-la depois de tanto ajudá-la. O que você acha?

— Isso tudo... Está sendo por ela?

— Se eu disse que sim estaria mentindo, mas se eu negar também mentiria. Uma coisa está complementando a outra. Na hora certa ela virá até mim e ficará ao meu lado por livre e espontânea vontade — disse, misterioso.

— O que pretende, afinal? Isso não se resume a destruir o rei.

— Não. — Sorriu. — Isso se resume aos meus desejos mais profundos: destruição e posse.

Elizabeth ficou olhando para o irmão sem acreditar que aquelas duras palavras estavam saindo dos lábios dele, que havia sofrido com a morte de sua mãe e chorado junto com ela quando passaram por tristeza e sofrimento.

O que aconteceu contigo? Onde foi que eu perdi o meu irmão?, ela se questionava ao encará-lo.

CAPÍTULO 16

Charlotte suspirou profundamente, enquanto recriminava-se pelo que havia feito. Ela estava deitada ao lado de Carl. Ele encontrava-se dormindo, mas ela apenas não conseguia parar de pensar no que havia feito. Ela retirou a mão dele, que circundava a sua cintura com cuidado, pegou a primeira peça de roupa que encontrou, a camisa dele, a vestiu e foi até o banheiro onde se trancou.

— Até quando irei sucumbir a ele? — ela se perguntou ao olhar para o seu reflexo no espelho. Meneou a cabeça, enquanto retirava a camisa e ia em direção ao chuveiro. O que ela mais desejava aquele momento era poder limpar-se do cheiro dele, das lembranças e principalmente do desejo que sentia por ele.

Carl acordou e estranhou ao não ver Charlotte ao seu lado. Sentou-se na cama e sorriu ao

escutar o barulho do chuveiro. Ele a esperou sair, mas quando a viu com os cabelos molhados, envolta em seu roupão, e seu olhar arrependido e frio, soube que algo não havia acabado bem.

— O que houve? — ele perguntou ao encará-la. — Está muito séria.

— Carl, o que houve aqui... Não irá se repetir — ela disse olhando-o. — Espero que entenda o que quero dizer.

— Está arrependida, é isso? — indagou, após olhar para os seus olhos.

— Sim. Não quero continuar de onde paramos no passado. Quero olhar para a frente e viver com alguém que me ame tanto quanto eu o ame. Não quero mais viver um amor unilateral. Eu quero que nossos dias sejam regados a felicidades e não a tristeza e medo.

— Isso é ridículo, sabe disso, não é? — Ao vê-la continuar com a mesma expressão em seu rosto, prosseguiu: — Não há como viver apenas momentos bons e felizes ao lado de alguém. Pensar que sim é infantil.

— Eu sei, mas desde que lhe conheci só recebi em troca do meu amor por você tristeza, insegurança, temor. Não me lembro de nada bom. Não quero continuar com isso. Fui fraca, tanto que este erro não irá se repetir. Daqui a um ano serei uma pessoa livre, espero que mantenha a sua palavra.

— É isso mesmo o que quer? Quer ficar longe de mim? Me esquecer de vez?

— Sim. É isso o que quero — disse, insegura.

— Muito bem, daqui a um ano estará livre de mim — disse frio ao levantar-se da cama, exibindo seu corpo sem nenhuma imperfeição aparente. Quando estava próximo ao banheiro, voltou-se e a viu parada no mesmo lugar olhando para o nada. — Charlotte, sei que começamos errado e não espero e nem quero que esqueça o passado, mas imaginei que gostaria de tentar novamente. Eu mudei e você também, talvez não pela forma mais correta ou desejada, mas foi assim que evoluímos. Sei que no momento não consegue pensar em nada, mas saiba que... Eu te amo e desta vez eu prometo lhe fazer feliz. Nem que seja por apenas um ano, eu lhe farei feliz. — Ao dizer isso abriu a porta do banheiro, e trancou-se lá em seguida.

— Por que tinha que dizer essas coisas logo agora? Esperei muito tempo para escutar que me amava — ela murmurou ao sentir algumas lágrimas escaparem de seus olhos. Dessa forma só posso me sentir culpada por querer afastá-lo de mim. Mesmo não querendo, você me machuca — sentou-se na cama, enquanto ficou pensando no que faria.

Todos na empresa W Sonic encontravam-se assustados com o mau humor em que o presidente se encontrava. Ninguém atrevia-se a olhar para ele diretamente ou lhe pronunciar uma palavra, apenas se fosse estritamente necessário. Pelos corredores muitos comentários eram iniciados, ninguém sabia ao certo o que havia acontecido, mas todos imaginavam que a razão para aquilo tudo era apenas uma: Charlotte, sua esposa. Ela já era conhecida como a fraqueza do temível príncipe.

Carl encontrava-se em sua sala revisando alguns papéis quando escutou uma batida na porta. Olhou de soslaio para a porta, enquanto resmungou um “entre” frio.

Elizabeth levou um sorriso à face ao saber que iria encontrar-se com Carl a fim de discutir os novos designs e em poucos minutos encontrava-se em frente à porta de sua sala. Ao escutar sua voz gélida, ela estremeceu. Abriu a porta cuidadosamente e, ao entrar, sentiu seu coração bater um pouco mais forte ao vê-lo sem o paletó e os cabelos desgrehados.

— Vim falar sobre os designs — ela disse, hipnotizada por ele.

— Senhorita Grant — Carl falou ao olhar para ela, avaliando-a minuciosamente. Elizabeth vestia um vestido em estilo sóbrio com um decote simples. — Sente-se então. — Indicou a cadeira à sua frente. Ao vê-la caminhar em sua direção fixou em seu rosto, sentindo que a conhecia. — *Por que não consigo me lembrar de onde?*, perguntava-se em pensamento, frustrado. — Já está adaptada ao trabalho, pelo visto.

— Sim, na verdade projetar os designs foi mais fácil do que tinha imaginado — comentou ao retirar alguns esboços de sua pasta e entregar a ele, sorrindo diante de sua expressão confusa. — Não gosto de mostrar os esboços no computador. Gosto que o cliente tenha um contato, um tanto quanto, direto.

— Entendo — murmurou ao ver com cuidado os desenhos em sua mão. Olhou um a um com o máximo de cuidado e surpreendeu-se com o resultado final. Tem certeza de que é a primeira vez que trabalha com isso? — indagou, surpreso, ao olhar para ela.

— Sim. — Sorriu, tímida. — Gostou? Eu desenhei esses novos modelos, espero que esteja de seu agrado.

— Eu adorei — disse sincero devolvendo-os a ela. — Faça no programa e dê início a ele. Está autorizado. — Sorriu. — Na verdade, fiquei feliz por saber que escolhi a pessoa correta.

Elizabeth sorriu, arrumou suas coisas, mas quando estava se levantando da cadeira o escutou.

— Gostou do restaurante?

— Não pude ir ainda, mas irei.

— Isso é bom.

Elizabeth abriu a boca para dizer algo, mas desistiu ao vê-lo olhar para ela de forma curiosa. Ela se despediu, saindo rapidamente da sala. Ao mesmo tempo em que Elizabeth sentia uma alegria inexplicável também sentia uma tristeza dentro de si, pois no final de tudo ela não passava de uma mentira. *Tenho que parar com isso. Sou apenas uma distração. Um jogo. Esqueça isso. Não se machuque*, pensou angustiada ao sentar atrás de sua mesa, enquanto repetia as palavras incansáveis vezes em sua mente como um mantra.

— Senhorita Grant? — Uma voz feminina a chamou, tirando-a de seus devaneios.

— Oh, precisa de algo? — Elizabeth perguntou solícita ao ver a mulher de cabelos ruivos com um sorriso gentil parada em sua frente.

— Na verdade, vim saber se está disponível hoje após o expediente. Queríamos festejar a sua contratação.

— Hoje? Sim estou — disse por fim.

— Ótimo. Nos encontramos no hall da empresa às sete da noite — disse antes de sair, deixando uma mulher pensativa para trás.

Layla olhou para a princesa sentada em frente às mulheres da alta sociedade e sentiu pena dela, pois ela demonstrava estar morta. Não emitia nenhum som, não possuía um olhar vivo, apenas estava sentada como se nada daquilo lhe importasse.

— O que aconteceu com ela? — Layla se perguntou ao vê-la assentir para algo que as mulheres falaram.

Charlotte não conseguia expressar nenhum sentimento. Desde o momento em que Carl havia saído do banheiro e ido para o trabalho sem pronunciar uma única palavra, ela sentiu que havia perdido quaisquer chances com ele, mas ao mesmo tempo em que sentia uma tristeza profunda, um alívio invadia seu coração. Ela não conseguia entender como sentimentos tão contraditórios habitavam o seu ser naquele momento.

CAPÍTULO 17

Um dos bares mais animados de Londres encontrava-se repleto dos funcionários da empresa W

Sonic e dentre eles uma, em especial, estava sentada no bar tomando mais um dos drinks coloridos. Elizabeth viu naquele momento um modo de apaziguar os seus sentimentos e emoções dos últimos dias. Ela sabia que não poderia cometer nenhum erro ou Klaus ficaria decepcionado com ela.

— Apenas porque é meu irmão... Apenas por isso que aceitei — ela murmurou ao levar o copo aos lábios.

— A homenageada bebendo solitária no bar é meio deprimente, não acha? — Carl indagou ao lado de Elizabeth. Ele não sabia por que havia ido para lá, mas simplesmente se viu dirigindo até o local em que sua secretaria havia lhe avisado. Carl desejava esquecer as palavras que escutara de Charlotte. A primeira pessoa que ele avistou, foi à única que não saia de sua cabeça, pois tentava entender de onde a conhecia. Carl não conseguia parar de pensar nela, pois tinha a certeza que a conhecia ou que ela lhe lembrava alguém, apenas não conseguia lembrar-se e isso o estava torturando.

— Senhor Willians — disse surpresa encarando-o. — Ou estou imaginando?

— Sou eu mesmo — falou sorrindo levemente.

— O que faz aqui? — ela perguntou com a voz pastosa. — Não sabia que o presidente vinha a essas comemorações.

— Apenas vou onde eu quero ir — falou sentando-se ao lado dela. Pediu um copo de uísque e sorriu ao ver o seu drink ser servido. — Você me pareceu deprimida quando cheguei.

— Não gosto muito de festas.

— Entendo.

— Eu prefiro me manter no anonimato — confidenciou. — Observar o que passa ao seu redor é melhor do que viver as coisas.

— Não imaginei que era desse tipo — disse sorrindo.

— Tipo?

— Do tipo deprimida e insegura. — Sorriu. — Imaginei que fosse mais valente ainda mais vivendo em lugares diferentes. Pelo que vi, viajou bastante.

— Um pouco — falou indiferente.

—E está triste esta noite? — indagou, olhando para o copo cheio à sua frente.

— Apenas... Decepcionada — murmurou ao olhar para o perfil dele. — Escolheria a família ou fazer o que é certo? Você sacrificaria a sua família, a sua única família, para fazer o que é considerado certo? — perguntou minutos depois ainda olhando-o.

— E o que é certo, afinal? — ele disse, olhando para o nada. — Já passei por algumas coisas e percebi que nada é certo ou errado, apenas temos que distinguir o que é bom ou não para nós mesmos. Às vezes, o que pode parecer errado é certo, e o certo é errado. — *Como me casar com Charlotte. Fui um tolo ao imaginar que tudo aquilo foi um erro*, pensou ao beber um gole de seu uísque. — Mas por que a pergunta?

— Curiosidade — disse, ficando em silêncio em seguida.

A noite transcorreu agitada para os funcionários da empresa. Ninguém estranhou o príncipe participar, pois Carl sempre ia a comemorações como aquela, entretanto tentavam ignorar a atenção que ele estava dando à nova funcionária. No final da noite todos já haviam ido embora, enquanto Carl permanecia envolto em seus pensamentos. Ao olhar para o relógio em seu pulso, assustou-se com o horário. Ele levantou-se, mas ao olhar para o lado surpreendeu-se ao ver Elizabeth adormecida, com a cabeça apoiada no balcão do bar. Carl olhou em volta e ao perceber que nenhum funcionário se encontrava no bar suspirou.

— Era o que me faltava — murmurou ao ir até onde Elizabeth estava. Sacudiu-a durante alguns instantes e percebeu, frustrado, que ela não iria acordar. Ele olhou para o barman e, ao ver o olhar divertido que ele lançava para Elizabeth, não pensou duas vezes antes de tomá-la em seus braços e sair do bar carregando-a.

Charlotte remexeu-se na cama mais uma vez ao olhar para o relógio. Ela já estava ficando preocupada com Carl quando escutou o barulho da maçaneta sendo girada. Fechou os olhos rapidamente, virando-se quando ele abriu a porta. Seus olhos continuaram fechados, mas ela escutava tudo o que passava ao seu redor e não demorou para sentir o corpo dele próximo ao seu, quando ele se deitou. O silêncio impregnava o quarto como uma nuvem negra misteriosa e mortal. Charlotte sentia imensa vontade de perguntar onde ele estava ainda mais depois de sentir o cheiro de uísque vindo dele, mas faltava-lhe coragem. Aos poucos ela foi se virando e deparou-se com ele olhando-a, cuidadosamente.

— Estava me esperando? — Carl perguntou sorrindo discretamente.

— Não — disse ríspida, virando-se. Após alguns minutos em silêncio resolveu tomar um pouco de coragem. — Onde... estava?

— Em um bar com os funcionários — falou tranquilo. — Foi a comemoração pela contratação de uma designer.

— Entendo — ela murmurou sem vontade. Ela fechou os olhos, mas no segundo seguinte sentiu dois braços em volta de seu corpo, puxando-a. — O... que...

— Não diga nada — Carl murmurou próximo ao seu ouvido. — Vamos apenas dormir. Senti sua falta hoje.

Charlotte não conseguiu ter forças para negar, apenas virou-se para ele, surpreendendo-o, e aconchegou-se ao seu corpo. Ela fechou os olhos, enquanto inspirava o seu aroma tão característico, mas percebeu haver algo estranho.

Ele está... Com outro cheiro... Um perfume feminino, pensou. Ela ficou inquieta durante toda a noite até o sono vencê-la. Várias hipóteses passavam pela sua cabeça, e todas se resumiam há uma única coisa: traição.

Elizabeth acordou tonta e sentindo um pouco de enjoo. Ao abrir os olhos assustou-se, pois não sabia onde estava. Demorou alguns minutos até perceber que se encontrava em um quarto de hotel. Saiu da cama rapidamente, procurou por todo o quarto e ao não ver ninguém, estranhou. Resmungou algo ao ver as horas no relógio em cima da penteadeira e suspirou ao pegar sua bolsa, que estava em cima da cama. Assim que ela passou pelo saguão viu os olhares curiosos dos funcionários, mas deu de ombros.

— Gostaria de fechar a conta do quarto... — Elizabeth disse ainda aturdida.

— Não precisa — a recepcionista interrompeu-a, sorrindo. — O príncipe já deixou tudo pago.

— Príncipe? — repetiu um tanto confusa, mas logo lembrou-se das perguntas que havia feito a ele e do que haviam conversado. — Droga! — murmurou ao sair apressada do hotel, ao chamar um táxi deu-se conta de algo. — Por que ele me trouxe para cá? Por que me ajudou? — perguntou-se a caminho de casa.

Assim que ela entrou em sua casa, deixou a bolsa em cima do sofá, enquanto foi em direção ao banheiro. Ela já estava abrindo a porta quando escutou a voz de seu irmão preencher o ambiente.

— Espero que tenha passado a noite fora acompanhada pelo príncipe — falou divertido ao ver o rosto dela levemente corado e com marcas da maquiagem. Ele sabia que quando Betty bebia tendia a falar mais do que o necessário e seu rosto sempre ficava avermelhado. — Você bebeu, não foi?

— Bebi sim — respondeu ao suspirar. — Não posso?

— Não precisa ser agressiva — sorriu aproximando-se dela —, mas por que chegou tão tarde? Dormiu no bar? — perguntou bem-humorado.

— Quase isso, na verdade.

— Como?

— Eu acho que adormeci no bar, mas por algum motivo Carl me levou para um hotel.

— Ele te ajudou? — gargalhou, triunfante. — Nunca imaginei que seria tão fácil assim. Ele está me saindo um perfeito idiota.

— Klaus o que quer, afinal? Qual o seu intuito ao nos aproximar? — perguntou, ainda sentindo o efeito do álcool em seu organismo.

— O que mais seria? — Segurou em seu rosto, enquanto com a outra mão retirava uma mecha que caiu sobre seu olho. — Quero que você seja o ponto de intriga entre o casal. Quero que Carl fique confuso. Quero que ele não dê atenção a Charlotte, mas isso seria pedir demais — falou pensativo, mas em seguida sorriu para Betty. — Mas a única coisa que tenho certeza que dará certo é com Charlotte. Você irá deixá-la insegura, inquieta e principalmente desconfiada dele.

— Seu plano... Ou melhor, a minha presença nisso é apenas para deixá-la com ciúmes?

— É claro. Ela ainda continua uma garota solitária no fundo e irei usar isso ao meu favor. Ela virá atrás de mim, serei como um ombro amigo. E depois...

— Depois? — repetiu com medo do que viria a seguir.

— Eu irei tê-la para mim e mais ninguém — vociferou —, nem mesmo o príncipe ou o rei irá tirá-la da minha posse.

— Você está louco... — murmurou alarmada.

— Estou? Quem sabe, mas e você, minha cara irmã, irá me ajudar? — perguntou olhando-a seriamente. — Irá ajudar o seu irmão, que sempre esteve ao seu lado e lhe ajudou quando precisou ou irá me virar as costas como fizeram com a nossa mãe anos atrás?

— Klaus... Isso é loucura — disse ao tentar afastar as mãos dele de seu rosto, mas ele segurou fortemente. — Está me machucando... — falou com dificuldade.

— Não mais do que você machucaria o meu coração se me negar isso. Irá me ajudar... Ou não?

Elizabeth olhou e pela primeira vez teve medo do que viu no olhar de seu irmão. Ela não tinha medo pela sua vida, mas sim pela alma dele. Naquele momento, ela percebeu que ele havia

perdido a alma muito tempo atrás.

— Sim... — disse trêmula — eu lhe ajudarei.

Klaus soltou seu rosto, e a abraçou comovido.

— Vamos fazer com que eles paguem, não se preocupe — murmurou próximo ao seu ouvido. — O nosso pai estaria orgulhoso agora.

E quem fará com que paguemos pelos nossos pecados?, ela se perguntou em pensamento ao abraçá-lo.

CAPÍTULO 18

Carl abriu os olhos atordoado pelo barulho do despertador, mas ao olhar para a cama e não vendo Charlotte, estranhou. Levantou-se e não demorou para encontrá-la. Ela estava já varanda apreciando a vista do jardim no mais absoluto silêncio e reflexão. Ele ficou tentado sobre ir até ela, mas optou por virar as costas e dirigir-se para o banheiro.

Charlotte não conseguia controlar as batidas em seu coração, pois desde o momento em que havia sentido o perfume nele percebeu que não aguentaria nenhuma dor vinda dele, nenhuma outra mágoa. Ela estava decidida a conversar com ele e para isso o esperou sair do banheiro ao perceber que já tinha acordado. Charlotte sentou-se em uma poltrona, enquanto esperava por Carl, que não tardou de sair do banheiro com os cabelos levemente umedecidos e vestindo um paletó preto, gravata roxa e uma calça social igualmente preta.

— Carl — Charlotte disse chamando sua atenção. Ele voltou-se para ela e a encarou com um leve sorriso na face — Você seria sincero se eu lhe fizer uma pergunta? — Ao vê-lo assentir confuso, continuou: — Ontem à noite... Onde estava exatamente?

— Já disse. No bar com os meus funcionários — respirou fundo e a encarou com um sorriso divertido nos lábios. — Está achando que eu lhe trai? — Ao vê-la desviar o olhar, o sorriso sumiu de sua face. — Acha mesmo que eu chegaria a esse ponto, Charlotte? Ainda mais depois de tudo que passamos? Acha realmente que eu colocaria tudo a perder quando desejo reconquistá-la?

— Não sei, apenas...

— Charlotte — olhou para o relógio em seu pulso — estou atrasado, mas saiba de uma coisa: eu posso ser egoísta, arrogante, mas acima de tudo sou fiel aos meus princípios. Eu a amo, e nada me faria colocar isso a perder, E se não acredita ou confia em mim, é melhor me dizer de

uma vez. Não quero ter que suportar seus olhares desconfiados apenas por bobagem.

— Eu... Não estou dizendo apenas... — Levantou-se e sem jeito aproximou-se dele. — Seu cheiro estava diferente ontem à noite.

— Cheiro? — repetiu ao assimilar o que ela falava. — Está dizendo que desconfiou de mim apenas pelo meu cheiro? — Riu sem vontade e a olhou. — Está bem. Pense o que quiser, princesa. — falou frio a última palavra. — Estou indo trabalhar, mas se quiser tirar a história a limpo basta ir a esse hotel. — Retirou um cartão de visita do bolso jogando-o no chão. — Faça o que achar melhor, mas saiba que se for... estará afirmando que não confia em mim e dessa forma saberei que não sente mais nada por mim. — Virou de costas para ela e saiu do quarto batendo a porta com força.

Charlotte permaneceu parada onde estava. Sentiu-se ridícula pela pergunta que havia feito a Carl, mas necessitava saber o que ele diria. Suspirou ao olhar para o papel caído no chão, abaixou-se e ao pegar surpreendeu-se ao ver o nome de um hotel estampado.

— O que ele quer com isso? — perguntou-se ao segurar com força o papel em sua mão. — Devo ir ou não? — *Se eu for... Significa que eu não quero mais nada com ele. Significa que terei me livrado de todos os sentimentos que tive por ele*, pensou ao levantar-se e ir em direção ao banheiro.

Carl chegou com o semblante fechado à empresa e assim que bateu a porta de sua sala com força murmúrios começaram a ser formados, todos direcionados a Elizabeth. Começava-se a dizer que o casal real estava brigando por causa de Elizabeth e que um triângulo amoroso estava se formando.

— Senhor Willians — Brandy, a secretária de Carl, adentrou a sala após bater na porta —, a senhorita Grant deseja falar com o senhor. Posso mandá-la entrar?

— Pode, mas porque não me telefonou? — indagou curioso.

— Bem... — suspirou ao fechar a porta atrás de si e dizer em tom de confidência: — Estão comentando que vocês estão tendo algum tipo de caso.

— Isso é ridículo.

— Eu sei.

— Depois resolvo isso, enquanto isso mande-a entrar — falou sério. A secretária dele saiu

fazendo uma leve reverência, ao mesmo tempo em que demonstrava contrariedade ao permitir que Elizabeth entrasse na sala dele. — Bom dia senhorita Grant — tornou educadamente ao ver a jovem entrar em sua sala com a face levemente avermelhada. — Ocorreu algo com o projeto?

— Não, senhor — disse sorrindo levemente. — Na verdade... Bem... Vim agradecer pela outra noite.

— Senhorita Grant...

— Obrigada e me desculpe pelo incômodo. Não estou acostumada a beber e por isso...

— Um momento. — Ele a interrompeu fazendo um sinal com a mão — Eu a ajudei apenas por ser uma mulher que encontrava-se adormecida em um balcão de um bar, sem falar que é funcionaria de minha empresa. Faria isso por qualquer uma. Não interprete mal minha ação, e peço que mantenha um comportamento profissional na empresa. Não quero que fofocas comecem sem motivos. Estamos entendidos?

— S... Sim senhor — disse, desconcertada. — Me desculpe. — Virou-se para ir embora, mas a voz dele impregnou o ambiente fazendo-a voltar-se e encará-lo com olhos ansiosos. — Sim?

—Trabalhe com o novo jogo, programado pelo terceiro andar. Informe-se e prepare tudo para o design.

— Sim. Farei isso. — Sua voz denotava decepção, mas ela sorriu levemente ao sair. Ao fechar a porta atrás de si sentiu os joelhos fraquejarem e seu único pensamento foi sair dali, mas respirou fundo e caminhou para o terceiro andar. Ela sabia que teria que dar o máximo de si naquele trabalho para conquistar a confiança dele.

Elizabeth conversou com os responsáveis pelo novo jogo, mas ao chegar à sua sala seu celular tocou. Ao ver o número que estava ligando sentiu um aperto em seu coração.

— Diga — disse fria.

— É assim que fala com seu irmão? — Klaus debochou sorrindo. — Liguei para saber se já falou com ele hoje. Como foi?

— Falei e ele me pareceu bastante íntegro. Isso não dará certo. Vamos apenas esquecer, está bem?

— Impossível — disse frio. — Verei um modo de aproximá-los. Fique tranquila. — Ao dizer isso desligou, deixando uma mulher atordoada para trás.

— Ele não poderia apenas esquecer isso e me deixar viver a minha vida? — perguntou-se ao guardar o celular no bolso. Sentou-se e começou a trabalhar a fim de esquecer quaisquer preocupações.

Vicenzo sorriu mais uma vez para o homem à sua frente, enquanto Albert mantinha-se concentrado no tabuleiro de xadrez. Eles estavam na casa de Albert como costumavam fazer todos os dias de semana pela tarde. Vicenzo não conseguia parar de admirar a beleza e benevolência do homem à sua frente e por isso vivia suspirando pelos cantos.

— Hoje você não está concentrado. É quase uma ofensa, Albert — Vicenzo disse sorrindo apoiando a cabeça em sua mão. — Ocorreu algo?

— Perdoe-me — Albert falou olhando para o seu amigo. — Minha mente anda um tanto atribulada na verdade.

— É sobre Charlotte?

— Não diretamente, mas descobri algumas coisas e temo por ela. — Ao ver o semblante confuso de Vicenzo sorriu sem vontade. — Dizem que quanto mais procuramos mais achamos coisas desagradáveis.

— Nunca ouvi falar em algo tão preciso.

— Pois é, meu amigo. Charlotte acabou se metendo em grandes problemas.

— O que está havendo, afinal?

— O alvo não é o príncipe. Tudo o que está acontecendo ao redor de Charlotte é apenas para atingir uma única pessoa: o rei Willians. — Sorriu sem vontade ao suspirar. — E para atingi-lo parece que estão querendo usar seus familiares e Charlotte.

— E quem deseja se vingar do rei?

— Não diria uma vingança, isto está mais para um acerto de contas. Ainda não tenho cem por cento de certeza.

— Terrível. E o que fará a respeito?

— Não sei. Me pergunto há alguns dias, na verdade. Se eu contar, isso poderá trazer mais problemas para ela, já que não sei quem está por trás disso. Entretanto, se eu não falar, ela ficará ainda mais vulnerável.

— Do que tem medo, afinal? — Vicenzo perguntou ao ver o semblante preocupado de Albert. — Sei que está com medo de algo e não é a segurança de Charlotte. O que é?

— Não consigo esconder nada de ti, não é mesmo? — Levantou-se da cadeira e caminhou até a janela onde parou, enquanto observava o jardim vazio. — Há estranhos rumores rondando a

corte real, desde uma conspiração interna comandada pelo príncipe passando sobre bastardos e por fim sobre alguém querer exterminar a família real a fim de acabar com a monarquia de fachada existente no país. Filhos ilegítimos da família real, esta opção é a que mais me assombra. Não sei mais o que pensar. Todos parecem ter motivos para acabar com o rei, mas ao mesmo tempo ninguém parece ter coragem. É frustrante.

— Por que não infiltrar alguém no castelo e descobrir?

— Não é tão fácil assim, mas vou seguir com as investigações e quando descobrir... Avisarei Charlotte e se ela desejar poderá ir embora comigo.

— Parece que ainda a ama — murmurou. — Vamos voltar ao jogo? — Vincenzo disse tentando sorrir ao ver Albert sentar-se novamente. Desde o minuto em que havia posto os olhos sobre Albert descobriu-se inebriado pelo olhar distante dele e sem conseguir pensar em nada racional viu-se apaixonado por Albert, um amor que ele sabia que nunca seria correspondido. Para Vincenzo, bastava um olhar ou um sorriso de Albert para deixá-lo feliz e tranquilo. Continuaram jogando, mesmo depois das seguidas vitórias de Vincenzo.

Exatamente como dizem... Azar no amor e sorte no jogo, Vincenzo pensou ao sorrir tristemente.

Charlotte suspirou ao descer do carro enquanto olhava para o imponente hotel à sua frente. Ela segurou o cartão de visita com força, enquanto pensava no que deveria fazer. Ajeitou a sua bolsa em seu ombro e sorriu sem vontade ao ver alguns casais, grupos de amigos todos entrando sorridentes nele.

— Se fizer isso... Será um adeus definitivo — disse a si mesma. Ela respirou fundo e caminhou em direção a entrada do hotel acompanhada pelos seus seguranças.

CAPÍTULO 19

A Inglaterra à noite mostrava-se sempre agitada e um tanto melancólica e dentro do palácio, onde vivia a família real, não poderia ser diferente ainda mais com a ausência do rei, o qual encontrava-se em uma importante viagem de negócios. Os empregados já haviam se retirados

para seus quartos, apenas alguns ainda mantinham-se acordados à espera de todos irem dormir e o príncipe retornar para casa. Em um dos imensos quartos, as luzes estavam acessas e uma mulher lutava contra o sono e a ansiedade que sentia.

Charlotte encontrava-se ansiosa com o cartão de visita do hotel nas mãos. Ela estava no palácio no quarto deles, à espera da chegada de seu marido, Carl. Após pensar, percebeu o que realmente sentia e seu maior medo era admitir isso não apenas para si mesma, mas para Carl. Ela caminhou de um lado para o outro do quarto ao mesmo tempo em que olhava, constantemente, para o relógio em seu pulso. Ao escutar o barulho da porta sendo aberta, ela virou-se abruptamente e ao olhar para o semblante cansado de Carl não conseguiu evitar um suspiro.

— Boa noite — ele disse friamente ao fechar a porta, enquanto retirava o seu paletó e afrouxava a sua gravata. — *Só espero que ela não venha me acusar depois do dia que tive*, pensou.

— Boa — disse, um pouco tímida. — Eu...

— Não precisa falar — interrompeu-a. — Não precisa dizer nada. Deixe para falar amanhã. Estou cansado demais hoje. — Caminhou em direção ao banheiro e ao passar por ela pode jurar ter visto decepção em seu olhar. *Provavelmente vou me arrepender*, pensou antes de continuar. — Ou pode esperar eu tomar um banho e conversamos — falou, antes de fechar a porta.

— Eu irei esperar — ela murmurou ao sentar-se na beirada da cama. Os minutos arrastavam-se e quando ele, finalmente, saiu do banheiro apenas enrolado com uma toalha em sua cintura a fez engolir em seco. — Podemos falar agora?

— Sobre o que quer falar? — indagou, olhando-a friamente. — Presumo que tenha ido ao hotel e agora irei escutar as suas desculpas.

— Na verdade, não — disse firme, surpreendendo-o — Eu cheguei a ir até o hotel, mas não entrei. — Esperou alguma reação de Carl, mas ele mantinha-se impassível olhando-a. — Você deve estar se perguntando o motivo... Na verdade, nem sei ao certo, apenas percebi que se fizesse isso estaria deixando para trás todas as nossas boas lembranças e talvez eu ainda... Não sei bem. Talvez não esteja pronta ou apenas... confie em você — disse um tanto confusa. — Passei dois anos esperando que viesse atrás de mim, e quando estava superando os meus sentimentos, você apareceu dizendo que me amava. Esperei tanto tempo para ouvir aquelas poucas palavras. — Sorriu sem graça. — E agora me vejo em dúvida sobre como agir.

Carl passou as mãos pelo cabelo e sorriu, levemente. Caminhou até onde ela estava parando em sua frente. Segurou o seu rosto, erguendo-o para que ela o olhasse nos olhos.

— Então, está dizendo que vai dar uma chance a nós? — perguntou sedutor, esperou durante alguns segundos ela se pronunciar, mas ao ver que ela mantinha-se em silêncio, fitando-o, prosseguiu: — Irei aceitar dessa forma — murmurou ao fechar os olhos, enquanto seu rosto aproximava-se do dela.

Nova chance? Algum dia eu deixei de pensar nele? Será que estou pronta pra isso?, pensou ao sentir os seus lábios sendo tomados pelos deles. Carl passou os braços pela delgada cintura dela e a puxou para si. As mãos de Charlotte percorriam o corpo dele com avidez, enquanto segurava-se para não suspirar. Os seus beijos eram repletos de urgência. Urgência de serem correspondidos, urgência de serem amados e urgência de saudade.

Carl a apertou contra si, enquanto sua mão afagava-lhe as costas lentamente, como se a estivesse prestes a torturá-la. Ele mordiscou o lábio inferior dela fazendo-a arfar um pouco, enquanto surpreendia-se pela aura sensual que ele emanava. Ele afastou-se dela durante alguns segundos, e a encarou. Esperou que ela demonstrasse alguma negativa, mas ela apenas mantinha-se impassível o olhando a espera de seus beijos, de suas carícias.

Com um sorriso um tanto malicioso quanto perigoso, Carl acariciou o rosto dela.

— Sem arrependimentos, minha querida — ele murmurou ao depositar um beijo em sua testa. Começou a beijar todo o seu rosto desde a ponta de seu nariz as pálpebras de seus olhos. Ele queria que ela soubesse que daquele dia em diante ela seria dele e de ninguém mais. Com extrema delicadeza e suavidade, ele a carregou em seus braços e a depositou no centro da cama. Apoiou-se no braço ao mesmo tempo em que se deitava sobre ela. Ficou observando-a durante longos minutos e em seguida a beijou, devastando quaisquer dúvidas que ela viesse a ter. Ele não estava disposto a parar. Ele a queria e a teria.

Klaus segurava a taça com vinho, enquanto olhava para a mulher sentada à sua frente. Ele tinha que admitir que Betty tinha ficado mais bonita e ao mesmo tempo mais atraente, e ele sabia

que ela seria capaz de atrair o príncipe, bastava colocar isso em sua mente.

— Me diga... Não está gostando do nosso plano? — ele disse ao olhá-la.

— Nosso plano? — repetiu, ao aconchegar-se no imenso sofá branco de sua sala. — Só sabe falar disso? Sendo que estou sendo apenas uma peça de xadrez em sua mão, para ser mais precisa um peão. Está sacrificando-me para chegar ao rei, típico.

— Sabe que está errada. — Colocou a taça de vinho sobre a mesa ao lado da poltrona, levantou-se e se sentou ao lado de sua irmã no sofá. — Então, do que deveríamos conversar? Sobre o meu dia? — indagou divertido como fazia quando eles eram menores.

— Bobo — murmurou ao sorrir para ele. — Eu apenas sinto falta das nossas conversas sem sentido... Apenas nós dois... Sem nenhuma armação ou plano pairando sobre nós dois.

— Tudo bem — disse abraçando-a, surpreendendo-se.

— Ei, será que a mamãe ficaria feliz com isso? — indagou segundos depois. — Sabe que ela não gostava dessas coisas, por que não apenas esquecemos?

— Lembre-se do mal que aquele homem fez a ela — disse, amargurado —, por culpa dele... Eu senti a dor da rejeição... do medo. Por culpa dele, perdi a minha mãe. Perdi a nossa mãe.

— Sabe muito bem que não foi assim. Sabe que ela viveu feliz com nosso pai por muito tempo até... — Calou-se diante de suas recordações.

— Ela morreu de tanta tristeza — disse, furioso — e porque foi deixada de lado. Eu vou fazer a mesma coisa com ele. Aquele velho desgraçado verá o que eu me tornei.

— Acho que você apenas mudou e no final irá se arrepender, Klaus — disse sincera ao acariciar o seu rosto. — Eu sei que estou sendo usada por você, mas no fundo não me importo. Quero ver o meu irmão feliz, mesmo que para isso tenha que deixar a minha felicidade de lado. Quando se arrepender estarei aqui... Ao seu lado.

— Betty... — murmurou perplexo diante de suas palavras.

— Não precisa dizer nada. — Levantou-se do sofá e sorriu. — Vou dormir, mas pense no que eu disse. Será que a nossa mãe iria querer esse fardo em suas costas? Sei que ela nunca foi amável com você, mas eu estava lá para te ajudar. Isso não foi e é o bastante? — Virou-se e caminhou lentamente em direção ao seu quarto, deixando-o pensativo para trás.

— Betty... A cada minuto se parece mais com nossa mãe... e com Charlotte — sussurrou ao

vê-la se afastar. — Mas não posso... Não... Eu não me sentiria feliz e bem comigo mesmo até acabar com o rei Willians e deixá-lo sem nada. Depois disso... Serei feliz e você também. Eu prometo.

Albert colocou o relatório de lado ao mesmo tempo em que olhava perplexo para o homem à sua frente. Ramón era o seu investigador havia anos e pela primeira vez havia levado um dossiê do mais completo sigilo a ele.

— Isso está correto? — Albert indagou, pasmo.

— Sim — Ramón disse sério. — Não há nada de errado ou equivocado com as informações.

— Então, o príncipe Andrews pode ter sido assassinado e há um bastardo em meio à família real. Isso tudo é uma loucura. Como ninguém nunca falou disso?

— Sim, mas ainda há coisa pior — falou misterioso. — A antiga noiva do príncipe Carl sumiu do país há dois anos e descobrimos agora que estava sendo chantageada há anos por um homem.

— Um homem? E quem seria?

— O duque Klaus Vincent Reid.

— Então... Será que ele... Não pode ser... — murmurou incrédulo ao juntar as peças do quebra-cabeça. — Ele não seria tão cruel assim. Ou seria?

Ramón apenas mantinha-se impassível. Aquele trabalho havia lhe dado mais trabalho que o normal, mas ao final dele descobriu-se contente com o resultado. Albert havia ficado tão perplexo quanto ele ao saber que Klaus Vincent Reid, um famoso e introspectivo duque, poderia fazer parte de um complô para derrubar o rei Willian, o mesmo que agora encontrava-se distante de sua pátria e longe do que ocorria, deixando seu filho e a esposa dele à mercê de um completo louco.

CAPÍTULO 19

Um barulho incessante se propagou no quarto de príncipe Carl fazendo com que a princesa, envolta pelo lindo e imaculado lençol de seda abrisse os seus olhos. Ao fitar o local percebeu estar sozinha na cama. Olhou para os lados e suspirou pesadamente ao ver seu marido saindo do banheiro totalmente arrumado. Charlotte sorriu inconsciente para ele, mas ao vê-lo ir em direção a uma pequena mala próxima ao canto do quarto sentiu o sorriso desvanecer de seu semblante.

— Onde vai? — indagou, confusa.

— Vou viajar — Carl disse calmo ao fitá-la —, mas estarei de volta em dois dias aproximadamente.

— Por que... não me falou nada? — perguntou ao cobrir o corpo desnudo com o lençol.

— Não me lembro de você ter me perguntado algo do gênero ontem à noite. — Sorriu ao caminhar em direção à cama. Sentou-se ao lado dela, acariciou seu rosto e suspirou. — E soube que precisava ir agora pela manhã. Recebi a mensagem à noite. Não precisa se preocupar. Estarei de volta em dois dias e qualquer problema poderá me encontrar no celular.

— Certo... — murmurou, sem vontade ao desviar o olhar.

— Charlotte, posso lhe perguntar algo antes de eu ir?

— Me perguntar algo? — repetiu, consentindo em seguida.

— Por que resolveu confiar em mim? Até onde eu me lembro, você não estava acreditando em mim. Então, por que não entrou no hotel e simplesmente deixou tudo isso para trás?

Uma mulher olhava incessantemente para a entrada de um hotel, ela segurava fortemente um papel em sua mão, mas não se movia. Apenas observava a fachada imponente do empreendimento.

Charlotte estava a poucos passos da entrada, mas algo não a deixava prosseguir.

— Por que não consigo entrar e deixar tudo para atrás de uma vez? — perguntou-se ao olhar para um casal que entrava sorridente. — Uma hora terei que esquecer o passado e seguir em frente, mas então por que não agora? — suspirou pesadamente. Todos os momentos que

passara com Carl passaram pela sua mente e, por mais que tentasse esquecer cada um deles, não conseguiu. Suspirou frustrada ao se ver acuada como anos antes. Ela se sentia como a velha Charlotte. — Eu preciso seguir em frente — disse a si mesma, contudo seu corpo não se moveu. Por mais que tentasse, não conseguiu. Sorriu levemente ao perceber a verdade. Ela ainda amava Carl e não estava pronta para desistir dele. Não quando ele enfim afirmara que a amava. — Sou uma criança que vive correndo atrás das migalhas do amor dele, mas dessa vez posso realmente ser amada. — Suspirou ao olhar de relance para um de seus seguranças. A indecisão era tamanha ao ponto de não se importar ao ver as pessoas passarem e olharem para ela. — Eu realmente quero acabar com tudo? Quero colocar um fim ao meu amor por ele? Estou preparada para ser amada por ele e amá-lo? — Não vou conseguir entrar aí... — Constatou após alguns minutos. — Eu... Ainda sinto algo por ele, algo que não me deixa duvidar de suas palavras, algo que ainda faz meu coração bater acelerado quando ele me olha. Estou mesmo perdida — percebeu ao jogar o cartão de visitas no lixo e caminhar em direção ao carro. — Vou dar uma última chance a nós. Pela última vez me deixarei guiar pelo pouco sentimento que restou. Apenas mais uma vez Carl, pensou determinada.

— Nada demais — Charlotte disse sorrindo — apenas resolvi seguir o coração, mais uma vez — disse sincera ao olhar para ele.

— Fico feliz por isso — ele murmurou ao beijá-la levemente nos lábios, afastando-se em seguida. — Prometo voltar o mais rápido possível.

Charlotte sorriu, mas em seu íntimo algo a estava inquietando. Por algum motivo sentia que algo estava prestes a acontecer a eles.

China...

Elizabeth deixou-se cair sobre a confortável cama no hotel cinco estrelas, para o qual a empresa a havia enviado. Ela iria servir de apoio em um congresso. Levantou-se e caminhou em

direção à janela, onde sorriu diante da vista da cidade de Xangai, na China.

— Isso aqui é mesmo lindo — disse a si mesma ao voltar a atenção para o telefone que começava a tocar dentro do quarto. — Sim — atendeu com a voz gentil. — Como assim? Tem certeza de que o Sr. Willians está me esperando no bar? Já estou descendo — disse, atordoada. Ela não esperava por isso. Olhou-se no espelho rapidamente antes de abrir a porta do quarto e sair em direção ao elevador.

Assim que Elizabeth entrou no bar do hotel o encontrou. Carl estava sentado segurando um copo com uísque enquanto fitava o nada com um olhar sonhador.

— Fiquei surpresa ao saber que estaria aqui — Elizabeth disse tirando-o de seus pensamentos e fitando-a sem expressão. — Não imaginei que eu seria necessária aqui. Como está?

— Bem, Senhorita Grant, eu não entendi o motivo de você ter sido enviada também, mas presumo que vá ter alguma importância na reunião. — Retirou um pequeno envelope de seu paletó e entregou a ela. — Estude isso e esteja pronta amanhã às nove da manhã no saguão. — Ao vê-la segurar o envelope sem expressão para ele, suspirou. — Não me entenda mal, apenas não quero que pense algo disso tudo. Depois do que houve na empresa, não quero que isso volte a acontecer.

— Não se preocupe — ela disse tentando sorrir —, não há como dizerem algo que não estão vendo. Mas se quiser e se sentir bem agindo friamente, não há problemas. — Virou as costas e caminhou para a saída com os olhos cheios d'água... — Estou indo ao fundo do poço — sussurrou ao caminhar pelo saguão vazio.

Carl suspirou ao vê-la sair, colocou o copo sobre o balcão e foi atrás dela. Ele não sabia, mas sentia-se mal diante das palavras dela. Ele não precisou correr para alcançá-la, pois assim que se aproximou dela o elevador abriu suas pesadas portas. Ele entrou logo atrás dela, ficando apenas os dois em um silêncio mortal.

— Me expressei mal — Carl disse após suspirar —, apenas não quero que mal-entendidos tomem proporções grandiosas.

— Eu entendo — ela murmurou com a cabeça baixa, com medo dele ver seus olhos um pouco avermelhados.

— Vou... seguir a sua sugestão — disse sorrindo levemente ao fitá-la, mas percebeu haver algo errado. — Algo errado? — perguntou curioso.

— N... Não — negou veementemente.

— Então, por que não olha para mim? — Segurou o rosto dela e o ergueu, surpreendendo-se pelo vermelho em seus olhos. — Estava chorando?

— Não, apenas... Uma irritação — disse rápida afastando-se dele. — O elevador está demorando, não é mesmo? — perguntou, sorrindo sem graça. Segundos depois um barulho foi ouvido e as portas se abriram. — Meu andar... Até mais — ela disse antes de sair apressada.

— O que foi isso? — Carl murmurou consigo mesmo sozinho dentro do elevador. — Ela estava chorando pelo que eu disse? Eu realmente não preciso de mais problema — deu-se conta ao apertar o botão após bagunçar os cabelos.

Pelo corredor, uma mulher caminhava desolada. Elizabeth não conseguia esconder seus sentimentos e a cada minuto tornava-se mais evidente sua atração por ele.

— O que eu fiz? — Elizabeth se perguntou aflita ao entrar em seu quarto. Ela ainda não conseguia acreditar até onde estava indo por Klaus. — Mas.... Será que é por ele mesmo? Será que estou fazendo isso pelo meu irmão ou por mim mesma? — questionou-se ao pegar seu celular. Leu a mensagem, sua expressão ficando com um sorriso triste no rosto em seguida. — Claro que isso seria obra dele — disse frustrada ao jogar o celular em cima da cama.

Como está Xangai, minha irmãzinha? Espero que consiga seduzir o príncipe aí, afinal não foi nada fácil enviar vocês dois para uma conferência tão sem graça e sem sentido como essa. Divirta-se.

Klaus.

Charlotte sorriu ao entrar em uma confeitaria sozinha, apenas acompanhada por três seguranças altamente recomendados. Após sentar em uma mesa discreta e fazer seu pedido, começou a pensar em sua vida e logo viu-se em repleta de recordações. Estava tão entretida que não percebeu a aproximação de uma pessoa, a qual era conhecida de seus seguranças e

consequentemente o deixando passar.

— Charlotte, há quanto tempo! — uma voz masculina disse, despertando-a.

Charlotte, ao escutar a voz masculina e forte ao seu lado, sentiu um calafrio. Como em uma câmera lenta voltou a atenção para o homem, o qual já sabia quem era.

— Klaus... — murmurou ao ver o homem, o qual a havia ajudado anos antes.

— Imaginei que iria me abraçar e se desculpar por ter sumido. Fiquei preocupado contigo.
— Sorriu.

Tudo está ficando cada vez mais fácil, pensou ao vê-la levantar-se e abraçá-lo.

— Desculpe por ter ido embora sem avisá-lo — ela falou após afastar-se dele, ainda incerta sobre os motivos que o levaram a estar ali. — Mas... ocorreram alguns problemas e tive que voltar para ele.

— Para Carl — sorriu compreensivo. — Eu já sei que estão juntos. É muito difícil não saber o que acontece na vida do casal real.

— Verdade — disse pensativa. — Mas o que lhe trouxe à Inglaterra?

— Negócios. — Sorriu misterioso. — Negócios inadiáveis. Na verdade, estou esperando anos para concretizá-los.

— Veio a trabalho?

— Não exatamente, mas especialmente... Vim por você, Charlotte — disse ao acariciar o rosto dela.

— Como... Como assim? O que está fazendo? — disse, retirando a mão dele de seu rosto. Olhou-o surpresa, enquanto olhava em volta a fim de saber se alguém havia visto a cena, estranhando seus seguranças se afastarem. — Sou uma mulher casada, Klaus.

— Eu sei, infelizmente. Mas não será por muito tempo — falou calmo.

— O que quer dizer?

— Charlotte... — murmurou ao segurar sua mão. — Demorei dois anos para dizer a verdade. Eu... estou... apaixonado.

— Apaixonado? Por que está me dizendo isso? — perguntou, um pouco incomodada pelas suas palavras.

— Porque a pessoa pela qual eu estou apaixonado está na minha frente — disse, sorrindo intimamente ao ver o olhar de surpresa que ela lhe lançava.

Se continuar a mesma ingênua de sempre, isso será mais fácil do que eu imaginava, pensou ao abraçá-la impetuosamente.

CAPÍTULO 20

Charlotte sentiu os braços de Klaus em seu corpo e, por um breve instante, sentiu uma proteção. Um tipo de conforto que não sentia havia muito tempo, desde que havia perdido seu filho. Ela olhou em volta e percebeu os olhares discretos dos seguranças e suspirou ao afastá-lo de seu corpo, mesmo contra sua vontade.

— Como pode... dizer algo desse tipo a uma mulher casada? A mim, logo depois de me ajudar tanto? — ela indagou, tentando se manter séria, mas em seu íntimo não sabia o que deveria sentir ou como agir. — Além disso, como e por que os seguranças deixaram você passar livremente?

— Posso dizer que sou um velho conhecido deles — falou misterioso. — Minha querida, nós sabemos que está com o príncipe por obrigação. Desde o fatídico dia não sente mais nada por ele, estou enganado? — Sorriu levemente ao vê-la abaixar os olhos envergonhada. — Então, não vejo problema algum em declarar o meu amor por ti. Se estivesse apaixonada por ele, aí sim acharia um ultraje de minha parte lhe confidenciar tais sentimentos.

— Klaus... Acho melhor eu ir embora — Charlotte falou com a voz baixa ao passar por ele sem encará-lo, mas ele segurou em seu braço, forçando-a a olhar em seus olhos.

— Eu estarei por perto. Quando decidir acabar com essa brincadeira de casinha, pode falar comigo que eu a ajudaria a escapar, como fiz há dois anos. Meus sentimentos por você não foram forçados, apenas aconteceram ao vê-la sorrir todos os dias diante de mim. — Soltou-a fazendo uma leve reverência. — Até mais, princesa.

Charlotte saiu nervosa da confeitaria. Ela não esperava que ele sentisse algo por ela que não fosse um carinho de amizade.

— O que farei? Na verdade... Por que não o recusei de uma vez assim que ele começou a

falar? Como pude escutar tudo em silêncio, como se o estivesse instigando a continuar? Devo ter ficado apenas impressionada — ela se perguntou no silêncio do carro, enquanto voltava para o palácio. O carro passou pelos enormes portões sem problema e ao descer do carro, ainda atordoada pelas palavras de Klaus, ela percebeu algo. — Nesse tempo não amadureci. Continuo a mesma criança insegura de antes — percebeu ao ir em direção ao seu quarto.

China...

Carl andou de um lado para o outro em sua suíte, inquieto. Ele não conseguia esquecer o semblante de Elizabeth e por algum motivo sentia-se culpado pela tristeza dela.

— Eu deveria me preocupar com outras questões e não com minha funcionária — falou frustrado ao sentar no sofá de frente para a enorme varanda. — Deveria ir atrás dela para saber o que houve ou ignorar? — Após alguns minutos decidiu-se por ignorá-la. Ele abriu o notebook e começou a trabalhar a fim de mudar seus pensamentos. O toque em seu celular, horas depois, o fez surpreender-se ao perceber o quão tarde estava. — Sim — atendeu de mal humor e, ao escutar a voz de um antigo amigo seu, sorriu. — Jonathan, como sempre correto — disse rindo. — Estou no hotel da minha família. Será ótimo, sim. Daqui a trinta minutos no bar, estarei lá — falou ao desligar. Carl levantou-se do sofá e parou em frente à varanda, apreciou a vista e pensou frustrado em seu pai. — Por sua culpa estou passando por tantos problemas. Se houvesse sido corajoso e aceitado as coisas como são.... nada disso estaria acontecendo hoje — disse sozinho ao lembrar-se de Klaus. Voltou a atenção para o presente, esquecendo-se momentaneamente do passado, enquanto olhou para o relógio e foi em direção ao banheiro, onde tomou um banho rápido e trocou de roupa, saindo de sua suíte em seguida. Assim que entrou no bar do hotel deparou-se com um homem bem vestido sentado em uma mesa distante, segurando um copo de uísque de forma despreocupada.

— Me parece que não mudou muita coisa — Carl falou sorrindo ao sentar em frente a Jonathan, o qual o olhou sorridente.

— Já você, meu amigo, mudou bastante. Está mais contido, menos impetuoso e eu diria mais frio.

— Creio que esteja certo.

— Como vai? Soube que estava aqui a negócios e resolvi passar para dizer um oi.

— Fico feliz que tenha vindo, já estava ficando sufocado — admitiu sem vontade.

— Sufocado? Da última vez em que usou tais palavras, se bem me lembro, estava deprimido pela traição de sua antiga namorada. — Sorriu, divertido. — O que houve desta vez?

— Nada demais — fez um sinal ao garçom, o qual aproximou-se rapidamente. — Um uísque — pediu educado, sendo servido em seguida. — Não houve nada. Acho que o problema é esse.

— Não entendi — disse, confuso. — Sabe que pode me falar qualquer coisa, não é? Somos amigos há tanto tempo que duvido haver segredos entre nós.

Carl olhou aliviado para o homem à sua frente e soube que poderia desabafar seus temores com ele. Carl havia conhecido Jonathan quando estava na faculdade e desde aquele tempo não se separaram. Sempre que um tinha problema procurava o outro, mas com a morte de seu irmão, Carl acabou se afastando da maioria das pessoas, com exceção dele.

— Minha esposa retornou da Suíça, Klaus continua atrás de vingança e... Uma mulher, na verdade uma funcionária, está me deixando confuso já que tenho certeza de que a conheço ou de que ela me lembra alguém — admitiu após tomar o uísque em um só gole. — Resumi todos os meus problemas.

— Por que a volta de sua esposa é um problema além disso? E por que acha que Klaus ainda continua com o pensamento de se vingar?

— Que outro motivo ele teria para afastar Charlotte de mim e depois voltar a Inglaterra quando consegui trazê-la para o meu lado? Isso não é suspeito demais?

— Não acho — disse pensativo. — Ele tem um título aqui. Pode ser coincidência, mas sobre a sua esposa e ele... Não sei bem o que pensar. Quero dizer... É estranho demais, mas não acho que ele ainda queira se vingar por algo que aconteceu há tanto tempo... Isso seria loucura.

— Quem disse que ele não é louco? A minha família tende a aflorar tudo de ruim que uma pessoa possui.

— Entendo — suspirou —, mas pelo menos sua esposa voltou aos seus braços. Se bem me lembro, você passou os dois anos afundado em trabalho apenas para esquecê-la e pelo visto não conseguiu, já que foi atrás dela.

— É difícil esquecer alguém por quem se está apaixonado — sussurrou.

— E como vai a convivência com ela após esse tempo? Ela deve ter mudado muito, tanto fisicamente quanto emocionalmente.

— Na verdade... o corpo dela mudou, mas a mente acredito que não. Parece que Klaus a deixou presa em uma bolha sem que ela percebesse e inevitavelmente ela continua a mesma, só com mais coragem.

— Por que não a trouxe consigo? Seria uma lua de mel para vocês.

— Achei que não seria prudente.

— Por causa de sua colega de trabalho, Elizabeth? — comentou, ao ver o olhar surpreso de Carl. Sorriu, divertido. — Não se esqueça de que possuo dinheiro sendo assim... Tenho toda a informação que desejar.

— Verdade, mas não foi por causa dela, apenas... Não havia pensado nessa hipótese e, ao ver Elizabeth aqui, fiquei aliviado por não trazer Charlotte.

— Sabe que está agindo como um marido infiel, não é? — disse, divertido. — É a primeira vez que vejo o príncipe Carl tão confuso. Essa moça deve ser bem especial.

— Se ela é especial, eu não sei, mas consegue mexer comigo de uma forma inexplicável. Porque ela me lembra alguém.

— É... Meu amigo, me parece que a sua vida está uma confusão, pior do que há dois anos. — Jonathan terminou o seu drink e sorriu para Carl. — Bem, espero que fique animado, pois me decidi.

— O quê?

— Irei para a Inglaterra e lhe ajudarei.

— Não me lembro de ter pedido a sua ajuda — disse, confuso.

— Amigos não precisam escutar um pedido de ajuda para interferir, meu caro. Irei para a Inglaterra e lhe ajudarei a solucionar seus problemas.

— E posso saber como?

— Bem... Será prudente a Elizabeth ter um conquistador, não é? — Piscou, divertido. — Estou brincando. Apenas farei o possível para descobrir sobre Klaus e depois disso... ajudarei com sua esposa.

Londres...

Klaus sentou-se em sua poltrona na escuridão da sala da casa de Elizabeth e sorriu. Um sorriso cruel e misterioso. Ele lembrou-se do semblante de Charlotte quando lhe confidenciou seu amor e percebeu que ela havia acreditado nele.

— Talvez ela tenha até se deixado abalar — falou sozinho, divertido. Para ele, Charlotte era apenas uma peça do jogo de xadrez e se ele se atrevesse a nomeá-la, ela seria o bispo, pois ao mesmo tempo em que protegia o rei, ela era vulnerável. O único peão em seu jogo era sua irmã. Era como se ela não quisesse ver para o que ele a usava. Ele ainda tentava descobrir o real motivo dela ajudá-lo, mas desconfiava já saber. Ele estava achando que a irmã estava apaixonada pelo inimigo. — Talvez eu devesse cortejá-la também... — indagou, divertido. — Antes ela ficar com seu próprio irmão do que com o inimigo, não é mesmo? Além do mais, somos tão parecidos que se ela não escutar a minha voz, poderá nos confundir. Como será quando ela descobrir que não somos irmãos de sangue? — perguntou-se divertido.

A noite encobria o rosto de Klaus, mas era possível escutar sua risada maléfica. A cada instante ele se tornava mais instável. Aos poucos, o motivo de sua vingança se perdia em seus planos. Talvez, até ele mesmo já estava se esquecendo do real motivo de ser contra a família real.

Charlotte olhou para o céu da janela de seu quarto e suspirou ao lembrar-se de Carl. Ela sentia um aperto no coração. Por algum motivo sentia que ele estava precisando dela, mas

percebeu, entristecida, que estava de mãos atadas, pois não tinha poder de comando. Ela olhou para o celular ficando tentada a pedir a Albert para ajudá-la.

— Mas será justo? — indagou-se sozinha no imenso quarto. — Pedir a alguém que me amou para ir atrás de outro homem?

CAPÍTULO 21

Charlotte colocou seus pertences em uma bolsa, olhou-se uma última vez no espelho e sorriu diante de sua imagem. Ela estava vestindo um vestido branco que marcava seu busto com uma jaqueta jeans, enquanto seus cabelos encontravam-se soltos. Ela andou confiante pelo quarto e ao abrir a maçaneta encontrou Layla parada do outro lado da porta, sorrindo para ela.

— O que está fazendo aí? — Charlotte indagou confusa, olhando-a.

— Vim falar com a senhora, mas está pretendendo sair?

— Sim — falou, dando-lhe as costas, andando em direção às escadas e ao ver que Layla a seguiu, indagou: — Posso saber por que está me seguindo?

— Porque tenho que ir aonde a senhora for. São ordens do príncipe, alteza.

— Entendo — murmurou, em seguida sorriu para ela —, mas não se preocupe, irei tomar cuidado. — Virou as costas, ainda escutando os protestos de sua assistente.

Charlotte apressou os passos e logo encontrava-se fora do palácio com Layla atrás de si. Ao avistar o táxi esperando-a do lado de fora dos enormes portões, sorriu satisfeita. Ela olhou para trás, acenou para Layla, entrou no táxi e foi embora, suspirando aliviada. Ao dar o endereço para o taxista, Charlotte deixou-se sorrir livremente. Ela estava fazendo algo de forma impulsiva e estava adorando a sensação. Abriu a bolsa para ver se não havia esquecido nada. Suas mãos estavam trêmulas e seu rosto um pouco avermelhado devido ao nervosismo.

— Chegamos — o taxista falou minutos depois ao estacionar em frente ao aeroporto internacional de Londres.

— Obrigada — Charlotte disse aparentando a calma que não sentia ao entregar o dinheiro a

ele, saindo em seguida. — Já está na hora de amadurecer, Charlotte Tissou Willians — murmurou ao entrar no aeroporto. Ela olhou em volta sentindo uma nostalgia ao ver as pessoas se abraçando pela chegada ou se despedindo pela partida. Caminhou lentamente até o balcão escondendo o rosto atrás dos óculos escuros e deixando o cabelo cair pelo seu rosto. Entrou na fila e esperou pacientemente a sua vez.

— Quero uma passagem para Xangai, primeira classe. Para hoje — disse séria, entregando o cartão de credito que Layla havia lhe entregado por pedido de Carl e o passaporte.

— Alguma bagagem?

— Nenhuma.

A atendente sorriu e em poucos segundos lhe entregou a passagem juntamente com o seu passaporte.

— Tenha uma ótima viagem, o seu voo sairá daqui a 40 minutos.

— Obrigada — Charlotte agradeceu ao pegar seu documento. Saiu sorrindo em direção ao número da área de embarque. O check-in foi tranquilo e logo ela estava sentada em sua poltrona próxima à janela dentro do avião. *Logo estarei ao seu lado... e pela primeira vez estarei correndo atrás do que quero*, pensou ao colocar o cinto e fechar os seus olhos.

China...

Carl assentiu ao prestar atenção no que o homem à sua frente falava tão entusiasmado. Ele estava sentado ao lado de Elizabeth na sala de reunião de uma empresa de eletrônicos, enquanto assistia a uma apresentação do novo produto deles. Ele estava achando tudo interessante, sua mente já estava vagando sobre o percentual de sucesso do produto juntamente com a popularidade dele quando sentiu algo sobre sua mão. Olhou surpreso ao ver a mão de Elizabeth. Com cuidado, ele puxou a mão colocando-a em segurança sobre seu colo, olhou de soslaio para a mulher ao seu lado e, ao ver que ela mantinha a sua expressão impassível, perguntou-se se não estava exagerando em suas atitudes. Ao término da reunião, Carl cumprimentou o presidente da

empresa falando um chinês fluente. Sorriu para Elizabeth e saíram juntos, caminhando lado a lado pela empresa.

— Foi uma ótima apresentação, não foi? — Elizabeth falou tranquila.

— Sim e o produto deles é muito bom.

— Eu concordo, mas mudaria o layout se o senhor comprá-lo. Não acho que atingirá os seus clientes potenciais com aquela imagem. Ela é muita ultrapassada para o público mais jovem.

— Concordo — disse pensativo. — Consegue fazer um rascunho do possível design dele para hoje?

— Acho que sim... Poderia demorar um pouco, mas acho que conseguiria.

— Ótimo — Sorriu. — Então, podemos jantar e você me mostra, OK? — Ao vê-la assentir, despediu-se. — Tenho algumas coisas a fazer. Consegue voltar ao hotel sozinha?

— Consigo. Pode ir tranquilo. Prometo levar o esboço. — Ao vê-lo sorrir sentiu seu coração palpitar e suspirou, resignada. *Klaus... Você me levou para a completa perdição. Estou gostando do inimigo do meu irmão e ainda por cima ele é casado. Isso está ficando pior a cada segundo*, constatou ao vê-lo ir embora.

Carl entrou em seu carro alugado, olhou seu relógio e sorriu ao perceber estar no horário. Dirigiu pela cidade e não demorou para estacionar seu carro em frente a um restaurante típico chinês. Entrou e logo vislumbrou uma mulher comendo calmamente. Ele se aproximou com um largo sorriso na face.

— Pensei que seu marido também viria, Sara — Carl disse antes de ser abraçado pela mulher com cabelos castanhos e olhos azuis.

— Senti sua falta.

— Eu também. É impossível não sentir falta da minha prima, não é mesmo?

— Verdade — sorriu vitoriosa. — Como vão meu tio e minha tia? Faz tempo que não falo com eles.

— Como sempre — disse pensativo. — No momento estão viajando juntos para que ninguém descubra a verdade sobre eles.

— Deve ser cansativo, não é? Ter que fingir que está tudo bem quando as paredes estão desmoronando ao seu redor.

— Muito... Você nem imagina. Teve sorte em não ser prometida a casar-se comigo. — Sorriu sem vontade ao lembrar-se de Charlotte. — Estou com a péssima tendência de fazer as pessoas sofrerem.

— Você sempre teve essa tendência — ela disse, divertida. — Lembra-se de quando colocou purgante no café do seu pai porque ele não queria lhe deixar ir acampar com Andrews? E quando fez que sua babá caísse escada abaixo? Teve a vez em que lhe vi beijando a empregada no jardim e como punição você me fez ficar ajoelhada sobre uns gravetos e ainda me ameaçou para que eu não contasse nada a ninguém. Você sempre foi cruel, priminho.

— Verdade. — Ele sorriu, aliviado pela primeira vez. — Tem razão. Sempre tive um péssimo gênio.

— Concordo, mas está tão diferente. Quase não lhe reconheço.

— Isso não é bom?

— Na verdade, não. Gosto de você do jeito que é, da forma que está parece mais um marionete do seu pai. Um substituto para o seu irmão — falou, triste.

— Essa é a verdade. É o que sou para ele desde a sua morte. Não tenho feito nada que eu queira até agora. Meu pai não me enxerga como um filho e sim como um substituto que deve satisfazer seus desejos.

— Sinto muito, Carl.

— Não sinta, apenas seja feliz em meu lugar vivendo livremente.

— Pode se afastar desse mundo. Sabe bem disso.

— Eu sei, mas... Não vamos falar disso agora. — Sorriu. — Acabei de ter uma reunião com a empresa rival de seu marido e devo dizer que eles são muito bons.

— Eu sei, mas o meu marido é o melhor em eletrônicos, depois de você, claro — gracejou. — E como vai Charlotte? Todos falam tão bem dela, fico com inveja porque ainda não a conheci.

— Basta ir à Inglaterra. Ela está lá agora.

— Irei, mas me diga... O que ouvi sobre ela ter ficado dois anos em Lucerne, é verdade?

— Sim. Ela estava... Estudando.

— Soube que ela estava com Klaus — falou séria. — Ele está de volta à Inglaterra, não é?
— Ao vê-lo assentir teve um péssimo pressentimento. — Tome cuidado com ele. Sabe que ele não é má pessoa, mas está possuído pela vingança há anos. Desde que roubou sua namorada, ele tem se tornado ainda mais louco.

— Eu me lembro. Eu estou bem.

— Sabe que pode contar comigo, não é?

— Claro que sei e agora me conte como anda a sua vida de casada e como é viver com um asiático.

Continuaram conversando até Carl se despedir e prometer que levaria Charlotte para conhecê-la o mais brevemente possível. Ele olhou para céu antes de sair do restaurante, enquanto perguntava-se intimamente onde Charlotte estaria ou o que estaria fazendo. Entrou no carro, colocou um CD e deixou a música preencher o ambiente.

— Pronto.

Elizabeth sorriu vitoriosa ao ver o desenho finalizado. Olhou para o relógio fazendo uma careta. Em seguida, levantou-se da pequena mesa e foi em direção ao banheiro. Ela tinha pouco tempo para terminar de se arrumar. Saiu do banho com os cabelos molhados e o corpo envolvido por uma toalha felpuda branca, olhou para os vestidos colocados em cima de sua cama por algum tempo até optar por um vestido de renda preto, tomara que caia, solto no quadril. Ao vesti-lo sorriu diante de sua imagem, secou o cabelo com o secador, fez uma maquiagem rápida e logo saiu do quarto com uma pasta nas mãos. Ela sentia-se ansiosa e ao mesmo tempo temerosa ao saber que jantaria com Carl.

Ao entrar no restaurante do hotel, logo o viu. Carl estava sentado em uma mesa no centro do restaurante bebendo tranquilamente um vinho e parecendo envolto em pensamentos.

— Concentração — ela murmurou a si mesma ao andar em sua direção. Ao parar ao lado dele não conseguiu evitar que um sorriso se estampasse em seu rosto. — Oi, me desculpe o atraso.

Ao escutar uma voz feminina ao seu lado, Carl virou o rosto ficando impactado com a visão de Elizabeth.

— Não cheguei há muito tempo — falou ao levantar-se e indicar a cadeira em frente a ele.
— Sente-se. Trouxe o desenho?

Elizabeth sentou-se e entregou a ele a pasta que trazia consigo. Ele olhou com cuidado e sorriu em seguida colocando-a no lado da mesa.

— Está muito bom, só preciso fazer a proposta a eles agora.

— Irá comprar, então?

— Sim. O produto é inovador. Não posso deixar outra empresa consegui-lo. Com fome? Estou faminto — brincou ao chamar o garçom com um discreto aceno de cabeça. — O que vai pedir? — perguntou a Elizabeth, que o escutou fazer o seu pedido ao garçom em chinês — Alguns não entendem bem o inglês — explicou ao vê-lo sair.

— Tudo bem. Tenho que aprender outros idiomas. Isso serviu para mostrar o quão defasada sou nesse aspecto. — Sorriu sincera ao bebericar o vinho em sua taça.

— Não precisa ser tão dura consigo mesma, senhorita Grant. Todos temos nossas limitações, além do mais não precisa falar todos os idiomas do mundo.

— É verdade, quantos o senhor sabe?

— Sei chinês, um pouco de coreano, italiano, japonês, francês, alemão, espanhol e mais dois. — Sorriu.

— Uau! — ela exclamou, incrédula. — É incrível como sabe tantos idiomas dada a sua idade. Quero dizer... É muito jovem.

— Um príncipe tem a obrigação de saber no mínimo quatro idiomas. — Deu de ombros ao lembrar-se de sua dificuldade no começo, pois após a morte de seu irmão fora obrigado a aprender todos os restantes. Recordou-se das noites que passara em claro estudando a mando de seu pai. — A senhorita aprendeu aqueles idiomas por gostar ou porque precisava? — indagou, ao lembrar do currículo dela.

— Por gostar. Sempre quis conhecer o mundo desde pequena e por ter que cuidar de meu irmão acabei deixando o sonho um pouco de lado. Via nessas línguas uma forma de viajar sem sair do lugar. — Ao perceber que havia falado demais levou a mão sobre os lábios. — Acho

que... estou falando muito de mim. Desculpe-me.

— Sem problemas. — Ele sorriu. — Mas como estamos jantando por que não nos tratarmos de forma informal? Pode me chamar de Carl e eu lhe chamarei de Elizabeth, tudo bem? — Ao vê-la assentir, prosseguiu: — Você tem um irmão, então.

— Sim... Ele é mais novo que eu — mentiu sorrindo, pois Klaus era mais velho. — Na verdade, ele está estudando em Nova York com uma tia.

— Entendi. Deve ser difícil ficar longe dele, não é?

— Um pouco. Mas e o senhor, tem algum irmão? Digo, Carl.

— Sim — falou ficando sério. Quando estava prestes a falar sentiu seu celular vibrar. — Sinto muito — disse a Elizabeth antes de se levantar da mesa e ir para um canto tranquilo atender. — Diga, Layla. Como assim minha esposa sumiu? Há quanto tempo tem isso? Entendi. Deixe os guardas de sobreaviso e mande ir atrás dela pela Inglaterra. Procure o amigo dela, o Albert, contate o aeroporto, trem. Tudo que conseguir. Tentarei tomar um avião para aí o mais rápido que conseguir, senão... Prepare o meu jato. — Desligou o celular sentindo um aperto no peito. — Droga, Charlotte. Por que fugiu de mim novamente? — perguntou-se ao ir em direção à Elizabeth. — Sinto muito, mas estou voltando para a Inglaterra. Aproveite o hotel, faça um pouco de turismo — disse, fingindo um sorriso. — Tenho algumas coisas a fazer, uns problemas para resolver, lhe enviarei um relatório sobre como deve proceder com os chineses. — Antes que ela pudesse reagir, Carl saiu apressado do restaurante, deixando-a sozinha.

— Estava bom demais para ser verdade — resmungou ao olhar para o lugar onde ele estava anteriormente.

Carl saiu nervoso do elevador. Ele havia imaginado que ele e Charlotte iriam se entender, mas percebeu estar errado. Entrou em sua suíte e não demorou para pegar a mala e arrumar todos os seus pertences. Ele iria atrás dela e a traria de volta, não importasse onde ela estivesse. Já estava colocando o notebook na mala quando escutou uma batida tímida na porta.

— Será que Elizabeth quer falar algo? — indagou ao abrir a porta, mas ao ver a mulher parada à sua frente ficou inerte. Sem acreditar.

— Não vai me chamar para entrar? — Charlotte indagou com um leve sorriso. Ela aparentava estar calma, mas em seu íntimo estava muito nervosa.

— Charlotte... É você mesma?

— Sou.

— Graças a Deus — respirou aliviado ao abraçá-la, surpreendendo-a. — Imaginei que havia me abandonado mais uma vez. Você ainda vai me deixar louco — confidenciou em seu ouvido. — Nunca mais faça isso de novo. Eu poderia ter um infarto — brincou.

— Prometo não fazer isso de novo. Prometo não lhe abandonar — falou ao retribuir o abraço em meio ao corredor vazio, exceto por uma mulher vestida com um vestido de renda preta. Elizabeth havia ido atrás de Carl, decidida a voltar com ele, mas ao vê-lo abraçado a Charlotte segurou as lágrimas, virou de costas e retornou ao elevador em silêncio, com o coração despedaçado.

CAPÍTULO 22

Carl afastou Charlotte de seu corpo e a olhou durante intermináveis segundos até lembrar-se de que ela havia fugido do palácio.

— Por que saiu sem dizer aonde ia? Sabe o quanto deixou Layla preocupada? — indagou tentando sentir raiva, mas não conseguiu ao vê-la em sua frente.

— Quis fazer uma... surpresa — disse tentando sorrir. — Vamos ficar falando no corredor a noite toda ou me deixará entrar?

— Desculpe — Carl murmurou ao segurar em sua mão, gentilmente, levando-a para dentro do quarto. Ao fechar a porta esperou que ela falasse algo, mas ao ver que ela não faria resolveu começar a falar. — Então... Tens algo a falar ou veio apenas saber como eu estava? — indagou, sorrindo levemente.

— Acho que ambos — confessou de costas para ele. — Achei que... Que já está na hora de ser verdadeira comigo mesma e com você. Nesses dois anos, eu não lhe odiei, admito que me senti triste por você não ter ido atrás de mim ou mandado notícias, mas acho que no fundo sabia que seria assim. Quando lhe vi em Lucerne, pensei que estava sonhando... Achei que eu havia ficado no passado, que eu não tinha mais importância em sua vida. — Riu sem graça ao lembrar-se da vez em que ele a havia sequestrado. — Eu... Resolvi lutar por você. — Virou-se e o

encarou sorrindo ao ver a expressão perplexa em seu rosto. — Não sei se te amo como antes, mas sei que ainda sinto algo por você. Se estiver disposto... Quero tornar este casamento real em todos os sentidos. Não quero fingir que somos felizes quando não somos e não quero sofrer novamente.

Carl não conseguia acreditar que ela estava se declarando para ele, expondo todos os seus anseios. Sem pensar, ele se aproximou dela e a enlaçou pela cintura de forma impetuosa aproximando seus corpos.

— Prometo não lhe fazer sofrer. Nunca mais. Tens a minha palavra — falou sério antes de beijá-la de forma intensa. Charlotte fechou os olhos deixando-se entregar à sensação que apenas ele a fazia sentir. As mãos dela rodeavam o pescoço dele, ao mesmo tempo que afagava seu cabelo docemente.

— Carl... — ela sussurrou entre os beijos trocados. — Me ame... Apenas... Me deixe sentir o seu amor — pediu ao arfar de desejo por ele. Carl rapidamente a colocou em seus braços e a depositou sobre a grande cama. Ele observou o corpo dela sob a fraca luz e sorriu, agradecendo aos céus por ter mais uma chance. Lentamente ele a despiu, retirando a própria roupa em seguida. Lenta e calorosamente eles cederam à paixão que sentiam um pelo outro, consumando-a de forma calma e tranquila. Em meio a murmúrios e gemidos pôde-se escutar uma declaração de um príncipe.

— Eu te amo — ele murmurou em seu ouvido ao abraçá-la, fazendo-a rir levemente.

Elizabeth estava deitada na cama olhando para o teto e não conseguiu evitar que a imagem de Carl e de Charlotte se beijando se formasse em sua mente, fazendo-a revirar-se.

— Só posso ser uma masoquista, por que tenho que ficar pensando nisso? — Levantou-se, saiu do quarto e caminhou sem rumo pelo hotel até chegar ao bar próximo ao restaurante. Ela se sentou no balcão, pediu um copo de uísque e bebeu em silêncio, pensativa, até sentir que alguém olhava para ela.

— Noite difícil? — Uma voz masculina indagou ao seu lado, fazendo-a virar-se e encarar o

homem ao seu lado com curiosidade. — Sou o Jonathan.

— Elizabeth — disse ,voltando a atenção para a bebida.

— Desilusão amorosa, problemas com o trabalho ou solidão?

— Como?

— O motivo para beber assim.

— Creio que um pouco de tudo e nada ao mesmo tempo. E você?

— Eu... — Jonathan sorriu ao beber um gole de seu drinque. — Devo dizer que é a solidão.

— Entendo.

— Quer conversar?

— Por que eu iria me abrir com um estranho? Não tem lógica.

— Verdade, mas quem melhor que um estranho para dizer tudo o que vai na sua mente sem precisar se preocupar com represálias? Para mim, tem muito sentido.

— De fato tem, mas... recuso.

— Uma pena — disse sorrindo e olhando-a. — És bonita, Elizabeth. Tenho certeza de que irá encontrar algum homem melhor que ele.

— Por que acha que meu problema se resume a um homem? — indagou divertida ao olhar para o homem ao seu lado.

— Porque você é uma mulher bonita e não vejo outro motivo para uma mulher vir beber sozinha no bar do hotel no meio da noite.

— Tem toda razão — murmurou. — E você... Problemas com mulher?

— Mulheres nunca são um problema — disse, sedutor. — Todas são uma solução. A diferença está em como um homem trata uma mulher.

— Um verdadeiro Casanova, pelo visto.

— Não diria Casanova, mas um apreciador das mulheres. Soa bem melhor, não acha?

— É um belo eufemismo. Sem dúvida — Sorriu, divertida. — Fico feliz de ter conversado contigo, mas vou para o quarto. — Levantou-se da cadeira e percebeu que ele fez o mesmo. — Já vai também?

— É obvio. Com um convite desse, quem resistiria?

— Convite? Acho que entendeu errado e... — Parou ao vê-lo gargalhar divertido e não demorou para perceber que ele estava brincando. — Bem, boa noite.

— Boa noite Eli. — Ele sorriu ao vê-la estremecer ao ouvir suas palavras.

Elizabeth virou de costas para ele, mas antes de sair da área do bar virou-se e o viu observando-a se afastar. Sorriu consigo mesma ao ir até o elevador.

— Uma noite de sono será ótima. Irei esquecê-lo, nem que seja por algumas horas — sussurrou ao entrar no elevador vazio. — Mas acho que, se eu precisar de ajuda, aquele homem seria perfeito para isso. — Riu ao lembrar-se de Jonathan, mas logo sentiu-se culpada pois a imagem de Carl rodeava seus pensamentos. — Estou perdida. Estou presa em um labirinto e desconhecendo a saída — percebeu, triste.

CAPÍTULO 23

Carl levantou-se da cama com cuidado ao ser despertado pelo barulho de seu celular. Olhou para as horas frustrado. Ele desejava passar mais tempo com Charlotte, mas percebeu ser impossível, pois ainda precisava resolver algumas questões sobre a compra do produto. Caminhou até o banheiro, mas virou-se sorrindo ao ver Charlotte deitada abraçada a um travesseiro de forma angelical. Saiu com uma toalha enrolada na cintura e com os cabelos levemente úmidos. Caminhou silenciosamente até sua mala, retirou uma calça preta social, uma blusa e seu paletó. Vestiu-se rapidamente, mas quando estava colocando a gravata escutou um riso atrás de si.

— Vejo que já acordou — Carl falou sorrindo ao ver Charlotte lhe olhando. — Fiz algum barulho?

— Na verdade, acordei quando foi ao banheiro. Tem que sair mesmo?

— Infelizmente, mas volto depois do almoço.

— Está bem. — Charlotte retirou o lençol que a cobria, levantou-se da cama e caminhou, com uma confiança que não sentia, até Carl. Pegou a gravata de sua mão e começou a ajeitá-la em seu pescoço. — Estarei lhe esperando. Queria conhecer um pouco da cidade antes de voltar. Seria possível?

— Para você, tudo é — tornou com a voz rouca de desejo ao vê-la nua e tão próxima ao seu corpo. Segurou em sua cintura, aproximando ainda mais seus corpos, e a beijou suavemente. — Quando eu estiver chegando te ligo e poderá me esperar no hall. Daremos um grande passeio por Xangai.

— Certo. É melhor ir antes que se atrase. — Mordiscou o lábio inferior sorrindo levemente e com os braços ao redor de sua cintura.

— Se não me largar, não poderei ir.

— A ideia é essa — confidenciou feliz, mas logo o soltou. — Pronto, apenas se comporte.

— Não se preocupe. — Beijou sua testa, pegou a maleta, saindo em seguida, mas antes de fechar a porta voltou e acenou para ela. — Tenha um ótimo dia — disse antes de fechar a porta e caminhar pelo corredor como um apaixonado.

Entrou no elevador e logo caminhou até a mulher parada no meio do saguão, vestida sobriamente. — Elizabeth. — Chamou-a ao aproximar-se, mas quando ela se virou percebeu suas olheiras. — Não conseguiu dormir?

— Poderia falar um pouco mais baixo? — Elizabeth pediu ao levar a mão à têmpora. — Acho que estou de ressaca — admitiu sem graça.

— Espere um pouco aqui — ele disse após pensar um pouco e caminhar em direção à recepção. Voltou minutos depois com um frasco em mãos. — Isso irá lhe ajudar — Entregou a ela, sério. — Beba no carro. Não podemos mais nos atrasar.

Elizabeth segurou o frasco escuro entre os dedos controlando-se para não chorar. Ele havia lhe entregado uma bebida para ressaca. *Como é possível não se apaixonar por alguém como ele?*, pensou ao segui-lo em silêncio. O carro já os esperava em frente ao hotel, entraram em silêncio e, assim que o carro começou a se mover, Elizabeth tirou a tampa do frasco e o bebeu todo em um só gole.

— Obrigada — falou acanhada.

— Na próxima vez tente não beber quando estiver trabalhando. Será... Difícil trabalharmos juntos dessa forma — Carl comentou, enquanto lia de forma despreocupada o arquivo da empresa da qual compraria o novo produto. — Entendo que estava em seu tempo livre, mas espero que isso não volte a acontecer.

— Não voltará — Elizabeth disse, firme — Me perdoe.

— Não há problema.

— Eu... Imaginei que iria voltar para a Inglaterra.

— Eu ia, mas tudo foi resolvido o mais rápido que pensei.

— Entendo — murmurou. — Fico feliz que tenha dado certo.

— Sim.

Ela desviou a atenção para o lado de fora do carro. Elizabeth ficou olhando os casais passeando pela cidade e começou a se arrepender de ter seguido com o plano de seu irmão.

Quanto mais eu me afogo em seu olhar, eu percebo o quão errada estou. Não posso ficar tentando separar duas pessoas apenas pelo passado, o qual nem sequer me afetou diretamente. Quando voltar... Direi a Klaus que não participarei mais disso, pensou decidida ao olhar de relance para Carl. O pior disso será nunca mais te ver.

Londres...

— Por que está tão preocupado? — Vicenzo perguntou ao olhar para Albert com curiosidade ao vê-lo andar de um lado para o outro na sala de estar da casa de Vicenzo. — Já está inquieto há horas.

— Eu sei... É difícil para mim. — disse, parando em frente a ele. — Eu estou preocupado com Charlotte. Quando fui vê-la ouvi dizer que ela havia sumido. Acha que Klaus faria algo?

— Duvido muito — suspirou ao vê-lo tão preocupado. — Se ainda não apareceu nos noticiários significa que ela apenas fugiu dessa loucura. Sabe muito bem que não é todo mundo que aguenta essas pressões da realeza. — Sorriu levemente. — Nem você aguentou, meu amigo, ser filho de quem é. Então, imagine uma garota virar princesa do dia para a noite.

— Talvez esteja certo — comentou por fim sentando-se no sofá próximo a Vicenzo. — Obrigado por ter vindo comigo à Inglaterra. É um ótimo amigo.

— Foi um enorme prazer — Vincenzo disse com a voz sedutora sem conseguir evitar. — Mas... Não acha que está exagerando? Quero dizer, Charlotte está com Carl novamente e não sei se na vida dela haveria algum espaço para você. Não agora.

— Eu sei disso, mas prometi protegê-la. E é isso que farei.

— Muito bem. E depois? Quando ela estiver fora de perigo, o que fará de sua vida?

— Ainda não parei para pensar nisso — confessou, olhando para o nada. — Mas quando chegar a hora... Espero vê-la feliz. Isso me bastará.

— Continua o mesmo de anos atrás — Vincenzo murmurou ao vê-lo olhar para o nada. — Bem, como o clima está péssimo, que tal sairmos e nos divertirmos? — perguntou levantando-se do sofá oferecendo a mão a Albert.

— É uma ótima ideia — disse após pensar um pouco. Segurou na mão de seu amigo e sorriu. — *Se estiver ao meu lado, tenho certeza de que irei conseguir seguir adiante quando for preciso.* Meu amigo, pensou com um leve alento em seu coração.

— Aceita a proposta? — Carl indagou ao presidente da empresa de eletrônicos de forma inexpressiva. Ele podia sentir a tensão no ar, pois o que estava em jogo eram 4 milhões de dólares. Percebeu a hesitação e a inquietação do homem sentado à sua frente na enorme sala e sorriu, discreto, ao vê-lo assentir levemente. — Imagino que não consiga um preço melhor pelo produto. Ele ainda precisará ser lapidado e isso custará um bom preço. Espero que tome a decisão sabiamente.

— Senhor Willians, esta proposta é até quando? — o presidente da empresa indagou, sério.

— Até hoje. Sou um homem ocupado. Tenho que retornar à Inglaterra.

— Entendo — murmurou, pensativo. — Presumo que a minha resposta terá que ser dada agora.

— Sim.

— É uma oferta tentadora — respirou profundamente —, entretanto o layout será modificado?

— Completamente — assentiu para Elizabeth, que levantou-se da cadeira e entregou a pasta com o desenho para o homem à sua frente. — É provável que a forma ficará assim, mas ainda não é definitivo.

— Entendo — o homem murmurou ao ver o desenho bem elaborado. — Eu aceito — disse por fim, sorrindo. — O valor é tentador e ainda irão conservar algumas características importantes do projeto. É perfeito.

Carl assentiu, definiu os últimos detalhes e logo caminhava ao lado de com Elizabeth do lado de fora da empresa.

— Isso foi mais fácil do que eu imaginava — Carl comentou ao entrar no carro. — Sua dor de cabeça melhorou?

— Sim, obrigada — ela disse sorrindo. — Mas irá retornar hoje?

— Provavelmente amanhã à tarde. — Sorriu ao lembrar-se de sua esposa. — Ainda tenho algumas coisas pessoais a fazer.

— Hum.

— Se quiser, pode voltar comigo amanhã — falou ao ver o semblante desapontado dela. — Poderá conhecer a cidade enquanto isso.

— É muito gentil. Obrigada.

— Não tem problema. — Sorriu. — Afinal, o projeto foi um sucesso.

— Mas... Não pagou muito? Quero dizer, será possível recuperar esse dinheiro mais à frente?

— Sim. O projeto deles é um tanto primário, mas muito bom. Tenho certeza de que meu lucro será alto. Na realidade, se ele tivesse recusado, estaria disposto a pagar até oito milhões a ele.

— Espero que esteja certo, Sr. Willians, senão a empresa poderá falir — disse preocupada.

— Você se preocupa demais. Já fiz diversos negócios como esse e como sempre tive retorno. Não precisa se preocupar. — Olhou-a com curiosidade e logo algo lhe passou pela cabeça. — Nós já nos vimos antes? Antes de trabalhar na W Sonic.

— Não — falou, séria. — Por quê?

— Não sei, sempre que lhe olho para você acabo me lembrando de alguém, mas não consigo saber quem é. Isso é frustrante.

— Eu imagino. Mas vivem dizendo que sou parecida com as pessoas, afinal sou muito comum.

— Comum?

— Sim, mas não me importo — disse dando de ombros ao olhar para ele. Esperou que ele lhe falasse algo, mas sorriu diante de seu pensamento. O resto do caminho transcorreu em silêncio e assim que o carro estacionou em frente ao hotel, Elizabeth saiu primeiro e esperou por Carl no lado de fora — Irá precisar de mim hoje ainda?

— Não. Pode se divertir — Carl falou polidamente. — Voltaremos amanhã. Se não quiser é só me avisar que deixarei o jato pronto para lhe levar de volta.

— Obrigada.

Carl assentiu ao lhe dar as costas. Ele seguiu caminhando pelo hall do hotel a passos rápidos, ansioso para ver Charlotte, sem reparar que Elizabeth o seguia timidamente. Carl parou em frente ao elevador, enquanto Elizabeth manteve uma distância dele. Ela começou a olhar em volta e, ao escutar o barulho do elevador, olhou para a frente e no mesmo instante sentiu o sangue sumir de suas faces.

— Charlotte... — murmurou pasma ao ver a mulher no elevador sorrindo para Carl.

CAPÍTULO 24

Elizabeth sentiu o sangue sumir de suas faces. Por um breve momento viu o desespero tomar conta de si. Ela ficou paralisada sem saber o que fazer, mesmo sentindo que deveria sair de onde estava o mais rápido possível, mas ao reparar no sorriso que Carl lançava para Charlotte sentiu-se mal, pois desejava que a mulher para quem ele sorrisse fosse ela, apenas ela. Naquele momento imaginou como seria se Carl não tivesse Charlotte em sua vida.

— O que estou pensando? — murmurou para si mesma ao virar-se de costas para o casal, mas ao fazê-lo esbarrou em alguém. — Me desculpe... — disse de cabeça baixa, caminhando na direção oposta do elevador quando sentiu alguém segurar seu braço. Ao virar-se olhou durante

alguns minutos para o homem à sua frente sem expressar emoção.

— Não deveria ser tão fria com seus amigos, Eli — Jonathan falou sorrindo amistosamente. Ele havia visto Carl chegando ao hotel com Elizabeth e, quando ia falar com eles, percebeu o terror na face da mulher ao ver a esposa de seu amigo. Sem se dar conta acabou indo atrás dela.

— Eli? Não me lembro de sermos amigos e nem de ter lhe dado intimidade para me chamar de Eli — falou com pressa soltando-se dele, voltando a caminhar apressada, mas percebeu, frustrada, que ele a seguia. — O que quer? Estou ocupada.

— Fugindo de alguém? — Sorriu diante de sua expressão. — Está agindo como uma fugitiva. — Fingiu pensar um pouco sorrindo angelicalmente. — É estranho que não queira falar com a esposa de seu chefe, não acha?

— Do que está falando? — ela indagou cuidadosamente.

— Ora, não é preciso ser um gênio para saber o que está acontecendo.

— E o que está acontecendo? — Parou ao perguntar e olhar para ele sem expressão.

— Me parece que está apaixonada por ele, estou certo? — disse, sério pela primeira vez que desde que a conhecera. — Está apaixonada por Carl, pelo seu chefe.

— C... Como... pode dizer algo assim? Ele é apenas meu chefe, nada mais que isso — disse furiosa e ao mesmo tempo encabulada. — Nunca mais se atreva a falar comigo. Isso... Isso... não é verdade. Eu não estou apaixonada por ele — mentiu antes de lhe virar as costas e sair com o resto de dignidade que possuía.

— Apenas aquele idiota que não vê — Jonathan comentou ao vê-la ir embora. — Talvez ela não ofereça perigo. Provavelmente é mais uma fã que ele conquistou. — Deu de ombros ao seguir na direção inversa à dela, mas não sem antes olhar para trás apenas para ter certeza de que ela havia ido embora.

Carl ajeitou o laptop em cima da pequena mesa do seu jato e olhou frustrado para a mulher sentada à sua frente. Eles haviam saído às pressas do hotel, pois havia ocorrido um problema que ele teria que resolver pessoalmente. Logo após a sua chegada ao hotel recebeu uma ligação e,

com pesar, disse a Charlotte para se arrumar para ir embora. Deixou um recado para Elizabeth na recepção e saiu em seguida.

— Triste por não ter conhecido a cidade? — ele perguntou logo após a decolagem de seu jato.

— Mais ou menos — ela confidenciou ao olhar pela janela avistando um céu amplo e azul. — Esse seria um dos poucos momentos em que ficaríamos juntos.

— Outros virão — disse sorrindo olhando para ela. — Falando nisso, como vão os preparativos para a festa?

— Ah, anda.... Bem — mentiu. Ela não sabia sobre o andamento da festa. Há muito tempo não falava sobre isso com Layla.

— Isso é bom. Preciso que deixe tudo pronto o quanto antes.

— Certo — murmurou sem vontade. — Carl... — disse fazendo com que ele a encarasse. — Quando voltarmos... Nada irá mudar, não é?

— Por que algo mudaria, Lotte? — Sorriu ao se levantar e caminhar até a poltrona dela. — A partir de hoje seremos um verdadeiro casal. Sem mentiras, sem medos e sem obrigações entre nós. — Segurou sua mão, fazendo-a se levantar e a beijou lentamente.

— Sim... — murmurou entre os beijos.

O voo transcorreu sem problemas. Após algumas horas aterrisou no aeroporto da Inglaterra, onde podiam-se ver alguns repórteres aglomerados à espera deles. Assim que saiu do jato, Carl foi cercado pelos seguranças com Charlotte caminhando ao seu lado. Ele não escutou as perguntas que lhe eram lançadas, mas algo o deixou inquieto, pois teve a sensação de ter escutado o nome de Klaus entre eles. Optou por caminhar em silêncio, mas assim que chegasse ao palácio iria averiguar a situação do duque na Inglaterra.

Uma limusine esperava por eles no lado de fora do aeroporto. Eles entraram e não demorou para Carl pegar o celular e fazer inúmeras ligações, deixando Charlotte esquecida.

Na entrada do palácio, todos os empregados estavam reunidos e uma se destacava pela preocupação em seu semblante.

— Senhora, fiquei preocupada — Layla disse aflita assim que Charlotte entrou. — Por que fez algo assim? Saiu sem seguranças, sem mim, não avisou a ninguém aonde ia. Todos ficamos

preocupados.

— Eu estou bem — falou olhando de soslaio para Carl, o qual conversava com Hugh, o seu secretário pessoal. — Mas... Há alguma novidade?

— Nenhuma, apenas que temos que correr com os preparativos para a festa. Mais tarde irei levar o seu novo cronograma.

— Certo — ela assentiu ao dar as costas para Layla e ir atrás de seu marido, que estava entrando no palácio, indo em direção ao escritório. — O que foi aquilo? — ela indagou assim que abriu a porta, encontrando-o no telefone.

— Ligarei mais tarde — Carl falou rapidamente ao colocar o telefone no gancho e olhar para Charlotte. — O que houve?

— Eu que deveria perguntar isso. Por que está agindo friamente desde que o avião pousou? Eu fiz algo errado?

— Charlotte... — murmurou ao passar as mãos pelos seus cabelos. Olhou-a carinhosamente e andou até ela, abraçando-a. — Me perdoe, apenas estou com alguns problemas e tenho que resolvê-los. A sua presença é a única coisa que não me deixa enlouquecer em meio a esse caos — confessou, ao apertá-la contra o corpo.

— Carl — sussurrou ao abraçá-lo fortemente —, pode contar comigo sempre que precisar.

— Eu contarei, minha pequena — disse próximo ao seu ouvido.

Eles estavam tão inebriados em sua paixão que não perceberam o perigo se aproximando deles a cada instante.

Elizabeth suspirou ao entregar o dinheiro para o motorista do táxi e com frustração abriu a porta de casa, colocando a mala para dentro com dificuldade. Desde que havia descoberto que Carl havia ido embora, não viu motivos para continuar em Xangai. Ela ligou para a companhia aérea, reservou um lugar no primeiro voo e voltou para casa.

Jogou-se no sofá, fechou os olhos e repudiou sua má sorte. Já estava pegando no sono quando escutou uma voz conhecida atrás de si.

— Voltou cedo, irmãzinha. — Klaus falou atraindo sua atenção logo atrás de si. — Pela sua cara, o plano não deu certo.

— O que faz aqui? — disse, olhando-o assustada. — Quase me matou de susto.

— Não foi minha intenção, Betty. Mas me diga, por que voltou tão cedo?

— Porque a esposa de Carl apareceu e ele voltou mais cedo para cá. Falando nisso, precisamos conversar.

— Sim, está correta. — Sentou-se ao lado dela passando o braço sobre seus ombros. — O plano está indo muito bem. Disse à Charlotte que a amava. — Riu com vontade. — Ela nem mesmo questionou ou me repeliu. Acredito que tudo acabará bem no final.

— Klaus... Está dizendo que ela pode gostar de você? É isso? — indagou, pasma. — Não pode estar falando sério.

— Não estou dizendo isso, precisamente, entretanto... Pelo comportamento dela, ela continua a mesma ingênua. Qualquer homem que lhe disser algumas palavras doces conquistará sua confiança. E preciso apenas disso, sua confiança para depois destruí-la.

— Sabe que o que está falando não tem sentido, não é? Até que ponto quer levar essa loucura adiante?

— Até fazer todos sofrerem, é claro.

— Klaus, eu... Não posso continuar com isso — disse impetuosamente encarando-o. — Me desculpe, mas não posso. Eu tentei, mas não consigo ser como você.

— Não estou lhe pedindo para ser como eu, Betty. — Acariciou seu rosto sorrindo. — Quero apenas que... Que seja minha irmã, minha companheira. Quero que se junte a mim e me ajude a fazer justiça. — Contornou os lábios dela e o nariz delicadamente. — Apenas... Me ajude, Betty. Sou seu irmão. Tens essa obrigação.

— Klaus... Não posso — murmurou enfraquecida. — Se... Se eu me apaixonar por ele, o que será de mim?

— Eu cuidarei de você, não se preocupe — disse antes de puxá-la para seus braços. — Ficarei sempre ao seu lado. Sempre poderá contar comigo — sussurrou em seu ouvido sorrindo levemente. *Me desculpe Betty, mas tenho que fazer isso. O sentimento de vingança é mais forte do que o meu amor por você,* pensou ao sentir os braços dela em volta de seu corpo.

CAPÍTULO 25

Layla sorriu ao ver Charlotte tão concentrada na escolha da banda para a festa. Ela estava feliz por ver a princesa se esforçar para impressionar a todos. Ela se afastou rapidamente para acertar as coisas com um bufê sem reparar que um homem havia entrado no salão em que estavam e olhava com curiosidade para Charlotte, que encontrava-se sentada em uma das mesas com um fone no ouvido.

Klaus fez um pequeno sinal para o segurança que estava próximo à porta e se aproximou de Charlotte. Por ser um duque, conseguira subornar a maioria dos seguranças que andavam com Charlotte, obtendo aliados em muitos lugares, tornando a sua aproximação muito mais fácil do que havia imaginado. Ao saber que Charlotte iria estar em um salão sozinha, não pensou duas vezes antes de ir atrás dela.

— Uma presa fácil — Klaus falou baixo ao se sentar ao lado dela. Sem que ela percebesse, ele desligou o iPod e sorriu ao ver o rosto surpreso dela ao olhar para ele. — Está começando a ser tão fria quanto a família real — disse, divertido.

— O que faz aqui? — perguntou olhando em volta, percebendo estar sozinha. — Onde estão os seguranças e como lhe deixaram passar?

— Fique calma. Não vim me declarar hoje, pelo menos ainda não. Apenas vim porque sentia a sua falta.

— Klaus... Por que continua falando essas coisas?

— Porque é a verdade.

— Vou fingir que aquela conversa nunca existiu. Estou me dando uma nova chance com Carl. Então, por favor, não me deixe confusa e viva a sua vida. Agradeço pelo que fez comigo no passado, mas vamos deixar nossa relação apenas na amizade.

— Está sendo cruel comigo. Afinal, eu lhe ajudei quando Carl não lhe quis. Fiquei ao seu lado durante anos, sem pedir nada em troca. Não acha que me deve ao menos uma chance?

— Não posso lhe dar uma chance quando meu coração está repleto de imagens de outro homem, não acha?

— Está certa, mas isso não me impedirá de continuar a tentar. Você é uma mulher muito boa para eu deixar escapar.

— Klaus... Não insista.

— Prometo não insistir se sair comigo hoje.

— Como?

— Sei que não está gostando de ficar aqui sentada escutando músicas. — Pegou o iPod e sorriu ao ver o estilo musical. — Instrumentais, que não têm muita diferença entre si. Venha, vamos nos divertir por hoje. — Levantou-se e ofereceu a mão a ela. — Prometo agir como amigos, apenas isso, pelo menos hoje.

— Eu não posso... Prometi a Carl que organizaria essa festa e é isso que pretendo... — falou hesitante ao ver o belo homem lhe sorrir.

— Prometo lhe trazer em duas horas. Isso é tempo mais do que suficiente para escolher música e qualquer outra coisa. Venha — insistiu, ainda oferecendo a mão a ela.

— Apenas duas horas?

— Apenas duas horas. — Sorriu satisfeito ao vê-la segurar sua mão e levantar-se, olhando-o no fundo dos olhos. *Quando ela me olha assim... Consigo entender porque ele gosta dela*, pensou ao apertar sua mão. — Vamos nos divertir, eu prometo.

Charlotte sabia que não deveria ter aceitado o convite dele, mas estava se sentindo pressionada demais havia dias. Desde que havia voltado de Xangai, passara todas as noites dormindo aconchegadamente ao lado de Carl, mas por algum motivo ele ficava um pouco distante pelas manhãs, sempre dizendo que o culpado era o problema que tinha em mãos. Layla não a deixava em paz um minuto sequer e vivia lhe perguntando sobre escolhas para a festa, não se importando com a hora ou o lugar. Charlotte sentia que a cada minuto perdia a sua identidade para o homem que amava, mas não sabia se isso estava valendo a pena, pois sentia-se uma boneca que era guiada por pessoas que nem a conheciam. Ela havia percebido que seus sentimentos por Carl não haviam sumido ou diminuído com o tempo, apenas estavam adormecidos, mas algo não a deixava ficar tranquila. Ela sentia que ele lhe escondia algo. Algo que também a prejudicava.

— Acho que vamos ter que passar em um outro lugar antes — Klaus falou ao olhar para

Charlotte de cima abaixo, fazendo-a voltar à realidade.

— Outro lugar? — indagou, sem perceber que ainda estava de mãos dadas com Klaus.

— Precisa mudar de roupa. Está muito... Social, alteza — brincou ao vê-la olhar para as suas próprias roupas. Charlotte vestia um vestido sóbrio bege, com um casaco Chanel branco e preto.

— Talvez esteja certo — murmurou pesadamente. Ela ainda não havia admitido, mas odiava a roupa que escolhiam para ela todos os dias.

— Venha. — Puxou-a em direção ao seu carro esportivo, estacionado em frente ao salão. Ele a colocou no banco de passageiro, deu a volta e logo seguiam pelas ruas da Inglaterra à toda velocidade.

Layla retornou ao salão e estranhou a princesa não estar no mesmo lugar onde a havia deixado. Procurou-a por todos os lugares e percebeu, frustrada, que ela havia sumido mais uma vez.

— Vou acabar perdendo o meu emprego — percebeu lamentosa ao ir em direção ao segurança. — Viu a princesa?

— Acabou de sair — falou sério.

— Sair? Com quem? Para aonde?

— Com o duque Reid.

— Definitivamente serei demitida — constatou ao correr para fora do salão. Olhou em volta, pegou o celular e discou para um número. — Preciso do serviço de vocês. A princesa.... — Parou para pensar um pouco e logo deu de ombros. — Desculpe, liguei errado — disse antes de desligar e voltar para o salão. — Mais cedo ou mais tarde, ela terá que voltar. Não posso ficar mandando a guarda atrás dela só porque resolveu sair com uma pessoa.

Charlotte sorriu ao ajeitar o boné sobre a cabeça. Ela estava vestindo calça jeans, blusa preta e uma jaqueta preta. Ela não se sentia livre como daquela forma havia dias. Klaus sentou-se ao lado dela no parque, lhe entregando um sorvete.

— Está gostando? — perguntou sorrindo ao olhar para ela.

— Muito, faz muito tempo que não estava tão relaxada assim. Desde que voltei com Carl — percebeu, triste. — Mas e você... Por que está aqui, na Inglaterra?

— Não se preocupe. Não vim por você.

— N... Não quis dizer isso — falou, envergonhada.

— Eu sei. Como vai a vida de casada?

— Bem. Não como eu esperava, mas bem.

— Hum... Se quiser fugir de novo, já sabe a quem recorrer.

— Não se preocupe. — Sorriu ao olhar para Klaus, que manteve o semblante sério. — O que foi? Há alguns instantes estava sorrindo. O que houve?

— Apenas me lembrei do tempo em que estávamos juntos e eu não dei valor. Fui um bobo por achar que sempre a teria ao meu lado.

— Klaus... Por favor, não comece com isso.

— Só estou desabafando. Não considere uma confissão.

— Mesmo assim...

— Eu prometi não falar sobre isso. Desculpe-me. — Levantou-se. — É melhor voltarmos, não é?

— Verdade — concordou ao ficar ao lado dele. — obrigada por hoje. De verdade.

— Sem problemas, quando quiser sumir um pouco das regras reais é só me falar.

— Me lembrarei disso.

Sorriram um para o outro ao caminharem na direção do carro de Klaus. Assim que entraram, ele segurou na mão de Charlotte e olhou em seus olhos.

— Eu prometi não falar nada sobre isso, mas... Isso é mais forte do que eu. — Ao falar isso, segurou o rosto de Charlotte e com um movimento rápido, tomou seus lábios e beijou-a. Charlotte não conseguiu reagir devido à surpresa, mas assim que deu-se conta do que estava acontecendo, afastou Klaus e olhou para ele, atônita.

— O QUE VOCÊ FEZ? — Gritou enfurecida ao passar o dorso da mão nos lábios. — Como pôde me beijar assim?

— Eu... Não resisti. Me perdoe.

— Você é um cretino — falou antes de sair do carro e caminhar pelas ruas movimentadas, deixando Klaus sorrindo satisfeito dentro do carro.

— A cada minuto... O grande clímax se aproxima. Daqui a alguns instantes... serás minha, Charlotte, e não terá para onde fugir ou desculpas para dar. Quero ver o sofrimento no rosto de cada um deles. — Seus olhos brilhavam de uma forma assustadora. Ligou o carro e dirigiu sem rumo.

Charlotte sentia algumas lágrimas em seus olhos, mas tentou não chorar. Ela não queria acreditar que ele a havia beijado daquela forma. Ela não havia correspondido, mas sentia que havia traído Carl de alguma forma. Sentia-se mal consigo mesma. Fez sinal para um táxi, entrou e fechou os olhos, decidida a esquecer o que havia acontecido, pois tinha consciência de que se falasse algo a Carl, tudo ruiria. Sem perceber, levou a mãos aos lábios e constatou que algo em Klaus lembrava-lhe muito Carl.

— Mas... O que será? — questionou-se ao ver o táxi percorrer a cidade de forma lenta.

CAPÍTULO 26

Charlotte passou pálida pelos empregados do palácio, mas nenhum estranhou suas roupas ou seu comportamento nada ortodoxo, pois, para eles, a princesa sempre seria daquela forma. Ela subiu as escadas para o seu quarto ainda atordoada pelo que havia acontecido e, ao abrir a porta, deparou-se com o olhar questionador de Layla. Charlotte tentou ignorar, fechando a porta e indo em direção ao banheiro, mas a voz de sua secretária ecoou de forma severa pelo quarto.

— Não sei como o príncipe está acostumado a lidar com a senhora ou não faço ideia de como viveu em Lucerne durante este tempo, mas eu preciso deste emprego. Espero que comece a se comportar como uma princesa e não como uma qualquer que sai com os homens por aí, enquanto o seu marido está trabalhando. Não acho justo o que está fazendo e nem o que está me obrigando a fazer, que é omitir o que se passa — disse em meio ao desespero.

Charlotte virou-se e a encarou tristemente.

—Tens razão. Não voltará a acontecer — falou pausadamente ao virar de costas e ir para o

banheiro, onde se trancou. Despiu-se e deixou a água quente cair sobre seu corpo. Ela ainda sentia a sensação dos lábios de Klaus sobre os seus, mas alguma coisa a estava incomodando. A cada momento em que pensava em Klaus, Carl vinha em sua mente em seguida e logo semelhanças começavam a se formar entre eles. — Como isso é possível? — perguntou-se ao lembrar-se de Carl. Por um instante algo lhe passou pela cabeça, mas ela logo espantou aqueles pensamentos.

Elizabeth suspirou ao caminhar pelo saguão da empresa de Carl e por um instante imaginou como seria se ele soubesse a verdade. Imaginou como ele reagiria ao saber quem ela realmente era.

— Provavelmente, me colocaria para fora — disse, sorrindo levemente. — Pelo menos, isso acabaria logo.

— Do que está falando, Srta. Grant? — Carl indagou divertido ao escutá-la falar sozinha em frente à máquina de café.

— Oh, não havia lhe visto. Me perdoe Sr. Willians — falou desconcertada. — Por acaso, escutou algo do que eu havia falado?

— Seria difícil não escutar, na verdade. — Sorriu. — está com problemas?

— Na verdade, não. Trabalhar aqui é muito fácil.

— Fico contente que ache isso. Imaginei que a sua adaptação seria mais trabalhosa. — Ao vê-la assentir e pegar um copo com café puro indagou curioso: — Soube que voltou cedo de Xangai. Houve algum problema?

— Problema? Não. — *Apenas que você não estava lá*, pensou com vontade de dizer, mas manteve-se em silêncio bebendo o café lentamente. — Vim porque achei que seria mais coerente. Ficar lá sem ter o que fazer seria entediante.

— Poderia ser uma turista. Algumas vezes é divertido.

— Poderia sim, mas tinha algumas coisas para resolver aqui.

— Entendo. — Olhou para o relógio em seu pulso e a encarou. — Tenho uma reunião

agora, soube que algumas pessoas estão organizando uma festa em sua homenagem. — Ao ver a expressão de surpresa dela, sorriu. — Nesta empresa costumamos elogiar as pessoas pelos seus trabalhos, e o seu em Xangai foi maravilhoso.

— Obrigada — disse sem graça —, mas não acho que seja necessário comemorar algo como isso. Quero dizer, foi apenas minha obrigação e nada mais.

— Verdade, mas é bom incentivar, não é mesmo? Tenho que ir agora, mas é bom estar livre esta noite. — Saiu deixando um leve aroma para trás.

— Esse perfume dele é tão... inebriante. Tanto quanto sua personalidade — sussurrou ao ir em direção à sua sala, onde uma pilha de trabalho a esperava. Assim que ela entrou, viu um porta-retratos com sua foto e suspirou. Ela queria poder colocar a foto de seu irmão ali, de sua família, mas sabia ser impossível. Como se seu irmão lesse seus pensamentos seu celular tocou e ela atendeu com um sorriso leve nos lábios.

— Oi, pensei que estaria trabalhando hoje. Como está? — indagou, ao trancar a porta de sua sala.

— Bem, queria saber como está evoluindo com Carl.

— Não diria evoluindo. Isso não dará certo, vamos apenas desistir, está bem?

— Estamos em uma etapa onde não podemos desistir, querida irmã. Já dei minha primeira cartada.

— Cartada? Do que está falando? — indagou confusa ao tentar imaginar do que ele estava falando.

— Eu disse a Charlotte que a amava e a beijei. Tenho certeza de que logo, logo conseguiremos o que tanto desejamos.

— Disse isso a ela?

— Disse, e devo dizer que ela me pareceu balançada — falou, divertido.

— Sinceramente, acho que você está indo longe demais. — *E sente algo por ela*, acrescentou em pensamento.

— Minha irmã, eu preciso vê-los pagando pelos seus erros para ter paz.

— Mas... Eu não acho que conseguirá alguma paz dessa forma.

— É inútil. Sempre teremos pensamentos divergentes, mas sei que irá entender o meu lado brevemente.

Elizabeth ficou em silêncio, pois sabia que não adiantaria tentar argumentar com Klaus. Alegando estar sendo chamada desligou o celular, respirando aliviada.

— Isso está ficando fora de controle — murmurou ao ligar o computador e começar a trabalhar com uma única pessoa em sua mente: Carl.

Charlotte suspirou pesadamente ao olhar para o relógio em seu pulso e perceber estar sentada havia horas, decidindo sobre os convidados da festa. Ela já estava desistindo quando viu um nome familiar entre os convidados.

— Esse... Klaus Vincent Reid?

— É o duque. Ele é próximo da família real desde que nasceu. Sempre houve boatos por ele ser parecido com o príncipe herdeiro, mas são apenas boatos.

— Esse duque... É o mesmo com quem saí hoje? — perguntou, com receio da resposta. Ela ainda ansiava para que existissem duas pessoas com o mesmo nome.

— Sim — respondeu, surpresa pela pergunta. — Não sabia quem ele era?

— Não sabia que ele era um duque — murmurou, ainda surpresa. Inúmeras coisas passavam pela sua mente. — Por que ele nunca me disse nada? — falou, perguntando a si mesma.— Ele precisa ser convidado?

— Não exatamente, se não for de vosso interesse.

— Não o convide — disse séria, com receio.

Layla ficou calada curiosa sobre o que estava acontecendo, mas limitou-se a voltar a atenção para a lista, confirmando se todas as pessoas importantes estavam listadas.

Charlotte começou a repassar todos os seus encontros com Klaus, todas as suas conversas e pouco a pouco percebeu que tudo estava interligado. Ela lembrou-se de uma conversa que havia tido com ele quando era mais jovem e deu-se conta, tardiamente, de que ele sempre havia a enganado.

— Como... Como ele pôde? — indagou-se antes de se levantar da mesa atraindo a atenção de Layla. — Sinto muito, mas terei que sair agora — disse séria ao caminhar para a porta do escritório. — Se Carl perguntar, diga que basta ligar para o meu celular.

Charlotte caminhou decidida para a saída assim que pegou a bolsa em seu quarto. Ela não sabia onde encontrar Klaus, mas tinha certeza de que uma pessoa poderia descobrir para ela. Ao colocar os pés para fora do palácio uma equipe de segurança já estava a postos e um carro lhe esperava. Ao entrar, deu o endereço e encostou a cabeça na janela, ao assimilar tudo que passava por sua cabeça.

O carro seguiu o trajeto tranquilamente, sendo escoltado por seguranças, e não demorou para estacionar em frente a uma grande casa.

— Chegamos, alteza — o motorista disse, atraindo a atenção de Charlotte, que agradeceu ao descer do carro. Ela caminhou até a porta de entrada da casa, apertou a campainha e sorriu diante do olhar de surpresa de Albert. — Desculpe ter vindo sem avisar.

— Charlotte... — Albert sussurrou com um sorriso no rosto. — Entre. — Deu passagem a ela e olhou para os seguranças, que haviam ficado do lado de fora.

Charlotte sentou-se no sofá próximo à janela e olhou ansiosa para Albert. Ela não sabia como começar o assunto que tanto a afligia.

— O que posso fazer por você? — Albert perguntou sentando-se ao seu lado. — Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigada — negou ansiosa. — Al, preciso que seja sincero comigo. — Ao vê-lo assentir, prosseguiu: — Klaus, o que sabe dele?

— Klaus?

— Sim, o duque.

— Então, descobriu sobre isso — comentou sem sorrir, com uma expressão estranha em seu rosto.

— Você já sabia? — Ao vê-lo assentir suspirou, sem forças para reclamar com ele. — Pois bem, me diga... Quando descobriu sobre isso?

— Foi algum tempo depois que eu lhe encontrei.

— E o que mais sabe?

— Sobre ele? Ou sobre a família Willians?

— Descobriu algo sobre Carl?

— Pode-se dizer que sim. — Levantou-se e caminhou pela sala inquieto. Ele não queria ter que lhe contar tais coisas de forma tão impetuosa. — Descobri algumas coisas, mas não sei se é certo lhe contar.

— Como assim, Albert?

— Há certas coisas que não devemos contar de forma tão aleatória. E não sei os detalhes ainda, quero apenas que saiba quando eu souber o que há por trás de tudo.

— E isso... Me afeta de alguma forma? Seja sincero.

— Creio que sim.

— Então, tens a obrigação de me contar. Não posso viver às escuras para sempre.

— Sempre é um tempo muito longo. — Sorriu levemente. — Mas acho que está certa. — Passou a mão pelos cabelos, enquanto pensava a melhor forma de falar a ela. — Assim que soube de Klaus por você, decidi averiguar sobre ele e sobre a família Willians. Decidi que a hora certa para você saber seria quando eu tivesse descoberto tudo. Esse duque, Klaus, como o conhece, é um antigo conhecido da família real. Sempre houve boatos sobre ele e sua ligação com o rei Willians. Há alguns anos, quando o príncipe Andrew veio a falecer, muitos colocaram a culpa em Klaus, por eles nunca terem se dado bem, mas não havia provas. Foram apenas boatos. Desde esse dia, Klaus mudou-se para Paris e continuou a viver sua vida longe daqui. Alguns diziam que era a sua consciência pesada, mas enfim... — Deu de ombros ao continuar. — Sobre a família Willians, não é tão fácil descobrir, pois há muito mistério. Mas algo é certo: há um bastardo na família. Não sei se ele é filho ilegítimo ou se é alguém dentro do palácio, mas existe.

— Está me dizendo que há um filho ilegítimo do rei por aí?

— Sim.

— E em que isso pode me influenciar?

— Bem... Aparentemente tem alguém buscando vingança contra a família real e eu suspeito que seja o filho ilegítimo do rei.

— E o que Klaus tem com isso?

— Eu ainda não sei — mentiu, pois no íntimo acreditava que tudo estava ligado a Klaus —, mas quando descobrir algo irei lhe informar. Fique tranquila.

— Ficar tranquila nessa situação é muito difícil — confessou. — Parece que todo mundo sabe algo, menos eu.

— Eu entendo, mas estou sendo sincero com você. — Sorriu, encantador, sentando-se do seu lado e passando o braço pelo seu ombro. — Já que veio aqui por que não vamos nos divertir um pouco? Faz tanto tempo que não conversamos como bons amigos fazem!

— Tem toda a razão — Charlotte disse sorrindo ao assentir. — Onde está Vincenzo?

— Não sei — deu de ombros, sorrindo. — Aquele dali aparece quando lhe é conveniente, mas vamos falar de você. Como está se sentindo sendo a nova princesa da Inglaterra? Fiquei surpreso ao saber que ainda não apareceu oficialmente em público.

— Não imaginava que essa vida fosse tão cansativa — confessou sorrindo. — Acredita que tenho que me vestir sobriamente, escutar besteiras e sorrir o dia todo? É tão cansativo que, sinceramente, rezo para que isso acabe logo.

— Acabar logo?

— É, espero poder viajar. Não sei bem. Apenas não queria continuar a viver dessa forma por muito tempo.

— Mas... Você sabe que Carl é o príncipe herdeiro, não sabe? E como tal deve viver assim a sua vida toda para se tornar rei mais à frente.

— É... infelizmente — murmurou, incerta.

— Não está gostando mesmo, não é? — indagou ao passar o braço por trás dos ombros dela, puxando-a para apoiar a cabeça nele. — Sabe que pode fugir para cá sempre que precisar.

— Obrigada, Al — falou sorridente. — Não sabe o quão aliviada estou por ter você ao meu lado novamente. Senti muito a sua falta nesse tempo.

— Eu também senti a sua. — Após alguns minutos em silêncio, disse em voz baixa: — Você não se arrepende?

— De quê?

— De ter escolhido ele? — falou ao lembrar-se de sua proposta anos atrás de levá-la consigo. — Não se arrepende de tudo pelo que passou por causa dele? Não se arrepende de não

ter ido comigo?

— Al... — ela falou afastando-se um pouco dele para poder olhar em seus olhos — Eu posso ter sofrido um pouco, mas acima de tudo eu amei. Depois dos anos que passei longe dele, percebi que dificilmente deixarei de amá-lo, então... Não, eu não me arrependi de nada do que fiz. Só me arrependo de ter ficado tanto tempo longe de meu querido amigo — terminou sorrindo.

Albert acariciou o rosto de Charlotte e, com pesar, percebeu que não seria mais do que um amigo para sua amada. Ele tentou sorrir, mas a única coisa que sentia era vontade de apertá-la em seus braços. Em um movimento, ele a puxou e a abraçou fortemente, deixando-a surpresa.

— Não se preocupe — murmurou em seu ouvido —, apenas quero senti-la um pouco. Sentir que... estamos perto um do outro. — *E que és minha, pelo menos durante alguns segundos*, pensou ao fechar os olhos.

Charlotte não entendeu o motivo dele abraçá-la e dizer tais palavras, mas limitou-se a retribuir o abraço de seu amigo. Ela sempre desejou poder vê-lo novamente, pois, para ela, Albert era como um irmão.

Carl afrouxou a sua gravata assim que estacionou o carro em frente ao hotel onde iria jantar com alguns empresários. Ele já estava ficando cansado de ter que lidar com a vida de realeza e de empresário. Sua empresa crescia rapidamente, mas sua popularidade como príncipe herdeiro caía lentamente. Ele estava esperando que, com a festa organizada pela esposa, tudo voltasse ao normal. A última coisa que desejava era ver o trono sendo ocupado por alguém sem escrúpulos, mas em seu íntimo nem ele desejava ocupar tal posição.

Assim que saiu do carro o manobrista pegou a chave de seu carro e logo que entrou no restaurante avistou uma mesa mais afastada com dois homens ocupando-a. Carl suspirou antes de caminhar até eles, seguro de si.

— Desculpem-me pelo atraso — Carl falou polidamente ao vê-los.

— Não se preocupe, alteza. — Um dos homens levantou-se e sorriu. — Acabamos de

chegar, sente-se, por favor. — Ao vê-lo se acomodar sorriu satisfeito. — Soubemos que vosso pai está ajudando as pessoas famintas pelo mundo. Ato muito nobre, não acha?

— Não me lembro de ter vindo aqui falar da minha família — Carl disse frio ao pegar o menu. — Até onde eu me lembro, viemos tratar de negócios e é disso que irei falar esta noite.

— Me perdoe. — A voz do homem soou frustrada e com raiva.

O jantar transcorreu tranquilo, se não fosse pela expressão dura que Carl lançava para o homem que havia falado de seu pai. Poucos sabiam, mas o rei costumava usar as viagens para conseguir aliados políticos usando sua mãe. Usando-a como um troféu, o qual ele desprezava quando voltava para a Inglaterra.

O jantar acabou logo no fim da noite, quando a maioria das mesas já estavam desocupadas. Carl se despediu, saindo rapidamente. Ele estava ansioso para chegar em casa e encontrar sua esposa lhe esperando.

CAPÍTULO 27

Albert sorriu ao estacionar o carro e olhar para Charlotte, que estava sentada ao seu lado. Ela havia dispensado o motorista, enquanto os seguranças os seguiam a uma distância razoável. A sua tarde havia sido divertida, pois sempre que Albert estava ao seu lado ela conseguia relaxar e divertir-se sem restrição.

— Obrigada pela carona — ela falou ao retirar o cinto de segurança. — Não precisava ter vindo.

— Foi o jeito que encontrei de ficar mais algum tempo com você. — Sorriu. — É melhor entrar logo antes que estranhem a princesa ficar tanto tempo no carro de um homem.

— Não seja bobo. Falando nisso, você está morando sozinho? — indagou, pensativa. — Toda vez que foi em sua casa ou está com Vincenzo ou sozinho.

— Meu pai vive viajando a negócios. A casa onde ele mais fica é em Nova York. Quase nunca nos vemos.

— Ele trabalha em quê?

— É dono de uma rede de bancos — disse sem dar importância. — Poucas vezes o vejo e quando isso acontece nunca conversamos.

— Sinto muito.

— Não precisa sentir — Sorriu. — Algumas pessoas têm sorte, mas é melhor entrar logo.

Charlotte assentiu e em um ímpeto beijou-lhe na face antes de sair do carro. Ela passou pelos enormes portões sorridente e assim que adentrou o palácio escutou alguns murmúrios de duas empregadas que encontravam-se próximas à entrada. Charlotte deu de ombros e foi em direção ao seu quarto. Ela estava relaxada demais para se estressar com bobagens.

Assim que abriu a porta do quarto avistou seu marido sentado na poltrona lendo um livro, concentrado. Charlotte, com cuidado, se aproximou dele e o abraçou pelo pescoço.

— Senti sua falta — ela murmurou próxima ao seu ouvido.

Carl deixou o livro de lado e fechou os olhos ao sentir os braços de sua esposa em volta de seu pescoço.

— Também senti — ele disse baixo. — Onde estava? Soube que saiu e dispensou o motorista.

— Estava com Albert.

— Vocês costumam se encontrar muito a sós? — indagou curioso ao afastar o braço dela de seu corpo. Segurou sua mão e a fez sentar-se em seu colo. — Sabe que não gosto que se encontre com outros homens sozinha.

— Não se preocupe. Ele é apenas meu amigo, quase um irmão — disse sorrindo.

— Espero que ele também saiba disso — tornou ao morder seu pescoço. — Estava louco para te sentir — disse antes de beijá-la nos lábios. Charlotte fechou os olhos entregando-se às carícias de Carl, que aos poucos tornavam-se mais intensas. Não demorou para eles se entregarem à paixão, esquecendo-se do mundo à sua volta.

Vicenzo espreguiçou-se ao descer de sua moto em frente à casa de Albert e sorriu ao imaginar o semblante dele ao vê-lo. Caminhou tranquilo até a entrada e, quando tocou a campainha, estranhou a empregada recebê-lo avisando que Albert não estava em casa. Sentou-se no sofá e ficou esperando por ele pacientemente.

— Que bom vê-lo por aqui — Albert saudou Vicenzo assim que entrou, com uma leveza em seu semblante.

— Está muito feliz meu amigo. Viu Charlotte? — comentou, tentando sorrir para não aparentar a dor que aquelas palavras lhe causavam.

— Sim, ela veio aqui e ficamos conversando durante um tempo. Como nos velhos tempos, na verdade.

— Isso é bom — sorriu fraco, inquieto. — E então, vocês dois... Conseguiu algo?

— Algo?

— Sim... Disse que ainda a ama?

— Na verdade — Albert disse sério após suspirar —, acredito que o melhor é sermos amigos. Tenho que tirá-la do meu coração, pois percebi que ela sempre vai amá-lo — confessou ao se sentar na primeira poltrona que viu. — Mas isso foi bom. Pelo menos contei a ela sobre o que sabia.

— Um momento — Vicenzo disse confuso —, disse que vai deixar de amá-la? É isso mesmo?

— É o melhor a se fazer. — Esboçou um leve sorriso. — O melhor é seguir em frente. Demorei um pouco demais para perceber, mas será melhor.

— Também acho — Vicenzo disse, alegre. — Sempre estarei aqui por você.

— Eu sei. — Sorriu. — Mas que tal terminarmos aquela partida de xadrez? — indagou ao se levantar da poltrona e caminhar em direção ao escritório.

— É uma ótima ideia — disse ao segui-lo. Vicenzo tinha consciência de e a sua paixão nunca seria correspondida, mas não poderia deixar de sentir uma felicidade ao escutar de Albert que ele seguiria em frente, esquecendo seu amor por Charlotte. Mesmo amando-o, ele o queria vê-lo feliz, acima de tudo.

O sol estava brilhando na Inglaterra apesar do clima estar meio frio. Um carro preto aguardava do lado de fora do palácio sem que nenhum guarda prestasse atenção nele, pois era conhecido por ser o carro de um duque. O duque Reid. Klaus olhou pela janela de seu carro mais uma vez. Ele já estava ficando entediado de esperar Charlotte sair do palácio. Estava decidido a estar em todo o lugar que ela, ele iria a ganhar pela persistência. Ligou o rádio deixando uma música clássica preencher o ambiente e não demorou para ver Charlotte saindo do palácio com um sorriso nos lábios. Ao vê-la sorrir tão abertamente rodeada pelos seus seguranças sentiu um aperto no peito, um aperto que o fazia querer seguir adiante com seus planos.

— Quando isso começar de verdade, nunca mais irá sorrir dessa forma, Lotte — disse sorrindo diabolicamente ao ligar o carro. Ele estava pronto para ir até as últimas consequências.

O carro onde Charlotte estava seguiu pelas ruas tranquilas até parar em frente a uma boutique de roupa. Klaus suspirou frustrado ao vê-la com sua assistente. — Parece que terei que ter paciência — resmungou ao observá-las.

Charlotte entrou na boutique com Layla sem conseguir esconder a felicidade que estava sentindo. Pela primeira vez desde que havia voltado com Carl estava feliz de uma forma que não conseguia descrever. Assim que adentraram a loja, várias vendedoras as rodearam e não demorou para saírem da loja repletas de sacolas.

— Isso é mesmo necessário? — Charlotte perguntou a Layla assim que entraram no carro. — Não consigo me sentir confortável com tantas compras e roupas tão sérias.

— Mas é a vossa obrigação, alteza. Tem que se vestir bem, ser um exemplo de elegância.

— Está dizendo que terei que me vestir sempre assim, enquanto estiver aqui?

— Não acho que vá embora — disse, olhando-a surpresa. — Não sabia que o príncipe será coroado em breve? Parece que o rei quer deixá-lo como o próximo rei o mais rápido possível.

— Não pode estar falando sério — murmurou. *Carl não me disse nada..*, pensou angustiada.

—É o que ouvi falar, mas pode ser apenas um boato — sorriu ao olhar para a agenda. — Temos uma reunião com o conselho administrativo do palácio, precisamos coordenar nossas

ações durante a festa.

— Coordenar nossas ações? — Charlotte repetiu, confusa.

— Sim, precisamos saber quanto tem disponível no cofre para a festa e a partir daí poderemos comprar tudo que seja necessário, contratar o bufê. Enfim...

— Pensei que quem pagaria seria Carl.

— Não, festas voltadas para a imagem da realeza, por exemplo, são pagas pelos cofres públicos.

— Isso não é errado?

— Não, de modo algum — Layla falou tranquilamente.

Charlotte pensou em contradizê-la, mas sabia que não adiantaria de nada. Ela estava vivendo em um mundo completamente diferente do que estava habituada. Seus valores, pensamentos e gostos estavam sendo mudados de uma forma cujo resultado ela não estava apreciando. Charlotte olhou pela janela e viu algumas crianças acenando para o seu carro e algo a angustiava. Aquela não era ela e em seu íntimo não pretendia ser.

Elizabeth fechou os punhos com raiva ao ler a mensagem de seu irmão. Ao mesmo tempo que gostava de estar próxima de Carl, sentia-se mal por estar enganando-o, mas sabia ser necessário.

Necessário para quem? Para mim ou para os planos dele?, ela se perguntava constantemente ao concordar com Klaus. Ajeitou as coisas em cima de sua mesa, pegou o relatório e arrumou os cabelos, soltando-os. Suspirou profundamente antes de sair de sua sala e seguir em direção ao elevador. Elizabeth sabia que já estava sendo alvo de fofocas, muitos comentavam sobre a sua aproximação com o príncipe, mas ela suportava por saber ser necessário para Klaus. Assim que as portas do elevador se abriram, ela entrou com o semblante entristecido. Apertou o botão do último andar e esperou, pacientemente, por mais uma humilhação.

A secretária de Carl olhou com um sorriso malicioso para Elizabeth, que a ignorou ao ficar em frente à sua mesa.

— O presidente está me esperando — Elizabeth disse, altiva.

— Pode entrar, ele me pediu para mandá-la entrar assim que chegasse — a secretária falou, friamente. Para ela, os dois estavam tendo um caso.

Elizabeth apertou a pasta com força nos braços antes de abrir a porta e se deparar com Carl falando ao telefone. Ele fez um sinal para que ela se sentasse e foi exatamente o que ela fez. Ela não poderia dizer a Klaus, mas sabia estar se apaixonando pelo homem que seu irmão tanto odiava. Esperou até ele desligar o telefone. Em retribuição, o viu sorrir para ela.

— Me perdoe, era um telefonema importante — Carl disse sorrindo para Elizabeth. — Vejo que trouxe o novo projeto. — Olhou para a pasta na mão dela sorrindo. Ele prezava o trabalho dela por ser impecável e por ainda conter traços antigos que outros tanto criticavam.

— Ah... Sim, aqui está. — Estendeu a pasta a ele. — Houve alguns erros quando me informaram sobre o projeto. No princípio imaginei ser sobre uma peça extra do projeto, mas logo percebi ser a peça fundamental visualmente nele. Não sei se será do seu agrado, mas...

— Não se preocupe — Carl a interrompeu ao começar a ler o relatório. — Vou avaliar com calma, mas já almoçou? — Ao vê-la negar, colocou a pasta de lado, pegou o telefone e não demorou para fazer um pedido para dois de comida italiana. — Espero que goste de massa — falou ao desligar o telefone.

Elizabeth o fitou surpresa, sem conseguir proferir nenhuma palavra, apenas sorriu levemente e assentiu. Ficaram em silêncio durante um tempo até baterem na porta.

— Parece que o almoço chegou — Carl falou ao se levantar e ir abrir a porta. Pegou as sacolas e as colocou em cima de uma mesa no canto da sala. — Venha — chamou, antes de sentar-se em uma das poltronas. Elizabeth caminhou decidida até ele e sentou-se em sua frente. Eles se serviram em silêncio e não demorou para a voz dela preencher o ambiente.

— Não acha... estranho?

— O quê?

— Isso. Almoçarmos juntos em sua sala, senhor — Elizabeth disse, corando. — Imagino que há comentários sobre nós.

— Concordo — assentiu pensativo. — Mas, como não é verdade, não vejo problemas. A senhorita vê?

— Nenhum. — Sorriu. Elizabeth teve certeza de que algo poderia acontecer ente eles. Ao vê-lo tão despreocupado, sentiu que poderia ter uma chance de escapar da vingança de Klaus e levá-lo consigo. — Se... alguém pudesse o salvá-lo de algo, de um perigo, se agarraria a essa pessoa? — perguntou após instantes em silêncio.

— Por que... está me perguntando isso? — Carl indagou, olhando-a cuidadosamente. — Algo está acontecendo?

— Não — negou. — É apenas... uma curiosidade.

— Hum, não entendo o motivo, mas não vejo mal algum em responder. — Sorriu após pensar um pouco. — Não sou do tipo que me agarraria a alguém. Eu iria ir atrás de quem estivesse contra mim e salvaria a todos ao meu redor. Já passei muito tempo me escondendo das pessoas, não irei fazer isto nunca mais.

— Entendo — murmurou tristemente.

Carl fitou-a, confuso. Ele não imaginava o motivo dela ter feito tal pergunta, mas não conseguiu evitar uma certa admiração. A cada instante se admirava mais com ela.

CAPÍTULO 28

Inúmeros carros percorriam a cidade de Inglaterra de forma pomposa. Os jornais não falavam em outra coisa que não fosse a festa da realeza. Todos estavam curiosos para serem apresentados à futura rainha. O palácio era visto de longe, dada a quantidade de luzes que o iluminavam. As cores banhavam o frio palácio tornando-o atrativo a quem olhasse de longe sem perceber o que estava prestes a acontecer. No salão principal, várias mulheres trajando os mais belos vestidos, desfilavam ao lado de seus acompanhantes. Haveria também a tão esperada hora em que Charlotte desceria as escadas ao lado do príncipe Carl.

Charlotte olhou-se no espelho temerosa. Ela não sabia o que lhe esperava, mesmo imaginando os olhares acusadores, os murmúrios e risos debochados. Os boatos ainda povoavam o palácio e a cidade. Não importava o quanto eles demonstrassem se amarem, todos achavam que ela o estava traindo. Charlotte viu o olhar de deslumbramento que Layla lhe enviou assim que entrou no quarto e sentiu confiança em si mesma.

— A senhora está linda — Layla falou, sorrindo. Charlotte vestia um longo vestido vermelho drapeado a partir da cintura, o corte dele nos ombros era largo, um pouco alto. Seus cabelos estavam presos em um penteado feito de forma exímia. A maquiagem era simples, destacando seus traços naturais.

— É hora do show — murmurou para si mesma ao dar as costas para o espelho e olhar para Layla, em frente à porta. — Carl, onde está?

— O príncipe está esperando a senhora no corredor. Parece estar muito ansioso.

Charlotte assentiu antes de reunir coragem e passar por Layla. Assim que saiu do quarto deparou-se com Carl vestindo um traje formal da família real. Ambos se olharam durante longos instantes, inebriados. Os secretários deles apenas olhavam a cena, nada diziam, mesmo sabendo que estavam atrasados.

— Você está maravilhosa — Carl falou sorrindo ao se aproximar dela.

— E você irresistível — estendeu a sua mão para que ele a segurasse. — Chegou a hora.

Carl olhou no fundo dos olhos de sua esposa e percebeu um ligeiro tremor em sua voz. Naquele momento, soube que ela estava nervosa.

— Estarei com você, não se preocupe. Ficaremos bem — disse, apertando a mão dela contra a sua.

— Eu sei. — Ela sorriu levemente. — Porque você está ao meu lado.

Carl assentiu e logo caminharam em direção ao grande salão, onde todos esperavam ansiosos pelo príncipe e pela princesa. Ao chegarem ao topo das escadas, as luzes do salão se apagaram e um holofote foi direcionado para os dois. Todos se voltaram e um silêncio irrompeu. Os homens encontravam-se deslumbrados com a beleza de Charlotte e as mulheres atordoadas com a imponência de Carl. Eles desceram as escadas lentamente, apoiados um no outro. Eles estavam inerentes ao perigo. Klaus levou uma taça aos lábios e sorriu ao ver Carl e Charlotte descendo as escadas. À noite prometia ser uma das melhores de sua vida.

A música instrumental preenchia o ambiente. Os murmúrios eram intensos, pois havia dois anos que ninguém via a princesa e o príncipe juntos.

Albert sentiu um leve arrepio ao levantar-se do sofá e caminhar para a varanda. A noite não estava fria, possuía apenas uma brisa fresca e agradável. Ele sabia que naquele instante Charlotte estava ao lado de Carl, declarando o seu amor para toda a sociedade.

— Pensando em Charlotte? — Vincenzo comentou logo atrás de Albert. Ele havia passado para visitar o amigo e não demorou para perceber que ele estava estranho. — Tenho certeza de que ela irá se sair bem.

— Não estou preocupado com isso — confidenciou ao olhar para as estrelas. — Estou pensando, que neste instante, ela está ao lado da pessoa que ama e que eu... Estou sozinho, tendo apenas você, meu amigo.

Vincenzo sentiu uma vontade incomensurável de abraçá-lo, mas conteve-se. Ele estava resignado a manter o seu amor em seu segredo por todo o tempo que fosse possível e necessário.

— Um dia... Irá encontrar alguém — Vincenzo falou sem conseguir conter uma, pequena, dor em suas palavras. — Sei que irá encontrar uma mulher que o ame.

— Eu espero que sim — murmurou pensativo.

Os dois homens mantiveram-se pensativos e inquietos. Cada um possuía seu próprio temor e pensamento.

Charlotte sorria amigavelmente para todos. A noite estava perfeita. Nada estava fora do lugar.

— O que fez nesses dois anos na Suíça? — A esposa de um duque perguntou com um sorriso sarcástico no rosto. As mulheres em volta olharam para a princesa com uma esplendida curiosidade no olhar.

— Bem... — Ssegurou com força a taça em sua mão tentando sorrir. — Eu estudei design.

— Sério? Soube que mal terminou o colegial, pois fugiu com o duque Reid. — Uma outra mulher falou alto, fazendo algumas sorrirem.

Charlotte fechou o punho com força ao manter o sorriso em seu rosto. Sua vontade era responder à altura, mas sabia que não poderia fazer aquilo. Olhou para o lado e viu o seu marido sorrindo ao conversar com um grupo de homens.

— Imagino que as informações estão equivocadas — Charlotte disse pausadamente. — Fui para Suíça após terminar o colegial com um professor particular. Meu único objetivo ao deixar meu marido por tanto tempo foi crescer. Não acho que uma princesa deva ser tão superficial e resignada. Ainda desejo continuar a estudar para ser melhor para o país. Servir de exemplo para as jovens. Imagino que as senhoras façam o mesmo — disse sorrindo levemente, pois a maioria das que estavam ali eram fúteis. Elas não costumavam se importar com ninguém que não fosse elas mesmas. — Se me dão licença, tem algumas pessoas com quem preciso conversar. — Despediu-se brevemente e logo circulava pelo salão entre os convidados. Ela sentia-se angustiada com o que estava fazendo. Durante dezesseis anos havia vivido reclusa em casa e logo depois casou-se, mas nos últimos dois anos havia vivido, realmente. Ela viveu livremente e desejava sentir aquela mesma sensação novamente, pelo resto de sua vida. *Esse mundo não é para mim*, pensou ao beber um gole de champanhe. Ela escutou os risos vazios, viu os olhares falsos e desejou subir para o quarto com Carl. Ele era o único motivo que a fazia suportar aquela vida. Ao olhar para um canto do salão, vislumbrou um par de olhos azuis, fazendo-a hesitar. Ela não conseguia acreditar que ele estivesse ali.

— Klaus — murmurou pasma. Ela o viu sorrir levemente e a cumprimentar com um leve aceno de cabeça. — O que está... Fazendo aqui? Pensei que Layla não o tivesse convidado... — perguntou-se ao procurar por Carl, que estava distraído. Sentiu vontade de ir atrás dele, mas optou por não fazê-lo. A última coisa que desejava era um escândalo. Virou-se de costas e andou na direção oposta. Parou em frente a um casal e começou a falar com eles, distraidamente.

Carl não conseguia tirar os olhos de Charlotte. Por mais que conversassem com ele, sua mente estava apenas nela. Durante a noite, de forma inevitável, seguiu-a com o olhar por todos os lugares.

— Príncipe — Hugh o chamou, fazendo-o despertar de seus devaneios. O seu secretário encontrava-se sério e com um olhar duro.

— O que houve? — indagou, sério.

— Há uma ligação telefônica para o senhor em seu escritório. É sobre os vossos pais —

confidenciou.

Carl apenas assentiu antes de ir com seu secretário em direção ao escritório. Sem saber que havia feito a coisa mais imprudente da noite.

Klaus sorriu ao ver Carl afastar-se do salão. Colocou sua taça sobre uma mesa e caminhou até Charlotte. Ele sabia que teria poucos minutos para prosseguir com o plano. Esperou pelo momento certo. Esperou até uma jovem chamar Charlotte próximo ao banheiro. A jovem era uma conhecida sua. Ele havia armado tudo e sorria feliz por perceber estar tudo indo conforme o planejado.

— Me perdoe por pedir para me acompanhar, alteza. — A jovem loira com sorriso angelical falou sorrindo levemente. Elas estavam seguindo por um corredor no segundo andar até um dos quartos.

— Não há problemas — Charlotte disse levemente. A jovem a havia abordado repentinamente e pedido para mostrar onde ficava um dos banheiros. Ela aceitou por desejar afastar-se por alguns minutos daquela festa. Como os do salão estavam ocupados, ela prestou-se a levá-la a um do segundo andar. — Aqui estamos — Charlotte falou levemente ao indicar uma porta para ela. — Eu voltarei a festa, mas se tiver quaisquer dúvidas basta chamar um dos empregados.

— Muito obrigada novamente — a jovem agradeceu ao abrir a porta do banheiro e entrar com o coração acelerado.

— É a primeira vez que vejo uma princesa fazer o trabalho de uma empregada — Klaus comentou logo atrás de Charlotte.

Charlotte olhou para o homem à sua frente sem reação.

— Klaus... O que faz aqui em cima? Se Carl lhe ver...

— Não se preocupe — Klaus a interrompeu sorrindo — ele está um pouco... ocupado no momento.

— Mesmo assim...

— Já disse para não se preocupar. — Tornou com a voz mais rígida. Segurou o braço dela ao escutar algumas vozes. — É melhor sairmos daqui. — Puxou-a em direção a uma das portas, abrindo-a. Colocou Charlotte para dentro e os trancou.

— O que está fazendo? — indagou, confusa, ao vê-lo trancar a porta. Olhou em volta e gelou ao perceber estarem em um dos quartos. — O que está acontecendo?

— Está na hora de conversarmos seriamente — ele falou sério ao caminhar até ela. Parou em sua frente e acariciou seu rosto. — Minha ingênua Charlotte, acho que você deve dizer adeus ao seu esposo esta noite.

— Do que... Do que está falando?

Klaus nada disse, apenas segurou em sua cintura e a puxou para si, beijando-a. Charlotte não correspondeu o beijo, ficando surpresa com a atitude dele. Ao se afastar, ele passou o dedo sob os lábios avermelhados dela.

— Tão doce quanto eu imaginava — murmurou, olhando-a nos olhos.

Charlotte ficou impassível e perplexa. Ela não conseguia acreditar no que estava acontecendo naquele quarto. Klaus havia a beijado e por algum motivo, ela havia...

Por que seu olhar é tão familiar? Por que toda vez que olho em seus olhos lembro-me de Carl?, indagou-se confusa.

— Quem é você, afinal? — perguntou ao ver o sorriso sombrio na face dele,

— Neste momento... o seu pior pesadelo.

CAPÍTULO 29

Charlotte o olhou, atordoada. Ela não conseguia reconhecer o homem com quem conversava no parque, com quem ria e que havia lhe ajudado.

— Meu pior pesadelo? O que quer dizer com isso?

— Estou dizendo que a partir de hoje irá fazer o que eu disser, sem atrever-se a fugir ou a me contestar. — Sorriu ao tocar o seu rosto.

— Klaus, o que está fazendo? — ela disse afastando-se dele. — é melhor me entregar a chave do quarto. Não continuarei aqui contigo. — Ela não queria admitir, mas o medo começava a instalar-se.

— Não me lembrava de você ser tão arisca — Klaus falou, sorrindo ao olhar para ela.

Charlotte virou de costas para ele e respirou fundo. Ela sabia que não poderia gritar ou chamar a atenção para não haver um escândalo. *Tenho que ser inteligente*, pensou angustiada.

— O que você quer? Deve ter algum motivo para me trancar aqui.

— E há — sorriu maquiavélico. — achei que você deveria saber alguns fatos do passado.

— Como assim?

— É melhor se sentar.— Apontou uma poltrona próxima à janela e ao vê-la sentar-se ficou ao seu lado, em pé, em frente à janela. Ambos ficaram em silêncio durante alguns segundos, até Charlotte mexer-se inquieta na poltrona. Ela ainda não conseguia entender o que ele estava fazendo.

— Eu... Tenho que voltar para a festa. Carl ficará preocupado.

— Concordo — assentiu. — E é isso o que eu desejo. Desejo vê-lo sofrendo mais que tudo.

Charlotte olhou para o homem que dizia palavras tão cruéis, pasma. Ela não reconhecia o homem que a havia salvado somente dois anos antes.

Onde está aquele homem gentil, que me acolheu e ria comigo?, pensou.

— Imagino que esteja se perguntando por que eu estou falando tais coisas e o motivo de eu estar tão diferente, não é?

— Sim — murmurou.

— Charlotte... — Olhou-a. — A partir de amanhã você fará tudo o que eu disser. Irá se separar de Carl e ficar comigo, está entendendo?

— Isso é alguma piada? — Ela se levantou e foi até a porta. — Não ligo para escândalo. Se não abrir essa porta em três segundos, eu vou gritar.

— Vai gritar como naquele dia no beco, onde quase foi violentada?

Charlotte virou-se lentamente e o encarou. Desde que havia saído do hospital dois anos antes, nunca mais havia falado sobre aquilo com ninguém. Mas, ao escutar as palavras, as cenas passaram pela sua cabeça deixando-a frágil e tensa.

— O que quer dizer com isso? Como ousa falar sobre isso? Foi você mesmo que me salvou... viu a situação em que eu estava. Eu perdi o meu filho por causa daquilo. Como pode falar tão normalmente? — Falou com raiva, sentindo algumas lágrimas caírem pelo seu rosto. —

Não sabia que era tão desalmado assim.

— Eu sou, na verdade sou bem pior que isso — disse pausadamente.

— Como pode ser pior que isso?

— Fui eu. — Charlotte o olhou, confusa. — Fui eu que mandei aqueles homens lhe violentarem. Apareci no momento certo, porque eu apenas desejava que perdesse o filho para largar Carl.

Charlotte o fitou sem reação. Ela não conseguia acreditar no que estava escutando.

— Não sei como conseguiu acreditar naqueles papéis de divórcio — Klaus falou, gargalhando. — Eu apenas imitei a letra dele e você acreditou. Ridículo. Eu esperava, de verdade, que você não caísse na minha armadilha tão facilmente, mas... Foi bem mais fácil do que eu esperava.

— Armadilha? Klaus, o que está falando? Isso tudo só pode ser uma brincadeira.

— Não seja tão idiota, Lotte — falou calmo, encarando-a. — Acredita mesmo que eu estava na hora certa, no lugar certo sempre que precisava? Admito que você me interessa e por isso desejo que fique comigo, mas meu ódio por Carl vai muito além.

— Klaus... Você não está falando sério, não é? Como pode ser tão vil e cruel?

— Esse sou eu de verdade.

— Por que fez tudo isso? Por que quis me separar dele?

— Por quê? — repetiu sorrindo, com raiva. — Porque aquele cretino teve mais sorte do que eu.

— O único cretino aqui é você — bradou, corajosa.

Klaus sentiu a fúria apoderar-se de si e logo sua mão estava estendida batendo na face dela.

— Não ouse falar isso novamente!

Charlotte colocou a mão sobre a face avermelhada e sentiu medo. Medo do homem à sua frente.

— Aquele idiota sempre teve tudo o que quis. Sempre conseguiu as melhores coisas. Desgraçado! A sua única sorte foi ter nascido da mãe dele. Se ele tivesse sido como eu... Tudo seria diferente e eu poderia ser o príncipe.

— Príncipe? — murmurou, confusa. — O que está acontecendo, afinal? — gritou, com lágrimas nos olhos.

— Ainda não percebeu? — Ele a olhou sinistramente. — És tão tola para não reconhecer o irmão de seu marido?

O mundo parou para Charlotte naquele instante. Todas as imagens de Carl e Klaus passaram pela sua cabeça. As semelhanças começaram a fazer sentido.

— Irmãos.... Por que... Porque ele nunca me disse? — perguntou, atordoada. — não pode estar falando sério.

— Não? Nossos olhos são idênticos. Até os nossos nomes são parecidos. Aquele cretino não teve nem a decência de nos diferenciar nisso.

— Klaus... Se o que está dizendo é verdade... O que... Eu não estou entendendo. Como pode odiar o seu irmão?

Klaus gargalhou levando a mão aos cabelos. Ele não imaginava que a vingança poderia ser tão divertida como estava sendo. Ver o olhar atormentado e perturbado de Charlotte era um bálsamo para ele. O medo dela assemelhava-se a um elixir da felicidade. *Se pensa que isso é um tormento, se prepare, pois irá piorar*, pensou gargalhando.

Charlotte olhou para Klaus e apenas uma coisa lhe passou pela cabeça: loucura. Para ela, ele estava completamente louco.

— Por que eu o odeio? Por causa de sua existência, o nosso pai, o rei — disse com amargura — largou a minha mãe. A deixou de lado sem querer saber de mim ou dela. Ele a viu morrer e não fez nada. A viu definhar durante anos e não fez nada. Manteve-se quieto em seu pedestal com seus lindos filhos. Mas cada um está tendo o que mereceu.

Cada um está tendo o que mereceu?, Charlotte repetiu as palavras em sua mente.

— Nunca pensei que meus planos seriam tão fáceis. Na verdade, eu desejava lhe matar, mas por algum motivo me compadeci. Imaginei que pudesse compartilhar do mesmo ódio por Carl, mas infelizmente isso não aconteceu. — Continuou: — Esta noite é o marco. É o ponto médio da minha vingança contra essa família.

— Deseja se vingar de sua própria família?

— Minha família? Um pai que renega seu filho, dois irmãos egoístas e narcisistas e uma

mãe morta? Isso é tudo o que eu tenho e não creio que deva chamá-los de família.

— Você está louco.

— Talvez — disse com um brilho no olhar maligno. Avançou até onde ela estava, segurou com força o seu braço e a puxou para si. — Estou cheio dessa conversa. Quando eu abrir esta porta, você vai sorrir polidamente e não contará a Carl, ou melhor, ao meu irmãozinho sobre isso. Em seguida, irá esperar pela minha ligação. Receberá ordens e vai segui-las.

— Se não fizer, o que vai fazer? Me matar? — indagou com escárnio. — Se for isso, apenas faça de uma vez. Prefiro a morte do que ter que viver ao lado de um louco como você.

— Muito bom saber que está disposta a morrer por ele, mas... A pessoa que morrerá será apenas Carl. Da mesma forma que lhe fiz sofrer naquele beco, irei fazer com Carl. Primeiro... Ele ficará preso, sendo torturado lentamente, desejando a morte a cada segundo de sua vida. E em seguida, essa parte é a melhor, ficará tão desesperado por comida, por liberdade, que fará qualquer coisa que eu pedir. Irei humilhá-lo de todas as formas possíveis para depois matá-lo lentamente.

Charlotte engoliu em seco. As imagens de Carl sendo torturado não saíam de sua mente. Ela sabia que poderia contorná-lo quando saísse do quarto. *Eu posso fugir com Carl. Irei falar com ele e escaparemos*, pensou em desespero.

— Eu... aceito — falou trêmula.

Klaus a soltou e assentiu ao tirar a chave do quarto do bolso. Ele sabia que ela tentaria algo e era isso que desejava, pois tornaria tudo mais divertido.

Charlotte voltou para o salão mais pálida que o normal. Nem a maquiagem que havia feito tinha ajudado. Suas mãos estavam trêmulas e o medo estava estampado em seu rosto. Ela ainda não havia assimilado tudo o que havia escutado. Por algum motivo sentia que algo não estava correto naquela história. Ela sentia que algo estava sendo mantido em segredo. Ela olhou para os lados e não viu Carl. Seu coração começou a palpitar freneticamente. Ela começou a andar entre os convidados, apressadamente, esbarrando em alguns e assim que avistou Hugh o

chamou, atraindo a atenção de algumas pessoas.

— Deseja algo, alteza? — Hugh, o secretário de Carl, indagou preocupado. — Está pálida. Precisa de alguma coisa?

— Onde ele está? — indagou, aflita. — onde Carl está?

— No escritório em uma... — Antes que ele prosseguisse Charlotte já havia passado por ele e corrido até o escritório. Cada segundo era precioso para ela naquele instante. Ao passar pelo corredor e avistar a porta do escritório, seu coração falhou ao ver a porta entreaberta. Com uma calma que não sentia, abriu a porta vagarosamente e encontrou seu marido no telefone, falando em italiano.

— Graças a Deus... — murmurou aliviada ao caminhar até ele e abraçá-lo pelas costas.

Klaus sentiu um alívio indescritível ao sair do palácio com a cabeça erguida e um sorriso nos lábios. As pessoas que passavam por ele o cumprimentavam. Ele era um duque, conhecido pela sua seriedade e pelos boatos de ser o filho ilegítimo do rei.

Ao entrar em seu carro, assentiu ao seu motorista quando ele lhe perguntou se estava indo para casa e sorriu. Gargalhou ao perceber que estava chegando ao ápice de sua vingança.

— Daqui a pouco irei vê-lo implorar por misericórdia, meu irmãozinho.

A cada minuto, a vitória de Klaus ficava mais eminente. Sua única dúvida era a sua irmã, Elizabeth. Ele sabia que, de alguma forma, ela poderia prejudicar seus planos.

— Vá para a casa de minha irmã — ordenou ao motorista após pensar um pouco. Ele tinha que controlá-la, senão tudo poderia se perder.

Elizabeth estava sentada no sofá vendo um filme quando Klaus entrou pela porta com uma garrafa de champanhe e um sorriso divino nos lábios.

— Klaus, o que está fazendo aqui? — ela perguntou surpresa ao levantar-se. — O que houve?

— Minha doce irmã, está noite iremos festejar — falou ao abrir o champanhe. — Esta noite é o início de tudo.

— O que quer dizer com isso?

— Charlotte... Ela será minha quando eu quiser — falou, misterioso.

Elizabeth estacou. *O que aconteceu nessa festa? O que ele está tramando dessa vez?*, perguntou-se em silêncio, mas foi impossível não sentir uma pontada de esperança ao imaginar Carl separado.

O que estou pensando? Não posso ser tão vil dessa forma, recriminou-se ao perceber o caminho de seus pensamentos. Pegou a taça que Klaus lhe oferecia e bebeu todo o líquido de uma só vez.

CAPÍTULO 30

Charlotte retirou-se mais cedo da festa, afirmando estar com dor de cabeça. Ao entrar em seu quarto sentou-se na cama pensando em tudo que havia acontecido com ela. Seu coração ainda palpitava e suas mãos ainda tremiam. Ela fitou o nada, lembrando-se de cada palavra dita por Klaus. Ao repassar os dois anos em que estivera ao lado dele, percebeu que estava sendo manipulada. Ela desejava enfrentá-lo, vingar-se, mas temia por Carl. Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de Layla, que a olhou com uma expressão surpresa.

— Quer que eu chame um médico? Pois acredito que a sua dor de cabeça deve estar sendo desnorteante para deixar o príncipe sozinho em um momento como este — disse, atrevida.

Charlotte não escutou nada do que Layla disse, apenas levantou-se e caminhou até a sacada. Ficou olhando para as luzes brilhantes do jardim e suspirou ao se virar.

— Layla, o que faria se a vida de alguém estivesse em perigo? Quero dizer... Farei de tudo para proteger a pessoa, certo?

Layla olhou atentamente para a princesa, arrependendo-se pelo seu comentário e por um breve segundo sorriu.

— O que eu faria? Bem... Se teve algo que aprendi nesses anos em que trabalhei para a família real foi que independente do perigo ou das ameaças, se entregar não ajuda em nada. Não direi que atacar seja uma opção, mas ser a vítima não ajudará em nada. E peço desculpas pelo meu atrevimento.

Charlotte assentiu, pensativa. Continuou olhando para o céu e não demorou para estar sozinha no quarto.

O rei Willians segurou com força a mão de Melanie, sua esposa, enquanto os policiais e seus seguranças concluíam com as buscas em seu avião. Antes de decolarem descobriram uma falha nos motores e por pouco não haviam sofrido um grave acidente. Muitos suspeitavam de sabotagem.

Logo que embarcaram os controles não responderam e não demorou para uma equipe técnica ir até o jato deles e descobrir alguns fios cortados. Aquela era a primeira vez que tentavam matá-lo.

Carl sorriu para os últimos convidados sem demonstrar a aflição que lhe atingia. A ligação que havia recebido o tinha deixado inquieto, pois sabia que se alguém estava atentando contra a vida de seu pai poderiam fazer o mesmo com ele e Charlotte. Avistou Hugh, seu secretário, e logo o chamou.

— Preciso que os meus guardas investiguem este caso — disse baixo, olhando em volta. — E qualquer suspeita me avisem.

Hugh assentiu saindo em seguida, deixando Carl pensativo para trás.

Será que... Ele seria capaz disso?, Carl pensou confuso.

A noite havia sido envolta em pensamentos, insegurança e desconfianças dentro do palácio. Carl e Charlotte dormiram abraçados sem confessar o que lhes afligia. Em ambos os corações o medo começava a se instalar. Logo cedo, Carl se levantou beijou a testa de Charlotte, se arrumou e saiu. Ele estava decidido a descobrir quem estava por trás do ataque contra seus pais.

Charlotte abriu os olhos e olhou para o lado. Suspirou ao não ver Carl. Ficou deitada durante longos minutos até decidir o que fazer. Tomou um banho rápido, vestiu uma calça jeans, uma blusa com mangas, colocou um cachecol, pegou sua bolsa e saiu rapidamente, antes que Layla aparecesse. As empregadas estranharam a princesa sair vestida tão casualmente e ao vê-la entrar um táxi muitas começavam a indagar para onde ela iria.

Charlotte parou em frente à casa de Albert e suspirou antes de apertar a campainha. Viu seu amigo abrir a porta com os cabelos despenteados e um sorriso gentil ao vê-la. Ela o olhou e, sem poder se segurar, deixou as lágrimas caírem pelo seu rosto e o abraçou.

Albert ficou sem reação, mas não demorou para levá-la para dentro, apertando-a contra seu corpo. Deixou que toda a sua aflição fosse embora através das lágrimas.

— O que... houve? — Albert perguntou lentamente ao acariciar seus cabelos.

— Eu... descobri a verdade — disse em meio às lágrimas. — Há dois anos atrás Carl não quis se separar de mim, foi tudo uma armação... Uma armação de Klaus.

Albert fechou os olhos com força para não dizer algum impropério. Ele sempre havia desconfiado das supostas boas intenções dele e agora soube que estava certo.

— Não quer se sentar? — perguntou ao afastá-la um pouco de si. — Posso trazer algo para beber.

Charlotte assentiu ao caminhar até o sofá, mas, antes que Albert pudesse dizer algo, ela segurou sua mão, levando-o consigo até o sofá.

— Como descobriu sobre isso? — indagou, curioso, sentando ao seu lado.

— Pela forma mais confiável: por ele mesmo — disse, sem acreditar em como sua voz saía firme. — Ele me manipulou durante todo o tempo em que o conheci. Klaus na verdade é irmão

de Carl. Um Irmão bastardo. E está querendo se vingar de toda a família Willians me usando para atingir Carl. Ontem à noite, na festa... ele me ameaçou. Me disse que se eu contasse para Carl, poderia matá-lo.

— Se ele quisesse mesmo matar Carl, creio que já teria feito — disse pensativo. — Durante todo o tempo em que o conheci, vi Carl muitas vezes saindo sem segurança. Oportunidades não faltariam. Acredito que ele não quer matar o próprio irmão e sim... fazê-lo sofrer.

Charlotte ponderou as palavras de Albert e percebeu que ele poderia ter razão. Ela não queria sentir-se manipulada novamente. Dessa vez, ela pretendia lutar. Lutar pela sua felicidade.

— Al, você... Me ajudaria? Digo... me ajudaria a proteger as pessoas que amo de Klaus?

Albert sorriu, acariciou o rosto dela e assentiu em silencio. *Esta não será a última vez e nem a primeira em que me dou conta de que não me ama*, pensou.

— Mas... receio que ele possa fazer algo contra Carl — Charlotte disse, pensativa.

— Não se preocupa com você mesma?

— Não mais — disse séria, limpando o rosto com o dorso das mãos. — Não quero ser mais um marionete. Vou lutar contra ele, não importando o preço disso. Sofri demais durante dois anos para agora fingir que nada aconteceu.

— Eu lhe ajudarei. Não precisa se preocupar com nada. E duvido muito que Klaus, mesmo sendo um duque, poderá fazer mal contra o príncipe e a princesa. Ele não seria louco.

Quem me dera pensar dessa forma, meu amigo, mas acho que Klaus está louco. Mais do que há dois anos, pensou sem sorrir.

Klaus não conseguia conter a felicidade. Para ele, todo o universo conspirava para a sua vingança. Ele pegou uma foto que estava guardada em uma gaveta de seu apartamento e sorriu ao ver Charlotte mais nova. Ele ainda se lembrava de quando a havia encontrado pela primeira vez e por algum motivo não conseguiu mais esquecer-se dela. Ele pegou seu celular e sorriu ao discar um número, não demorando para escutar a voz de Charlotte.

— Vamos nos encontrar hoje — disse sorrindo —, no meu apartamento, daqui a uma hora.

— Desligou, mandando uma mensagem com o seu endereço. — Parece que meu querido irmãozinho continuará sem o seu amor por mais alguns anos — falou, animado. Colocou o celular em cima da cama e saiu do quarto. Ele ainda tinha algumas coisas para preparar antes da chegada de Charlotte.

Charlotte olhou para o edifício à sua frente com o semblante determinado. Ela havia passado duas noites em claro decidindo o que deveria fazer e, ao atender a ligação de Klaus, anotou o endereço e ali estava ela parada, criando coragem suficiente para enfrentá-lo. Sentiu o olhar do segurança em suas costas e, após lhe dar ordens para não segui-la, respirou fundo ao ajeitar a boina e os óculos escuros. Entrou no edifício com a cabeça erguida e o coração tempestuoso. Entrou no elevador, apertou o botão do quinto andar e esperou as portas se abrirem, o que não demorou muito. Ela saiu com o olhar firme, apertou a campainha do apartamento dele e o esperou abrir a porta.

Klaus passou a mão pelos cabelos ao escutar a campainha. Ele não imaginava que tudo seria tão fácil. Ao abrir a porta estranhou o olhar firme que ela emanava.

— Entre — disse, dando-lhe passagem. Fechou a porta assim que ela passou por ele deixando um rastro com cheiro agradável de perfume. — Me parece que fez a escolha certa. Agora vamos discutir a sua separação e....

— Não Klaus — Charlotte o interrompeu, séria. — Não vim aqui lhe dizer que farei o que deseja. Muito pelo contrário. Cansei de ser manipulada por alguém como você, que pensa apenas em vingança. Cansei de deixar que você faça o que quiser com a minha vida. Dois anos longe de Carl, dois anos de sofrimento foi tempo demais. Não irei me rebaixar e sucumbir perante você. Vim lhe dizer que de hoje em diante irei lhe enfrentar. Carl é um príncipe e como tal não será atingido por você, não importa o que faça. — Sorriu diante da expressão incrédula do homem à sua frente. — Sim, Klaus... Não tenho medo de suas ameaças.

Klaus apenas a fitou tentando acreditar no que escutava. Ele não esperava por essa reação de Charlotte.

— Tem certeza do que está dizendo? — indagou sério, com o semblante estranhamente calmo. — Sabe tão bem quanto eu o quanto isso será prejudicial para Carl.

— Pelo que entendi, o seu desejo é ver o sofrimento de todos da família Willians e a morte não iria representar isso — disse confiante, enfrentando-o. — Carl não será atingido por um filho bastardo.

— Como se atreve? — gritou transtornado segurando-a pelo braço. — Quem é você para dizer tal coisa de mim? Posso ser um bastardo como você diz, alteza — ironizou —, mas pelo menos não fui brinquedos de aposta em uma mesa de jogo. Isso é ridículo. Irá fazer o que eu quiser. Estou cheio de seu ar de superioridade.

— Largue-me, Klaus.

— Não. A partir de hoje será minha.

— Nunca serei sua — falou, tentando se soltar. — Nunca terá a sua vingança, pois ninguém daquela família se deixará ser atingido por alguém como você.

— Não deveria falar assim comigo, Lotte. Lembre-se de que por minha causa quase foi violentada e perdeu o seu filho tão precioso. Quem irá me impedir de deixar as coisas prosseguirem dessa vez?

Charlotte engoliu em seco. Seu corpo transparecia a insegurança que sentia, mas ela não iria demonstrar a Klaus. Ela estava decidida a enfrentá-lo daquela vez. Por Carl, pelo filho que havia perdido e por ela mesma.

— Faça o que quiser. Eu nunca... Nunca Klaus, irei para o seu lado. Ficarei ao lado de Carl, mesmo que isso signifique a minha ruína. — Com a mão bateu na face dele deixando-o atordoado com a reação dela, largando-a. — Até mais e não espere que eu fique parada ao vê-lo tão insano — disse antes de dar as costas para ele e ir embora.

— Droga! — gritou enfurecido ao jogar contra a parede a primeira coisa que avistou. Ele não estava esperando que ela o enfrentasse.

Elizabeth vagava pela empresa com o semblante sonhador. Ela havia passado a manhã toda

tentando ver Carl até descobrir que ele não iria trabalhar. Pegou o celular e olhou para o retrovisor imaginando um motivo para ligar para ele, mas ao dar-se conta de que não havia nenhum deu de ombros ao guardar o aparelho no bolso da calça. Estava tão distraída que, ao virar em um corredor, esbarrou em alguém. Olhou para o rosto da pessoa a fim de pedir desculpas e surpreendeu-se ao ver o mesmo homem de Xangai.

— Parece que o destino conspirava a nosso favor — Jonathan disse travesso ao olhar para a mulher à sua frente. — Elizabeth, não é? Como está?

Elizabeth manteve-se em silêncio, ainda surpresa em vê-lo. Ao menear a cabeça sorriu cordialmente e o cumprimentou.

— Bem, o que faz por aqui?

— Vim ver meu amigo, mas admito que aproveitei para vir lhe ver.

— Me ver? — repetiu, confusa.

— Sim, como eu sabia que trabalhava para Carl, imaginei que vindo até aqui seria uma ótima oportunidade para vê-la.

Elizabeth piscou algumas vezes e sorriu por fim.

— Não entendo o motivo disso, mas espero que não continue com isso.

—Continuar com o quê? — perguntou, divertido.

— Me sinto incomodada ao seu lado. Você viu muita coisa naquela viagem e não pretendo ficar à sua mercê.

— Elizabeth, algo não está indo muito bem aqui — disse sorrindo ao colocar a mão sobre seu ombro. — Não sei o que está acontecendo contigo, mas a última pessoa com quem deve se preocupar sou eu. Não tenho intenção alguma de lhe ameaçar ou utilizar alguma coisa daquela viagem contra você. A única coisa que desejo é poder vê-la mais algumas vezes enquanto estiver aqui. Será pedir demais?

— É impressão minha ou está dando em cima de mim? — ela indagou com o tom divertido ao se dar conta da situação.

— Não é impressão — assegurou —, lhe achei divertida e bonita. Por que não tentar?

Elizabeth sorriu divertida, meneou a cabeça e o fitou.

— Sinto muito, mas não acho que seja uma boa ideia. Vou trabalhar, foi um prazer revê-lo — disse lhe dando as costas.

— Nada fácil é interessante — Jonathan murmurou ao vê-la se afastar. — Ainda vou fazer você dizer sim para mim.

CAPÍTULO 31

Charlotte sentia-se livre de uma forma que não imaginava ao sair do apartamento de Klaus. Não lhe passava pela cabeça separar-se de Carl por causa de ameaças de Klaus. Mesmo sem ter certeza sobre como agiria, ela iria enfrentá-lo. Esta era a única certeza que tinha.

Carl olhou para o relatório em suas mãos ainda atordoado. O laudo sobre o mau funcionamento do jato de seu pai havia era inconclusivo, para eles tudo não passara de um acidente comum. Entretanto, ele acreditava que o culpado encontrava-se mais perto que nunca. Pensativo, andou até a janela do escritório de seu pai, fitando o horizonte.

Por este palácio. Por este posto, muitos se feriram no caminho. Me pergunto se valeu a pena, papai, pensou antes de suspirar.

O palácio encontrava-se no mais absoluto silêncio. Poucos sabiam sobre a tentativa contra o rei Willians II. Charlotte entrou com o semblante sério, mas em sua face poderia ser vista um tom de alívio. Ela caminhou pelos corredores até chegar ao escritório, onde sabia que seu marido estaria. Abriu a porta, surpreendendo-se por vê-lo disperso, olhando para o nada. Com cuidado, se aproximou dele abraçando-o pelas costas. Fechou os olhos ao sentir sua fragrância tão característica, seu corpo e por fim as suas mãos sobre as dela.

— Estava com saudades — Charlotte murmurou docemente.

— Eu também — ele respondeu, inebriado pela sensação de tranquilidade. Era inevitável

não se sentir daquela forma ao estar com ela. — Aconteceu alguma coisa? Soube que parecia nervosa mais cedo.

— Mais ou menos. Mais tarde falarei, agora só quero senti-lo mais um pouco.

Carl assentiu, desejando a mesma coisa, pois não sabia por quanto tempo teriam paz. Virou-se depositando um beijo em sua testa.

— Estou lhe achando diferente. O que aconteceu? — Carl indagou preocupado ao ver seu rosto mais pálido que o normal.

— Mais ou menos... Na verdade, eu... preciso falar com você.

—Sobre? — indagou curioso.

— Klaus. — Ao pronunciar o nome dele viu a face de Carl endurecer como se tivesse algum ressentimento guardado. — Não acha que está na hora de me contar a verdade?

— Às vezes é melhor não saber a verdade.

— Quando não sabemos a verdade, ela pode nos ameaçar e nos forçar a fazer coisas que não queremos — disse calmamente, tomando cuidado para que ele não percebesse do que ela estava falando. Ela desejava descobrir o que tanto atormentava aquela família.

— O que quer me dizer com isso? — perguntou, confuso. Aos poucos algo lhe passou pela cabeça. — Espere. Klaus lhe ameaçou? É isso que está querendo em dizer?

— Carl, eu nunca fiz muita exigência para você. Esta é a primeira vez que faço isso. Então, por favor, me conte a verdade. O que há entre vocês?

Carl afastou-se dela andando sem destino pelo escritório. Ele procurava a maneira certa de contar a história de sua família.

— Irei contar, mas depois não poderá me acusar de nada — disse incerto. — Meu pai, quando jovem, conheceu a sua mãe e por algum motivo, apaixonou-se perdidamente por ela. Tentou cortejá-la de todas as formas possíveis e impossíveis, até que ela cedeu. Eles tiveram um breve relacionamento. Não sei ao certo por quanto tempo isso ocorreu, até que ela o abandonou. Conheceu o seu pai, casou-se com ele e teve você. Meu pai nunca se conformou com isso e sempre quis vingar-se. Ele acreditava que você deveria ser a filha que ele nunca teve. A paixão dele por ela transformou-se em obsessão, até que ela não aguentou e fugiu do país. Ela não abandonou o seu pai, ela fugiu do meu. Durante esse tempo todo, ele tentou aprisioná-la de

alguma forma e conseguiu através de você.

— Do que... está falando? Qual a relação disso com Klaus? — ela perguntou, nervosa.

— Preciso contar tudo para que entenda — ele assegurou, continuando a história: — Minha mãe achava que o sonho dele era poder se casar com você, já que é a cópia viva de sua mãe, a primeira paixão dele, mas quando ele obrigou o meu irmão a se casar contigo as dúvidas dela pioravam a cada dia. A relação disso com Klaus é um pouco mais além. Antes do nascimento do meu irmão, creio que até mesmo antes de casar-se com a minha mãe, meu pai conheceu a mãe de Klaus. Ele se encantou por ela, prometeu o mundo, dinheiros, presentes e a coroa. A iludiu tanto que aposto que nem ele mesmo sabia o que era mentira ou verdade do que contava a ela. Quando descobriu que ela estava grávida, a abandonou e fez de tudo para que ela desistisse da vida dela. Para ele, o melhor seria que ela se matasse levando o filho bastardo consigo. Ela acabou se casando com um duque, teve Klaus. O duque adotou Klaus como se fosse seu filho, sem se importar com o passado ou a relação de Klaus com o rei. Klaus acabou descobrindo tudo e culpa toda a minha família pela dor que sua mãe passou, já que ela sofreu de uma grave depressão até que faleceu. Não demorou muito para o duque falecer e o título ser passado para Klaus. Não discordo do ódio de Klaus, já que eu consigo entender a raiva e a frustração. Meu irmão morreu quando Klaus estava com ele, muitos acham que ele foi o culpado, mas quero acreditar que não. Há alguns dias o avião da família real foi sabotado. O primeiro suspeito é Klaus. Ele ficou louco, não sabe mais distinguir seus próprios limites. A sua relação com Klaus é que... A mãe dele era muito parecida com a sua.

Charlotte sentou-se na poltrona, atordoada com tudo que havia escutado. Ela não esperava ter escutado aquelas coisas. Ela não imaginava o quanto sua mãe havia influenciado os erros do rei Willians. Aos poucos começou a entender o sentimento de Klaus, entendeu o motivo dele querer se vingar e entendeu o motivo de querer colocá-la em meio a tudo aquilo.

— Isso tudo... é uma loucura — ela murmurou, sem conseguir sentir uma dor em seu coração por Klaus. Ela entendeu que ele apenas sofria pela dor causada à sua família. — Ele deve ter sofrido muito — sussurrou para si mesma.

Carl olhou temeroso para o semblante de Charlotte. Ele temia que a verdade pudesse influenciá-la de alguma forma.

Espero que saiba o que está fazendo, Klaus, pensou antes de suspirar.

CAPÍTULO 32

Klaus jogou o copo vazio contra a parede em estado de frustração. Sua raiva aumentava a cada instante que lembrava-se do semblante dela ao enfrentá-lo e preferir Carl a ele. Estava tão absorvido em suas próprias lembranças que não percebeu a chegada de sua irmã. Elizabeth havia tentando falar com Klaus durante todo o dia sem conseguir. Ao ver o estado do apartamento, estranhou.

— Klaus — chamou-o, andando pelo chão repleto de cacos de vidros — o que aconteceu? — indagou ao vê-lo sentado num canto da sala, derrotado.

Klaus a olhou sem dizer nada. Ficou quieto como se estivesse imaginando as palavras certas a dizer.

— Elizabeth.... — murmurou, sorrindo levemente. — Então, veio atrás de mim? Isso é uma surpresa.

— Do que está falando? É claro que vim. Estava preocupada — falou aproximando-se dele com cuidado. — Por que está assim?

— Charlotte — falou, amargo. — Eu a farei implorar por clemência.

— Klaus...

— Ela está achando que eu sou um bastardo sem poder. Vou mostrar a ela quem é mais poderoso neste mundo.

Elizabeth sentou-se ao lado dele suspirando em seguida. Ela sabia que o irmão não estava fazendo tudo aquilo por vingança. Algo lhe dizia que Charlotte representava o maior motivo para aquela loucura que ele tramava. Passou o braço pelos seus ombros e aconchegou a sua cabeça sobre si.

— Não está na hora de parar? O que pode vir de bom disso tudo?

— Você diz isso porque não sabe o sentimento de ser humilhado, menosprezado e a cada dia perceber que a sua vida vale menos do que a de seu próprio irmão.

— Klaus... Você conseguiu. É rico, é quase tão poderoso quanto eles. Apenas viva a sua vida. Deixe tudo isso de lado.

— Nunca, Beth. Só deixarei essa vingança de lado quando eu morrer.

— Sabe... — tornou suspirando — ...acho que não sabe mais o verdadeiro motivo disso tudo. Acho que a única coisa que deseja, de verdade, é Charlotte. Desde que a viu, percebo que mudou. Seus planos nunca tinham a pretensão de irem tão longe. Tudo mudou quando começou a conversar com ela, não é?

Klaus sorriu levemente antes de responder.

— Se eu falar que está errada, estarei mentindo, mas não sinto nada por ela. Apenas quero o que ele tem. Consegui Victoria e por que não posso tê-la?

— Klaus... Um dia ainda irá se arrepender disso tudo — murmurou ao fechar os olhos.

Klaus tinha consciência de que ela poderia estar certa, mas para ele, naquele instante, não havia futuro. O que lhe importava era o presente.

Charlotte remexeu-se na cama sem conseguir adormecer. Não importava o quanto tentasse as palavras de Carl não saíam de sua mente. Ela sentia pena de Klaus e mais ainda por tudo que Carl e Klaus haviam passado pela sua mãe.

Como tudo isso poderia estar tão ligado? O rei Willians deve ser mesmo um louco para tramar algo tão doentio, pensou ao abrir os olhos encarando o breu do quarto. Olhou para o lado e viu o homem que amava de olhos fechados. Aconchegou-se a ele temendo que qualquer ação sua pudesse afastá-lo de si. Ela havia decidido lutar por ele, não importasse o quão perigoso fosse para ela. Ela iria compensar os dois anos longe dele.

Longe dali...

Uma mulher com cabelos pretos olhou para a janela de sua sala sorrindo ao ver a linda paisagem à sua frente. Ela nunca se cansava de ver os Alpes.

— Algo lhe perturba, senhora? — A jovem empregada indagou ao ver a mulher tão pensativa.

— Nada — a voz doce disse sorrindo. — Toda vez que olho para essa imensidão branca acabo me lembrando de uma pessoa especial.

— Entendo — murmurou sorrindo. Ela havia ido trabalhar para a excêntrica mulher há alguns anos. Ninguém sabia de onde ela vinha ou o que fazia de sua vida. Todo o seu passado era um segredo.

A mulher tocou o vidro ao lembrar-se da imagem da única pessoa de quem sentia saudades.

— Logo, logo estaremos juntas — murmurou pensativa. Ela estava disposta a dar um fim ao medo pela sua felicidade.

Londres...

Charlotte sorriu para as câmeras ao responder as perguntas dos repórteres. Sua festa estava sendo muito aclamada, apesar de ninguém saber o que realmente havia acontecido nela. Carl encontrava-se sério ao seu lado, segurando sua mão. Para muitos, aquela era uma atuação, mas para eles era um modo de dizer que estavam juntos e que nada iria separá-los.

— É verdade que teve um caso com Klaus Vincent Reid? — um dos repórteres indagou, fazendo todos ficarem em silêncio diante de sua coragem. A conferência estava ocorrendo em um grande salão, contudo não se ouviu nada, apenas existia o silêncio.

Charlotte ficou surpresa e em seguida sorriu delicadamente.

— Nós somos amigos, nos conhecemos há alguns anos.

O repórter anotou a resposta com o semblante frio. Para ele, aquilo era uma mentira e ele estava disposto a descobrir a verdade.

A entrevista ocorreu normalmente e não demorou para terminar. A realeza se despediu,

saindo cercada de seguranças. Assim que entraram no carro, que esperava por eles na porta do hotel, Carl virou-se para Charlotte e a puxou para si, abraçando-a.

— Eu te amo — sussurrou em seu ouvido.

— Eu também te amo, meu amor — ela disse abraçando-o. — Mas como sabiam que eu passei os dois anos com ele? — ela indagou assim que se separaram.

— Eles são como abutres. Procuram sujeira em qualquer lugar, mas não se preocupe porque a publicidade da realeza cuidará de tudo. Amanhã nada disso estará nas reportagens.

— Não me preocupo comigo e sim com você. Isso é a sua imagem. Não quero estragar por ter sido ingênua e infantil há dois anos.

— Essa é a imagem da minha família, não a minha — esclareceu sério. — A única imagem que eu tenho é a que você tem de mim. Me preocupo como me vê, o resto não me importa. Não mais.

— Carl... Quando irá parar de me fazer me apaixonar por você? — perguntou, sorrindo bobamente.

Carl sorriu, depositando mais um beijo em seus lábios. Para ele, aquilo era um sonho. Ele havia sonhado com aquilo havia dois anos, desde que ela o deixara.

Por mais que tentasse não conseguia parar de pensar em Klaus. Seu medo era que seu meio-irmão pudesse destruir a sua felicidade.

Elizabeth saiu do apartamento de Klaus com a mente conturbada. Ela não sabia mais o que fazer, mas tinha consciência de que precisava ajudar o irmão. Caminhou sem rumo até parar em um shopping center. Andou sem rumo, sentou-se na praça de alimentação e ficou pensando, compenetrada.

— Você é linda de todas as formas — Jonathan disse ao se sentar em frente a ela, surpreendendo-a.

— Meu Deus, está me seguindo? — perguntou assustada ao olhar em volta. — Deixou alguém me seguindo, é isso?

— Dessa vez sou inocente. — Ele riu erguendo algumas sacolas de compras. — Vim apenas comprar algumas coisas e lhe vi aqui.

— Está dizendo que foi coincidência?

— Pura e simples.

— Não consigo acreditar nisso — murmurou, sorrindo levemente.

— Mas até sorriu, isso é um ótimo sinal.

Elizabeth sorriu ao olhar para o homem à sua frente. *Ele é bonito, tem dinheiro, é engraçado e poderia estar com qualquer mulher, mas por que insiste em mim?*, pensou confusa.

— Jonathan, por que está insistindo tanto em mim?

— Hum... — Olhou para ela pensativo, sorrindo em seguida. — Não sei, você me cativou.

— Como posso ter te cativado? Lembra-se do nosso primeiro encontro?

— Como poderia me esquecer.

— E então?

— Talvez esse seja o charme. O modo como nos conhecemos.

— Você é louco — murmurou, perplexa.

— Estou começando a ficar por você — piscou, sorrindo.

Elizabeth não se deu conta, mas ao lado de Jonathan conseguia se esquecer dos problemas.

Klaus olhou pela janela do carro Charlotte saindo do palácio acompanhada por seguranças. Por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar nela.

— Vou mostrar a ela o que um bastardo pode fazer — disse a si mesmo antes de ligar o carro.

CAPÍTULO 33

Carl colocou o dedo sobre os lábios de Charlotte ao ver que ela se segurava para não rir. Eles estavam se esgueirando pelo palácio em plena madrugada.

— Ainda não sei por que estamos fugindo — Charlotte disse ao apertar a mão dele ao descer as escadas.

— É mais divertido assim — falou sério prestando atenção à sua volta. Ele queria poder fazer coisas que não conseguiu quando deveria ter feito. Por mais que soubesse o quanto ela o amava, ele sabia que tinha que conquistá-la, ainda mais se não quisesse que Klaus os separasse de alguma forma. Abriu a porta com cuidado e, ao se certificar de não ter ninguém por perto, andou até o carro, que estava estacionado em frente ao palácio. Piscou para Charlotte ao abrir a porta para ela, deu a volta entrando em seguida. Ligou o carro e logo seguiam para fora do palácio.

Klaus encontrava-se sentado na escuridão à espera de Elizabeth. Ele estava esperando sua irmã havia mais de duas horas e já começava a se perguntar o que ela estaria fazendo. Havia algum tempo que começava a achar distante, pois ele precisava dela naquele momento para derrotar Carl. Já estava ficando impaciente quando escutou o barulho da chave e não demorou para vê-la entrar com um sorriso no rosto, que morreu ao vê-lo sentado no sofá.

— Klaus... O que faz aqui? — indagou, assustada. Algo em Klaus estava deixando-a em alerta.

— Queria irmãzinha, parece que está se afastando de mim, não é? — disse, sorrindo estranhamente.

— Do que está falando?

— Do que mais? Não atendeu minhas ligações e pelo que vejo está fugindo de mim incluindo, o nosso plano.

— Klaus, já está na hora de deixar isso tudo de lado — falou ao suspirar. Caminhou pela sala e, ao passar por ele, o viu levantar-se e segui-la. — Imaginei que já estivesse sofrendo o suficiente com tudo isso.

— O único que desejo ver sofrer é aquela família. Parece que esqueceu-se disso também.

— Não... Eu não esqueci — murmurou ao entrar em seu quarto. Colocou a bolsa em cima da poltrona e retirou o casaco. — Sabe que estou cansada e que não vejo utilidade disso.

— Liz... — falou docemente —, a única que pode me ajudar é você. Não pode me abandonar agora.

— Eu nunca vou lhe abandonar, sabe disso — virou-se encarando-o. — Eu te amo... e por te amar sei que isso não lhe fará bem.

— E o que fará? — perguntou, alterando a voz e o brilho em seus olhos. — \Vê-los felizes seguindo sua vida, esquecendo do que fizeram comigo? Não. Eu não vou deixar.

— Eu entendo, mas não vou mais ajuda-lo. Eu me decidi. Não continuarei mentindo para Carl e nem para mim mesma. Amanhã vou embora.

Klaus escutou as palavras que tanto lhe assustavam. Ele não queria perder a única pessoa que o apoiava, a única pessoa que ele amava de verdade. Seus olhares estavam fixos um no outro de forma que não podiam se desviar. Klaus sentiu, pela primeira vez, a dor de perdê-la. Em um ato insano caminhou até onde ela estava, parando em sua frente, bem próximo.

— Liz se me deixar... eu...

— Eu sei — interrompeu-o ao levar a mão ao rosto dele, acariciando-o. — Eu te amo, mas não posso continuar com isso.

— Por mim.

— Sinto muito, meu irmão. Esta loucura precisa ter um fim e eu irei pôr.

— Não pode fazer isso.

— Eu posso e vou fazer. Contarei tudo a Carl e ele saberá como lidar. Provavelmente já...

Antes que ela pudesse prosseguir com seus pensamentos, Klaus a empurrou, fazendo-a cair deitada na cama. Ele ficou por cima dela e a encarou demoradamente. Segurou seus pulsos em cima de sua cabeça. A expressão em seus olhos havia mudado, Elizabeth percebeu ao engolir em seco.

— Isso é tudo por ele, não é? — Klaus murmurou ao olhar para ela sem desviar os olhos. — Está me abandonando... por ele, não é?

— Klaus...

— ME DIGA! — gritou descontrolado ao apertar seus pulsos. — Está preferindo ele do que a mim.

— Não é isso — disse assustada.

— Então, por quê?

— Porque eu o amo. Eu amo Carl e não quero vê-lo sofrer.

— E a mim? E quanto ao seu irmão? Eu posso sofrer em seu lugar. Como você é má.

— Klaus... não é nada disso... Você é meu irmão, mas ele... ele é o homem por quem me apaixonei.

— O homem por quem se apaixonou — repetiu com um sorriso malicioso e zombeteiro. — Então, fará qualquer coisa pela pessoa que ama?

— Sim. Eu farei.

— Isso é muito bom — murmurou antes de aproximar seus rostos e beijá-la. Elizabeth permaneceu quieta, estática, ao sentir os lábios de seu irmão sobre os seus. A sua vontade era de empurrá-lo para longe, mas quanto mais tentava se soltar, mais ele apertava seus pulsos. As lágrimas já desciam pelo seu rosto e, quando estava prestes a se desesperar, ele se afastou.

— O que você fez? — ela indagou com o rosto banhado em lágrimas. — Sou sua irmã, me solte! — gritou.

— Minha irmã... — Ele riu antes de soltá-la e sentar-se na cama. — Não somos consanguíneos.

— Do... Do que você está falando?

— Nem sequer somos parentes, minha querida Liz.

— Do que está falando? Fomos criados juntos, me lembro de você desde que sou pequena.

— Seu pai, o duque, me adotou quando você ainda muito pequena. Não temos nenhum laço, além de um documento sobre a minha adoção. Não somos irmãos.

— Klaus... como pode ser tão cruel?

— Não estou sendo. Somos um homem e uma mulher, apenas isso.

— Isso é ridículo! — Ultrajada, ela se levantou da cama para afastar-se dele. Seu coração

ainda batia descompassado pelo medo. Ela queria alguém para protegê-la naquele instante. — É melhor sair daqui.

— Liz, sabe muito bem aonde tudo isso vai dar, não é?

— Não, eu não sei — disse, séria.

— Sabe tão bem quanto eu, mas é melhor eu ir agora. — Levantou-se e foi até onde ela estava. Segurou o riso ao vê-la se afastar dele até encontrar com a parede. — Até mais, querida — disse antes de beijar sua testa e afastar-se.

Elizabeth deixou-se cair no chão assim que ele saiu. As lágrimas caíam livremente e seu corpo tremia. Ela não conseguia pensar em nada que não fosse sair dali o mais rápido possível. Com esse pensamento pegou a bolsa e saiu do apartamento sem olhar para trás.

Klaus está fora de si, pensou antes de andar pelas ruas frias sem um casaco.

Albert sorriu ao ver algumas mulheres olharem para ele. Ele estava em uma boate movimentado e exclusiva. Olhou para o lado e viu Vicenzo conversar com o garçom e sorrir de algo. Agradeceu intimamente pelo amigo que tinha, pois sem ele estaria em casa pensando em Charlotte.

— Está sozinho? — Uma mulher de cabelos negros e olhos verdes lhe perguntou ao sorrir para ele.

— Não mais. — Piscou travesso ao começar a conversar com ela. Para Albert, sua vida começava naquele instante.

Vicenzo olhou para atrás e viu Albert sorrindo enquanto conversava com uma mulher. Sentiu-se bem por ele, mas não negou seu próprio sofrimento. Ele amava o seu amigo, mas desejava o melhor para ele e o melhor era esquecer o passado e seguir em frente.

— E é isso que eu espero que você faça, Al — Vicenzo murmurou solitário no canto da boate.

Carl estacionou o carro em um velho campo aberto. Deixou o farol do carro acesso e sorriu para a mulher sentada ao seu lado. Não conseguindo evitar um sentimento de felicidade em seu coração, pois tudo estava indo bem para eles.

— Isso é muito romântico — Charlotte disse ao olhar para o céu, que estava estrelado. — Obrigada por me trazer aqui hoje.

— Eu é que devo lhe agradecer por ter voltado à minha vida. — Ao dizer isso segurou sua mão, levando-a aos lábios. — Durante todo esse tempo que ficamos separados só consegui pensar em você. Tudo o que eu via ou o que fazia... minha mente me levava até os nossos breves momentos. Está na hora de recuperarmos o tempo perdido, não acha?

— Recuperar?

— Sim. — Assentiu. — Assim que meu pai retornar, iremos embora.

— Do que está falando, Carl?

— Quero ter uma lua de mel com você, meu amor. Quero viver momentos contigo. Não pretendo ficar preso a este palácio.

— Mas esta é a sua vida.

— Não mais... A minha vida é você. Meu único objetivo é fazê-la feliz para compensar o tempo que passamos separados.

— Eu é que tenho que lhe recompensar, pois fui a única criança. Eu acreditei em tudo sem ao menos pensar em ti, sem ao menos lhe perguntar.

— Isso não importa mais — disse sério ao colocar o dedo em seus lábios. — Esta noite somos apenas eu e você. Nada irá nos atrapalhar — sorriu antes de beijá-la.

Elizabeth andou atordoada pelas ruas até sentar-se no primeiro banco que viu. Sua mente ainda estava atordoada com tudo que acontecera. Abraçou seu corpo sem se importar com as

peessoas que passavam por ela. Nem sequer sabia onde estava, mas aquilo não importava. Ela desejava poder chorar. Derramar as lágrimas que teimara em guardar.

Jonathan despediu-se de seu amigo e ,ao olhar para a praça, após aspirar o ar gélido da noite, avistou uma mulher conhecida. Nem ele mesmo entendia o motivo de encontrá-la com tanta frequência, mas não podia mentir para si, ele estava adorando. Aproximou-se dela e então percebeu suas lágrimas. Sentou-se ao seu lado, passou a mão pelos seus ombros e a puxou para si. Ao vê-la se debater, disse em seu ouvido.

— Sou eu, Jonathan, pode chorar o quanto quiser. Eu estarei aqui para apoiá-la e cuidar de ti.

Elizabeth não precisaria escutar o nome para saber quem ele era. Não lhe passou pela cabeça perguntar o motivo de estar ali. Ela queria apenas se apoiar em alguém naquele instante.

CAPÍTULO 34

Jonathan fechou a porta de seu apartamento após colocar Elizabeth para dentro. Olhou para ela e teve medo do que poderia escutar. Enquanto estavam sentados na praça, ela não disse nada, apenas chorou em seus braços como uma criança pequena com medo de algo.

— Quer beber algo? — ofereceu, assim que depositou suas chaves em cima da mesinha, que ficava ao lado do sofá. Seu apartamento era simples, de tal forma que ninguém ousaria afirmar sobre suas poses ao vê-lo ali.

— Sim, eu... preciso de uma bebida. — Elizabeth murmurou com o olhar perdido, ainda confusa com o que acontecera. Por mais que sentisse proteção ao lado de Jonathan, estava temendo Klaus. Ela nunca o havia visto daquela forma antes. Fechou os olhos com força ao recordar-se da sensação dos lábios dele sobre os dela, sentindo nojo em seguida.

— Aqui está — Jonathan disse, despertando-a das más recordações. Estendeu um copo para ela e sorriu levemente. — Pode me contar o que houve se quiser, ou podemos apenas ficar um olhando para o outro. Zelando sem nada dizer — afirmou, ao vê-la beber o líquido de uma só vez.

— Por que está me ajudando? — perguntou após alguns segundos em silêncio. — Por mais

que eu pense, não consigo imaginar um motivo sequer para isso. Nada nesta vida é de graça, certo? Então, por quê?

— Me parece que o mundo anda lhe deixando cicatrizes — murmurou pesaroso. Sentou ao lado dela no sofá, passando a mão pelos seus ombros e a puxou de encontro ao seu corpo — Tenha calma... Não lhe farei nada, apenas... quero que sinta que tem alguém para se apoiar. Alguém que irá escutar seus problemas e deixará suas lágrimas caírem em seu ombro. Eu estou sendo sincero quando digo que pode confiar em mim, Beth.

Elizabeth ainda não entendia, mas sentia-se protegida por ele. Deixou-se ser abraçada e confortada sem ao menos falar uma única palavra. Passaram a noite sentados no sofá, abraçados, confortando um ao outro.

Klaus não conseguia conter o sorriso nefasto em seu rosto. Ele não conseguia parar de pensar no desespero de seu irmão ao beijá-la daquela forma. Em seus planos, Elizabeth era apenas um peão muito favorecido pelo rei. Entretanto, assim como em um jogo de xadrez, imprevistos aconteciam e certas peças tinha que ser sacrificadas. Era exatamente isso que ele estava fazendo: estava transformando o peão, na torre. Sua vingança e sua loucura haviam chegado a um ponto de onde era impossível retornar. Ele estava cedendo aos seus desejos sombrios e suas vontades desajustadas. Nada mais importava para ele.

O apartamento de Klaus encontrava-se no mais absoluto silêncio ao entrar. Ele deixou as chaves jogadas no chão e, à medida que avançava para o quarto, retirar a sua própria roupa. Seu corpo estava clamando por um banho e sua alma por sangue. Abriu o chuveiro, deixando a água quente cair por seu corpo. Passou a mão pelos cabelos molhados e sorriu ao lembrar-se de Charlotte.

— Espero que esteja se divertindo porque logo, logo seremos apenas nós dois, minha querida — murmurou misterioso.

— Chegamos, senhora. — O motorista informou ao estacionar o carro em frente a um hotel renomado. — Já está tudo pronto. Basta seguir em direção ao sétimo andar, ao quarto 725. Suas malas já estão no quarto e...

— Sei o procedimento — ela o interrompeu ao colocar os óculos escuros e sair do carro. Francine apesar da idade e de seu passado ainda possuía uma beleza estonteante. Havia anos tinha mudado de nome, de Susan para Francine, e tentado esquecer sua antiga vida, sem sucesso. Após muito pensar, resolveu enfrentar o passado para ajudar a única pessoa que lhe importava: sua filha. — Já conseguiu encontrar o que lhe pedi?

— Sim. — Seu ajudante lhe informou com o semblante sério ao seguirem saguão adentro. Entraram no elevador, vazio, e permaneceram em silêncio até ele o interromper. — Ainda não acho que tenha sido uma boa ideia ter retornado.

— Não posso fugir a minha vida toda.

— Sim, mas...

— O rei Willians tem coisas mais importantes a fazer do que correr atrás de uma mulher de seu passado — disse, interrompendo-o. — Não vou deixar Charlotte em meio a isso tudo. Ela não ficará indefesa, não mais. Já passei muito tempo ocioso e inerte no frio.

— Está decidida, não é?

— Muito — disse séria.

— Então, está certa. Faremos o possível para que tudo dê certo.

— Eu sei que sim. — O olhou sorrindo levemente.

Carl olhou para sua esposa, que estava adormecida no banco de trás de seu carro e sorriu. Ele não iria deixar que nada lhe acontecesse. Ele estava preparado para protegê-la com todas as suas forças, nem que para isso tivesse que colocar sua vida em risco.

— Nunca vou lhe deixar, Lotte — murmurou ao passar a mão pelo rosto dela,

delicadamente. Viu-a sorrir levemente e indagou-se em pensamento com o que ela deveria estar sonhando. Após alguns minutos acariciando-a, saiu do carro silenciosamente. Afastou-se um pouco, pegou o celular e discou para um número. — Hugh, sou eu. Preciso que deixe tudo preparado. Me decidi. Irei atacá-lo de frente, não importa o que aconteça. Sim, eu sei que as consequências serão maiores do que imagino, mas não a deixarei à mercê dele. Eu vou protegê-la com a minha vida se for preciso. — Desligou o aparelho em seguida e suspirou profundamente. Ele ainda temia pelo futuro de seu meio-irmão. Por mais que odiasse as ações de Klaus, sabia que o motivo dele fazer aquilo tudo era seu pai, o rei Willians, pois ele tinha a tendência a despertar o que há de pior nas pessoas. Olhou para seu carro de longe, sem evitar deixou um sorriso brotar em seu rosto. Por mais que tentasse, não conseguia esconder a felicidade ao ver Charlotte ao seu lado. — Demorei tanto tempo para te ver aqui que agora não consigo acreditar que isso esteja acontecendo, meu amor — murmurou para si mesmo ainda extasiado.

Elizabeth acordou ao escutar alguns barulhos estranhos. Abriu os olhos atordoada deparando-se com um lugar novo. Demorou alguns segundos para lembrar-se do que havia acontecido. Levou a mão aos lábios com lágrimas nos olhos, sem acreditar no que havia acontecido.

— Ele... não pode ter falado sério — sussurrou para si mesma. — Eu... sou a irmã dele... o que ele disse... é uma mentira...só pode ser.

Jonathan sem querer escutou o desabafo silencioso dela ao se aproximar. Analisou-a por um tempo, percebendo o pouco que conhecia da mulher à sua frente.

Talvez eu deva investigá-la um pouco, pensou decidido, sem imaginar o quanto tal ação mudaria a sua vida dali em diante.

CAPÍTULO 35

Elizabeth ainda encontrava-se adormecida, com as lágrimas já secas em sua face. Jonathan olhou

para ela, antes de entrar em seu quarto e fechar a porta cuidadosamente. Pegou seu aparelho celular, discou para um número e não demorou para escutar uma voz masculina do outro lado, segundos depois.

— Preciso de um favor, sim. Preciso que investigue uma pessoa para mim — disse sério ao dar o nome de Elizabeth. — Quanto mais rápido, melhor. Tudo o que encontrar sobre ela. Sim, ficarei agradecido — falou com um leve sorriso na face antes de desligar. — Me perdoe, mas não posso continuar a te ajudar sem saber quem és na realidade.

O rei William adentrou a casa com o semblante sério. Todos os empregados haviam se reunido na porta principal para recebê-lo e à rainha. Entretanto, ficaram sem reação ao vê-lo chegar com os olhos brilhando de fúria, ao mesmo tempo em que Melanie, a rainha, mantinha a passividade em seu semblante.

— Onde está Carl? — O rei indagou com a voz endurecida. Olhou para todos os empregados em busca de uma explicação, que não veio. — E se não falarem...

— Ele não retornou, alteza — Layla falou, interrompendo-o. — Ele saiu com a princesa à noite e ainda não retornaram.

— Entendo — murmurou pesaroso. — Assim que ele chegar, mande vir me ver.

Ela assentiu, olhando com surpresa para a rainha, pois era a primeira vez em que os via juntos sem brigar.

Carl abraçou Charlotte fortemente assim que ela abriu os olhos. Eles ainda estavam no carro, no meio do nada, mas isso não os importava. Para eles, tudo estava perfeito.

— É melhor voltarmos, eles devem estar preocupados — Charlotte disse, apesar de desejar continuar como estava com ele. Sem ninguém por perto.

— Não se preocupe, se estivessem teriam me ligado, além do mais meus seguranças sabem onde estamos.

— Sabem?

— Sim, eu nunca conseguiria sair de lá sem que eles me vissem — confidenciou, sorrindo levemente. — Eu quis apenas criar um clima agradável.

— Não acha que se esforçou demais?

— Não. — Sorriu, abraçando-a. — Eu realmente quero compensar o tempo em que ficamos separados, Lotte.

— Carl... nunca imaginei que pudesse ser tão romântico.

— Homens são românticos por natureza, apenas precisamos encontrar a mulher certa que desperte esse nosso lado. Sorte a minha que encontrei você.

Charlotte o olhou de forma terna e apaixonada, sorriu levemente ao colocar seus braços em volta de seu pescoço e beijá-lo. Ela estava vivendo momentos incríveis com Carl, tendo a certeza de que nada poderia separá-los.

Assim que o carro do príncipe foi estacionado em frente ao palácio, Carl percebeu que teria problemas. O carro do rei estava estacionado na lateral do palácio, da mesma forma como costumava ficar quando o rei Willians retornava de viagem pronto para partir em outra.

— Assim que entrarmos, quero que vá para o quarto — Carl falou a Charlotte ao saírem do carro. — Preciso que confie em mim e...

— Carl, pensei que iríamos começar do zero — sorriu levemente ao encará-lo com delicadeza. — Se eu fugir do que quer me proteger, isso não será um recomeço, certo?

Ele assentiu após suspirar, prometendo a si mesmo contar tudo a ela a partir de agora. Ofereceu a mão, que ela segurou com força. Caminharam lado a lado pelas escadas até chegarem à porta principal, sendo esta aberta pela empregada, que os olhou com simpatia.

— Onde está meu pai?

— No escritório, alteza — a empregada disse após fazer uma leve reverência. — O rei estava lhe procurando.

— Eu já imaginava. — Virou-se para Charlotte e lhe sorriu. — Apenas se apoie em mim, certo? — Ela assentiu e logo caminhavam em direção ao escritório. Carl não bateu na porta,

apenas a abriu de forma abrupta como costumava fazer antes de se tornar o sucessor ao trono. Ele percebeu que o único modo de derrotar seu meio-irmão seria daquela forma.: sendo impetuoso e sendo ele mesmo: — Soube que estava procurando por mim.

O rei Willians II olhou com desprezo para o comportamento de Carl. Seu pensamento era de colocá-lo em seu devido lugar, mas, ao ver Charlotte não conseguiu, pois lembrou-se de seu antigo amor. Quanto mais a olhava, mais lembrava-se da mãe dela.

— Sim, temos assuntos importantes para tratar.

— Por isso eu vim.

— Não tenho dúvida da inteligência de sua esposa, mas não acho que seja prudente a sua presença.

— Discordo. A nossa vida a tem afetado sobremaneira que acho conveniente que participe de tais reuniões.

— Está sendo infantil e imaturo — o rei disse duramente. — És o sucessor ao trono e não pode se comportar dessa maneira. Se fosse o seu irmão, ele nunca...

— Mas eu não sou! — interrompeu-o, sério. — Já cansei que me comparem com ele. Eu sou eu, eu sou imaturo, impetuoso, sou agressivo e acima de tudo sou emotivo, coisa que ele nunca foi. Ele sempre se comportou como você queria, pai, e eu não. E isso é o que mais lhe frustra: eu não ser ele. Eu tentei, de verdade, mas a cada minuto me sentia ainda mais asfixiado com isso. Não consigo ser como ele e, sinceramente, fico feliz por isso. Somos diferentes e sempre seremos. Me perdoe pai, mas assim que resolver alguns problemas irei abdicar de minha posição.

— Como? — gritou. — Está louco?

— Eu estava... quando aceitei isso tudo. Não faço parte disso e não quero que Charlotte faça. Ela sofreu por minha causa e isso já foi o suficiente, não pretendo colocá-la em perigo mais uma vez por minha tolice e por sua culpa.

— Filho, pare para se escutar, sabe em que posição estará colocando a sua família? Não pode ser tão egoísta.

— Eu estava sendo egoísta quando não fui atrás dela com medo. Medo de um escândalo, medo do que Klaus poderia fazer. Eu não sou o mesmo de antes, pai e espero que o senhor

também não seja. Vamos mudar isso, vamos mudar este ciclo doentio.

— Está louco — murmurou confuso. Olhou para Charlotte em busca de apoio, vendo apenas surpresa e admiração. — Esta mulher... ela é a culpada, não é? És igual à sua mãe, ambas destruíram a minha família.

— Eu... — Charlotte começou, sendo interrompida por Carl.

— Nenhuma teve culpa, elas apenas estão escolhendo o seu destino. Espero que faça o mesmo. Vamos? — Sorriu para Charlotte ao olhar para ela com carinho. — Vamos para o nosso quarto.

O rei Willians ficou vendo-os se afastar com raiva em seu olhar. Segurou o copo que estava em cima da mesa e o jogou contra a parede. Sua raiva o consumia por dentro de tal maneira que sua vontade era de separar Charlotte de seu filho e obrigá-lo a continuar com a sua função naquela família.

— Talvez eu devesse fazer isso — pensou consigo mesmo, inebriado pelo sentimento em seu coração.

Charlotte saiu do escritório estupefata, ela não esperava escutar tais palavras de Carl. Parou em meio ao corredor e sorriu diante da expressão confusa dele.

— O que foi? Está cansada? — Carl perguntou ao olhar para ela.

— Não, apenas percebi uma coisa.

— O quê?

— Percebi que é tão maravilhoso quanto eu me lembrava. É um homem incrível, Carl. — Aproximou-se dele e o beijou. — Nunca mude. Sempre seja você mesmo, pois és perfeito do jeito que é.

Carl esboçou um leve sorriso antes de segurá-la pela cintura, apertando-a contra o seu corpo. Ele nunca fora tão feliz quanto estava sendo com ela.

Jonathan pegou o relatório da mão de seu colega e ao ler sentiu o sangue sumir de sua face.

A cada página que lia sentia mais raiva, angustia e medo. Percebeu pela primeira vez que havia entrado em um jogo, do qual sabia que não teria como sair.

— Tem certeza de tudo que está escrito aqui? — indagou ao investigador.

— Sim, ela é realmente a irmã de Klaus Vincent Reid. O engraçado é que ninguém desconfia que ela exista. São muito íntimos, mas aparentemente não são irmãos de sangue. O que é ainda mais curioso, pois é desconhecida a origem de sua família.

— Muito bem. — Pensou por alguns instantes. — Tente descobrir mais sobre Klaus Vincent Reid.

— Sim, mais alguma coisa?

— Preciso que contrate alguém para ficar de olho em Elizabeth. Algo me diz que ela está correndo perigo. — O homem assentiu, curioso pelas ações de Jonathan, pois o conhecia bem demais para saber que suas ações não estavam sendo em vão.

Charlotte sorriu de forma animada ao entrar na boutique com Layla. Apesar de achar sua vida enfadonha e fútil, tinha a certeza de que logo tudo estaria acabado e viveria com Carl, feliz. Sentou-se como estava acostumada, e esperou pela amostra das roupas, que não demorou para acontecer. Escolheu algumas e logo saía andando sem reparar na ausência de seus seguranças pessoais. Entrou no carro, mas assim que fechou a porta sentiu o sangue sumir de suas faces.

— O que está fazendo aqui? — perguntou com a voz trêmula ao ver Klaus sentado à sua frente. — Como conseguiu...

— Já lhe disse que sou um homem influente, Lotte.

— O que deseja Klaus? Nunca vai me deixar em paz?

— Estive pensando... Acha mesmo que o que Carl sente é amor? Acho que ele está apenas acomodado com você.

— Está perdendo o seu tempo e eu o meu.

— Melhor do que ter alguém do teu lado, é ter alguém que realmente se importe com você,

que te faça rir por besteiras e que te faça sentir a pessoa mais especial. Ele não faz isso, faz? Ele sempre lhe preocupou, te deixou insegura e insatisfeita consigo mesma. Eu lhe fiz feliz, me importo com você e é assim que me paga? Acha que isso tem lógica? Eu só quero ficar ao lado da pessoa que amo. Não é um pecado, é?

— Você é incapaz de amar, pensei que já tivesse percebido — falou friamente.

— Eu te amo e sei que com esforço também me amará.

— Está louco, Klaus. Sei que você e Carl tem seus problemas, mas peço que não me coloque nisso. Estou cansada demais para isso tudo. Deixe-me fora de toda essa loucura.

— Não posso lhe deixar de fora, pois é a única razão da minha vinda aqui.

— Klaus...

— Charlotte, apenas me dê uma chance — murmurou ao olhar para ela.

— Não, Klaus. Eu tenho o Carl e estou feliz com ele. Saia do meu carro, por favor.

— Charlotte...

— Saia, se não sair, eu sairei — anunciou ao colocar a mão na porta. Ao ver que ele não sairia, abriu a porta e saiu com o semblante sério ao ver Layla caminhando até si.

— Está diferente, mais parecida com Carl — Klaus falou ao sair do carro e olhar para ela.
— Acho que isso não será bom para você.

— Klaus, este é o fim. Não pretendo vê-lo nunca mais. Irei contratar novos seguranças e peço que se afaste ao me ver. — Anunciou ao se afastar do carro, caminhando na direção oposta.

— Não tens ideia do erro que cometeu — Klaus murmurou ao vê-la ir embora. — A partir de agora, farei tudo que puder para tê-la ao meu lado.

CAPÍTULO 36

Em meio à temperatura amena do outono, Klaus caminhou pelo imenso espaço da residência afastada de qualquer movimento. A cidade mais próxima ficava a mais de 20 quilômetros, aquela casa era tudo o que ele poderia imaginar e querer. Olhou em volta e sorriu para si mesmo. O seu plano não tinha como dar errado. Começou a caminhar para dentro da casa, fechou a porta e foi

para os fundos. Abriu uma porta, acendeu a luz do cômodo pequeno, abaixou-se e abriu o alçapão, desceu as escadas e olhou para ver se estava tudo arrumado. Uma cama encontrava-se no canto do quarto, e em cima dela uma peça de roupas repousava.

— Logo estaremos juntos — murmurou com um sorriso doentio nos lábios ao olhar à volta.

Jonathan suspirou ao colocar a pasta que lhe fora entregue pelo seu investigador em cima da mesa de seu escritório. Por mais que pensasse não conseguia encontrar uma forma de colocá-la contra a parede, mas em seu íntimo sabia que não desejava isso. Ele queria protegê-la, até dela mesma, se fosse possível. Suspirou após passar a mão pelos cabelos e olhou pela janela, à espera de algum sinal.

— Jonathan? — Uma voz tímida soou do outro lado da porta, despertando-o. — Está aí?

— Pode entrar — falou ao tentar esboçar um sorriso ao vê-la entrar em seu escritório. — Imaginei que ainda estivesse dormindo.

— Eu estava, mas... acho que fiquei tempo demais. — Sorriu levemente. — Vim me despedir, na verdade.

— Parece que nunca mais nos veremos.

— É provável.

— Como assim?

— Pretendo voltar para a Suíça ou ir para outro lugar. Acho que o meu tempo nessa loucura que se tornou a minha vida acabou. Não aguento mais, é cansativo demais.

— Liz... — murmurou. — Pode ficar aqui comigo. Tenho outros quartos e...

— Não, fico agradecida, de verdade, mas o melhor é eu ir embora. — Sorriu ao encará-lo demoradamente. — Foi um prazer lhe conhecer, espero que possamos nos encontrar em outra oportunidade. — Virou-se de costas, mas antes que pudesse colocar a mão na maçaneta escutou o seu pior temor sair dos lábios do homem que havia lhe ajudado. — O que acabou de falar? — murmurou perplexa sem conseguir virar-se. — Acho que... escutei mal.

— Eu sei que é irmã de Klaus. Vai fugir até quando? Nós dois sabemos que ele não ficará passível ao ponto de deixá-la ir dessa forma. O que está havendo, afinal? Eu posso lhe ajudar.

— Como... como soube? — indagou ao sentir seu coração palpitar violentamente. — Você... já contou tudo a ele, não foi?

— A Carl? Não. Isso é algo que não me diz respeito, entretanto... eu realmente quero lhe ajudar. — Sua voz sincera a fez virar-se e encará-lo. — Eu estou sendo sincero.

Elizabeth o encarou durante longos instantes sem saber o que fazer. A razão lhe dizia para fugir dele o mais rápido possível, entretanto ao olhar em seus olhos não conseguiu, pois viu apenas bondade e gentileza.

— Ele não é como imagina... ele... — As lágrimas surgiram em seu olhar à medida em que se lembrava dos momentos que passara com Klaus. — Ele era gentil, amoroso, se preocupava comigo...

— Eu sei.

— Mas... ele mudou. A vingança e a obsessão corroeram seu coração e sua alma. Não há nada para trazê-lo de volta, ele está perdido em sua própria loucura.

Jonathan andou até onde ela estava e a abraçou. Ela chorou em seus braços sem importar-se com nada, pois precisava desabafar com alguém e encontrou no homem à sua frente um apoio.

— Estou com medo — confessou. — Pela primeira vez desde que ele começou isso... eu estou com medo do que ele poderá fazer.

— Klaus não pode estar tão descontrolado assim.

— Ele está. Ontem, eu fiquei naquele estado porque... — hesitou por alguns segundos antes de prosseguir — ele... me agarrou e afirmou que não éramos irmãos. Isso tem lógica? Como ele pôde dizer isso? Sempre ficamos juntos, um apoiando o outro, e ele consegue dizer isso e agir dessa forma comigo? Ele é impossível.

Jonathan escutou as palavras dela incrédulo. Percebeu que deveria avisar a Carl de alguma forma, sem comprometer a mulher apoiada em seus braços.

Como posso fazer isso?, ele se perguntou ao confortá-la.

O rei Willians passou a mão pelo cabelo em sinal de desespero. Já haviam tentado falar com Carl, mas sempre fora ignorado. Andou pelo quarto de um lado pelo outro tentando encontrar uma solução. Olhou para a sua esposa, que encontrava-se sentada em uma poltrona próxima da janela.

— Como pode ficar tão calma?

— O que mais posso fazer nessa situação? Prendê-lo em alguma prisão e forçá-lo a seguir a vida que não deseja?

— Não seja assim, Melanie.

— Como quer que eu seja, alteza? — ironizou ao olhar para ele. — Já estou farta de me dizer o que fazer ou como agir. Deixe o seu filho ser quem ele quer que seja. Não bastou ter que falar, agir e pensar como seu irmão morto?

— Foi para o bem de todos.

— Não para ele.

— Sabe a gravidade da situação? Tens consciência do que poderá acontecer se ele se recusar?

— Gary assumirá o trono como sucessor — falou, séria. — O que há demais nisso? Já não acha que está na hora desta família fazer algo para o bem de si mesma? Há anos, séculos, tudo está ruindo por culpa de um trono que nem é nosso. É da Inglaterra. Não somos nada, apenas... uma imagem meramente ilustrativa.

— Cale-se.

— Está na hora de escutar a verdade. Sabes tão bem quanto eu que isso é uma palhaçada. Deixe Gary cuidar disso a partir de agora, deixe Carl ser feliz. Ele já passou por tanta coisa por sua causa e continua sofrendo. Veja Klaus: é um exemplo vivo da sua negligencia. Ele é seu filho e olhe como está hoje por sua causa. É isso o que quer para Carl?

— Não os compare — vociferou. — Não ouse fazer isso. Carl é meu filho e Klaus... foi um acidente, do qual me arrependo eternamente.

— Se arrepende de ter um filho tão estrategista quanto você? Não me faça rir, Willians. Ele é o filho mais parecido que poderia ter, não acha isso irônico? Tão igual que quer te destruir

tanto quanto você deseja a destruição dele.

— Mulher, acho mais sensato se calar agora.

— Senão o que fará?

— Não deseja saber — tornou sério, com o olhar ameaçador.

Melanie sabia até onde deveria ir e quando recuar, mas suspirou ao perceber já estar ultrapassando o limite da sensatez. Calou-se e permaneceu sentada, olhando para o nada à espera do que aconteceria com aquela família.

— Espero que não haja falhas — Klaus falou para o homem à sua frente, o qual assentiu em silêncio. — O plano é simples e sem falhas.

— Sim. — O homem grandalhão tinha diversas tatuagens pelo corpo e em seu olhar podia-se perceber a ausência de medo. Ele era perfeito para o plano de Klaus.

Jonathan olhou para a porta da sala de Carl, frustrado. Temia não contar o que descobrira, mas não desejava colocar a vida de Elizabeth em perigo e nem perdê-la. Bateu na porta e logo adentrou a sala de seu amigo.

— É bom vê-lo — Carl falou ao sorrir. — O que lhe traz até mim?

— Carl... não me pergunte nem como consegui essa informação e nem tente descobrir, eu lhe peço. Apenas me escute.

— Está bem — concordou sério.

— Klaus está tramando algo contra Charlotte. Tome cuidado — advertiu, sem saber o quanto as suas palavras estavam próximas da realidade.

CAPÍTULO 37

As palavras ditas por Jonathan ainda rondavam a mente conturbada e turbulenta de Carl. Apesar de ter aumentado a segurança de Charlotte sabia que algo estava errado. Aquele dia começara da forma mais estressante ao descobrir que o rei Willians estava tramando para mantê-lo como príncipe herdeiro, apesar de tudo. Carl caminhava pensativo pelo corredor do palácio até parar em frente ao jardim de inverno. Entrou e sorriu ao ver sua mãe cuidando das flores.

— Mãe, faz tempo que não a vejo — Carl disse com um leve sorriso nos lábios. — Estou com saudades.

— Eu também, meu amor. — Melanie o abraçou sentindo o calor de seu corpo. — Filho, não tem como mudar de ideia, não é?

— Não, eu já a fiz sofrer demais por mim. Está na hora do meu sacrifício pelo nosso amor. Na realidade, nunca quis ser o príncipe herdeiro, sempre vivi com liberdade, e admito que no início sentia inveja do meu irmão, entretanto agora eu sinto pena dele. Pena por ele não ter vivido livremente.

— Eu imagino, meu querido. Se tem certeza disso, eu irei lhe apoiar.

— Obrigado, mãe.

Francine/Susan depositou o jornal em cima da mesa e olhou pela janela com um longo suspiro. Ela sabia que teria que enfrentar o rei Willians logo que fosse encontra-se com Charlotte, entretanto o medo começava a se instalar em seu íntimo.

— Não é hora para isso — recriminou-se ao se erguer da cadeira e caminhar até o quarto, onde se trocou rapidamente. Ao colocar óculos escuros, chamou seu fiel ajudante. — O carro tem que estar pronto em cinco minutos.

— Sim, senhora. Para onde devo informar que irá?

— Vou até o palácio. Irei atrás de Charlotte Tissou Willians, minha filha — falou com

firmeza.

A trama do destino estava traçada quando Klaus saiu sorridente da casa antiga localizada no subúrbio da cidade. Atrás de si, um grupo de homens sorriam ao contar o dinheiro que haviam recebido dele. Não faltava muito tempo para que seu plano ocorresse. Charlotte seria dele, não importava o meio que precisava usar para tê-la. Klaus precisava ganhar de Carl, e tê-la era uma forma disso acontecer.

Um sorriso surgiu nos lábios de Charlotte ao ler a revista. A sua foto com Carl encontrava-se no centro da página. O artigo falava de como eles haviam se conhecido e de sua história amorosa até a separação, quando supostamente ela havia ido estudar.

— Como seria se eles soubessem a verdade? — perguntou-se ao passar a página. Ela estava sentada, descontraída, em sua sala privada, que ficava localizada ao lado do escritório de Carl. Aquela foi a forma que ele encontrou de ficarem juntos por um longo tempo. Estava tão absorta em sua leitura que não reparou na porta sendo aberta e nem na presença do rei à sua frente.

— Charlotte, querida — Willians II a chamou com um sorriso na face. — Vejo que estava entretida, sinto ter que interromper.

— Não é problema algum. — Sorriu colocando a revista de lado. — O que posso fazer por vossa alteza?

— Somos pai e filha, minha querida. Pode me chamar de pai. — Ao ver o olhar frio que ela lhe lançou, ficou desconcertado. — Ou de Willians.

— Irei optar por Willians, então.

— Ótimo, vim perguntar se não queria sair para caminhar pelo jardim comigo. É um pouco solitário andar sozinho.

— Será um prazer — Charlotte tornou ao se levantar. Sorriu para ele ao acompanhá-lo em direção à entrada principal do palácio. Começaram a caminhar pelo jardim, sempre escoltados pelos seguranças de Charlotte.

— Carl anda muito preocupado.

— Sim — assentiu sem vontade, pois toda aquela tensão a estava deixando nervosa e temerosa.

— Houve algum problema?

— Não, é apenas... prevenção.

— Entendo. — Sorriu.

Ao passarem próximos do portão, o rosto de Willians adquiriu um tom pálido. A mulher saindo do carro era a mesma por quem ele havia se apaixonado anos antes. Seu coração começou a bater mais rápido e, sem conseguir mover-se, permaneceu parado, olhando-a. Como em um sonho, ela o encarou. Retirou os óculos que cobriam o seu doce olhar.

— Susan — murmurou perplexo e inebriado com aquela chance.

— Susan — Charlotte repetiu ao olhar para a mulher. Sem reconhecê-la de imediato, indagou-se qual a relação que ela teria com Willians. Entretanto, ao reparar nela com cuidado, percebeu ser sua mãe. — Mas, ela é Susan... minha mãe — sussurrou ao ir em direção ao portão. Ordenou que ele fosse aberto e, ao parar diante dela, permaneceram em silêncio apenas olhando uma para a outra. Estavam se avaliando. Avaliando as mudanças que sofreram no decorrer dos anos. — Como... o quê?

— Minha filha... como desejei que este momento acontecesse! — Francine/Susan falou emocionada ao andar em direção a Charlotte, entretanto ela se afastou. — O que foi? Sou eu, sua mãe.

— Onde estive estes anos e por que nos abandonou? — perguntou o que tanto lhe afligia. Não importava o tempo que passasse, ainda indagava-se sobre isto.

— Eu... não podia colocá-la em perigo.

— Perigo? Não teria uma desculpa melhor? Eu lhe esperei por anos e...

— Eu sei, me perdoe, minha querida — falou ao sentir as lágrimas caírem pela face. — Eu realmente sinto muito.

— Onde estava esse tempo todo? — perguntou, sem perceber a presença de Willians atrás de si.

— Depois iremos nos encontrar e lhe contarei toda a verdade — disse com o tom de voz duro ao olhar para Willians.

Da mesma forma que surgiu, entrou no carro e desapareceu sem ao menos se despedir corretamente. Charlotte permaneceu em pé. Para ela, a sua mãe voltaria em qualquer instante e lhe explicaria o que estava acontecendo, mas após alguns minutos percebeu que isso não aconteceria. Entrou no palácio e foi para o seu quarto com o coração aos pedaços.

Elizabeth entrelaçou as mãos nervosamente ao sentar-se à mesa em frente a Carl. Apesar de tudo que acontecera, ela não podia negar que ainda sentia algo por ele. Apesar de tudo, ela ainda gostava dele, nem que fosse pouco, mas seu coração ainda palpitava ao seu lado.

— O que houve que quis falar comigo de forma tão desesperada? — Carl indagou ao encarar a mulher sentada à sua frente. Sempre que ele a olhava, tinha a impressão de já tê-la visto antes, mas como sempre a sua mente falhava em lembrar-se.

— Preciso contar uma coisa...

— Sobre o que é?

— A verdade — murmurou.

Elizabeth olhou para Jonathan assim que ele retornou de seu encontro com Carl e, ao ver o semblante dele, soube que não havia sido um meio sensato de falar a verdade a ele.

— Ele... acreditou em você?

— Sim, não importa o que eu falar, Carl sempre acreditará em mim — Jonathan tornou triste ao sentar-se no sofá. — E você, está melhor?

— Estou ficando... graças a você. — Sentiu as faces ruborizarem e logo sorriu. — Obrigada por não contar a ele que eu... sou bem... a irmã de Klaus.

— Não há problemas, mas tem consciência que não poderá esconder por muito tempo, não é? — Viu-a assentir, cabisbaixa. — Posso lhe dar um conselho? Carl protegerá Charlotte com a sua vida, pois a ama, mas... seria melhor que ele soubesse a verdade. Tenho certeza de que ele não irá lhe acusar de nada se for sincera agora, pelo menos antes que aconteça algo.

— Acha melhor?

— Sim.

— Se eu... fizer isso... me apoiará no final?

— Eu sempre estarei ao seu lado, eu prometo — ele respondeu ao encará-la.

— Verdade? — Carl repetiu ao ter um mau pressentimento. — O que está tentando me falar?

— É melhor eu começar do início — disse para si mesma ao suspirar. — Desde pequeno, meu irmão sempre sentiu inveja do modo como o seu meio-irmão era. Talvez, por não ter o carinho de seu pai biológico, não sei, até hoje tento entender, mas meu irmão acabou se tornando obcecado com o tempo. Por mais que a vida lhe fosse generosa, ele não ligava e se importava apenas com uma coisa: vingar-se da família que o havia feito sofrer e contribuído com a morte de nossa mãe. Ele culpa a família do pai pelo modo com que nossa mãe foi fraca e sonhadora. Eu não o culpo, mas de alguma forma fui levada como um peão para essa trama. Não, acho que fui uma torre nisso tudo. Meu irmão é Klaus, Duque Klaus Vincent Reid — anunciou cabisbaixa, com receio de ver o olhar dele.

— Está me falando que é irmã de Klaus, meu meio-irmão? — Carl indagou, ainda confuso ao olhar para ela.

— Sim — assentiu sem encará-lo.

— Então por que está me falando tudo isso? Não estou entendendo aonde está querendo chegar.

— À verdade. Quando Charlotte lhe deixou e foi embora com Klaus, eu... a ajudei sob o comando dele. Durante esse tempo estive ajudando-o em sua vingança.

— Você...

— Sim, entrei aqui para seduzi-lo de alguma forma, e com isso fazer com que Klaus e

Charlotte se aproximassem.

— Tudo passou de uma trama sórdida — Carl tornou com a voz dura. Sua expressão era de decepção, ao mesmo tempo que emanava compaixão.

— Em parte — ela suspirou ao apertar as mãos com força. — Mas...eu estou arrependida. Vi que... ele está louco e nada disso faz sentido. Por isso vim aqui, vim para poder ajuda-los.

— Acha que vou acreditar em você depois de tudo que me disse? Tem lógica?

— Nenhuma — negou ao encará-lo. — Mas... vim pela garota que conheci e pelo homem gentil por quem me apaixonei.

— Está dizendo que... está apaixonada por...

— Não é preciso dizer nomes — ela o interrompeu, levantando-se. — Tudo que eu souber falarei a Jonathan e ele irá lhe informar. Por hora não posso voltar a morar no apartamento de Klaus e por isso estou sendo hospede na residência de Jonathan. Se precisar falar comigo, estarei lá. Já entreguei a minha carta de demissão. Não voltará a me ver, se assim quiser.

— Elizabeth, tem certeza de que quer ir tão longe? Ele é seu irmão.

— Eu sei, e eu o amo por isso, mas este louco não é o mesmo que cresceu comigo. Eu desejo ver o seu sorriso mais uma vez. Quero ver o Klaus com quem cresci — disse antes de ir em direção à saída, deixando Carl pensativo. Tudo que ele acabara de escutar o havia deixado desnortado.

CAPÍTULO 38

Charlotte caminhava inquieta pelo quarto à espera de Carl. Ela havia passado todo o dia aflita com o seu reencontro com a mãe, apesar de tanto sonhar com aquilo. Caminhou até a varanda e ao olhar para o lado de fora imaginou como seria se tivesse crescido com ela.

— Se isso tivesse acontecido... eu não teria o conhecido — murmurou com um leve sorriso nos lábios. Carl mantinha-se pensativo sobre como seria a sua renúncia ao trono, pois sabia o quanto seu pai temia que isso acontecesse. Mas ao olhar para a sua jovem esposa de costas, debruçada sobre a varanda, percebeu estar fazendo a coisa certa. Aproximou-se dela, abraçando-

a por trás.

— O que faz tão quieta?

— Hoje... eu reencontrei a minha mãe — ela lhe disse assim que escutou a voz dele. Ela precisava desabafar. Ela queria um conselho sobre como agir a seguir. — Eu...

— Sua mãe? — indagou, confuso. — Como pôde?

— Eu não sei. Ela apenas apareceu aqui... em frente ao palácio. Somos muito parecidas...

— Lotte...

— Não se preocupe, não estou tão triste assim, mas... a única coisa que vem à minha mente é que ela retornou por interesse — confessou tristemente, pois desde que se tornara uma princesa, a futura rainha, descobriu que muitos podiam ser interesseiros. — Tenho medo de que... de que ela tenha retornado por dinheiro e não por mim.

— Minha querida — sussurrou complacente ao apertá-la contra seu corpo, encostando o seu queixo em sua cabeça —, eu estarei aqui para você. Fique calma, saiba que sempre estarei ao seu lado para o que precisar. Nunca mais... nunca mais vamos nos separar — prometeu, sincero. Charlotte apenas assentiu, pois sabia que ele não mentiria para ela. A cada instante eles ficavam mais e mais unidos.

Elizabeth segurou a caixa com força ao entrar no apartamento de Jonathan. Ela não havia sido despedida por Carl, mas achara melhor sair de sua vida. Ela ainda sentia algo por ele, entretanto não desejava ser manipulada pelo seu irmão. Elizabeth desejava ser livre e ser feliz. Sem manipulações e sem pressões. Ela desejava viver.

Assim que depositou a caixa em cima do sofá, escutou um barulho atrás de si e ao se virar, sorriu para Jonathan, o qual se mostrava cada vez mais gentil e compreensivo com ela.

— Ele te despediu?

— Não — negou ao suspirar —, eu que decidi assim. Já está na hora de seguir meu próprio caminho, não concorda?

— Concordo — assentiu sorrindo levemente. — Como ele lidou com a revelação?

— Melhor do que eu esperava. Ele será um bom rei, disso eu tenho certeza.

— Todos concordam contigo. Desde cedo, ele foi deixado de lado pela família, pois seu irmão é que herdaria o trono, mas assim que ele morreu... tudo... todas as responsabilidades caíram sobre Carl. Eu o vi sofrer no início. Sofrer em silêncio pela morte de seu irmão e pela sua nova vida, mas ele nunca... nunca fugiu. Acho que... ele será um rei melhor do que o irmão seria, disso eu tenho certeza.

— Eu não duvido — concordou ao olhar para as suas coisas dentro da caixa. — É melhor eu levar isso para o quarto. — Segurou a caixa, mas assim que virou-se sentiu as mãos de Jonathan sobre as suas.

— Eu levo para você — disse segurando as suas mãos por baixo da caixa. Com cuidado, pegou a caixa e seguiu para o quarto onde ela estava acomodada. — Estava pensando... o que acha de jantar fora esta noite?

— Jantar?

— Sim. Comemorarmos a sua nova vida.

— Será ótimo — respondeu. Aos poucos Elizabeth começava a ver o homem maravilhoso que Jonathan era e sem saber entregava-se a cada instante.

Um homem mantinha um sorriso perverso em sua face ao olhar para o lugar onde pretendia manter Charlotte. Olhou para os lados apenas para ter certeza de que nada estava fora do lugar. A cada minuto que passava, a cada segundo, seu plano ficava mais próximo de se tornar realidade.

Carl desceu do seu carro sendo seguido pelos seus seguranças em frente ao apartamento de Klaus. Há anos evitava aquele confronto, mas percebera, tarde demais, que seria inevitável. Com

relutância havia decidido a ir atrás dele e terminar com tudo. Carl estava disposto a sacrificar tudo por Charlotte. Parou em frente à porta do apartamento de Klaus, após passar pela segurança do edifício, e assim que tocou a campainha escutou um resmungo e barulhos do outro lado da porta. Quando a porta foi aberta, segurou um sorriso ao ver a expressão confusa de seu meio-irmão.

— O que faz aqui, príncipe? — Klaus indagou com desprezo ao se recompor. — Imaginei que não deveríamos ser vistos juntos.

— Precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Deseja ter esta conversa no corredor?

— O único que preza pela sua imagem é você, não preciso me preocupar com tais trivialidades. — Sorriu, seguro de si.

— Muito bem, farei como deseja, como venho fazendo todos estes anos. — Com um leve aceno fez com que seus seguranças se afastassem permitindo um pouco de privacidade. — Já sei sobre o seu plano.

— Meu... plano? — repetiu inseguro, pois sabia que era impossível ele descobrir. — Do que está falando?

— Já sei sobre a sua irmã e seu plano de separar-me de Charlotte, novamente. — O viu voltar a ter sua postura altiva, e estranhou. — Diga-me: nunca irá desistir?

— Desistir? Por que devo desistir de me vingar da família que matou a minha mãe? Por que deveria desistir de fazer justiça?

— Justiça? A sua mãe, a única prejudicada, nunca se preocupou com isto e o culpado não sou eu, e sim nosso pai.

— Nosso pai... Engraçado como tais palavras soam ao sair de sua boca, meu irmão. Soam como um pedido de súplica.

— Não seja bobo.

— O único que está sendo é você. Veio me pedir para deixar Charlotte fora de tudo isso, não foi?

— Sim, seria inútil mentir ou tentar enganá-lo.

— Pois saiba que todos vão pagar. Todos os Willians vão pagar pelo que me fizeram.

— Não seja louco... acabará pagando por tudo isso, é isso que deseja?

— Não irei pagar por nada, meu irmão, pois sou um duque e, além do mais, sou mais esperto do que você.

— Do que está falando?

— Irá descobrir — disse com um sorriso nefasto nos lábios. — Veio aqui apenas para isso, meu irmão ou deseja relembrar os velhos tempos? Ou talvez... — Sorriu malicioso. — Deseja saber o que fiz com Charlotte em Lucerne. Isso seria interessante.

— Nunca soube quando parar e percebo que esse mau hábito apenas evoluiu — Carl disse segurando-se para não proferir um soco na face de seu meio irmão. — Klaus... estou lhe pedindo para que pare com tudo antes que saia machucado.

— Como és benevolente, meu irmão. Mas não deveria se preocupar tanto comigo e sim consigo. Ah! Diga à ingrata da minha irmã que não esqueço quem me trai, e ela... terá um tratamento especial quando tudo isso acabar — avisou antes de entrar no apartamento, fechando a porta na cara de Carl.

Carl permaneceu parado com uma péssima sensação. Ele sentiu que Klaus estava prestes a começar a sua vingança verdadeiramente, apenas não sabia como iria afetá-lo.

Elizabeth olhou-se no espelho, admirada pela elegância que exibia naquela noite. O vestido que Jonathan lhe dera de presente lhe caiu como uma luva. O tecido de seda na cor azul-celeste lhe deixava com uma aparência saudável e jovem, enquanto seus cabelos presos lhe davam um ar sofisticado. Tomou cuidado ao passar a maquiagem para que ficasse natural e, ao sair do quarto, deparou-se com Jonathan vestido de forma elegante e sensual. Ela o encarou sem palavras, enquanto ele a olhava sorridente.

— Está pronta e, pelo que vejo, muito bonita. Esta noite terei problemas — disse sorrindo ao lhe estender a mão para que ela segurasse.

— Sempre gentil — murmurou envergonhada. Ela não se lembrava da última vez em que

um homem a olhara daquela forma. Um homem que não estivesse atrelado à vingança de seu irmão. Olharam-se por longos minutos até sorrirem e irem em direção a porta, de mãos dadas. Uma nova vida esperava por Elizabeth.

Charlotte caminhava pensativa pelo jardim do palácio. Por mais que pensasse não conseguia entender o motivo de sua mãe retornar anos depois e indo ao seu encontro. Sentou-se em um banco e, ao olhar para o céu estrelado, sorriu lembrando-se de Carl.

— Estou com saudades — murmurou manhosa ao fechar os olhos sentindo a brisa refrescante da noite.

Logo atrás dela um movimento foi feito. Três homens sorriam um para o outro ao constatar a veracidade das informações dadas por Klaus. Com cuidado, eles se moveram pelo jardim assim que as luzes se desligaram. Tudo um plano elaborado pelo duque Reid. Eles viram o desespero da princesa, mas apenas sorriam satisfeitos. Um deles retirou um frasco do bolso e um pano. Despejaram o líquido no pano e, sem que ela percebesse de onde eles surgiram, dois a seguraram, enquanto um deles prendia o pano contra o seu nariz. Charlotte, ao escutar um barulho atrás de si, tentou ir em direção ao palácio, mas não demorou para sentir alguém segurar seu braço e em seguida se viu envolta pela escuridão.

Carl dirigia pela noite, pensativo. Ele tinha consciência de que o alvo de Klaus seria Charlotte, mas não conseguia imaginar como seria o ataque, considerando a quantidade de seguranças que havia colocado ao seu dispor. Logo algo lhe passou pela mente.

— Se ele tiver homens infiltrados no palácio? — perguntou-se e logo se viu acelerando o carro, sem perceber que os seus seguranças não o estavam seguindo. Seu carro avançava pelos sinais vermelhos sem preocupar-se com nada. A cena em que a tinha perdido passava pela sua mente inúmeras vezes. Carl estava aflito pelo simples fato de pensar em perdê-la. Charlotte havia

se transformado na pessoa mais importante de sua vida e ele não iria perdê-la como fizera anos atrás. Entretanto, enquanto estava imerso em pensamentos, não viu um carro preto aproximar-se perigosamente pela traseira.

— Está na hora de deixar este mundo, príncipe Carl — o homem disse ao acelerar o carro com um sorriso na face.

Na pista vazia, um carro preto bateu na traseira do carro do príncipe em alta velocidade. Os anos de experiência de Carl como piloto não foram suficientes para evitar que seu carro capotasse. Com o pensamento em Charlotte, Carl fechou os olhos, entregando-se à escuridão.

Um barulho de pingos de água incomodou Charlotte. Ao abrir os olhos, ela ficou confusa e ao olhar em volta percebeu estar deitada em uma cama, que encontrava-se em um quarto sem janelas.

— Onde estou? — perguntou-se ao tentar mexer o corpo, mas ao olhar para o lado viu suas mãos presas na cama e seus pés amarrados. — O que está acontecendo? — Sua voz aflita começava a ecoar pelo quarto, e com tristeza e desespero, percebeu estar sozinha até escutar uma voz familiar dizer o seu nome.

—Vejo que acordou, linda Charlotte — Klaus comentou ao descer os degraus com calma.
— Me parece realmente bem.

— Klaus... o que pensa que está fazendo? Me solte! — gritou desesperada tentando soltar-se, em vão.

— Poupe seus esforços e energia, pois precisará deles daqui a pouco, minha querida. Deve estar se sentindo solitária aqui, não é? Veja — disse apontando para o cativeiro — arrumei tudo pensando em você. Sou atencioso, não sou?

— Está louco? Me solte e prometo fingir que isso não aconteceu.

— Ainda não percebeu a sua situação, não é? — perguntou compreensivo ao se aproximar dela, sentando-se na cama. — A partir de hoje és minha. Irei tê-la de todas as formas possíveis e Carl... não poderá impedir.

— Está louco. Assim que ele souber o que fez...

— Ele já sabe. — Sorriu animado ao olhar para o chão onde Carl jazia repleto de ferimentos. — Mas não poderá fazer nada para ajudá-la. Desta vez, seremos apenas eu e você. Ao tê-la, conseguirei ter a minha vingança.

— Klaus... onde está Carl? Ele está...

— Ainda respira, eu acho, mas seu estado deve ser delicado.

— Klaus... o que fez a ele? Ele é seu irmão!

— Engraçado, nos últimos dias estão me recordando este fato, enquanto esqueceram-se disso nos últimos anos. Não se preocupe, serei o mais carinhoso que a minha vingança permitir — murmurou ao passar a mão pelo rosto dela.

CAPÍTULO 39

O semblante de terror estava presente na face de Charlotte. Ela havia tentado controlar as lágrimas e se controlar, mas sem sucesso ao se dar conta do quão louco Klaus estava. Carl ainda jazia no chão, com o corpo ensanguentado.

— Klaus... por favor, leve-o para um hospital — ela implorou para o homem sentado ao seu lado na cama. Klaus apenas mantinha um sorriso quase infantil na face ao olhar para seu meio-irmão no chão.

— Por quê? Não acha que tudo está indo bem? Teremos a vida inteira juntos, Charlotte. Por que insiste em ter Carl?

— Ele é meu marido e eu o amo. Salve-o. Se gosta tanto de mim, SALVE-O! — gritou em desespero.

— Se eu o salvar, ele irá te tirar de mim. É isso o que quer, não é? — indagou ao olhar com frieza para ela. Olhou para as pernas dela, e com sua mão, começou a acariciá-la. — Pense nisso como meu pagamento pelo que fiz a você em Lucerne.

— O que fez a mim? Apenas me separou dele. Solte-me e leve Carl para um hospital, por favor. Não seja insano, ele é seu irmão.

— Estou cansado de escutar que somos irmãos — disse com raiva ao se erguer da cama. — Minha mãe morreu para este cretino poder ser chamado de príncipe. Em toda a minha vida, ninguém, ninguém, soube da minha origem. E agora somos irmãos? Não seja hipócrita como eles, sei que não é, afinal nós dois fomos obrigados a entrar nisso. Ou esqueceu-se de que ele se casou com você porque foi uma aposta?

— Klaus...

— Não sei quem é pior, minha querida. Você por ter sido apostada para ser colocada no lugar de sua mãe ou eu por ser desprezado por ser um filho bastardo. Somos patéticos, não somos?

Charlotte nada disse, apenas deixou que as lágrimas caíssem pela sua face demonstrando o desespero que sentia. Percebeu que nada que pudesse falar iria modificar o pensamento do homem à sua frente. Fechou os olhos começando a rezar em silêncio. Ela não sabia mais o que poderia fazer, senão rogar aos céus por um milagre.

— Me parece que entendeu o que está acontecendo, afinal — Klaus disse demonstrando uma calma que não sentia. Foi até onde Carl estava, abaixou-se e sorriu ao vê-lo respirar com dificuldade. — Creio que será bom se despedir logo dele.

— O que... quer dizer com isso? — ela perguntou, já sabendo a resposta, mas sem ter coragem de escutar.

— O que acha? O príncipe logo irá ceder o seu lugar para o próximo na sucessão.

— Por favor... salve-o... — implorou, angustiada. — Eu farei o que quiser. Ficarei ao seu lado por toda a minha vida, mas salve-o.

— Não seja boba — tornou calmo e gentil ao ir até ela. — Nós dois sabemos que não será assim.

— Klaus... você nunca me amou. Por que isso?

— Amor... esta é a única palavra que faz o mundo girar? És tão tola, minha garota. Te ter será demonstrar que eu venci. Que eu venci enfim o príncipe, o meu meio-irmão. Tentei isso anos atrás com a namorada dele e não deu certo. Foi apenas perder tempo, mas com você... — Acariciou o rosto dela enxugando a lágrima com seu dedo, levando-a a própria boca em seguida. — Será a glória. Engraçado, até sua lágrima tem um gosto de vitória. Devemos começar agora

ou esperar que ele tenha...

— Cale-se seu louco! — gritou com o restante de forças que sentia. — Faça o que quiser então, Klaus. Se me prender, se me violentar, se matar Carl for a única forma de conseguir o que quer faça, mas isso nunca vai mostrar que é melhor que ele, pelo contrário. Isso apenas mostra o quão baixo você é. E é por isso que não é o sucessor do trono.

— Não sou, pelo menos até Gary, sumir misteriosamente — disse sorridente. — Vou ter que subir, mas logo voltarei para você, minha querida. — Afastou-se com um sorriso de felicidade no rosto e logo deixou Charlotte desesperada para trás.

— Carl... acorde — Charlotte gritava inúmeras vezes com medo de descobrir que ele havia a deixado. — Fique comigo, droga! Acorde e fique comigo.

Todos no palácio encontravam-se desesperados por notícias pelo paradeiro do príncipe e da princesa, pois ninguém conseguia encontrá-los. Jonathan fora um dos últimos a ser informado sobre o que estava acontecendo e, ao chegar com Elizabeth, tornou-se alvo dos olhares curiosos. Elizabeth não queria admitir, mas temia que seu irmão estivesse por trás de tudo.

— Precisamos saber onde Klaus está — Elizabeth sussurrou no ouvido de Jonathan, o qual assentiu temeroso. Ao olhar para o lado avistou Albert. — Ele pode ser de alguma ajuda — falou consigo ao ir até ele. — Albert, não é?

— Sim, e você é? — Albert perguntou, curioso.

— Amigo de Carl, Jonathan.

— Entendo. O que posso fazer por você?

— Preciso de sua ajuda — disse diretamente ao olhar em volta, diminuindo o seu tom de voz. — Não posso contar os detalhes agora, mas pelo que eu soube por Carl, você é a pessoa mais indicada a ajudar Charlotte neste momento.

— O que está acontecendo?

— É uma longa história, mas antes... precisamos ir para um lugar mais reservado — tornou misterioso ao olhar para Albert. Jonathan nunca imaginara ver alguém tão jovem como ele ser

responsável pelos investimentos de uma das famílias americanas mais influentes. — O quanto gosta de Charlotte?

— O suficiente para arriscar a minha vida — disse, sincero. Viu Jonathan assentir, não demorando para sair do palácio acompanhado por ele e por uma mulher desconhecida.

Charlotte desistiu de tentar soltar-se após longas horas de dor em seus pulsos. Olhou desesperada para o corpo de Carl, que não se movera um único centímetro desde que ela o vira. Por mais que as lágrimas caíssem de seus olhos, ela havia prometido a si mesma tentar salvá-lo, nem que para isso tivesse que dar a sua vida em troca. Gritou o nome dele algumas vezes obtendo como resposta o frio silêncio. O sangue outrora fresco agora estava seco nas roupas dele e no chão.

— Vejo que ainda não desistiu — Klaus falou ao descer as escadas ao escutar seus gritos. Olhou com prazer ao ver Carl no chão. — Não deveria se desesperar tanto, acredito que ele já não está vivo.

— Seu monstro! — gritou, em um misto de fúria e desespero. Olhou para Klaus buscando algum pinto de compaixão, entretanto encontrou apenas alívio e felicidade. — Você é um monstro!

— Sou um monstro? Não seja tão brusca, minha querida — Klaus disse com o ar dissimulado ao ir até onde ela estava. Sentou-se ao seu lado e sorriu diante do olhar amedrontado dela. — Deveria estar com medo de mim e gritando para que eu a poupasse, mas está implorando por um homem morto. És patética, mas ainda assim sou eu que a terá no final de tudo. — Colocou a sua mão sobre as pernas dela, acariciando-as.

— Klaus, até quando pretende fazer isso?

— Isso o quê? Lhe acariciar?

—Não, agir de forma patética para conseguir algo que não é para você. — ela o provocou deliberadamente. — O quê? Acredita mesmo que eu sinta algo com você me tocando? Nem nojo sou capaz de sentir.

A expressão na face de Klaus modificou-se tornando-se dura e cruel. Antes que Charlotte

pudesse falar algo sentiu a mão de Klaus em sua face, esbofeteando-a, não demorando para ele aproximar os seus rostos ficando frente a frente com ela.

— Não me provoque, minha tola, pois está em minhas mãos.

— Me mate de uma vez.

— Te matar? Não, não fiz tudo isso para matá-la por um motivo tão leviano, mas posso enterrá-la junto com Carl, o que acha? Mas estará viva — falou sorrindo de forma doente. Acariciou seu rosto passando a mão em seus lábios. — Grite mais um pouco enquanto eu a deixo a sós com ele. — Levantou-se e, ao olhar para Carl, sorriu triunfante. — Lutei durante anos para isso. Enfim, chegou a minha hora — murmurou antes de sair do porão, trancando a porta.

CAPÍTULO 40

Klaus sorria diabolicamente ao ir para o seu carro estacionado em frente à casa em que prendia o seu irmão e Charlotte. Olhou para a casa com o semblante aliviado antes de entrar no carro e dar a partida. Aquele seria o momento que não esqueceria. O momento de seu confronto para com o causador de toda aquela tragédia.

O coração de Carl ainda batia assim como ele ainda respirava. Carl havia escutado todos os gritos de sua esposa sentindo-se o pior homem do mundo por não poder ajudá-la, pois não conseguia mexer-se e muito menos falar. Ele guardava suas míseras energias para poder salvar a mulher que amava. Seus ferimentos não mais lhe importavam. Ele estava preocupado sobre até onde Klaus seria capaz de ir para conseguir sua vingança sem sentido. Mexeu o dedo da mão, sentindo dores por todo o corpo, e com dificuldade conseguiu apertar um único botão em seu celular. A sua única esperança encontrava-se depositada em seu computador e no celular de Charlotte, que aquele momento estaria apitando onde quer que estivesse.

Layla caminhava de um lado para o outro no quarto do príncipe e da princesa sem saber o que fazer. Ela buscava alguma evidência de onde deveria procurá-los quando escutou um barulho

pelo quarto. Um barulho vindo do celular depositado em cima da cama. Com cuidado e curiosidade foi até ele ficando sem reação ao ver o que estava à sua frente.

— É a localização do celular do príncipe — murmurou perplexa ao se recordar que Carl havia solicitado a criação de um mecanismo no celular de ambos para que apontasse a localização assim que pressionassem um botão, para que um sempre soubesse onde o outro estava.

Jonathan já estava saindo do palácio quando escutou seu nome e, ao olhar para trás, avistou uma das secretárias de Carl. Olhou para Albert e Elizabeth buscando algo que o fizesse ter alguma ideia sobre o que ela desejava, mas ao vê-los tão perdidos quanto ele, deu de ombros e esperou ela se aproximar.

— Ainda bem que ainda estão aqui — Layla disse ofegante ao entregar o aparelho celular. — Acho que é a localização do príncipe. Não tenho certeza, mas o príncipe havia colocado um rastreador no celular da princesa, que está conectado ao dele. Seria uma forma de um sempre saber onde o outro estava. A poucos minutos, ele vem dando sinal. Eu acho que...

— Esta pode ser a nossa única chance — Jonathan disse, interrompendo-a. Segurou o aparelho fortemente ao olhar para os três. — Nós iremos resgatá-los, não importa o que preciso for. Eu irei trazê-los.

— Esta também é uma obrigação minha — Albert falou atraindo a sua atenção. — Prometi que cuidaria dela e é isso que farei.

— Eu farei tudo que for possível, pois Klaus é meu irmão e tenho certeza de que ele é o culpado. Irei até a casa dele, deve haver alguma prova, algo que nos leve a eles.

— Irei com você — Jonathan disse sério ao segurar a sua mão —, não a deixarei sozinha. — Elizabeth apenas assentiu sem jeito ao perceber a sorte que havia tido.

O rei Willians olhou para Klaus com repugnância ao vê-lo sentar-se na poltrona em frente a

ele. Klaus havia aparecido em sua porta e ele nada pôde fazer, senão convidá-lo para entrar, ainda relutante. Klaus olhava divertido para o rei, vê-lo em agonia era gratificante.

— Vejo que todos estão preocupados com o sucessor ao trono e sua esposa — Klaus disse dócil ao olhar para pai. — Me parece muito calmo, mas não podemos esperar menos da realeza, não é? Sempre pronto para sacrificar os outros em detrimento de seu bel prazer.

— Klaus, esta não é a melhor hora para vir me confrontar sobre o passado. — O rei Willians tornou sério ao encará-lo. — Quantas vezes preciso dizer-lhe que o que aconteceu foi um erro?

— Um erro que custou a morte de minha mãe e deu sentido à minha vida. O que acha disso? Foi um simples erro?

— Eu...

— Não diga que a amava — vociferou ao erguer-se, nervoso. — Um rei ama apenas o seu trono, não é? E é por isso que irei tirá-lo de você. Tirarei tudo, tudo o que acredita ser precioso para ti, papai.

— Klaus, como não consegue entender que...

— O quê? Vai me dizer que não teve culpa?

— Sim, eu não tive... Foi... um erro. Eu tinha que me casar com a minha esposa, a mãe do Carl.

— Sempre, sempre é um erro. Sempre há desculpas e obrigações. E o que me diz sobre mim?

— Você é um príncipe bastardo. O que espera que eu faça?

— Apenas que me dê o que de direito, e diga a todos o que fez.

— E o que eu fiz de errado? Escolhi o trono em vez de uma mulher?

— Não, enganou uma mulher para saciar seu desejo por uma que não poderia ter. Acha que não sei sobre Susan, a mãe de Charlotte?

— Do que... está falando?

— Todos sabem da sua obsessão pela única mulher que não teve. Por que acha que ela sumiu por tanto tempo? Para fugir de você. Acho que a loucura é hereditária, o que fazer? Sou

realmente seu filho.

Willians sentiu-se temeroso pela primeira vez em que começara a conversar com Klaus, pois ele havia descoberto o seu segredo. O único que ninguém jamais lhe confrontara.

— Irá ficar calado, papai? — Klaus o provocou deliberadamente ao ir até onde ele estava.
— Me renegou por anos, mas está vendo como somos parecidos?

— Tens planejado isso há muito tempo, não é? — Willians murmurou atordoado.

— Sim, desde que minha mãe morreu. Foi muito fácil, afinal facilitou muito. Charlotte, casamento forçado, minha amizade com Andrews.

— Matou... seu próprio irmão? — balbuciou após pensar. — Não é possível. Não pode ter feito isso.

— Não. Não gosto dessa palavra. Falar que eu matei o meu próprio irmão, o que isso faria de mim, não é? Apenas facilitei a minha ida ao trono.

— Mesmo que Carl morra, você nunca será o príncipe.

— Serei, se algo acontecer a Greg ou Gary, tanto faz, e eu revelar ao mundo que sou seu filho. Nada poderá me impedir. Sou nobre tanto no sangue quanto no título.

— Está louco. Verdadeiramente louco.

— Estou lhe dando uma chance, papai. Uma chance de acertar tudo. Basta convocar a imprensa e relatar sobre tudo, e eu irei parar.

— Jamais farei isso.

— Então, seu filho e sua nora irão... sofrer muito, antes de falecerem pelas minhas mãos.

— Está com eles? Os sequestrou? Carl... como ele está? Me leve até ele.

— A única resposta que terá é que tem apenas duas horas antes que algo aconteça a meu irmãozinho, papai.

— Enfim, percebo o que és — Willians disse sério ao encarar o seu filho bastardo, que assemelhava-se tanto a ele.

Vincent olhou para Albert apenas para confirmar o que estavam prestes a fazer. O carro esportivo de Vincent fora substituído por uma van preta onde no fundo havia armas, coletes à prova de bala e inúmeros aparelhos de comunicação. A família de Vincent era uma das mais famosas em produção de armas. Ele havia sido treinado desde pequeno a se defender e a aprender táticas básicas de guerra. Olhou para Albert ainda incerto do que eles fariam.

— Tem certeza? — Vincent indagou antes de entregar o colete à prova de balas para Albert.
— É provável que Klaus nem tenha uma arma. Por que não esquecemos isso e apenas vamos atrás dele?

— Klaus é um psicopata, um louco. Isto é o mínimo e não sabemos o que vamos encontrar.

— Mas ainda assim...

— Não precisa ir se não quiser, meu amigo — Albert tornou, sério. — Sei que estou lhe pedindo demais, entretanto eu tenho que ir. Ela é minha amiga, meu primeiro amor.

— Al... — murmurou. — Eu vou, irei ajudá-los, mas ainda continuo achando desnecessário.

— Obrigado, meu amigo — sorriu ao abraçá-lo rapidamente. — Preciso falar com Jonathan e a irmã de Klaus. Espero que eles tenham encontrado algo.

— E o celular que me falou? Não há um sinal? — Albert assentiu pensativo. — Então, por que não vamos até lá?

— Apenas nós dois?

— Sim — assentiu, pensativo. — Acredito que será melhor. Vamos até esse local, averiguamos o perímetro e qualquer coisa invadimos. Fugir em dois será mais fácil do que em quatro.

— Não sei, Vin.

— É o melhor, acredite.

— Está bem — disse após pensar, pois temia que o tempo de Charlotte estivesse acabando.
— Vamos. — Vincent assentiu ao entrar na van com Albert. Albert ainda se lembrava do local exato de onde o sinal estava sendo enviado. A van começou a percorrer o caminho sem imaginar o quão perto eles estavam.

Elizabeth já estava ficando desesperada ao buscar alguma informação no apartamento de Klaus sem sucesso. Nada ali lhe dava alguma pista, ela encontrava-se na sala, enquanto Jonathan buscava no quarto. Estava tão entretida em sua busca que não percebeu o barulho da porta sendo aberta, e nem a aproximação de Klaus.

— Minha querida irmã retornando aos braços de seu irmão? — Klaus sussurrou no ouvido de Elizabeth fazendo-a sentir o sangue gelar em suas veias. Elizabeth não se virou por medo, apenas permaneceu parada à espera de algo que não veio. — Não vai cumprimentar o seu irmão?

— Klaus... o que está pretendendo fazer? Está louco? — disse, sem virar-se. — Pare, por favor.

— Parar? O plano está apenas no meio.

— E até onde pretende chegar? Até a sua morte? Não seja tolo. — Virou-se e o encarou com lágrimas nos olhos. — És meu irmão, apesar de tudo que já disse ou me fez. Eu te amo, mas já foi longe demais.

— Ainda não cheguei ao fundo. Quero descobrir até onde o rei está pronto para ir pelo seu herdeiro legítimo.

— Está apenas testando-o? Carl e Charlotte estão bem?

— Ninguém está a salvo de minha vingança, nem você, minha doce irmã — revelou ao segurar o queixo de Elizabeth com força. — Eu sei que tem alguém com você. Sei também que veio me espionar, mas não encontrará nada que leve-os a eles.

— Por favor, me diga onde estão e tudo acabará.

— Eu não quero que acabe — revelou soltando-a. — Quero ver cada um deles sofrer e ao final não restará nada.

— Klaus... está dizendo que vai matá-los?

— Não, não precisarei fazer isso — tornou misterioso ao sorrir.

A cada segundo Elizabeth desconhecia seu irmão e, mesmo sem querer, percebeu o quão instável ele havia ficado com os anos.

— A culpa é minha, eu fui a única tola que não vi — Elizabeth murmurou ao tocar o rosto de Klaus com carinho. — Se eu tivesse lhe parado... Se eu ao menos tivesse sido mais dura contigo, não teríamos chegado aonde estamos.

— Liz — murmurou ao tocar na mão dela com a sua. — Eu... senti a sua falta.

— E eu a sua — confessou. — Então, por que não para isso e vamos pra longe juntos? Vamos deixar tudo isso para trás.

— Eu não posso — falou encarando-a. — Tenho que ir até o fim.

— Mas este pode ser o seu fim, meu irmão.

— Eu não me importo — confessou ao afastar-se dela. — Prometi à minha mãe que faria o rei pagar por isso, e é exatamente o que farei. — Olhou para ela demoradamente antes de dar as costas e seguir para a saída, tentando não se importar com o choro dela.

Vincent desligou a van ao parar em frente a uma residência afastada com grandes grades. Olhou para Albert e sorriu confirmando com a cabeça.

— Este é um local perfeito para manter alguém preso — Vincent tornou ao abrir a porta ajeitando duas armas em sua cintura.

O corpo de Charlotte não conseguia mais responder aos seus próprios comandos. A cada segundo sentia-se ainda mais fraca e, ao ver Carl no chão sem mexer-se, lhe vinha à mente o inevitável. Ela iria morrer ali com ele.

— Pelo menos, vamos estar juntos — balbuciou ao sentir as lágrimas caírem pelo seu rosto ao olhar para Carl. — Eu sei que não está ouvindo, mas queria que soubesse que me arrependo de ter ido embora dois anos atrás. Me arrependo de muita coisa, meu amor, mas não me arrependo nem por um segundo por ter te amado — confessou ao fechar os olhos ao escutar

passos próximos de onde estava. Sentiu o seu corpo tremer ao imaginar a volta de Klaus, entretanto o que temia não surgiu.

— Tem alguém aí? — Charlotte escutou a voz de Albert gritar.

— Estou aqui. Albert! Albert! — gritou inúmeras vezes, ciente de que aquela poderia ser uma alucinação, mas também a sua salvação.

A voz de Albert assim como a de Vincent sumiram diante do que viram à sua frente. Charlotte estava amarrada, enquanto Carl jazia no chão ensanguentado. Nada os havia preparado para aquilo.

Melanie olhou para Willians II incrédula. Ela sabia do egoísmo de seu marido, mas não esperava que fosse tamanho para ele estar pronto a sacrificar seu próprio filho pelo trono.

— Está me dizendo que Klaus irá libertá-los se confessar? Basta fazer. Vou mandar marcarem uma coletiva para poucos minutos e...

— Eu não falarei nada — Willians disse sério sem encará-la. — Não vou criar um escândalo apenas por...

— Não vai criar? Seu egoísta. Carl e Charlotte podem morrer por sua loucura. Você foi o único que a forçou a entrar para esta família, assim como foi o único a forçar Carl a ser o príncipe após a morte de Andrews. Então, eu lhe pergunto: se a culpa não for sua, de quem é? Minha por ter me casado e permanecido com você mesmo após perceber a sua obsessão pela mãe de Charlotte? Sei que tentou encontrá-la durante anos e por isso a procurei e ofereci a minha ajuda para fugir de você.

— Do que... está falando?

— Eu fiz com que ela sumisse para que você a deixasse em paz, mas percebi tarde demais

que a sua obsessão era demasiadamente incompreensível.

— Sempre soube onde ela estava...? — indagou, confuso, ainda assimilando o que escutara.
— Está me falando que...

— Seu louco! Eu lhe dei dinheiro para que começasse a vida longe de você com outro nome e prometi que cuidaria para que ficasse longe de sua família, entretanto errei em lhe subestimar.

— Se não tivesse feito isso, não acha que Charlotte poderia estar vivendo uma vida normal?

— E você? Continuaria indo atrás dela vigiando-a de longe até que não pudesse mais suportar e fizesse alguma loucura? Ela nunca te amou, apenas tem que colocar um ponto final.

— Ela só foi...

— Ela nunca te amou, aceite isso, e deixe o meu Carl viver. — As lágrimas caíam pelos seus olhos e implorou em meio ao choro. — Por favor, eu lhe imploro. Deixe o nosso Carl viver.
— Willians sussurrou algo inaudível antes de ir até Melanie e abraçá-la.

— Eu farei — murmurou fraco, após perceber o quão irracional estava sendo. Bastou um telefonema para que horas depois o palácio estivesse repleto de jornalistas.

O rei Willians olhou para a sua esposa impotente diante dos inúmeros jornalistas que encontravam-se sentados no salão olhando para ele à espera de seu comunicado oficial e surpreso. Um comunicado que mudaria a vida de toda a família real drasticamente.

— Meus queridos — Willians começou nervoso ao olhar para todos os rostos desconhecidos —, vim até vocês hoje para falar algo que irá deixá-los tão surpresos quanto eu fiquei ao saber. Sabem que sempre fui contra relatar a minha vida particular, entretanto desta vez será necessário já que isso envolve inúmeras questões legais e... familiares. Um rei é o pai da nação, entretanto também possui uma família a quem deve proteger. Sou um rei, mas também sou um homem e como tal posso cometer erros e espero que possam perdoar este homem que está em vossa frente hoje. Eu... cometi um erro em minha vida, um erro que irá sempre...

— Um momento — Melanie falou exaltada com lágrimas nos olhos ao afastar-se de Layla e ir de encontro ao rei. — Encontraram eles — sussurrou ao abraçá-lo. — Encontraram eles... Meu Deus... ele está... ele...

O rei não conseguia entender o que ela dizia, mas compreendeu que o seu filho fora achado. Agora a sua preocupação era descobrir as circunstâncias.

Jonathan chegou ao hospital juntamente com Elizabeth e, após passar pela rígida segurança trazida por Vincent, conseguiu ir ao encontro dos dois jovens que resgataram seu grande amigo e sua esposa.

— Como eles estão? — Elizabeth indagou preocupada ao apertar a mão de Jonathan com força, pois temia escutar o pior.

— Carl está na cirurgia e Charlotte... está em choque. Ela foi sedada após a examinarem.

— Oh, Meu Deus! — Elizabeth levou a mão aos lábios pasma pelo que seu irmão fizera. — Ele... atirou em Carl?

— Não, ao que parece Carl sofreu um acidente de carro. Ele... a sua situação é muito séria. Temo pelo pior. — Albert disse sério ao olhar para Vincent, que suspirou. Ele não havia esperado que a situação se transformasse daquela maneira.

— O que nos resta agora é rezar — Jonathan falou entristecido.

Cinco horas haviam se passado desde que Charlotte chegara ao hospital. O quarto onde estava encontrava-se sob forte vigilância e, apesar do medo que ainda sentia em seu íntimo, abriu os olhos temendo ter sonhado e ainda estar presa. Charlotte abriu os olhos aliviada ao constatar estar em um quarto de hospital. Estranhou ao se ver sozinha e, quando estava prestes a se levantar para descobrir onde Carl estava, deparou-se com uma conhecida entrando pela porta.

— Elizabeth? — Charlotte murmurou confusa. — O que... faz aqui?

— Não sei se o momento é o correto, mas devo lhe contar algumas coisas — falou trêmula. — Há muita coisa que desconhece e já está na hora de saber.

Charlotte sentiu a cabeça latejar, enquanto inúmeras perguntas povoavam sua mente, mas optou pelo silêncio. Ela havia aprendido a duras penas o quanto aquele gesto era significativo.

Ela aprendeu a escutar após cometer tantos erros.

— Eu... sou irmã de Klaus — revelou, tentando não se intimidar ou recuar. — Desde o início, Klaus me colocou em sua vida para te manipular e te controlar de alguma forma. Eu... sempre soube o motivo dele ter fixado a atenção em você, mas fechei os olhos e permaneci em silêncio. Eu sinto muito.

— Do que... eu não estou entendendo.

— Klaus sempre desejou se vingar da família real e viu em você a oportunidade que sempre desejou. — Começou relatando aos poucos a loucura de seu irmão, desde a obsessão em obter tudo o que Carl possuía até o seu último plano: ser o próximo príncipe. — Eu sinto muito, tentei fazê-lo mudar de ideia, mas foi tarde demais. Eu... não sei o que...

— Você me enganou durante esse tempo todo, ficou ao lado do meu marido para seduzi-lo a mando de seu irmão, um louco sádico e doente que deseja ver a morte de todos. Acha que um pedido de desculpa irá minimizar alguma coisa? Acredita realmente que irei perdoá-la? Faz alguma ideia do que passei presa? Tem alguma ideia do quanto o seu irmão é louco? É claro que não, e sabe o motivo? É tão louca, estúpida, egoísta e desgraçada como o seu irmão — disse nervosa ao se levantar da cama sem equilíbrio e ir até onde ela estava. Sorriu friamente antes de bater em sua face com força. — Essa dor não é nada comparada ao que senti durante o tempo em que estive longe de Carl e nem um terço do que passei naquele porão. Não irei perpetuar este ciclo doentio de vingança, mas nunca mais. Nunca mais! — gritou. — Nunca mais apareça em minha frente! — falou ofegante ao passar por ela e sair do quarto cambaleante. — Eu tenho que vê-lo — murmurou para si mesma sem se importar com a mulher ajoelhada ao chão, que chorava desesperadamente. Elizabeth sempre soube que um dia escutaria palavras tão dolorosas, mas não imaginara que fosse através de Charlotte, a doce mulher que conhecera.

Charlotte segurava-se na parede ao caminhar pelo hospital. Ela não sabia para aonde estava indo com exceção de uma coisa: ela precisava encontrá-lo.

Albert levantou-se de onde estava sentado com Jonathan e Vincent e caminhou pelo hospital preocupado. A situação encontrava-se mais séria do que imaginava com Carl. Ao virar em um corredor, ficou estático ao ver Charlotte caminhar sem rumo. Correu até onde ela estava e a abraçou.

— Deveria estar deitada. O que faz aqui?

— Carl... diga-me... onde ele está? — perguntou nervosa ao encarar Albert, e onde buscou alívio encontrou apenas dor em seu olhar. — Não me diga que... ele... ele não está morto... está?

— Não, não está — negou aliviado por não necessitar lhe dar aquela notícia. — Ele está passando por uma cirurgia.

— O que... ele tem?

— Ele sofreu um acidente de carro antes de ser levado até onde estavam. Tem costelas quebradas, assim como alguns ossos, e me parece ter hemorragia interna. Ainda não sabemos se houve dano em algum órgão. Vamos esperar, sei que tudo acabará bem e... — Antes que ele pudesse terminar de tranquilizá-la a viu cair no chão desacordada.

CAPÍTULO 41

Albert velava o sono de Charlotte, apesar de saber o quanto iria demorar para que ela acordasse. Ao olhar para seu rosto pálido percebeu que ainda gostava dela, mas como uma grande amiga. Sorriu consigo mesmo ao ver o quão insensível era para estar pensando naquelas tolices em tal momento. Ergueu-se da cadeira e foi até a janela observando o céu estrelado. Pegou-se pensando em quantas pessoas estariam sabendo do que houve com aquelas duas pessoas e até onde Klaus seria capaz de ir agora que seu plano fracassara. Suspirou antes de virar-se e ver a porta ser aberta por Vincent.

— Acabou — anunciou baixo. — A cirurgia acabou.

— Ele...

— Está vivo — relatou sorrindo. — Ficaré um bom tempo no hospital, mas parece que tudo irá acabar bem. Os médicos falaram que ele é forte como um touro ou algo assim, e que deu sorte por não haver maiores sequelas.

— Isso é um alívio.

— Sim — assentiu ao olhar para Charlotte. — Como ela está?

— Dormindo ainda.

— Ela já sabe?

— Ainda não, mas acho que ficará feliz ao receber duas boas notícias.

— Temos que pegar Klaus — Vincent disse sério. — Se ele souber de Charlotte... poderá

usar isso, e não...

— Eu sei — assentiu —, mas ninguém sabe aonde ele está, é como procurar uma agulha em um palheiro.

— E Elizabeth?

— Foi embora com Jonathan não faz muito tempo. — Ambos permaneceram em silêncio até algo surgir em sua mente. — Acho que devo levar alguns seguranças comigo.

— Acha que ele irá atrás dela?

— Acho.

— Vou com você. Me espere na entrada e em cinco minutos estaremos a caminho.

Jonathan parou o carro em frente ao seu apartamento e olhou para Elizabeth, que ainda chorava ao seu lado. Ela sabia que havia errado, mas nada a impedia de sentir remorso por ter participado dos planos de Klaus. Se ela pudesse voltar no tempo, ela teria o impedido, mas sabia que isso não aconteceria e o que lhe restava era viver com a culpa daquele dia em diante.

— Não deveria se culpar tanto — Jonathan disse como se estivesse lendo os pensamentos dela atraindo a sua atenção. — Eu imagino o quanto deve estar ferida, triste e sentindo-se culpada agora, mas saiba que nada do que aconteceu é sua culpa. O único culpado por tudo foi Klaus, e não você.

— Eu... o ajudei — murmurou lamentosa ao encará-lo. — Como eu poderei me redimir de tudo isso? Não tem como, nem se eu... se a morte chegasse seria uma forma de me redimir perante todos.

— Nunca mais diga isso — tornou sério ao segurar em seus ombros e a levar até si. — Nunca mais ouse dizer que sua vida vale menos. A partir de hoje, se isso a fizer bem, basta pensar que o único que precisa lhe perdoar ou não lhe culpar, sou eu. E eu estou lhe dizendo que a culpa não é sua. Você não teve culpa de nada, e hoje a sua nova se inicia. Vou pegar algumas coisas no apartamento e iremos embora. Vamos para outro país começar uma nova vida.

— Por que está se esforçando tanto por uma pessoa como eu?

— Porque você merece. Eu te amo, e sei que se fosse igual a Klaus não teria se esforçado para pará-lo.

— Jonathan — murmurou emocionada.

— Não diga nada, apenas se apoie em mim e prometo que tudo ficará bem — prometeu sorrindo levemente ao afastá-la um pouco de si. — vamos subir, arrumar as coisas e...

— Mas não deseja ver Carl? Sei que ele ficará feliz ao vê-lo.

— Está bem, vamos apenas arrumar tudo e passar no hospital. — Elizabeth assentiu diante de sua ideia, saíram do carro e seguiram de mãos dadas ao apartamento dele. Assim que saíram do elevador perceberam algo estranho no andar, mas não imaginaram o perigo que estaria esperando por eles. Jonathan colocou a chave na fechadura e em poucos segundos viu o olhar tenebroso de Klaus e Elizabeth sendo puxada para dentro assim como ele.

Klaus olhava com repugnância para sua irmã e o homem ajoelhado ao seu lado. A sua raiva conseguia deixá-lo cego e mais desprovido de lucidez que habitualmente. Balançou a arma em sua mão em direção a Jonathan, sorrindo diante do grito de horror de Elizabeth e de sua súplica silenciosa.

— O quê? Sabe que um dia viria atrás de você e a faria pagar por ter me traído, não? — Klaus falou sério ao colocar a arma na cabeça de Jonathan. — Tens ideia do quanto havia planejado cada segundo daquele plano? Sabe o quão difícil foi conseguir chegar a esta posição para me infiltrar no palácio, sequestrar Charlotte e ainda planejar o acidente de Carl? Não sabe, e é por isso que arruinou tudo. Porque não foi uma boa irmã e permaneceu ao meu lado? O que Carl possui que a conseguiu tirar do meu lado? O QUÊ?! — gritou raivoso ao encará-la.

Elizabeth o encarou ao ponderar as suas palavras, pois da última vez em que o vira naquele estado, ele a beijou. As lágrimas caíam pela sua face nervosamente, mas assim que ela conseguiu controlar-se, o encarou com carinho no olhar.

— Carl possui apenas uma coisa que você não tem, meu irmão, e isso... é amor. Eu sinto muito, sei que a culpa foi minha por não ter lhe apoiado — disse levantando-se tentando não se intimidar ao vê-lo apontar a arma para ela. — Eu te amo, meu irmão e sempre irei amá-lo mesmo que puxe esse gatilho e me mate, pois sei que estará fazendo isso por medo. Eu te conheço como a mim mesma. Então, lhe darei duas opções e espero que escolha a opção correta. A primeira é que largue esta arma e me abraça, enquanto a segunda é que puxe este gatilho e me mate aqui e agora, pois não conseguirei viver sabendo que meu doce irmão tornou-se um assassino. Um assassino pior que o pai que tanto despreza. — Ergueu a mão em direção a ele, e lhe perguntou, tentando não temer a morte. — Virá até mim ou escolherá apagar a minha existência?

Klaus tentou conter as lágrimas que teimavam em cair em seu rosto, sem sucesso. Olhou para a arma que segurava e para a mulher à sua frente. Ele sabia o que deveria fazer, mas hesitava por temer o futuro daquela escolha. Apontou a arma para Elizabeth e a viu sorrir

docemente como se entendesse a sua escolha, a viu fechar os olhos após suspirar, mas, antes que pudesse apertar o gatilho, se viu largando a arma, fazendo-a cair no chão e abraçar a irmã fortemente.

— Me perdoe, Liz, me perdoe... — murmurou emocionado ao sentir o abraço afetuoso dela.
— Eu... eu não queria lhe ferir esse tempo todo. Nunca quis que se afastasse de mim e sempre será a minha irmã. Não importa se somos consanguíneos ou não. Eu te amo da mesma forma.

— Eu também, meu irmão. Eu também — sussurrou ao passar a mão pelos seus cabelos macios.

Permaneceram daquela forma esquecendo-se da existência de Jonathan, que viu aquela oportunidade para pegar a arma. Com cuidado, foi até onde a arma estava e a segurou com as mãos trêmulas, pois era a primeira vez que fazia aquilo. Olhou para Elizabeth e a viu calma abraçada ao irmão. Jonathan não sabia o que fazer, mas após minutos um barulho chamou a atenção de todos quando avistaram Vincent abrir a porta juntamente com alguns policiais. Todos olharam para Klaus, que ainda encontrava-se abraçado à sua irmã.

— Eu irei voltar para você, minha irmã — Klaus murmurou em seu ouvido antes de ser levado pela polícia.

Elizabeth, ao vê-lo ser preso, deixou as lágrimas caírem pelo seu rosto à medida que o seu corpo tremia. O seu medo chegara tardiamente. Jonathan apenas a abraçou sem nada dizer.

Charlotte abriu os olhos pela segunda vez deparando-se com o quarto em que acordara antes. Olhou para o lado e viu Layla sentada folheando uma revista.

— Onde... ele está? — Charlotte perguntou com a voz fraca ao olhar para Layla. — Onde Carl...

— Princesa, fique calma — Layla falou nervosa ao largar a revista e ir até onde ela estava deitada. — O príncipe está estável. A operação foi um sucesso.

— Ele... está vivo... — murmurou aliviada. — Obrigada.

— E... a senhora...

— O que eu tenho?

— A senhora está grávida — disse sorridente ao segurar sua mão. — O príncipe está vivo e bem, e a senhora espera um herdeiro. Fique calma, vou chamar uma enfermeira para lhe dar um sedativo.

— Eu estou... grávida? — murmurou perplexa ao levar a mão à barriga — Estou...

— Sim, tudo dará certo — Layla prometeu ao sorrir.

— Me leve até ele, por favor.

— Como?

— Me leve até Carl.

— A senhora está fraca e ele...

— Por favor, estou implorando.

— Uma princesa não deve implorar.

— Sou apenas uma mulher querendo ver o homem que ama — esclareceu emocionada. Viu Layla assentir segundos depois, ir até a porta e retornar com uma enfermeira e uma cadeira de rodas. — Esta é a única forma de sair deste quarto agora.

— Não tem problema — falou aliviada ao ser ajudada a sair da cama e sentar-se na cadeira.

Foi conduzida pelo hospital pela enfermeira e sua assistente, sendo seguida por dois seguranças, pois apesar de saberem da prisão de Klaus, ela ainda continuava uma princesa. O coração de Charlotte batia descompassado ainda sem acreditar que Carl estava bem e que esperava um filho dele. Ela não desejava saber por quanto tempo tinha dormido, pois a única coisa que lhe importava era vê-lo. A cadeira parou em frente a um quarto, minutos depois, e assim que os seguranças abriram a porta, lágrimas vieram aos seus olhos ao ver o seu marido deitado na cama com os olhos fechados. Ao se aproximar viu o seu corpo com curativos sentindo-se culpada deixou uma lágrima cair pelo seu rosto.

— Meu amor, eu estou aqui — Charlotte disse ao segurar na mão dele. — Quero que abra os olhos e olhe para mim. Me olhe para que eu possa dizer o quanto te amo — pediu emocionada, ficando perplexa ao vê-lo abrir os olhos lentamente e sorrir ao olhar para ela. — Você...

— Eu acordei há uma hora, mas... ninguém me deixou... ir até você... — falou ao olhar para ela com amor. — Me perdoe... por ter...

— Não fale nada, apenas escute e permaneça quieto para ficar bem o mais rápido possível.

— Sim — assentiu emocionado ao ver a sua esposa bem.

— Carl... sabe o quanto eu te amo? — ela perguntou emocionada ao levar a mão dele ao rosto. — Te amo ao ponto de ter sucumbido ao Klaus apenas para que permanecesse vivo. Eu te amo muito e me arrependo amargamente da época em que estivemos separados. Sei que não preciso perguntar isso, mas irá me perdoar algum dia pelo meu erro infantil? Irá me perdoar por ter permitido que Klaus controlasse a minha vida e chegasse até você?

— Eu não preciso... perdoá-la, meu amor... o... culpado... é meu pai — falou lentamente, pois ainda sentia um pouco de dor ao falar. — Ele... é o culpado... fomos... apenas... peões... para... meu irmão.

— Carl... — murmurou sem jeito. — E se ele vier atrás de você?

— Ele não virá — Layla interrompeu a conversa acanhada diante do olhar da princesa. — Ele foi preso há pouco tempo. Vocês estão seguros.

— Que alívio... — Charlotte murmurou sorridente ao olhar para Carl com amor. — Eu tenho uma surpresa para você. Eu... estou grávida — revelou e sorriu diante do olhar surpreso e feliz de Carl. — Seremos uma família, meu amor. Uma família.

Quase dois anos depois...

Marina olhou para a casa de Charlotte ainda incrédula com Albert ao seu lado. Ela recebera a ligação de sua amiga dias atrás e antes que pudesse perceber já havia sido convidada para passar o final de semana com Charlotte em Londres. Não precisou se preocupar com nada, pois assim que pisou no aeroporto de Paris já possuía uma passagem na primeira classe reservada em seu nome. A jovem que ajudara Charlotte em sua adolescência, se transformara em uma bela mulher.

— Marina — Charlotte a chamou animada assim que a avistou passar pelos portões ao lado de Albert, que insistira em buscar Marina no aeroporto. Se aproximou o mais rápido que conseguiu dela, ficando sem jeito. — Eu... — Porém, antes que pudesse falar algo, Mariana a abraçou — Eu senti a sua falta — murmurou chorosa assim que retribuiu o abraço de sua amiga. — Me perdoe por não ter entrado em contato antes, mas eu achei que seria um erro me lembrar do passado. Eu não deveria ter feito isso a você, me desculpe.

— Não se preocupe, Albert me contou tudo. — Suspirou, contente por enfim ter a sua amiga novamente. — Eu não a culpo por nada, fez o que achou certo dada as circunstâncias e eu a invejo por isso. Se tornou uma mulher forte, Charlotte.

— Graças a você — Sorriu assim que se afastaram. — Foi a melhor amiga que alguém poderia ter tido na adolescência e agora espero que continue a ser a minha amiga.

— Nunca deixei de ser. — Sorriu ao olhar para Albert. — Só fiquei com ciúmes porque Albert foi o primeiro a entrar em contato com você. — Fez uma leve careta fazendo com que

Charlotte gargalhasse. — Terá que me tratar muito bem e me emprestar muitas roupas para que eu esqueça tudo.

— É claro! — Charlotte sorriu ao se recordar da época em que usava as roupas de Marina. — Parece que voltamos àquela época.

— E sem as provas.

— Verdade — Sorriu — Quer conhecer Andrews?

— É claro, estou louca para vê-lo. Fiquei surpresa por não encontrar fotos dele na internet.

— Estamos tomando cuidado. Venha. — Segurou na mão de Marina — Albert, venha também. — Sorriu ao vê-lo assentir acompanhando-as. Marina sorria largamente ao seguir Charlotte em direção à entrada da casa, onde se viu impressionada. A casa, que aparentava ser ostensiva do lado de fora, se mostrara aconchegante e simples em seu interior. As paredes pintadas em cinza, poucos quadros espalhados e os móveis organizados de forma a deixar o ambiente acolhedor.

— Sua casa é linda — elogiou com sinceridade ao olhar para Charlotte, que sorriu após soltar a mão de Marina e ir até a babá, que segurava Andrews. — Então, é ele. — Sorriu ainda mais ao ver o pequeno sorrir ao balançar os braços. — Ele é lindo.

— Pode segurar — Charlotte disse após segurar Andrews e ir em direção a Marina. — Me ajudou tanto quando era mais nova, e por uma bobagem acabei me afastando. O que acha de ser minha amiga novamente? A minha melhor amiga. — Corrigiu-se sorrindo. — Aceitaria isso?

Marina assentiu com lágrimas nos olhos ao segurar Andrews com cuidado. Albert olhava a cena mantendo uma certa distância. Ele não desejava se intrometer e interromper o reencontro delas.

Fico feliz que tudo tenha dado certo, pensou contente ao olhar para Andrews, se sentindo contente por ver Charlotte realmente feliz.

Dias depois...

Francine/Susan sorriu ao estacionar em frente a uma residência bem protegida em Londres e seguir para a entrada onde ocorria uma festa, tentando conter a ansiedade ao olhar para o homem sentado ao seu lado. Harry ainda mantinha a surpresa e o medo estampado em sua face. Ela sabia que poderia estar cometendo um erro ao ir atrás de seu ex-marido, mas não conseguia pensar em sua filha afastada do pai por algo que o rei havia feito. *Não é como se ele fosse*

inocente também. Suspirou ao sorrir para ele.

— Tenho certeza de que ela irá perdoá-lo — disse incerta, ainda se recordando do estranho reencontro que tivera com ele. Ela havia ido até Paris a fim de falar tudo o que acontecera com ela desde que a rainha Melanie havia lhe procurado, propondo que ela largasse tudo para proteger a si mesma do rei até o momento em que soube do casamento de Charlotte e decidira sair de seu esconderijo. Agora se viu confusa sobre como levá-lo até Charlotte. Harry havia mudado nos últimos anos. Desde que Charlotte se recusara a falar com ele, havia parado de jogar e beber. Harry se tornara outra pessoa. — Ela irá ficar feliz em te ver.

— Eu não acho isso — lamentou-se. — Nem sei o motivo de ter vindo.

— Não seja assim — consolou-o, ainda incerta. — Falarei com ela primeiro, tudo bem? Espere aqui.

Saiu do carro ao passar a mão pelos seus cabelos. Cumprimentou os seguranças que já a conheciam e, ao entrar, sorriu para a sua filha, que encontrava-se com uma criança nos braços enquanto o marido a segurava pela cintura.

— Cheguei muito atrasada? — ela perguntou ao deixar o presente com uma das empregadas e abraçar a sua filha, beijando o seu neto na testa. — O trânsito estava caótico. Como vai, Carl? — perguntou ao sorrir para seu genro.

— Muito bem agora, e a senhora?

— Ótima, mas o seu pai virá?

— Não, ele está preso na Inglaterra ainda mais depois que abdiquei de minha posição. Ele está como um louco querendo encontrar Gary, mas parece que ele também está fugindo dessa posição. — Sorriu ao lembrar a expressão preocupada de seu pai.

— Se ele não conseguir, o que irá acontecer? — sua sogra perguntou interessada ao se lembrar do que ele passara um ano antes ao abdicar de sua posição como príncipe. — Você terá que voltar?

— Não, eu não irei — sorriu ao beijar Charlotte na testa. — Eu disse a meu pai e ao povo que a partir daquele dia seria apenas o marido de Charlotte e pai de Andrews, nada mais que isso.

— Sim, e ele está indo muito bem até agora — Charlotte disse sorrindo ao entregar Andrews para que ele segurasse. — Vou te levar para ver os convidados.

— Ainda não — Susan a interrompeu. — Eu gostaria que viesse comigo.

— Algo aconteceu? — Susan negou. — Então, o que houve?

— Apenas venha comigo — Sorriu ligeiramente. Charlotte deu de ombros ao acompanhar a

sua mãe até ver o carro dela estacionado, entretanto se viu parando ao perceber que havia alguém dentro do veículo. — Charlotte, querida.

— O que ele está fazendo aqui? — Indagou fria ao olhar para Susan. — Foi por isso que viajou? Para ir atrás dele — Se deu conta ao sorrir sem graça. — Eu não sei... se conseguirei falar com ele.

— Eu sei que o que ele fez lhe machucou, mas eu também a machuquei e mesmo assim me perdoou. Dê uma chance para ele se explicar — Pediu carinhosa. — Não estou pedindo para que o perdoe, mas que o escute. É tudo que lhe peço. — Charlotte suspirou ao assentir. Respirou fundo ao caminhar em direção ao carro parando ao lado da porta do passageiro. Ela percebeu a hesitação do seu pai ao sair do veículo e a olhar.

— Charlotte, você cresceu — Harry disse acanhado. — Eu... Não sei bem o que dizer — Revelou ao olhar em volta. — Queria me desculpar por ter feito o que fiz. Não me orgulho de ter sido fraco e, para que saiba, não jogo há anos. Eu fui um tolo ao apostá-la, e sinto muito por isso, de verdade. Se eu soubesse que acabando com a minha vida poderia desfazer, não hesitaria. Me perdoe por vir aqui hoje, acho que fiz mais uma tolice. — Sorriu sem graça. — Eu vou embora, me perdoe novamente por ter vindo.

Charlotte segurou as lágrimas antes de abraçá-lo. Surpreendendo-o.

— Por que nunca entrou em contato comigo?

— Tive medo de escutá-la falar que me odiava. Eu não queria escutar que não me amava mais como uma filha. Fui um idiota — percebeu ao retribuir o abraço. — Eu sinto muito.

— Não precisa pedir desculpas — murmurou ao sorrir.

Susan sorriu ao olhar para o pai e filha abraçados, e assim que eles se separaram, se aproximou deles.

— Imaginei que a festa seria algo maior — Susan disse olhando para Charlotte.

— Não quero que meu filho cresça em meio a holofotes. Ele será criado como uma criança normal, pois é exatamente isso que ele é — falou orgulhosa ao olhar para Harry. — Por favor, venha para a festa. Irei lhe apresentar a todos e conhecerá o seu neto. — Sorriu ao segurar em sua mão, apresentando-o a todos, contudo ao parar em frente a um dos casais da festa de aniversário de Andrews, sorriu sem graça. — Elizabeth, como está? — Charlotte perguntou educada, pois apesar do que dissera a ela descobriu tempo depois o quanto Elizabeth havia se sacrificado para parar seu irmão.

— Estou bem — sorriu ao levar a mão à barriga e olhar para Jonathan, que sorria feito um bobo ao olhar para sua esposa, Elizabeth.

— Sua barriga está muito grande, deve nascer daqui a dois meses, não?

— Se ele não chegar mais cedo, exatamente — sorriu.

— E... Seu irmão? Tem visto?

— Sim, fui visitá-lo uns dias atrás — falou ao lembrar-se do semblante entristecido de Klaus sendo substituído por um alegre quando sentiu seu sobrinho chutar a barriga de sua irmã. O semblante entristecido de Klaus ainda permanecia em sua mente, mesmo que tentasse se esquecer e a todo instante sentia um tremor percorrer seu corpo. Klaus ainda a assustava mesmo ainda o amando como um irmão.

Elizabeth mantinha a sua atenção na face entristecida de Klaus. Seu irmão a olhava com carinho, apesar de ser alvo dos olhares dos guardas, tentava manter a calma. Ele não desejava perder o controle na frente de sua irmã. Desde o momento em que fora julgado pelos crimes de sequestro e tentativa de assassinato, Klaus alegou insanidade. E devido a isso, se viu em uma prisão de segurança mínima onde recebia tratamento psicológico.

— Como está se sentindo? — Elizabeth perguntou, carinhosa. Ela ainda rogava aos céus para enxergar o seu amado irmão novamente.

— Me perdoe, Liz — Klaus disse, imerso em seus próprios pensamentos. Me perdoe por tudo que lhe fiz passar. — Ergueu o olhar. — Tudo o que fiz foi por ciúmes e inveja de Carl. Eu tinha inveja do meu pai amá-lo mais do que a mim, e por isso acabei com todos usando a nossa mãe como desculpa — confessou. — Tenho pensado bastante sobre isso, e vejo agora que só desejava atingir o rei por raiva de ter sido rejeitado quando ele amava os seus dois filhos. No dia em que saí com Andrews, ele acreditava que eu havia aceitado ser um bastardo e que seria o seu irmão secreto, mas não foi a minha intenção. Eu desejava matá-lo para que meu pai, o rei, viesse até mim. Eu desejava ficar no lugar de um de seus filhos.

— Klaus, não precisa me contar tudo isso — disse ao perceber a dor no olhar de seu irmão.

— Eu preciso — admitiu. — Estou aqui arcando com as consequências da minha insanidade, Liz. Preciso que ao menos você saiba o meu real motivo. — Ela por fim concordou, relutante. — Eu assassinei o meu irmão, Andrews — confessou friamente. — O distraí para que uma pessoa cortasse os fios do seu carro. Eu seduzi Victoria, ex-noiva de Carl, para que ele se tornasse desesperado e eu pudesse ter controle sobre ele de alguma forma. Fui atrás de Charlotte para roubá-la dele, mas ao ver a semelhança dela com a nossa mãe acabei obcecado por mantê-la ao meu lado. Eu... — se calou, consciente de que sua próxima revelação poderia afastá-lo de sua irmã — ...amei o duque, o máximo que eu poderia amar como um filho, mas eu

precisava do poder dele para me vingar, Liz. Eu... contratei uma pessoa para matar o seu pai — confessou por fim, encarando-a. — Se não quiser vir novamente, eu a entenderei. Não é obrigada a vir todos os dias para me ver, já tens uma família para cuidar. — Olhou para a barriga dela com carinho. — Cuide bem dele. — Levantou-se, dando as costas a Elizabeth.

— Eu voltarei — ela gritou, ainda com as pernas trêmulas.

— Espero que esteja tudo bem — Charlotte ponderou educada, mas ainda não se esquecera de tudo que passara com ele.

— Sim, mas não acho que ele seja um bom tema de conversa para hoje — Elizabeth falou ao perceber o olhar de Charlotte. — Carl está procurando-a, pelo visto. — Sorriu ao apontar para o homem que brincava com seu filho ao procurar por Charlotte pelo jardim entre os convidados.

— É verdade, é melhor eu ir até lá — Charlotte disse ao depositar um beijo na face de sua mãe e abraçar o seu pai novamente, e sorrir para Elizabeth antes de afastar-se deles.

Ela jamais imaginaria que a vida se transformasse tanto após o incidente com Klaus. Albert havia decidido viajar pelo mundo assim que trouxe Marina, algo que nunca conseguiu fazer por causa de seu pai, Vincent ainda estava na Inglaterra e ela se viu feliz pela primeira vez em muitos anos, pois percebera o quão feliz uma mulher poderia ser como mãe e esposa. Uma esposa amada e adorada pelo marido. Marido este que ela amava com todas as suas forças. Foi até onde ele estava e o abraçou beijando-o rapidamente.

— Estava me procurando, não foi?

— Sim, por toda a minha vida — sorriu galanteador ao vê-la ficar acanhada com o que ele dissera. — Espero que nunca perca esse jeito de ser. Amo deixá-la envergonhada.

— Sempre vai amar tudo em mim?

— Sim — assentiu. — Afinal, aceitou ser minha esposa, minha amada, minha amante e a mãe do meu filho sabendo como a minha personalidade era ruim e que não irei mudar facilmente.

— Eu sei e também sei o quanto pode ser maravilhoso quando depositam a confiança em você. — Sorriu ao abraçá-lo. — Você salvou a nossa vida há um ano, e salvou a minha, casando comigo e me fazendo te amar. Eu nunca poderei pagar pelo seu amor e pela confiança em mim.

— É claro que pode — falou ultrajado —, me amando mais e mais, e é claro me dando mais filhos. — Sorriu atrevido antes de beijá-la ardentemente. Carl sabia que jamais se arrependeria de ter desistido do trono por Charlotte, pois em seu íntimo jamais o quis. Entretanto, agradecia todos os dias por ter sido o príncipe apenas para encontrá-la e a torná-la sua esposa. — A única

mulher que vou amar em minha vida, minha princesa — sussurrou em seu ouvido. Aquele dia não era apenas a comemoração do nascimento do seu filho, mas também a comemoração da nova vida deles. Uma vida repleta de amor, confiança e respeito.

— Demorei dois anos para perceber que amar não é apenas sentir isso, mas também confiar na pessoa amada, e hoje não apenas te amo como confio.

— Eu também, meu amor. Eu também. E saiba que sempre, sempre, irei lhe amar, pois és a única princesa em minha vida, ou deveria dizer rainha, já que logo poderemos ter uma menina?

Charlotte sorriu ao olhar para Carl e para Andrews e percebeu que enfim possuía uma família. Uma família que poderia amar e acima de tudo confiar, sabendo que nunca mais se sentiria sozinha ou que deixaria algo ferir o homem à sua frente. Ela o amava e ele a amava, e nada no mundo poderia separá-los.

FIM

Não deixe de conhecer os outros livros da editora Ases da literatura

www.editoraases.com